

Alterosa



Edificio GOITACAZES • DE APARTAMENTOS •



**ÚLTIMOS
APARTAMENTOS
Á VENDA:**

CONTÉM CADA:

- Um "hall" comum
 - Uma saleta de entrada
 - Uma sala ampla
 - Uma copa
 - Três quartos amplos
 - Banheiro com instalações completas
 - Cozinha com instalações para fogão elétrico
 - Quarto, banheiro e instalação para empregada
 - Área de serviço com tanque para roupa
 - Varanda e balcão
 - Garage comum no sub-solo
 - Três elevadores "Atlas" ultimo tipo, controle perfeito na ponta do dedo, silencioso, automático, com seleção na subida e descida.

Já se pode ver, "in loco", a direção de um apartamento.

Já se pode ver, "in loco", a divisão de um apartamento

*

Entrega dentro de 6 meses a
um ano

*

Preço a partir de Cr\$245.000,00
com grande facilidade de pa-
gamento.

4

50% durante a construção

50% em 15 anos pelo sistema
“Price”

2

Projeto — Construção — Incorporação e venda da

CIA. IMOBILIARIA E CONSTRUTORA BELO HORIZONTE (CICOBE)

Av. Afonso Pena, 526 - Ed. Mariana - 4.º Andar - Sala 419 - Fone 2-0725

NESTE NÚMERO:

NÚMERO 77
ANO VIII
SETEMBRO - 1946

C.I.P./A-019
SET/1946
Alterosa
PARA A FAMÍLIA DO BRASIL

N.º AVULSO
CR\$ 3,00
EM TODO O PAÍS

CAPA

Gloria de Haven, a encantadora artista da Metro, numa tricromia executada pelo gravador Gervásio Pinho de Araujo.

CONTOS

As Razões Metafísicas...	
Guilherme Figueiredo	2
Com a Bôca nágua...	
José Lara	6
O Romance de tia Rosinha	
Vera M. de Carvalho	10
Os Caprichosos da Tijuca	
Marques Rebêlo	14
Eiretê	
Neyde Joppert	18
"Santa Mônica"	
João Lúcio	26

CRÔNICAS

Eis a Primavera...	
Alberto Olavo	33

DIVULGAÇÃO

O Selo Inviolável...	
William Stephenson	38
O Museu da Cidade-Museu	
Olga Obry	48
Heroína que não é...	
Oscar Mendes	52
Romances Esquecidos	
Catalina Radzwue	62
Recordar é Viver...	
Abílio Barreto	78

REPORTAGEM

Museu do Ouro	102
-------------------------	-----

HUMORISMO

Do Mês a Mês	
Guilherme Tell	34
Pingos de História	
Joaquim Laranjeira	44

RÁDIO

A partir da página	68
------------------------------	----

MODA E BELEZA

Moda Feminina	
A partir da página	81
Alegria e Bom-humor	
Redação	98

CINEMA

Os Velhos Queridos	
De Cinema	92
	96

DIVERSOS

Sedas e Plumas	36
Esparsos	40
Vitrine Literária	42
Página das Mães	64
Caixa de Segredos	77
O Mês em Revista	108
Arte Culinária	110
Grafologia	124
No Mundo dos Enigmas	132



Recado à Felicidade

A minha Dor mandou que eu te dissesse adeus,
E cumpro esse dever sem te pedir perdão...
Tão pouco vieste a mim, que os lindos dias teus,
Nem mais os lembro agora ao estender-te a mão.

Ela vive comigo e, assim, nos braços seus,
Hei-de perder, sorrindo, a última ilusão.
Já parece contigo, e embala os versos meus
Como frutos de amor do próprio coração!

Felicidade: eu sei que outrora foste minha,
Foste a Inez do meu Sonho! Eu te farei rainha,
E lembrarei de ti quando o pranto correr...

Muita gente te quer nesta doida folia...
— Foi por eu não ter sido um bom como queria,
Que não foste melhor do que podias ser!

J. Batista de Oliveira



ALTEROSA é uma publicação mensal da Soc. Editora Alterosa Ltda. Sede à Rua Tupinambás, 643, sobreloja 5, Caixa Postal 279, em Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil. Diretor-gerente: Miranda e Castro. Redator-chefe: Mário Matos. Secretário: Jorge Azevedo. Assinaturas, sob registro postal: Cr. \$40,00 para 1 ano; Cr. \$70,00 para 2 anos. Toda correspondência, assim como cheques, vales postais e outros valores, devem ser enviados à Soc. Editora Alterosa Ltda.

E U me refugiei num canto discreto, fiz um sinal ao "garçon", e dispus-me a ler o jornal da noite, enquanto engulha devagar golezzinhos de "cognac".

Era uma noite fria, eminentemente literária. Uma poeira de chuva emprestava halos amarelos aos lampeões, e acendia espelhos multicolores no molhado do asfalto, que rebrilhava à luz dos anúncios luminosos; um vento cortante gelava as orelhas, e carregava consigo a densa fumaça que se escondava das bocas, à menor palavra. Nessas ocasiões, São Paulo, para quem se sente só, é pungente como um lar abandonado. De certo há lâmpadas acesas nas casas, lâmpadas que se adivinham por detrás dos postigos fechados. De certo há aconchegos domésticos, encantos mornos de estabilidade neste São Paulo gelado e opaco de neblina. Mas — ai de mim! — eu ali tinha de ouvir meus próprios passos, e escutar o som de minha voz. De madrugada, quando volto, assobio no escuro da rua deserta — e o frio e a solidão me enchem de ânsias de calor tão grandes que silencio e sinto vontade de chorar.

Naquele bar, porém, há um violinista sadista, que acrescenta insatisfação aos desejos insatisfeitos. Trata-se de um homenzinho magro e cinzento, com grandes costeletas, cabeleira de propósito, olheiras estandardizadas, e um tênué bigodinho de galá da Avenida São João. E' presumivelmente italiano, ou vienense, ou hungaro, como compete a um violinista. Tem nos olhos uma afoteza de melodias que só se encontra nos indivíduos daqueles lugares. Nápoles, Viena e Budapeste são as maiores exportadoras de lamúrias para violino. E essas lamúrias foram especialmente feitas para serem sorvidas com "cognac", num bar tirante da Avenida São João. Canções em cuja eficiência lírica a gente não acredita, e julga mesmo uma espécie de Delly em pentagrama; têm entretanto a faculdade de assaltar a alma desamparada do homem só, machucá-la, triturá-la, a despeito de qualquer lógica, e deixá-la em farrapos e soluços.

Não importa que alguns estudantes inconsequentes discutam e ergam brindes com "chopp", na mesa ao lado. Não guardam respeito pela personalidade tóda interiorizante da noite paulista. Uma noite assim não merece anedotas, nem polêmicas: apenas recordações de mulheres nunca possuídas, cujas imagens regres-



AS RAZÕES *Metafísicas* DO SENHOR ANTÉRO

sam do passado, enroladas no frio, e acabam de assassinar o homem na solidão.

Filosofia... Esse barzinho de ladrilhos sujos, de mesas encardidas, de paredes com espelhos onde se anunciam, à alvaiade, os pratos "à minuta", não deve ter filosofia. Entretanto, o bar é o lugar filosófico por excelência. Nêle os dilettantes do pensamento se encorajam para afirmações audaciosas, logo esquecidas. E' no bar que a gente desenvolve tôda a estética do procedimento, quando convida, num júbilo: — "Amigos, bebamos! A vida é bela!", ou quando confessa, num desalento: "A vida é miserável! Bebamos, amigos..." Quem não tem problemas íntimos, discursa, acusa e debate; quem os tem... ah! quem os tem!

Pois foi no melhor da filosofia, o jornal aberto diante dos olhos, sem ler, que alguém me bateu no ombro:

— Não é o Silva?

Fiz que sim. Vi um sorriso encardido de sarro, uns dedos magros e ossudos que se estendiam.

— Pois eu sou o Moura, Silva. Moura. Não se lembra? Do grupo escolar de Campinas...

Positivamente, eu não me lembrava. Mas aquele homem sabia o meu nome, conhecia-me — e juguei indelicado confessar a minha injusta amnésia. Arregalei os olhos num espanto, levantei-me:

— Oh, Moura! Por aqui?!

E, na aflição de retribuir a gentileza da recordação do outro, e de encobrir o meu primeiro olhar, que fôra vago:

*S*ÓNIDOS



Conto de
GUILHERME FIGUEIREDO
Ilustração de
FÁBIO ~

— Você está mais gordo!

— Não: até que estou magro. Fígardo, sabe?

E, depois dum silêncio:

— Você, sim, é que está ótimo, homem! Quase não o reconheci. Estava ali naquela mesa e, dizia ao Antero: "Aquele camarada ali deve ser o Silva". Vim aqui e acertei. Você conhece o Antero? Ah, um grande amigo! Antero de Souza... Oh, Antero, vem cá! Vou apresentar. Você vai gostar dele.

Do outro lado do bar levantou-se um homenzinho gordinho e minguado ao mesmo tempo: ventre empinado, peito opresso, rosto vermelho com bochechas de corneteiro e olhos que não paravam de piscar. O Antero era senhor de uma calva regular e podia como um seixo rolado, à cuja

volta se acrescentasse uma pequenina auréola de fios grisalhos. Hoje não sei se ele tinha ou não bigode. Se tinha, era um desses bigodes esquecidos e desprezados como parentes pobres.

O que tornava mais notável aquela figurinha de coringa era a gravata. Horrenda e de listas azuis e amarelas, com um nó já marcado a sebo e ostentando um alfaiate de florezinhas de metal. Antes que eu me dirigisse ao senhor Antero, o Moura me informou:

— E' muito preparado. Lê muito, e até andou escrevendo algumas coisas nos jornais. Você vai ver.

Anunciava o amigo como quem promete um espetáculo. E eu, porque estivesse numa crise de solidão, e porque nada mais po-

deria fazer para passar aquela noite, recebi o Antero com afabilidade. E também porque estava bebendo — e beber sózinho é tão repugnante como qualquer outro vício solitário. Apertei a mão do homem, uma mãozinha cabeluda e úmida; indiquei-lhe um lugar à mesa, fiz o Moura sentar-se e esperei que a conversa tomasse rumo.

— Bebem alguma coisa?

O Antero olhou primeiro o cálice que eu tinha diante de mim e indagou:

— "Cognac"?

Acenei que sim, e ele logo explodiu como um ciclotímico em euforia:

— Ah! E' a grande bebida! Não sei porque, o meu corpo exige sempre "cognac". O amigo comprehende: há bebidas que nos assaltam pelo volfrão: obstruem as idéias, pesam na alma tanto quanto no estômago. O "cognac", não. E' concentrado e perde o sabor quando diluído em qualquer outra coisa. Deve ser puro como um princípio. Como a virtude, a opinião, o raciocínio. Como a idéia clara. Olhe: aqui onde mevê, já tomei umas cinco doses...

O Moura ouvia-o encantado e aprovador, esfregando os óculos com um lenço branco, e passeando os olhos miopes do rosto do Antero para o meu, como a querer surpreender o meu pasmo ante a inteligência do outro. Quando veio o "garçon", ordenei mais dois cálices. O Moura repos os óculos, recolocou meticulosamente o lenço no bolso do paletó, ajeitando-lhe as pontas, e, tomado o pequeno copo com dois dedos, sorveu levemente a superfície do líquido. Com unção, saboreou o paladar, o perfume, o fluido alcoólico no céu da boca, e depois sussurrou:

— Como faz bem, com esse frio...

Falava mais para o outro do que para mim — como se quisesse sugerir temas para a palestra de Antero. Antero não se fez rogado:

— Oh! O frio foi inventado para ser morto a golpes de cognac. Quando as mãos ficam geladas e duras, os lábios partidos, só os primitivos se aproximam do fogo. E principalmente do fogo caseiro. O homem superior não vê, na lareira burguesa, nem no cachecol feito em sua casa, ou na indefectível camiseta de lã, consolos contra a maldade do frio. Não: vai para o bar e bebe. Despreza o remédio físico do capote: quer o mistério químico e requin-



Inspirada na
côr de praia das garotas cariocas

Essa côr queimada, tostada pelo sol, que é a inveja de todas as mulheres do mundo, inspirou a nova e maravilhosa tonalidade do Pó Para Rosto COLGATE — "Morena Jambo".

Nos Estados Unidos, "Morena Jambo" (Sun-Tan) está causando verdadeira sensação, pois dá à cutis a sedutora côr tropical tão apreciada pelos homens. Hoje mesmo, peça "Morena Jambo" — a sensacional nova côr do

PÓ PARA ROSTO
COLGATE



TINTURA FLEURY

DÁ JUVENTUDE
AO SEU CABELO

Em poucos minutos a côr natural voltará aos seus cabelos. Escolha entre as 18 tonalidades diferentes da Tintura Fleury aquela que mais lhe agradar.

APLICAÇÃO FACILIMA:



Peça ao nosso serviço técnico todas as informações e solicite o interessante folheto "A Arte de Pintar Cabelos", que distribuímos gratis.

CONSULTAS, APLICAÇÕES E VENDAS: Rua 7 de Setembro, 40 - Sub. Rio
Nome
Rua
Cidade Estado ALT.

tado que um selvagem não saberia descobrir.

Atirou na goela o cálice, pisou um pouco no gôzo do calor. Via-se, de fato, que Antero já vinha sendo homem superior desde a tarde, pelo menos. Quanto ao Moura (Como será o primeiro nome desse Moura, santo Deus!), apenas aprovava e sorvia a superfície do "cognac", ajudando-a com os lábios, como uma lebre.

Houve um silêncio sem assunto. Desses silêncios de conversa morta e pouca intimidade, quando não se tem informações sobre os circunstântes para reatar. Nessas ocasiões, quando são mulheres que palestram, uma sempre suspira e diz: "Pois é..." E o "pois é" fica se esgarçando no ar, até que um outro assunto o enxota... Mas quando só há homens, não é fácil reencetar. Foi por isso que apelei para o "garçon", fiz servir outros cálices, e depois voltando-me para o Antero, ofereci-lhe a pergunta mais tola e mais fecunda de toda a minha vida:

— Com que então o amigo é um homem de pensamento?

Lobriguei o ar de desprezo do Moura. Parecia dizer: "Pois como? Você então não sabe quem é o Antero?" Por um momento estive para lhe gritar: "Não, não sei quem é o Antero, nem sei quem é você tampouco!" Mas a figurinha vibrante do sr. Antero não me permitia esse desafogo. Ela estava tão ágil, tão frenética, tão arrebatada, que eu a deixei falar, e repudiéi a existência do Moura. Moura não existia: só Antero, que já bebera de novo o seu "cognac":

— Meu caro, eu sou uma das raras pessoas no mundo que são fiéis a uma teoria! — bradou ele.

— Ah, isto é, Silva! — concordou num grunhido o Moura. — Como eu te disse, o Antero é um homem completo.

Não me tinha dito isto. Mas admiti que dissera, para evitar explicações. E o Antero reinciou:

— Sou um livre-pensador, meu amigo, na verdadeira acepção do termo. Há sujeitos que só chegam a este ponto depois de frequentarem bibliotecas e queimarem as pestanas nos livros. Não é que eu deteste os livros, isso não. Detesto as bibliotecas. São laboratórios frios, mas de um frio especial de necrópole. Prefiro os livros em lugares como este. Veja o senhor, por exemplo: o senhor estava para ler o seu jornal.

Eu pergunto: por que não se recolheu a uma biblioteca? Porque o senhor mataria o prazer do jornal, não é verdade? Se se pudesse trazer um livro para um bar, não preferia fazê-lo a ir a uma dessas santas-casas da inteligência? Eu é porque sou um homem de pensamento, como o senhor disse; não sou um homem prático. Se não, montaria um bar *sui generis*, com estantes de livros em volta. O freguês entrava e pedia: "Garçon: cerveja e Schopenhauer!" Repare como seria lindo se, em lugar desses espelhos, dessas palmeirazinhas postas nos cantos, dessas mesas de toalhas quadriculadas, o senhor tivesse aqui estantes de livros e tapetes para abafar os passos. Orquestra também não. Gosto muito do violinista, o Giacomo. É mesmo um bom rapaz. Mas que afinidade existe entre uma palestra como a nossa e a "Serenatella à mare"? Não acha? "Garçon"! Vê "cognac" aqui pra nós!

E, segurando-me o braço:

— Nem mulheres entrariam nesse bar que eu imagino. Elas conspurcam os bares, que são lugares de pensamento e de inteligência. Os homens vêm aqui para acelerar o talento, exibindo-o com mais força. As mulheres, não. Sentam, pedem bebidas doces, que são sobremesas líquidas. E vêm porque têm vestidos pretos fatais, jóias, e tornozelos faleiros quando cruzam as pernas. Aparecem aqui envergando ao mesmo tempo a pele de uma raposa e a alma de outra. Querem caçar-nos, e durante a caçada ficamos acuados e estúpidos.

O Moura deliciava-se. Estava ainda no seu segundo cálice, tomado lentamente, administrativamente. Tinha acendido um cigarro e soprava a fumaça, com gôzô, contemplando os flocos que se desfaziam por cima das nossas cabeças. As vezes circundava o olhar, para ver o efeito que as palavras do amigo causavam nos outros bebedores. Eu, por mim, encantava-me. Não só porque me agradava o homenzinho gestuante e loquaz, mas porque me envolvia uma vontade de ser bom, realizar feitos extraordinários, que são projetos que o "garçon" serve com o álcool.

Antero também já começara a alterar o tom da voz. Em dado momento fez-me até um gesto de impaciência, indicando o violino, que lhe atrapalhava o brilho das idéias. No íntimo das coisas, a diferença que havia entre o ar-

tista amador Antero e o profissional Giacomo era que este já perdera, no meio dos ruidos de palestras e dos risos de todas as noites, o sentido da religiosidade da arte. Pouco importava que blasfemassem, urrassem política, futebol ou histórias fesceninas. "Serenatella" de Giacomo continuaria, independente de haver ou não o silêncio em que poderia provocar lágrimas. Antero, não: odiaava quem tivesse qualquer desvio de atenções. Cortou-me um, aparte, com a mão aberta no ar, porque no interlocutor saboreava apenas o ouvinte.

No silêncio que fêz, parecia querer incitar a mim e ao deslumbrado Moura a que pesássemos os seus pensamentos, afagando-os com o mesmo carinho por ele usado para afagá-los. Murmurou até: "Hoje estou particularmente claro". Este narcisismo não o impediu de fazer, entretanto, um novo sinal ao "garçon" para que trocasse os cálices. Ao contrário, outro "cognac" foi reclamado como se Antero o tivesse merecido — como um prêmio que ele concedesse às suas próprias idéias. Depois, noutro tom de voz, pausado e condescendente, batendo a mão no meu ombro, disse:

— Senhor Silva, este mundo não vale nada. Está tudo completamente errado, mas cabe aos inteligentes conformarem-se com os erros do Criador. Olhe: eu lhe disse: tenho cá as minhas teorias, e elas é que me sustentam.

Sua voz vinha de longe, embora eu percebesse que ele quase gritava. O Moura aproximou os cotovelos da mesa e riu para mim, exibindo os dentes pretos de sarro. Senti pelo riso que o seu amigo chegara a um momento culminante da dissertação. E, para maltratar-lhe a vaidade, fingi-me absorto e murmurei:

— Está frio da pagode!

Minha frase feriu o alvo. Antero apenas emitiu um "É", e retomou o assunto, puxando-me a manga do paletó:

— Como ia dizendo: tenho cá as minhas idéias. Sou um filósofo, sou um homem que penetrou o segredo das coisas, o tanto quanto uma inteligência o pode fazer.

O olho de Antero também já estava eloquente e piscava mais do que a princípio. Os braços se agitavam à palavra "coisas", envolvendo as mesas, o balcão, as paredes, o violinista — mas quando transbordar do recinto,

(Continua na pag. 17)



E CHEGAMOS ao mês da Constituição. Na vida brasileira, esse documento adquire aspecto singular. Talvez não propriamente singular, que o adjetivo me escapou sem que eu medisse bem sua extensão. De qualquer forma, a Carta Magna é recebida por um povo que até já ia perdendo o hábito de democracia.

E' preciso, antes de mais nada, que confiemos nessa Carta. Ela resultou de discussões longas e minuciosas. Basta dizer que se apresentaram nada menos de 5.000 emendas... Isso prova, pelo menos, o desejo de acertar. Que muitos maldigam as controvérsias e as julguem inoperantes. Por nosso lado, lembramos que devemos ter principalmente um pouco de otimismo. Mesmo porque um pouco de otimismo não faz mal a ninguém.

Mais uma vez, avisadamente, com uma sensatez capaz de desafiar céus e terras, poderemos dizer que o momento é grave, que as dissensões existem porque existem "filas", câmbio-negro, carestia, escassez de utilidade. Que a situação é difícil, ninguém irá negar, a menos que queira receber um atestado da mais absoluta inépcia. Todavia, o mundo terá de continuar, e com ela a humanidade. Outras crises foram vencidas. Situações tão negras como a atual se dissiparam. Depois, é preciso lembrar o consolo apontado por um jornalista bandeirante: se a crise não passar, passaremos nós. Já é mesmo um consolo...

Pois recebemos com esperança a nova Carta Magna da República dos Estados Unidos do Brasil. Que setembro de 1946 entre com galhardia para a nossa história. Nossa gente já se cansou de agitações inúteis. Quer paz. Muitos problemas não são insolubéis hoje: sempre foram. A nova Constituição não será a mérinha salvadora, credenciada a extirpar todos os males. Mas que consiga criar um clima tranquilo onde coexistam, em boa ordem, sentimentos mais nobres e mais desinteressados, já seria uma conquista de primeira ordem. Afinal, o que precisamos é saber ao certo o que é democracia. Tanto tempo ausentes dela, fizemos meio desmemoriados... A Carta Magna pelo menos nos salvará da amnésia. Tenho certeza de que são esses os votos de todo brasileiro de boa-vontade.

GUY D'ALVIM FILHO

ENQUANTO selecionava os pacotes de cédulas, para os pagamentos do dia, Carlos Alberto meditava na ironia do destino: lidando, diariamente, com milhões... e mal ganhando para as suas necessidades mais prementes!... Lembrou-lhe um ditado corrente na cidadezinha de onde viéra: "Com a boca nágua... e morrendo de sêde". Um rizinho incolor aflorou-lhe aos lábios. Engraçado, como o povo, em palavras singelas, emite, muitas vezes, conceitos tão sábios, e traduz verdades tão profundas! Ah! Mas não era um dito popular — lembrava-se. Era uma pergunta que, certa noite (distante noite!) lhe fizeram, em uma brincadeira em casa de dona Rosinha. Boa e divertida dona Rosinha!

Tôdas as noites, reunia os rapazes e as moças do lugar, para uma dançazinha, uma brincadeira de prendas até as onze e meia. Terminava com um cafézinho com uns biscoitos fritos que eram mesmo de fazer água ao bico. As más linguas propalavam que tudo não passava de um chamariz, um pretexto para "pescar" um marido para a filha, que já estava... passando. Se era verdade o que diziam, dona Rosinha perdeu o tempo e... o cafézinho, coitada, porque o peixe não comeu a isca. Bem, mas como era mesmo a tal pergunta ouvida em casa de dona Rosinha? Ah! Sim: que é, o que é, que está com a boca nágua... e morrendo de sêde? Resposta: canoa.

Naquele tempo, esta resposta não tinha o sentido amplo que Carlos Alberto hoje lhe atribuía. Era canoa, canoa mesmo, e não passava disso. E, possivelmente, não teria mesmo outra significação. Sim, não teria. Ele é que, agora, lhe emprestava outro sentido. Um sentido que o autor da pergunta, com certeza, não terá visado. Era isso, não havia dúvida. Nós temos o mau costume de torcer a significação das coisas, adaptando-a aos nossos diferentes estados de ânimo. Daí não haver nunca entendimento possível entre os homens, porque cada qual dá às palavras a interpretação que melhor lhe quadra aos interesses. Estaria certo isso? Errado? Carlos Alberto não sabia se estava certo ou errado. Nem poderia saber. O me-



Ihor, então, era abandonar essas divagações e voltar às suas cédulas. Certo ou errado, poderia ele modificar uma ordem de coisas estabelecida quem sabe lá por quem? Não, não podia.

Continuou separando as cédulas: 500 para cá; de 200 para lá, etc. Seria ele, ao demais, o único naquela situação?

Não era.

Aquela mesma hora, milhares de Caixas em milhares de bancos, do mundo inteiro, talvez fizessem as mesmas conjecturas. E de que valeria isso? De nada. A vida continuaria a seguir o seu curso. A menos que um cataclismo viesse subverter a ordem das coisas. Mas não ocorreria nenhum cataclismo, bobagem.

Verdade é que muito se falava, nos últimos tempos, em uma nova ordem social. Não sabia o que isso poderia significar, mas tinha a impressão de que não deveria significar grande coisa. Hitler e Mussolini também muito falaram em uma nova ordem, não tendo sido poucos os que lhes deram crédito. E nós vimos o que aconteceu. A esperança de muitos, agora, era o comunismo. João Paulo, colega de Carlos Alberto, era co-



COM A BÔCA NÁGUA...

munista. Figura proeminente, chefe de núcleo, de célula ou coisa que o valha, não sabia ao certo. João Paulo vivia a repetir: "Quando o comunismo vier, vocês vão ver que maravilha. Ficaremos de cima, mandando". Carlos Alberto não via em que isso poderia melhorar a vida. Se alguém ficasse de cima, mandando, claro é que alguém teria que ficar debaixo, obedecendo. Nesse caso, a mudança seria apenas de personagens, mas a peça continuaria sendo a mesma. Continuaria sendo a mesma. Continuaria a haver bancos. Consequentemente, haveria Caixas, que continuariam pensando como ele pensava.

— 31.755!

Um senhor entregou a ficha e Carlos Alberto contou o dinheiro: mil, mil e quinhentos, dois mil, três, cinco, dez, vinte mil cruzeiros.

Se tivesse ao menos dez mil... mas não tinha. Só se trabalhasse dez anos... sem gastar um níquel! Entregou o dinheiro, com raiva. Se tivesse dez mil cruzeiros...

dez mil... mas não tinha. Para que sonhar? Chamou outro número. Pagou outro cheque. A peça continuaria sendo a mesma... a mesma. A mesmíssima...

Será que dona Rosinha continuava com aquelas brincadeiras de prendas até as onze e meia? Oferecendo seu cafêzinho com biscoitos fritos? Boa e divertida dona Rosinha! Que é, o que é, com a boca nágua... e morrendo de sêde? Canoa.

Chamou outro número. Uma senhora aproximou-se e Carlos Alberto entregou-lhe o dinheiro.

— Canoa! — repetiu em voz alta, quase gritada.

A mulher recebeu o dinheiro e saiu depressa, olhando, com receio, para o Caixa do Banco.

Pilhérias

— Hoje de manhã, vi perfeitamente quando o leiteiro a beijou na escada, ao entregar o leite. Não admito isso aqui! Passarei eu mesma a receber o leite!

— E' inútil, patroa! Ele jurou que jamais beijaria outra mulher.

*

— O louco desta cela, meu caro visitante, é um pobre diabo que perdeu a razão por amar uma mulher que se casou com outro...

— E aquélle ali, furioso, medonho?

— Aquélle é o outro, que se casou com a mulher amada pelo primeiro...

*

— Estou lhe dizendo que ainda há esperança minha senhora! Eu sou o médico...

— Não, doutor! E' um caso perdido, pois já nem me conhece mais... Ainda há pouco chamou-me: "meu amorzinho"...

*

— Mamãe! Mamãe! O chapéu de papai caiu pela janela...

— E teu pai sabe?

— Claro! Papai foi também...

*

— Ouça, rapaz. Sou bastante tolerante para permitir-lhe ficar até meia-noite na porta com a minha filha, mas, por favor, não se apoie na campainha, que eu quero dormir...

*

— Olha, o tigre fugiu da jaula e está se aproximando de tua sogra!

— E por que hei de me preocupar com o que vai acontecer com o tigre?!

*

— Eu sou, na verdade, querida, muito otimista a respeito do nosso porvir!

— E então por que o vejo sempre tão preocupado?

— E' que não estou muito certo acerca do meu otimismo...

*

— Sempre que olho para você, querido, lembro-me de um grande homem...

— Isso muito me lisongeia, querida. E quem é esse grande homem?

— Darwin...

As espôsas de homens ilustres

SOBRE a vida amorosa dos grandes homens já se escreveram os estudos mais interessantes. E seria curioso focalizar algumas dessas figuras exponenciais no ângulo de suas vidas íntimas.

Spencer não se casou e, segundo informações autorizadas, jamais se apaixonou. Cellini, Rousseau e Goethe desposaram jovens da mais humilde condição social, unindo-se a elas mesmo antes do ato legal. As relações pré-matrimoniais de Stuart-Mill com a sua mulher foram tais que suscitaram escândalos gravíssimos. Em todos esses casos, excetuando o de Cellini, o casamento foi considerado verdadeiro desastre. As espôsas eram de tal maneira insociáveis que não podiam ser recebidas na sociedade, apesar da merecida celebriidade dos maridos. Essas criaturas não possuíam qualidades físicas nem intelectuais que permitissem ao observador mais superficial compreender o motivo por que se haviam tornado espôsas de tão grandes homens.

As espôsas de Goethe e Rousseau possuíam educação rudimentar. A mulher de Rousseau havia sido criada de taverna, sem inteligência, nem letras. Não sabia nem mesmo a ordem em que se seguiam os meses. Goethe escolheu uma mulher que havia fugido da casa paterna e vendia flores artificiais para viver. Entretanto, Rousseau e Goethe haviam conhecido senhoras da mais elevada condição social.

Os contemporâneos desses grandes homens mal casados foram sem piedade no modo como julgaram suas espôsas. E nós? Devemos associar as nossas censuras às deles, na mesma intransigência? Não se deve admitir que o dispêndio de forças sentimentais e mentais de homens como Rousseau e Goethe fizesse com que preferissem tais criaturas, rudes e pacíficas donas de casa, apenas? Pois se tivessem que pensar nas ambições sociais e nas veleidades intelectuais das espôsas, teriam sido, certamente, menos Goethe e Rousseau... Evidentemente, mulheres inteligentes prejudicariam mais a um desses homens que as suas espôsas iletradas... Eis um exemplo irrefutável: Stuart-Mill, para quem a inteligência de Helena Taylor e a de sua mãe foram prejudiciais. Mill escreveu a sua notável "Economia Política" antes de se casar. Leiam-se as cartas de Stuart-Mill escritas antes de seu casamento e as que ele escreveu depois — e atente-se na sensível diferença que há entre elas!

As mulheres pouco inteligentes podem consolar-se...

*

O VALOR DA MULHER

O VALOR da mulher varia muito entre os selvagens. Assim, em Uganda, obtém-se uma espôsa jovem e bonita em troca de vinte agulhas e algumas balas de rifle. Os tárarov pagam por suas mulheres o peso da jovem, não em ouro, como se supõe logo, mas, simplesmente, em manteiga.

*

A RAINHA DA COLMÉIA

CALCULA-SE que uma abelha mestra — a rainha da colméia — põe cerca de um milhão e meio de ovos durante sua existência. Uma colméia grande consta, no mínimo, de sessenta mil insetos.

Experimente uma SINGER

— e saberá por que
milhões a preferem!



Só então compreenderá... Há quase um século que donas-de-casa e costureiras preferem a Singer. Há milhões de máquinas Singer pelo mundo e contam-se por centenas de milhares as que se encontram em perfeito funcionamento há mais de 40 anos... Veja agora uma Singer moderna... Há quase cem anos de experiência na manufatura de suas peças, no seu aperfeiçoamento. Há o melhor material possível na fabricação de cada peça. E o seu uso é simples, agradável, facilímo. Faça o que milhões de outras fizeram nos últimos cem anos: prefira a Singer, a máquina de costura para satisfação e serviço permanentes.



Nos mais longínquos recantos do Brasil, onde vir a marca Singer, há peças e acessórios legítimos Singer a preços módicos, bem como as insuperáveis agulhas marca Simanco. F, para qualquer possível dificuldade, peça sempre o Serviço Singer, nunca se servindo de um mecânico qualquer. Porque Singer lhe oferece a mais completa assistência como nenhuma outra firma o poderia fazer.

MÁQUINAS *Singer*

O NOME GARANTE O PRODUTO!



RIO DE JANEIRO
Caixa Postal, 1180

SÃO PAULO
Caixa Postal, 146-B

PÓRTO ALEGRE
Caixa Postal, 689

BELO HORIZONTE
Caixa Postal, 3

RECIFE
Caixa Postal, 21

SINGER SEWING MACHINE COMPANY

O ROMANCE DE TIA ROSINHA

CONTO DE VERA MILWARD DE CARVALHO

Ilustração de Rodolio

ESTÁVAMOS reunidos na varanda de nossa casa, pitoresca vivenda em Ipanema, de onde avistávamos o mar, naquela tarde, calmo e majestoso. Formávamos um grupo alegre: duas amigas, que haviam estudado comigo num internato em Laranjeiras, minhas irmãs Iolanda e Irene, Alvaro, menino ainda, e eu, a mais velha do grupo.

Conversávamos, animadamente, e de vez em vez a conversa era perturbada pelos gracejos de Alvaro.

— Então, Iolanda — dizia Olga, uma de minhas colegas, — você deve estar radiante com a chegada de Paulo, da Itália, não é?

Iolanda enrubesceu e olhou, aflita, para o menino que lia uma revista.

— Olga! — exclamou Branca, a outra colega, — você não devia...

— Vou perguntar a papai sobre esse noivado! — interrompeu o garoto. — Ainda há poucos dias ouvi papai dizer que esse Paulo... Bem. Se é ao menos fôsse um rapaz como o noivo d' Nair!

Referia-se a mim. Realmente, meu casamento estava marcado e era do gôsto de meus pais.

Iolanda entristeceu-se às palavras rudes do garoto. Ficamos penalizados. Mas Irene interveio, consoladora:

— Ora, Iolanda! Não ligue ao tolinho do Alvaro! Antigamente, papai tinha, é verdade, essas idéias contra Paulo. Mas, agora... Paulo arriscou a vida pelo Brasil! Creio até que seria uma honra para a família...

Iolanda quase sorriu.

A conversa animou-se novamente.

— Quanto à nossa Branca, apesar dessa aparência austera, tem uma bela aventura com o professor de inglês...

Branca ficou, por sua vez, enrubesida.

— O que há entre nós é apenas natural simpatia entre pessoas que se estimam respeitosamente... Trata-me como a tódas...

— E', — zombou Olga — levando-lhe bombons e acompanhando-a até a casa... Será que éle faz isso com tódas?

Branca não insistiu. Sabia que não poderia com Olga. Sorriu, gracejando:

— Vocês conhecem bem a mania de Olga! Gosta de que tódas as suas conhecidas lhe contem, detalhadamente, suas próprias histórias de amor! Até de seus empregados sabe as histórias amorosas...

A risada foi geral.

Olga, impassível, voltou-se para Irene, a menor de minhas irmãs:

— Ah!, por falar em histórias... Escute aqui, Irene, ontem você formava um belo par com aquèle estudante...

— Chi! Até você, Irene! — exclamou o meu irmão, dando uma gargalhada.

— Olga, por favor, não fale essas coisas perto d'esse mal-educado!

— Estou apenas brincando, Alvaro! disse Olga piscando maliciosamente os olhos. — Sua irmã não pensa ainda em namoros...

— Escute, Olga — disse, sorrindo, Alvaro — você gosta tanto de falar nos namorados das outras... mas não fala nos seus! Será que não

tem? E' verdade que é muito baixinha e tem as pernas meio tortas, mas mesmo assim...

Olga empalideceu mas, dotada de notável presença de espírito, não encabulou:

— Oh, tenho, sim, um namorado que só me vé à janela, de modo que fico trepada num banquinho. Dessa forma, ele nunca saberá que sou pequena e tenho pernas tortas...

Como irmã mais velha, ralhei com Alvaro e o convidei a nos deixar em paz. Levantei-me mesmo, disposta a agarrá-lo pelo braço, quando entrou tia Rosinha, uma nossa tia-avó, solteirona, já velhinha, que morava conosco.

— Que é isso, Nair? — disse ela, sorrindo. — Não tire o prazer do menino. Ele gosta de estar onde vocês estão. Apenas brinco, não foi, meu filho? Mas não tornará a fazê-lo...

— Pois é, tia Rosinha, disse o garoto com ar inocente e satisfeito com a providencial interferência. — Apenas disse à Olga que ela tem a mania de se preocupar com os namoros de todo mundo... pelo menos, foi isso que ouvi dizer aqui em casa... Olha, aposte que é capaz de perguntar à senhora se, quando era moça, não teve também um namorado...

Olhei escandalizada para tia Rosinha e, em seguida, para Olga, e qual não foi o meu espanto quando percebi que ela havia gostado da idéia do menino. E já se sabe: não deixou fugir a oportunidade:

— E' mesmo, D. Rosinha, quem sabe a senhora tem uma linda história para nos contar... Com esses seus olhos azuis e esses cabelos ondulados que deviam ser maravilhosos, com certeza teve alguém... Conte-nos: por que não se casou?

Alvaro escondeu a cabeça entre as revistas, abafando uma risada cínica. Tia Rosinha tirou os óculos do avental e olhou Olga. Mas logo depois seu olhar triste se perdeu no horizonte, onde o mar se encontra com o céu...

— E' verdade, menina, — murmurou, sentando-se na poltrona. — Todo mundo tem, na vida, o seu romance, e eu também tive o meu...

Olhamos para a velhinha admiradas.

— Mas é uma história muito triste... Talvez vocês não gostem...

— Conte-nos, tia Rosinha, por favor...

Olga exultava e os seus olhos brilhavam na doce penumbra do crepúsculo... *

Estendendo o olhar sobre o mar sereno, tia Rosinha desfiou, melancólica, o longo rosário de suas recordações:

— Pois bem, vou contar a vocês o meu romance. Como sabem, minha família era de Angra dos Reis. Possuímos uma vivenda à beira da praia, onde vinhamos passar os sábados e os domingos, permanecendo o resto da semana na fazenda, pois os meus pais eram fazendeiros. Eramos quatro irmãos: eu, a mais velha, com 22 anos; havia terminado os estudos e vivia com meus pais; dois irmãos, rapazes que estavam internos num colégio, e Helena, que contava somente dezesseis primaveras e também estava completando sua educação num internato de Irmãs. Próximo à nossa casa, residia um casal cujo filho único, oficial de marinha, vinha pas-

sar ali, com seus pais, o fim de semana. Visitavam-nos constantemente. Quando o filho, que se chamava Raul, chegava do Rio, eu já aguardava a sua visita, que era certa. No fim de algum tempo, minha mãe, sem imaginar a felicidade que me causava, chamou-me a atenção para a assiduidade de Raul à nossa casa, dizendo que se sentiria bem feliz se nos casássemos...

Costumava eu passar as tardes sentada na areia, próximo do mar, lendo meus livros favoritos. Raul, às vezes, surpreendia-me no silêncio da praia e, ao meu lado, lia versos de amor.

Quantas vezes, lendo-os, Raul me olhava bem nos olhos, significativamente... Para disfarçar minha perturbação, eu voltava a olhar o mar, ou baixava os olhos, brincando com a areia.

Num sábado, à tarde, eu desceria até a praia, justamente à hora em que ele chegaria. Pouco depois, avistei-o. Não sei porque motivo ausentara-se mais tempo que habitualmente o fazia, de modo que tive a impressão de que ele percebeu a irradiante alegria com que o recebi:

— Boa tarde, Rosa. Posso dar uma volta ao seu lado? Quero explicar-lhe o motivo de tão longa ausência. Sinto-me feliz, encontrando-a aqui...

Senti-me emocionada.

— Boa tarde, Raul! Não posso demorar-me, porque minha irmã chega agora do colégio... Preciso ir...

Sorriu, contrafeito:

— Sendo assim, não desejo prendê-la. Se precisa ir... Vamos, juntos, então, até a sua casa?

Aquiesci. Para disfarçar minha crescente perturbação, pus-me a falar em assuntos banais. Chegamos ao portão. Despedimo-nos e prometeu voltar à noite.

Sentia-me tão comovida que subi para meu quarto, máquinalmente, alheia a tudo, somente despertando daquela espécie de torpor delicioso, quando me chamaram para receber minha irmã Helena, que acabava de chegar do colégio.

Num instante, achamo-nos nos braços uma da outra. Possuia um afeto todo maternal por aquela irmãzinha, muito mais nova que eu, e que, desde sua infância, era tratada por mim como criança... Amava-a. Depois de estreitá-la, ternamente, nos braços, pude observar, surpresa, como crescera e se tornara mulher. Que linda estava! Que transformação se operara num ano!

A noite meus pais ofereceram uma festa íntima, comemorando a formatura de Helena, e apresentaram-na a Raul, que a vira pela primeira e última vez havia três anos, quando ela era apenas uma menina. Terminada a festa, Helena abraçou-me num frêmito de incontida alegria:

— Rosinha, querida, Raul é o rapaz mais simpático que vi na minha vida... Duvido que exista outro igual...

Senti súbito mal-estar, doloroso pressentimento.

No dia seguinte, à saída da missa, encontramo-nos com Raul, que nos acompanhou até a casa. Regressou, poucos dias depois, ao Rio. E desde então, Helena não mais tirou seu nome dos lábios. Numa noite, me disse:

— Sabe, Rosinha? eu seria a criatura mais feliz do mundo se Raul me amasse...

Compreendi: estava traçado o meu destino.

*

Tia Rosinha suspirou.

Longe, o mar se tingia com as luzes da metrópole. Não ousávamos formular perguntas e até o próprio Alvaro, quieto, interessado, mantinha





*Você terá
a certeza de
conquistá-lo!*

Uma linda pele é o primeiro requisito para a beleza perfeita. Usando LEITE DAGELLE, toda mulher poderá obter o encanto atraente do "glamour". Deliciosamente perfumado, protege sua pele contra sardas, rugas, manchas e quaisquer sinal.

LEITE DAGELLE restaura, rapidamente, os tecidos da pele, dando-lhe um novo frescor juvenil. Remove o brilho e a oleosidade. Experimente, hoje mesmo, LEITE DAGELLE.

Em todas as perfumarias e farmácias

Para uma cútis perfeita



Leite Dagelle

IA-L2

Talco Malva

**IDEAL
PARA DEPOIS
DO BANHO
DO BÊBÊ
FINISSIMO E
PERFUMADO**



FORMULA DO
DR. ANTONIO ALVES
DA FACULDADE DE
MEDICINA DA UNIVERSIDADE
DE MINAS GERAIS

PERFUMARIA MARCOLLA
BELLO HORIZONTE

seus olhinhos vivos pregados na doce fisionomia da velhinha.

*

— Transcorreu uma semana. Era ao cair da tarde. Sozinha, quase sem perceber, desci à praia. Não sei explicar, mas vi-me, de um instante para outro, a sós com Raul. Pediu-me para acompanhar-me. Caminhávamos lado a lado, em direção à minha casa, quando, de súbito, numa incontida emoção, ele declarou-me seu amor. Pediu-me para ser sua esposa...

Era a hora do crepúsculo. Um resto de sol dava um tom avermelhado no céu, e o mar tinha colorações roxas e azuis... exatamente como a tarde de hoje, não sei por que estranha coincidência... Por instantes, deixei-me embalar por aquelas palavras... Mas a embriaguez durou segundos. Reagi. Conseguí, afinal, dominar-me e, afetando toda a naturalidade que pude, respondi:

— Raul, você me lisonjeia por demais com que acaba de me dizer... Entretanto...

Sentia vontade de chorar.

— Entretanto... vou ser-lhe franca... Sempre tive por você uma amizade fraternal... e de tal modo, Raul, que cheguei até — imagine você... — a idealizar o seu casamento com a minha irmã Helena...

Com a fisionomia alterada pela profunda deceção, ele exclamou:

— Com Helena?! Uma criança... Como me enganei... Perdoa-me, Rosa! Prefiro a sua franqueza, já que não me ama...

— E depois, Raul, não tenho a menor intenção de me casar...

Havíamos chegado ao portão de casa. Helena nos avistara da janela e viera ao nosso encontro. Pretextei qualquer coisa e os deixei. E, daquele dia em diante, sempre que podia, me afastava, deixando-os sozinhos.

O tempo foi passando e fui começando a perceber que minha imagem ia se desvanecendo no pensamento de Raul. Um dia, Helena, no auge da felicidade, disse-nos, a mim e a nossos pais, que Raul iria pedi-la em casamento. Abraçou-me ternamente e chorou de alegria, contando-me o ocorrido.

Poucos meses depois se casaram e foram residir no Rio. Continuei a viver com meus pais que, à aproximação da velhice, precisavam de minha presença. Passado algum tempo, Raul teve que empreender longa viagem e Helena veio para nossa companhia, com uma filhinha recém-nascida. Mas a fatalidade marcou aquela viagem fatídica: Raul sofreu, a bordo, um acidente que o vitimou. Foi um golpe terrível para minha irmã. Abraçadas, unidas, no doloroso transe, choramos a morte do homem que havíamos amado. Juntas, também, criamos a filhinha dilete, que passou a ser, mais do nunca, o objeto único de nossa adoração... E essa filhinha... meus queridos... é a mamãe de vocês! Helena morreu alguns anos depois, sem jamais descobrir o meu segredo... e o meu imenso sacrifício...

Bem, aqui termina o meu romance...

*

Todos nós tínhamos os olhos marejados. E sentímos no coração a admiração e a ternura que bem merecia aquela velhinha, que passou a ser por nós mais querida ainda...

TISSOT MILITAR

— O Novo Relógio de Pulso



para HOMENS DE PULSO!

Os relógios-pulseira comuns não são feitos para suportar as condições adversas da vida militar. Por isso, TISSOT lançou o seu novo

modelo "MILITAR", criado especialmente para as mais árduas provas. É um relógio de precisão, resistente contra choques, impermeável à poeira e à agua, insensível ao calor e ao frio e anti-magnético. E mais ainda: como todo relógio Tissot, é garantido por um ano contra qualquer acidente. Se não puder ser consertado, V. S. receberá um novo relógio. Procure-o nas boas relojoarias.



Preço: Cr\$ 800,00
Com ponteiro central Cr\$ 850,00

TISSOT MILITAR
à prova de:
Choque • Poeira
Água • Calor • Frio e
Eletricidade

Tissot
MILITAR
DEFENDE A SUA PONTUALIDADE

OMEGA PRODUTO DA SOCIÉTÉ SUISSE POUR L'INDUSTRIE HORLOGÈRE - GENEVA - SUÍÇA **Tissot**



FRAM oito horas e acabara de jantar. Minha mulher subira para o quarto e eu, ouvindo o rádio, fumando, espichado no velho sofá de palha fazia hora para me meter a obra num romance que ando escrevendo e que me parece infundível. Foi quando bateram palmas no portão. Indiana foi ver quem era e voltou informando que se tratava "de um homem que queria falar com o dono da casa".

— Mas não disse o que queria?

— Eu perguntei, sim senhor, mas ele disse que queria falar com o dono da casa mesmo.

Levantei-me.

— Pois vamos vê-lo.

Era um sujeito magro, pescoco alto de galo de briga, grande nariz bico, tinha um chapéu na mão, não trazia colarinho. Pensei com os meus botões: temos facada.

— Sou eu o dono da casa, meu amigo. Que deseja o senhor?

Ele, com rústica delicadeza, lamentou me incomodar e se apresentou como membro da comissão angariadora de auxílios para o Carnaval dos "Caprichosos da Tijuca".

Na véspera, por volta da meia-noite, passara um rancho pela minha rua, em passeata de ensaio, com cadência bem marcada, vozes afinadas, um mundo de cícas e tamborins fechando o cortejo. O barulho acordou os pequenos.

— Que é, mamãe? perguntou assustado o Zeca, que vai para os três anos.

— São os malandros; dorme, respondeu ela.

Zeca não dormiu, ela também não, ninguém na rua dormiu antes que a música se perdesse, grave e comovente, em ruas mais além.

Foi a razão porque eu perguntei.

— E' aquele rancho que passou ontem por aqui?

— Não, doutor. Não foi. O nosso rancho ainda não saiu na rua. Está em ensaios internos ainda. Deve ter sido os "Formigas", e a voz trazia um tom de evidente desprezo.

— Rivais, não é?

— Mais ou menos, doutor. Mas o nosso é mais antigo.

Resolví cortar a conversa:

— Pois então, o senhor deseja um auxílio, não é?

— E' doutor. Estamos tirando no bairro. Todos os anos fazemos assim, e apresentou uns papéis: faça o favor de ler.

— E' a licença?

— Não, doutor. E' o pedido da diretora.

A polícia avisara insistentemente pelos jornais e pelo rádio, que só atendessem aos pedidos dos clubes devidamente licenciados por ela. Deviam os angariadores apresentar a competente licença.

— E o senhor tem licença?

O homem se atrapalhou: ter, não tinha. A licença estava com o Elizário, que era o diretor da comissão. Mas parecia que não precisava. O clube era muito conhecido.

— Mas se o doutor está desconfiado, eu trago a licença para o doutor ver.

Fiquei atrapalhado. O homem parecia sério. Mas há tanto malandro com cara de sério... E o diabo é que não trazia a licença. Cinco, dez cruzeiros que perdesse não era nada, afinal de contas. Mas era triste ser embrulhado por um espertalhão sem colarinho, de tamancos e com cara de honesto. Procurei dar um jeito.



Marques Rebêlo é, indiscutivelmente, um mestre do conto moderno. Suas histórias são simples e humanas, trechos expressivos da vida cotidiana das criaturas cujos perfis o criador recorta com segurança e espontaneidade.

"Os Caprichosos da Tijuca" é uma afirmação convincente da arte sutil de um autêntico contista moderno.

— Não estou desconfiado, absolutamente. Mas é que agora estou desprevenido. O senhor não pode passar amanhã?

— Posso, doutor. A mesma hora?

— A mesma.

— Se eu não puder vir, vem o Bastinho pessoalmente. Eu vou falar com ele.

— E' seu companheiro de comissão?

— Não. E' o presidente do clube.

Depois que disse, fez uma cara de incredulidade:

— O sr. não conhece o Bastinho?

— Não. Não tenho o prazer.

FOTOS SOCIAIS

Para Alterosa

A direção desta revista volta a prevenir aos seus estimados leitores que só aceita fotografias para publicação quando compreendidas nas suas secções habituais, isto é: senhoritas, crianças, enlaces e rádio. Tais fotos, entretanto, deverão preencher as exigências técnicas e artísticas, copiadas em papel liso e branco, tamanho postal.

Nenhuma outra fotografia, fora dessas condições, será publicada nesta revista, ainda que mediante pagamento.

O homem mostrou um semblante severo:

— Pois me admiro, doutor. E' muito conhecido. Não há ninguém que não conheça o Bastinho aqui no bairro.

Remendei:

— Então é por isso. Eu mudei faz pouco tempo para cá. Morava no centro.

Ele mostrou-se satisfeito:

— Sim, então é por isso. Mas ele é muito conhecido. Mora aqui há mais de trinta anos. Foi quem fundou o clube. O clube é velho. O comércio daqui para ele não nega. E' só entrar e pedir. O doutor gostaria de conhecê-lo. E' de côn mas tem estudos. Vou falar para ele mesmo vir aqui. O doutor vai gostar.

Agradeci e ele tornou:

— Mas é agora que estou me lembrando: se o senhor veio para cá de pouco não conhece os "Caprichosos".

— Realmente, atalhei, não conheço e tinha gosto de conhecer. Já tenho ouvido falar muito dêle.

— E' o mais antigo, doutor. Tem os "Formigas" ali no morro. Foi o que o doutor viu ontem. Tem o "Estrela da Tijuca" mais acima. Mas os "Caprichosos" é o melhor. Tem muitos campeonatos. O ano passado mesmo levamos a taça de Harmonia. Muitos prêmios. Está tudo lá na sede, muito bem arranjado. Por que o doutor não vai visitar a sede? Era uma honra para nós.

— Perfeitamente, meu amigo. Quando o senhor quiser.

— Pois pode ser amanhã mesmo, doutor. Amanhã tem ensaio às nove horas. O doutor vai apreciar. O pessoal é afiado. E pode levar sua senhora, sem medo. A sociedade é familiar, doutor. Gente pobre, mas decente. O Bastinho faz questão. As filhas dêle, estão lá também. Formam junto com a gente.

— Pois então está feito. Amanhã estarei lá. Mas onde é?

— Não tem que errar, doutor. Sabe onde é a fábrica de rendas?

— Sei.

— Pois é defronte. Naquele terreno grande, perto do rio. O doutor vê logo. E' um sobrado. Tem um mastro na sacada com o escudo do clube. O doutor vê logo. Mas se atrapalhar é só perguntar no botecim, na farmácia, na padaria. Lhe mostram logo onde é.

— Pois estarei lá.

— Conto com o senhor. Vou falar com o Bastinho. Ele não começará sem o doutor chegar.



DISTRIBUIDORES

DROGARIAS RAUL CUNHA
RIO E BELO HORIZONTE

Pensamento

Uma mulher diz toda a verdade a Deus; quase toda verdade ao confessor; a metade da verdade à sua irmã e uma centésima parte da verdade ao homem que ama. PIERRE VEBER

DESPERTE A BILIS DE SEU FÍGADO...

e sairá da cama disposto para tudo
Do fígado deve fluir para os intestinos, aproximadamente, um litro de suco biliar por dia. Se este suco não correr livremente, V. não pode digerir bem os alimentos e estes fermentam nos intestinos. Então sobrevem a sensação de fartura, seguida pela prisão de ventre. V. se sente desprido, desanimado e de mau humor. V. precisa das Pílulas Carter para o Fígado, para fazer com que esse litro de suco biliar corra livremente e V. se sinta realmente bem. Compre um vidro hoje mesmo. Tome-as conforme as instruções. São eficazes para fazer a bilis fluir livremente. Peça Pílulas CARTER para o Fígado. Tamanho econômico: Cr \$ 3,50.

GRÍPE!

A gripe segue frequentemente os resfriados. Corte estes prontamente, friccionando o peito e o pescoço, ao deitar-se, com Vick VapoRub. Descongestiona o peito, facilita a respiração, acalma a tosse, traz pronto alívio.

VICK VAPORUB

E estendeu-me a mão. Era uma mão calosa. Senti vontade de pedir que esperasse, ir lá dentro, voltar com uma nota para os "Caprichosos". Mas já que tinha mentido, não quis me desmentir.

Apertei-a com calor:

— Pode contar. E não me esqueceria do auxílio. Não será muito, mas será dado de boa vontade.

— Ora, doutor!... O senhor dá o que quiser e o que der será agradecido. É muito obrigado, doutor, pela sua bondade. Até amanhã às novas. Desculpe a massada. Lindolfo Alves, um seu criado.

— Não tem nada que agradece, seu Lindolfo. Disponha.

E ele partiu, batendo os tamanhos no cimento da calçada.

Minha mulher descerá, perguntou quem era. Conte-lhe a conversa toda, rimos, ficamos de ir ao ensaio dos "Caprichosos" no outro dia.

— Deve ser engraçado, palpitou ela.

— Acredito que sim.

Mas no outro dia cheguei em casa com a bossa. Os personagens mexiam-se na minha cabeça, furiosamente. Queriam sair, tinham que viver, precisavam viver. Uma cena que me aparecera difícil e que, desesperado, abandonara no meio, veio clara; perfeita, exatamente como deveria ser. Era só escrevê-la... Comi pouco e às pressas e caí no romance. Cena puxa cena. E diálogos, situações, descrições, conceitos, tudo escorría fácil e bom. Poucos retoques mereceriam mais tarde. Fui me entusiasmado. As horas passaram. Minha mulher não me interrompeu. Esqueci-me do mundo, absorvido pelo mundo que ia compondo. Quando dei fé de mim, passava da meia-noite. Lembrei-me dos "Caprichosos" — que diabo!

— Por que não me chamou? — queixei-me à minha mulher.

— Bem que me preparei, mas vi você tão entretido, tão disposto que não tive coragem de te chamar. Afinal, você não tem que se zangar. Primeiro, o romance.

Dei-lhe razão:

— Sim, primeiro o romance.

Requisitei um cafêzinho e voltei para a obra com o mesmo apetite.

Os "Caprichosos" ficariam para o dia seguinte. Foi impossível. No outro dia tivemos amigos para jantar. Bons amigos, velhos amigos, chegaram de repente num grande pagode, trazendo garrafas de cerveja. Era uma precaução, afirmavam. Se a nossa comida não desse, defender-se-iam com elas. Deu para todos. A cerveja alegrou os ânimos. A noite cor-

reu depressa. Nem me lembrei dos "Caprichosos". Talvez nunca mais me lembrasse, se na noite seguinte, pelas oito horas, não me batessem no portão. Cheguei à janela — era o Lindolfo.

— Boa noite, doutor. Vim lhe buscar para o ensaio, falou alegremente. O Bastinho está a sua espera para começar.

Fui eu mesmo abrir-lhe o portão, quis que entrasse, ele recusou, esperaria na varandinha mesmo. Eu me desfiz em desculpas: fôra inteiramente impossível, tivera muito que trabalhar, não imaginasse...

Ele atalhou:

— Eu sei, doutor. Eu sei. O doutor é um homem de trabalho. Nós vimos.

— Vimos? me admirei.

— Vimos sim, doutor. Eu lhe conto. De primeiro o Bastinho, ficou zangado com a sua falta. Pudera — riu. — Preparara o pessoal, formara a diretoria para receber o doutor, bateu oito, bateu oito e meia, bateu nove e o doutor nada! Ele me perguntou mais de cem vezes: Mas éle prometeu, Lindolfo? Eu jurava que sim. Quando bateu nove e meia, ele gritou: Pouco caso! E mandou principiar o ensaio. Eu fiquei assim... Falei com ele: Eu acho que não foi desprêzo do doutor, seu Bastinho. O doutor é homem de ocupações. Quem sabe que não pode vir?... Ele não queria saber: Pouco caso, sim, dizia e redizia. Afinal tivemos uma azeda. Ele teimava para um lado, eu teimava para outro. Resolvemos tirar a teima. Virfâmos aqui ver se o doutor estava em casa, se o doutor tinha saído, apurar a questão. Chegamos, e espíamos pela janela, o doutor nem deu sentido de nós. Estava escrevendo, escrevendo, nem levantava a cabeça. O Bastinho só disse uma coisa: Deve ser uma causa urgente. E me perguntou se o doutor era do crime. Eu não sabia. Ele explicou tudo à diretoria — o doutor estava abafado!... Ontem não havia ensaio, não adiantava vir lhe importunar. Hoje vale a pena. E' ensaio geral.

Fui. Fui com minha mulher. A diretoria me esperava formada na escada. Deram vivas, houve saudação com cerveja, fui obrigado a fazer um pequeno discurso de agradecimento. Bastinho fêz outro por cima do meu: que agradecimento ali só podia haver um — o da sociedade, que se orgulhava de receber em seus salões uma figura da inteligência, etc., etc. Preto, alto e gordo. Bastinho era uma simpatia transbordante. Apertei o mês em casa mas deixei cem cruzeiros no Livro de Ouro.

AS RAZÕES...

CONTINUAÇÃO

apontando o mundo, o éter, o emíprio, o incognoscível. Encarava-me agora com força, para me embriagar com seu talento, despejá-lo pelas pupilas acesas para dentro da minha fraca compreensão.

— Minha mulher d'z que sou um tolo. Não é verdade, Moura?

Moura fez apenas um adema- ne vexado.

— Um tolo porque vejo longe e despezo tudo, tudo. Esse aqui me conhece bem (apontou o antigo). Sou sereno porque pairo acima das coisas (gesto metafísico). No fim, seu Silva, o que existe é o átomo (juntou dois dedos diante do meu nariz, para mostrar a pequenez do átomo). Demócrata foi o sujeito mais inteligente da Antiguidade só porque percebeu essa verdade. Percebeu no ar, veja bem! E hoje? Que faz a ciência? Prova que a essência das coisas é o átomo. Tudo mais, é substantivo abstrato. O átomo é uma união de electrons, nós somos um punhado de átomos, de electrons aglutinados de um certo modo, e agitando-se num ambiente de outros átomos. Já alguma vez lhe aconteceu não ter nada que fazer, numa manhã de sol, e ficar espiando a dança da poeira através de uma fresta de luz que atravessa um canto sombrio do quarto? Pois nós somos assim, poeiríssima... O ar que respiramos são átomos. Isto, este "cognac" que eu bebo... "gargão", traga mais "cognac"!... este "cognac" é constituído também de átomos, um punhado de átomos que atiro para dentro do bucho, e vai esquentar outros átomos com frio... O senhor com certeza tem ambições, não é verdade? Pois saiba que as suas ambições são movimentos de atração e repulsão das partículas infinitamente pequenas que compõem a coisa Silva. A coisa Silva, como a coisa Moura, como este copo, como o violino do Giacomo, tudo aqui é um armazém de átomos amontoados de formas diversas, oscilando, dançando, bracejando, querendo...

Tive que amparar meu cálice quando a oratória do Antero lhe impulsionou a mão com violência maior. O Moura apenas fê-lo serenar, dizendo:

— Calma, rapaz... Um pouquinho de calma...

E riu para mim, com um riso de quem pede desculpas. De ou-

(Continua na pag. 32)

Sabe pintar
os seus lábios?



CERTO
ROSTO ALONGADO

Si o seu rosto é alongado,
aqui está a forma correta

Dê a seus lábios uma forma muito mais encantadora com Baton Colgate! O tipo ideal de lábio para seu rosto é facilímo de desenhar com Baton Colgate Importado. Sim, porque este batom, sem ser oleoso demais, é suave e permanente! O Baton Colgate Importado é feito com Karanuva, o emoliente superior que dá aos lábios um brilho cálido e provocante. Em 5 lindas tonalidades: Vermelho Americano, Médio, Escuro, Vermelho Amazonas e a radiante côn Hollywood. Diga hoje na sua perfumaria: Baton Colgate Importado!



O Coração bate com Baton COLGATE

Sempre jovem



ESTERISINA

- Antiséptico Feminino
- Forma de Supositorio
- Prático e Inofensivo

2 PRODUTOS JAWAK

BIOGYNAN

- Regulador Feminino
- Recomendado e usado a muitos anos

Distribuídos pela
DISTRIBUIDORA FARMACEUTICA DO BRASIL LTD.
Caixa Postal, 1861 - São Paulo

Eireté

(MEL SILVESTRE)

Conto de Neyde Joppert

Ilustração de Rodolfo

JUCA PEDRO vinha trotando pela estrada. O "pingo" zaino de patas brancas vinha todo rebrilhante, bem escovado, a cauda penteada e as crinas crespas por cima do pescoço musculoso. Via-se que Juca Pedro se esmerava na arrumação do animal. Por sua vez trazia as bombachas que costumava usar aos domingos e uma camisa de seda creme que estreava naquele dia. As botas polidas, o lenço vermelho bem passado, as esporas brinhas de fresco, até o chapéu desabado parecia mais bonito e moderno naquele conjunto.

Ia para a estância de João Tarçilio, especialmente convidado para tomar parte num rodeio oferecido a um bando de gente que viéra de Assunção para visitar aqueles pagos.

Juca Pedro era indispensável. Paraguaio valente, sacudido, domador das rezes bravias e dos potros apanhados no pampa, montador exímio, camarada querido e respeitado em todo aquêle rincão.

Levantara cedo para melhor se refrescar na friagem da madrugada e antes da aurora lançara a manta e o selim no lombo do "pingo" para então enfrentar o longo planalto que separava seu rancho da estância de Tarçilio.

Em casa ficara a boa Castilla, a gauchita morena de tranças negras e grossas, com quem Pedro casara num comégo de inverno. Conhecerá-a quando ainda meninote, quando D. Diogo, o fazendeiro que o criara, ensinava-lhe a doma dos potros e o manejamento do laço que um dia o tornariam o melhor dos peões. Castilla arribara de um vilarejo distante, num bloco de colonos que povoaavam o baixo Paraguai. Era roliga, os cabelos lustrosos, o rosto moreno e corado, a boca infantil e os olhos negros e sonhadores. Naquela época os "taiys" floresciam nos terreiros do rancho, atapetando o barro do chão com suas pétalas douradas, morrendo sob o corpo das rezes que dormitavam junto a seus troncos. Era costume Juca Pedro encontrar ali a menina trançando

o cabelo, colhendo cachos enormes que pendiam dos galhos como se a viéssem contemplar.

Depois Juca Pedro cresceu, fez-se homem, largou de mão o rancho de D. Diogo para tratar de sua própria vida, trabalhar, criar e que fosse apenas dele. Passou longe uns dois anos. Mas lá num fim de quaresma, Juca Pedro voltou para falar de seu sucesso na venda de novilhas de raça, muito compradas no comércio do Prata.

A êsse tempo Castilla encorpara, torneara, fizera-se a favorita da moçada por ser a mais bonita gaúcha do vilarejo.

Um dia Juca Pedro percebeu que a pequena lhe dispensava preferências. Procurou-a então; cortava-a, lisonjeava-a com a inclinação dela para seus lados.

E acabaram casando. Foram para aquêle rancho na fronteira do Brasil, tendo um pouco de tudo, vivendo com parcimônia, com bons lucros na criação do gado, sem dar muito valor ao lado romântico de suas vidas, sem avançar muito fundamente aquela afiação que lhes ligara os destinos.

Ao norte ficava a estância de João Tarçilio, um fazendeiro meio paraguaio, meio brasileiro, meio ciníco, meio ingênuo, mas no fundo um bom camarada.

Naquela manhã rosada, Juca Pedro acordara satisfeito, bebera duas cíuas de chimarrão e montara o "pingo" para ir em trote lento até a festança da seu vizinho oferecia. O planalto orvalhado exalava um frescor penetrante, um cheiro de mato novo; a terra úmida chiava sob o péso do zaino; de quando em quando apareciam grandes eucaliptos, ou no vale, mais em baixo, cochavam as "yu'is" na margem de algum regato. Lá no fim do céu começava a subir o disco purpúrio do sol; mugiam os bois; de momento a momento cruzavam "gauchos" pela estrada.

Finalmente apareceu o rancho de João Tarçilio. A casa central era bonita e grande, rodeada pela folhagem decorativa das "tayas".

Havia muita gente estranha, os turistas de Assunção, mas logo Juca Pedro encostou num peác conhecido e foi indagando:

— Onde se mete o homem da casa?...

— Rodeado dessa moçada que veio de Assunção.

— Muita gente?

— Ih!... nem fale!...

Logo aparecia o bonachão Tarçilio. As bombachas de festa, as esporas tintintantes.

— Olá, seu moço! então que demora!

— Me perdõe, Tarçilio; é que vim sem ânsia de chegar. O pampa estava fresco, o "pingo" quase me fez cochilar naquele seu trote...

Durante o dia houve muita comida, muito mate, muita sanfona tocando no terreiro. Tarçilio mostrou Juca Pedro ao pessoal, apresentou-o a muitos como sendo dos melhores vaqueiros daqueles pagos. Mais tarde houve o rodeio que se prolongou até depois do sol cair. De noite, quando as fogueiras se acenderam no terreiro para esquentar as chaleiras



dágua, começou a voz dolente das violas cantando aquelas doces toadas de amor, gemendo paixões incompreendidas como se as estrelas fôssem minúsculos confidentes espreitando do céu.

Juca Pedro foi à varanda acompanhado de Tarcílio. Sentou na balaustrada onde se entrelaçavam os ramos de uma parasita. Tirou duas baforadas do cigarro que ele mesmo confeccionara e fitou o céu estrelado, transparente como cristal.

— Eh! moço, parece que ai vem geadas; espie só que beleza de noite.

— E pobre da bicharada que segue amanhã, rio abaixo; vai pegar um bandão de frio.

Após mais duas baforadas, Juca Pedro deu com os olhos numa mulher sentada no outro extremo da varanda, fitando os violeiros que batinhavam num desafio. Apontou com o queixo.

— Quem é aquela, Tarcílio?

— Dona Clara, uma moça que

veio passar uns tempos, tomar uns ares. O médico mandou, contada, é fraca do peito.

— E tão nova...

— Vai pelos vinte, probresita.

— Chegou hoje?

— Ontem de tarde. Alvorocou a ganchada; é tão bonita...

Juca Pedro inspecionou-a com os olhos. Depois de um rápido exame concordou com o amigo.

— Sim... muito bonita. É paraguaiá?

— Não, é brasileira; muito rica, parece. Vamos lá que os apre-sento.

Foram até junto da jovem. Era muito fina, clara e loura, tinha uns olhos muito azuis e tristonhos. Juca Pedro pôde admirá-la mais de perto, ficou ven-do aqueles lábios descordados, contemplando-lhe a perfeição da bôca e a alvura dos dentes.

— Dona Clara — falou João Tarcílio. — permita que me atreva e perturbe a senhora.

— Não é atrevimento: — sorriu ela. — gosto de ter com quem conversar.

— Este aqui é Juca Pedro, — e mostrou-lhe o vaqueiro. — o nosso peão mór.

Ela cumprimentou.

— Prazer em conhecê-lo.

— Prazer eu é que tenho, Dona Clara.

Lá atrás chamaram por João Tarcílio e este pediu licença e deixou-os a sós. Ela olhava Juca Pedro curiosamente.

— E daqui mesmo? — perguntou.

— Sim, senhora; nós gaúchos quase nunca deixamos nosso rincão. A gente vive e morre no cantinho onde nasce.

Ela riu irônica e amargurada.

— Engraçado como vocês falam em viver e morrer. E' como se fôssem duas coisas obrigatórias.

Os claros olhos do gaúcho dilataram-se ingenuamente.

— Ué, Dona Clara, não há outro jeito. A gente nasce tem que acabar.

A moça virou o rosto para o lado oposto:

— Mas quando se tem a morte marcada para um determinado dia essa naturalidade desaparece. Tem-se horror a tudo: ao tempo, às horas, à própria vida.

Ele sentiu um baque dentro do peito. Sem querer tinha-lhe magoado a ferida moral que a consumia. Sentiu que ela tinha a existência contada. Alguém desalmado médico lhe havia dito a verdade, dado um limite de tantos meses para ela viver, marcado seu fim para tal dia. Olhou-a. Seu rosto voltado para a bôca da



noite parecia tremer ligeiramente. Juca Pedro pôs-se de pé.

— Dona Clara, se eu a magoiei...

Ela voltou-se repentinamente.

— Não, desculpe-me, estou nervosa. Por favor não se retire.

Ele tornou a sentar mas ficaram silenciosos. Depois ele sugeriu.

— Não gostaria de passear pelo terreiro? A noite está tão bonita...

Ela aceitou. Levantou-se e apoiada ao braço dele desceu a escadinha da varanda. Foram andando lentamente à volta das fogueiras. Lá ao longe o pampa perdia-se no horizonte, escuro e misterioso como um abismo. Paireva no ar o cheiro enjoativo do capim-melado e as vozes rítmicas dos grilos e sapos que andavam nos valados. No curral relinchava um potro manhoso reclamando o agasalho materno.

Juca Pedro andava lentamente. Todo o peso da moça pendia em seu braço como se ele fosse um apôcio indispensável. Pararam um tanto longe do bulício do terreiro e ficaram escutando uma toada melancólica que o vento trazia.

— Que diz este violeiro? — perguntou ela. — não entendo bem o guarani.

Juca Pedro escutou.

— E' uma toada de amor muito velha nestas bandas; diz mais ou menos assim: "...Vive com todo o teu ardor... depois de nós o mundo será vazio... dá-me todo teu amor... todos os teus dias..."

Fitou-a depois daquele verso. Sentiu uma espécie de mal estar. Seus olhos úmidos cravados nele pareciam repetir febrilmente.

— Dá-me todos os teus dias... todo teu amor...

Sentiu um amolecimento diante daquele ardor. Era como se a febre de vida que exalava dela também o arrastasse numa vertigem desabalada. Qualquer outro visse um episódio de muitos dias em apenas algumas horas sem poder explicar o motivo. Ela era atraente e desejosa de vida. Mas o tempo era pequeno, contado, o

fim tinha data fixa. Parecia que se haviam conhecido há longos meses; o olhar dela era franco, de frente, atrevido até. Procurava um motivo compensador para empatar o resto da existência. Mas tinha pressa, muita pressa. E seu olhar não escondia isso.

Juca Pedro sugeriu voltarem.

— Tenho que ir para meu rancho e já é tarde. Castilla deve estar aflita.

— Castilla?...

Ela fitou-a indeciso; respondeu quase à força.

— Sim... minha mulher...

✿

Na outra manhã Juca Pedro voltou à estância de João Tarcílio. Nem sabia como viera; nem lembrava da desculpa que dera à mulher. Montara o "pingo" logo bem cedo, trotara apressado pelo planalto enorme, sem mesmo reparar na beleza do dia, sem ouvir os trinados melodiosos de um bando de "havias", poussados à beira da trilha.

João Tarcílio espantou-se com a visita inesperada e mais ainda com a desculpa natural que ele lhe deu.

— Bateu uma vontade de vir por aqui!...

Depois de breve conversa, Juca Pedro avistou a moça que andava lá perto do curral, esperando que lhe ensilhassem um cavalo.

— Me desculpe, Tarcílio; vou ver Dona Clara. — e se afastou em passos largos. O amigo, meio boquiaberto, teve um espécie de presentimento.

— Que Deus me perdoe... mas se esse moço não se cuida...

Juca Pedro foi falando de longe.

— Bom dia, Dona Clara!

Ela voltou-se. Seu rosto pálido teve um assomo de alegria ao vê-lo chegar. Achou-o mais vislumbrado assim à luz do sol. Juca Pedro era forte, os cabelos crespos, os olhos de castanho côr de mel.

— Já tão cedo?

— Vaqueiro madruga no campo. — justificou ele. Depois indagou. — Vai passear a cavalo?

— Creio que darei uma voltinha pelos lados do bosque. Dissem que há lindos lugares.

— Vai sózinha?

Ela fitou-o como se fosse conviá-lo, mas a resposta não foi a que ele esperava.

— Bem... creio que não me perco.

Trouxeram o cavalo e ela montou. Vendo-a prestes a seguir Juca Pedro não se conteve.

— Se a senhora não se importasse eu poderia levá-la...

Ela encarou-o momentaneamente. Milhares de pensamentos pareceram passar-lhe pelo cérebro antes de resolver o que faria. Depois sorriu, bondosamente.

— Pois bem... então vamos.

Juca Pedro puxou o "pingo" que trazia pelas rédeas e montou de um salto. Saíram a galope em direção à pequena floresta que brotara bem no meio do planalto como se fosse um oásis na imensa extensão do deserto pampeiro, todo formado de dunas verdes e fluorescentes, ora aqui, ora ali se meado de charcos onde se alinhavam grandes grupos de "karan-days" sombreando os valados.

O bosque era redondo, feito de árvores magras e longas, cortado de pequenas trilhas que procediam do planalto, atravessavam-no, e iam morrer no mesmo cenário longo e felpudo do vale infinito.

O sol desabrido que banhava o pampa ali se substituía por sombras frondosas, pelo frescor dos lugares úmidos, pelo perfume muito suave que desprendiam as alvíssimas flores da "nino-asolito".

Juca Pedro e sua companheira sofreram as montadas para melhor apreciar a beleza do lugar.

— Costuma vir por aqui? — perguntou ela.

— Quando há tempo. Mas custa muito a arranjar uma folguinha.

Continuaram a marcha até perto de um riacho. Ali, ela que vinha na frente, parou o cavalo e esperou o gaúcho.

— Gostaria de apear um pou-

Fique sedutora! REDUZA ESSA GORDURA QUE TANTO A ENFEIA TOMANDO VINHO CHICO MINEIRO

NÃO EXIGE REGIME, NÃO FAZ MAL E É USADO HA MAIS DE MEIO SÉCULO *

MULTIFARMA — Praça Patriarca, 26 — Sala 6 — São Paulo • Remessa pelo reembolso postal

co; — disse-lhe. — já me sinto cansada.

Juca Pedro saltou, amarrou o "pingo" num tronco velho e veio ajudar a descida da moça. Pegou-a pela cintura e um momento depois ela estava no chão. Ficaram sentados na grama que cobria o lugar como um tapete gigantesco. Ali perto amadureciam belos e perfumados "guavirás" e Juca Pedro foi buscá-los para comerem, sentando-se ao lado dela para melhor observar sua beleza cristalina, desfolhada pela moléstia terrível, mas mesmo assim tão inebriante que conseguia atraí-lo estranhamente.

*

Ficaram para costume aqueles passeios matinais. Às vezes iam ao bosque, outras vezes apenas andavam longamente pelo planalto como se buscassem alguma coisa, como se fugissem deles mesmos, de suas vidas, de suas responsabilidades, de tudo que os acorrentava em bandas opostas do destino.

Duas pessoas, afora êles, começaram a perceber a verdade: Castilla e João Tarcílio.

A gaúcha, a princípio, não atinhou com a mudança do marido, com as constantes fugidas até a estância do vizinho, com as chegadas tardias, com o alheiamento em que sempre o surpreendia. Depois notou que êle parecia aborrecido dela, já não lhe dirigia as carinhosas palavras de antigamente, não demonstrava prazer em tê-la com êle.

João Tarcílio pôde ver tudo mais claramente. Abanava tristemente a cabeça toda vez que Juca Pedro aparecia trotando para os lados da estância. Certa vez chegou a dizer-lhe.

— Moço, você precisa cuidado. Dona Clara vai lhe virando a cabeça! Veja lá...

Mas o vaqueiro respondeu-lhe ansivamente.

— Não se meta na minha vida! Dai por diante João Tarcílio não tocou mais no assunto; mas nada o impedia de suspirar quando os via juntos.

— Meu Deus... uma moça doente...

Certo dia cavalgaram para o bosque numa louca disparada. Ela tinha uma ilusória aparência de mais forte mas, embora Juca Pedro nunca houvesse aludido à sua moléstia, ambos sabiam que as melhorias eram sómente aparentes; assim como uma derradeira reação.

Saltaram no oásis e sentaram exaustos na grama orvalhada. Perto havia uns frutos silvestres; Juca Pedro foi buscá-los, encheu

A esposa de
GEORGE MURPHY

diz:

"Com razão os lábios mais formosos de Hollywood aclamam o Tangee Red-Red"



Feiticeiro!

Use o que revela
o seu maior encanto

Aqui tem, para si, o batom aclamado pelas mulheres mais formosas do mundo. Tangee Red-Red... com "efeito de pétala", exclusivo de Tangee. O batom Red-Red é apaixonado e distinto

Desperta chamas românticas... Idealiza seus lábios. Use-o... Conquiste...

Recorde... as mulheres mais formosas do mundo valem-se de Tangee, o batom mais fino do mundo! Siga o seu exemplo!



BATONS
ROUGES
POS DE ARROZ

Tangee

USE TANGEE PARA SE VER A MAIS LINDA QUE PODE SER!



Trepadeira

Embora a trepadeira tenha coberto totalmente a minha janela e entre pelo meu quarto, eu não a cortarei.
Suas flores são vermelhas como teus lábios e ela é esguia como teu corpo.
Seu todo me lembra a tua figura graciosa, vestida de verde, quando me vieste ver.
E quando curvaste teu rosto sobre mim, eu te comprei aos seus galhos, pesados de flores, abaixando-se com graça, na borda da janela.
Não cortarei a trepadeira.
Poderei pensar, nas noites solitárias, que és tu, que vens beijar-me.

Lais Corrêa de Araujo

*

o chapéu e lavou-os no regato. Depois tornou para o lado dela. Enquanto separava os frutos mais maduros observou-a discretamente. Ela olhava distante.

— Triste, Dona Clara?

Sua cabeça voltou-se para o gaúcho.

— Com você aqui?... não é possível.

Fitaram-se. Juca Pedro via-a bem de perto, bem dentro dos olhos azuis, amortecidos pela febre.

— Pensava em coisa importante?

Ela sorriu amargurada.

— Para mim nada há de importante...

— Nada?...

A insinuação tornou-a séria. Cravou-lhe os olhos no rosto, foi descendo lentamente com o olhar por todos os seus traços como se buscasse o que ele procurava dizer. Sentiu que sua mão deslisa va em direção a ela enquanto ouvia a insistente pergunta.

— Nada, mesmo?...

— Pelo menos não deve existir; não tenho esse direito.

Juca Pedro tomou-lhe o rosto nas mãos.

— Não diga isso!

Por um momento surpreendeu-se na própria ousadía, como se atrevera a trazer-lhe o rosto para tão perto do seu a ponto de sentir-lhe a respiração quente batendo em suas faces... Mas a

passividade dela tirou-lhe a razão. Ia beijá-la quando um pensamento coriscou em seu cérebro e caiu pesadamente entre os dols: Castilla! seu rancho! sua vida inteira!

Deixou-a e levantou-se desorientado. A honestidade do homem simples e franco erguia-se dentro dele contra todos os sentimentos absurdos a que ele se vinha entregando.

Mas desta vez era ela quem se revoltava. Levantou-se também e chorou amargamente. Juca Pedro, de costas, procurou consolá-la.

— Não chore assim; isso lhe faz mal.

— Que importa! porque não morro logo!

— Não fale assim!

— Até você tem medo de mim! E' e voltou-se.

— Não! não foi por isso que recuei!

— Foi, eu sei! todos me temem! todos fogem de mim! perdi o direito a tudo!

Juca Pedro quase deu um passo à frente para abraçá-la, para dizer-lhe quanto a queria.

— Não fale assim! não é isso! mas você sabe, sou homem preso, tenho mulher! nós daqui costumamos ser direitos, aguentamos tudo ainda que seja duro.

— Não se desculpe, Juca Pedro; eu sei entender.

— Mas não é pelo que você pensa...

Ela não quis ouvir mais. Desamarrou o cavalo e ia montar quando o gaúcho pegou-a pelo braço. Puxou-a, segurou-lhe os ombros e beijou-a antes que ela murmurasse um protesto. Depois largou-a e disse.

— Agora veja se acredita.

*

Naquela noite Juca Pedro chegou em casa muito tarde. Com um lampião aceso sobre a mesa Castilla o esperava e o gaúcho estranhou de achá-la acordada.

— Não precisava ficar de pé. — disse-lhe ele.

Castilla encarou-o serenamente; brilhava um desafio em seus olhos muito negros.

— Você não me avisou que voltava tarde.

Juca Pedro olhou-a. Seus olhos pareciam vermeiros. Seria de sono ou ela havia chorado?

— Bem... tive muito trabalho. Você sabe, aquelas rezas de Tarcílio...

— Vocês não esteve com Tarcílio, Juca Pedro. Vim de lá quase ao sol pôr e não achei você.

Ele empalideceu.

— Você esteve lá?...

— Estive, sim; — prosseguiu no mesmo tom grave, quase inaudível. — e João Tarcílio contou-me tudo.

— Contou-lhe o quê?

— Sobre você e essa... essa... essa doente.

Juca Pedro teve impetos de esbofeteá-la.

— Não a chame assim! — gritou-lhe.

Castilla levantou a voz trêmula, indignada.

— Chamo, sim! mulher que não serve pra nada!... perdida daquele jeito e ainda rouba meu marido.

— Pois eu gosto dela! gosto muito!

Castilla esteve caída depois daquelas exclamações. Ferida em seu amor próprio apenas ergueu o busto desdenhosamente e concluiu:

— Pois bem. Se eu não lhe sirvo mais é melhor cada um ir para seu lado. Quer que eu deixe o rancho?

Juca Pedro sentiu-se desnorteado. Caiu sobre uma cadeira.

— Não, Castilla! isso não! tudo aqui é seu, a casa, a criação. Eu é que sou louco; eu é que me vou embora. Arrume minhas coisas, por favor; amanhã deixo isto aqui de vez.

Levantou-se e saiu da sala.

Antes da aurora Juca Pedro montou o "pingo" e trilhou o planalto pela última vez. Lá bem longe um outro vulto o esperava: era Dona Clara. Sumiram os dois

ao longe e nunca mais se ouviu falar de Juca Pedro.

*

Um dia, verão forte, sol quente no pampa, ele que aparece um viandante pela trilha outrora povoada pelas rezes de João Taracilé, afagada pelas patas do "pingo" de Juca Pedro, pelos pezitos tigeiros da bela Castilla que também arribara. O peregrino vem chegando, esquálido e cansado, a barba preta roçando na camisa esfarrapada. As calças poeirentas, fins de uma antiga bombacha que o excesso de uso reduziu a destroços, apertando-se-lhe na cintura despida de carnes. O rosto fino, macilento, os olhos fundos e baços como que cansados de ver o mundo.

O velho rancho estava abandonado. Na frente da casa vazia cresciam touceiras de "mio-mio" que se alastravam até o pasto. Nem uma novilha, nem uma brasa no fogão adormecido. E o peregrino entrou na casa morta, mirou tudo incredulamente e como se tentasse vencer a realidade seus lábios se moveram num chamado que seria a salvação.

— Castilla... Castilla...

Mas o silêncio amortalhou-lhe o anseio. Nada. Nada restava para recebê-lo em seu triste retorno. Ali estava ele, Juca Pedro, sózinho no mundo.

E Dona Clara? — ficara por longe, morta dentro do prazo combinado pelo destino. Fôra feliz com ela? Nem sabia; nem podia pensar no passado, no que tivera, no que sofrera, na enorme saudade que sentira de seus pais.

Achava-se cansado. Pensara achar Castilla, recomeçar, reconstruir tudo desde a primeira pedra. E não achara nada; só silêncio e abandono.

Que lhe restava agora? — uma porção de saudades, uma nebulosa de acontecimentos em que Dona Clara era uma estréla, Castilla outra; duas do mesmo tamanho, ambas fora de seu alcance.

Estava vencido. Tinha no peito uma dor contínua, um cansaço eterno, uma tosse interminável. Sabia que não teria mais nadã. Mas mesmo assim sentia-se bem: era a doce influência da terra natal, a suavidade da volta, o triunfo da reconquista. Era a realidade daquelas palavras em tóda a sua plenitude:

"...nós gaúchos quase nunca deixamos nosso rincão; a gente vive e morre no cantinho onde nasce..."



CUTEX

UM ESMALTE
INTEIRAMENTE
NOVO!

No romântico fulgor
de suas novas tonalidades

estilizadas — At Ease,

Honor Bright e Proud Pink —

CUTEX dará, às suas unhas, a beleza
arrojada de joias raras. Use o novo Cutex
— tem maior brilho, seca rapidamente e
permanece longamente sobre as unhas.



SEMPRE NA VANGUARDA EM NOVAS IDÉIAS!

LONGEVIDADE

EM 1825, vivia no Estado do Ceará um tal José Binho com 119 anos, devoto de S. Martinho, folgazão e duma viweza notável, e que conservava o uso das suas faculdades intelectuais e ainda andava perfeitamente.



Completa liberdade para a mulher!

Meds

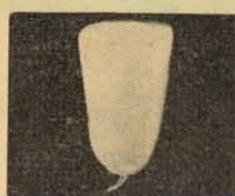
um novo absorvente
para os dias críticos,
de aplicação interna.

A Senhora nunca poderá ter imaginado nada mais prático, mais higiênico, mais seguro, para os dias críticos. Este novo e sensacional absorvente — é MEDS. MEDS é um pequeno tubo de algodão comprimido, capaz de absorver 300% do seu peso, para ser aplicado internamente. Por isto MEDS é completamente invisível... dispensa cinto e alfinetes... elimina qualquer possibilidade de odor... permite absoluta liberdade de movimentos, mesmo a natação! Ultra-portátil, uma caixa completa de MEDS cabe em uma bolsa pequena: facilíssimo de ser colocado e removido, MEDS é entretanto absolutamente seguro, não havendo possibilidade de cair. Experimente MEDS a proteção ideal para os dias críticos.

Completamente invisível • Sem cinto • Sem alfinetes
Permite até nadar



MEDS é o único absorvente com o "Canal de Segurança" que permite absorção maior e mais rápida.



MEDS, uma vez aplicado, adapta-se confortavelmente, eliminando o perigo de cair.

Meds

Um produto garantido por
JOHNSON & JOHNSON
Fabricantes de Modess



121 anos. Simão Clofas viveu 120 anos; Leonor Specier, americana, 121; João Bayles, 130; Margarida Potters, inglesa, 138; James Lautence, da Escócia, 140; Simão Sack, de Tirônia, 141; a condessa Eeleston, na Islândia, 143; um tal Effingham, 144; o coronel Tomás Winslow, 146; Francisco Coasit, 150; Tomás Parre, 152; José Surrington, 160; este deixou um filho com 103 anos e outro com 109.

No ano de 1772, na cidade de Dieppe, existia uma mulher com 150 anos, chamada Anna Cauchie. Seu pai tinha vivido também 150, e seu tio contava já 173.

Haller cita na sua Fistologia que a 6 de dezembro de 1870 faleceu Henrique Jenkins, pescador, com 169 anos. Nunca tinha estado doente, e aos 100 anos atravessava ainda os rios a nado! Foi citado para depor como testemunha acerca de um caso acontecido havia 140 anos, e compareceu com seus dois filhos, um de 100 anos de idade e outro de 102.

Luiz Truxo, na América meridional, atingiu os seus 175 anos quando morreu de desastre.

Neanovius, professor de Dantzick, fez menção de um velho de 184 anos e outro de 190.

Concluiremos com um dos casos mais raros da longevidade, e é o que conta a Gazeta Francesa de S. Petersburgo, de 8 de junho de 1825.

Cita este jornal o nome de algumas particularidades da vida de um velho que se lembrava muito bem da morte de Gustavo Adolf, rei da Suécia, morto na batalha de Lutzen em 1632. Contava 86 anos quando se deu a batalha de Pultava em 1709. Desde então até 1825 vai um lapso de tempo de 116 anos, que, juntos a 86, dão para o total da vida deste moderno patriarca a bagatela de 202 anos!

Alegrem-se, pois, os octogenários de hoje, porque ainda podem ter a esperança de festejar o natal do ano 2000.



PENSAMENTOS

O amor é como a fortuna: não quer que ninguém o persiga. — Th. GAUTIER.



Se cada um não tivesse senão a felicidade que merece, ainda haveria mais infelizes. — VALTOUR.



Por muito longe que o espírito alcance, nunca irá tão longe como o coração. — CONFÚCIO.

**"A máquina de escrever era para mim
um PESADELO!"**



**...mas o Vinho Reconstituinte Silva Araujo
me devolveu a saúde e a boa disposição!"**

Por que não faz a mesma valiosa experiência? Por que não combate esse desânimo, essa impressão de cansaço, que pode ser apenas consequência de sangue pobre e desnutrido? Receitado por grandes nomes da nossa medicina, o Vinho Reconstituinte Silva Araujo, estimulante, revitalizador, é rico em cálcio, quina, fósforo e peptona de carne, enriquece o sangue, reajusta as energias. Reconquiste o seu bom-humor, a sua vitalidade, com o uso do Vinho Reconstituinte Silva Araujo.

O professor Maurício de Medeiros está entre os grandes médicos que testemunham. Eis sua palavra:

"Atesto que tenho empregado, com os melhores resultados, o Vinho Reconstituinte Silva Araujo, em casos de astenia, nos quais se torna mister despertar as energias adormecidas"



Vinho Reconstituinte

— O TÔNICO QUE VALE SAÚDE!

SILVA ARAUJO

J. W. T.

“SANTA MÔNICA”

JOÃO LÚCIO
Ilustração de Fábio

CAPÍTULO III
(CONTINUAÇÃO)

QUEM animava ainda aquela paradeira era siá Mônica, ora estimulando os filhos, ora acicateando o marido com palavras de ânimo e conforto, alvitmando causas, incutindo fé e coragem nesses maus dias, tão diferentes dos de outrora, cheios de trabalho alegre, sem grandes descansos mais de apaziguante confiança no futuro.

Ela também, coitadinha, bem longe estava de sentir aquela tranquilidade e ânimo que procurava incutir nos outros. Compreendia e sentia a suação; doia-lhe a tristeza e desespere que amortalhavam o marido e enervavam os filhos. Mas não esmorecia, encontrando no próprio sofrimento fortaleza para amparar o desalento do pequeno mundo de afeição, que era toda a sua vida.

Certa tarde, quando, conforme se habituara, estava à varanda, soprando grandes fumaças e pensando no drama da sua vida, Fortunato viu chegar o compadre Florêncio. Veio recebê-lo com alvoroço e emoção de namorado, à porteira, com um sorriso bom que há muito não lhe acariciava os lábios duros.

— Ei, surrão velho, como lhe vai? perguntou o hóspede com expansiva alegria e forte aperto de mão.

— Mai e mal. Como Deus é servido. Quem é vivo sempre aparece! Ainda há pouco siá Mônica perguntou: que fim levaria o compadre? Sumiu!

— Não por falta de vontade. Bem avexado andava eu de saudades de vocês. Cada um tem seus cuidados. Ultimamente ando “capinando sentado”. Hoje furtai um tempinho e disse: ora, vou desfrutar os compadres... Há tanto tempo...

Fortunato gozava. Aquela visita era um banho de luz, reirgério, lenitivo, salvação talvez.

— Fêz bem. Adivinhou. Ando precisando da sua prosa.

Gritou para dentro:

— Siá Mônica, venha ver quem está aqui!

Ela apareceu logo, com grande expansão de sincera alegria ao divisar a visita:

— Seja bem aparecido! Até parece milagre! Estava fazendo falta. Outro dia inda falei a seu Fortunato. Ohe que foi Deus que lhe mandou. Veja se tira os “burros” do seu compadre, que anda mesmo precisando uns trancos para espetar...

— Caruncho de veijo, comadre. Não há de ser cousa de maio. Eu também de vez em vez tenho as minhas macacoas... E o afilhado? e o outro, como vão?

— Bem, com a graça de Deus. No eito. Captivo não bota milho de mólho...

Ficaram a conversar ali mesmo na varanda, em frente à tarde quieta, polvilhada de ouro.

— Comadre, veja se alimpa o coração de seu Fortunato. Não sei que cousa ruim entrou na cisma dele.

— Não há de ser cousa de vulto, comadre. Rabugice de velho...

— Sei lá... Até parece “cousa feita”, De me perdoe. Com licença. Vou ver um cafêzinho.

— Tem tôda. Não se desarranje por mim.

Fortunato sentia-se aliviado. Depois de tanto tempo de amarguras íntimas, gozava um instante de apaziguamento. O compadre estava alinhado afinal pessoa do peito a quem confiar, com coração nas mãos, as suas atribulações, receio incertezas do futuro. Solidariedade no sofrimento. Amparo moral.

— Pois é, compadre, começou Florêncio, alzando com as costas do canivete uma palha para cigarro, com vagar e cuidado. Eu estava seco p'ra uma prosinha com você. Esteve doente? Estou lhe achando mais amarrortado...

Fortunato deu um suspiro fundo.

— Morrendo um pouquinho cada dia. Antes fôsse de uma vez. Assim acabava logo este tormento em que vivo...

Começou então a falar, com desabafo que lhe fazia bem, aliviando-o de peso que o oprimia. Fazendo quanto lhe acontecera desde a visita de Inacião, a proposta d'este, a recusa, o temor em que vivia, com impetos de desgraçar o seu vizinho perseguidor, desgraçando-se também e à família.

Fêz uma parada. Esperava palavras de indignação e protestos do compadre, enquanto falava. Um “fêz muito bem!”, “fique firme!”, “resista que tudo se há de arranjar”; “conte comigo”.

Mas Florêncio ouvia calado, impassível; picava o fumo; esmagava-o agora, esfregando-o de leve entre as palmas das mãos. Mudo. Enrolava o cigarro com vagar, acendeu-o; expirou uma fumaça.

Fortunato parou desconcertado. Pareceu-lhe que o compadre ouvia cousa velha, já sabida, repetida. Nem um comentário. Nenhum aparte demonstrar solidariedade na revolta, na má sorte do amigo. Com as pernas cruzadas, fofeava de vez em quando o cigarro, cogava a cabeça, cora a ponta do canivete, aéreo, alheio, apenas consacudideias de cabeça. Por vêzes tinha pigarro inconsistentes como se quisesse expelir pedrinha encravada na garganta.

Siá Mônica, que trouxera o café, ouvia consternada e aprovativa as lástimas do marido que continuou, apesar de desenxabido com a atitude do ouvinte displicente:

— Como vê, compadre, e siá Mônica é teste munha, o Coronel, do alto do seu mandonismo, que pisar em mim; obrigar-me a vender-lhe o sítio, deixar minhas terras, cansando-me com picuinhas diárias, com prejuízos que desorganizam meu trabalho, minha vida... Só Deus e sua comadre sahem o que tenho sofrido!

Dante do silêncio teimoso do outro, que pigarreava, ergueu-se num arremêço e concluiu:

— Mas tão certo como este sol que nos alumia, juro que só morte deixarei o que é muito bem meu! Se ele pensa que amo leço, está comendo gambá errado! Ainda no fim há de me sobrar uma carga de chumbo grosso pra lhe arrebentar a cabeça!

— Crendeuspadre, só Fortunato! Não diga

so pelo amor de Deus! — implorou chorosa sônia, de mãos postas, pedindo auxílio ao comadre, com o olhar úmido. Também grossas lágrimas desceram pelas faces do marido, que as pagou rápido, com as costas da mão direita.

Comadre Florêncio endireitou-se na cadeira. Opronou uma fumaça. Espichou o olhar para o terreiro. Pigarreou. Aquela pedrinha na garrafa...

— Espero, comadre. Também a gente não pode ir assim aos arrancos. Há jeito para tudo. Boa vontade de parte a parte, e até com o diabo a gente pode negociar e sair ganhando...

— Então o meu comadre acha que eu seja capaz de abrir mão do que é meu, obrigado; de ceder ao capricho do primeiro mandão que aparecer? O comadre, que me conhece tanto, que sempre me aconselhou a não vender o sítio: o comadre de quem eu esperava um bom conselho; finíca pessoa a quem eu pediria, sem acanhamento, qualquer ajuda!

E tremia, de pé, os olhos num arregalo de pâmo, máguia e protesto na voz.

Florêncio engasgou-se com uma fumaça. Teve um acesso de tosse. Mônica, suspensa, inquieta, olhava ora para um, ora para outro, num desespere para ver terminada aquela conversa que julgara um sedativo para o marido e exacerbara-lhe ainda mais o ânimo azumado.

Houve uma pausa, uma reticência de incômodo expectativa. Florêncio começou a falar manso, pausado, conselheital, como quem passasse mãos de veludo sobre uma ferida.

— Ouça com calma, comadre. Sossegue seu ânimo e escute. Vim como amigo e os amigos são para as ocasiões. Estive sabendo de sua dúvida com o Inácio e fiquei zuretado por sua causa, acredite. Não vim lhe procurar há mais tempo porque também tenho andado malacafento. Mas agora vim, e para seu bem. Entre nisto como amigo dos dois, para ver se ajeitamos por bem as cousas... Para seu sossêgo. O comadre sempre disse que eu era pessoa de bom conselho...

Fortunato olhava de revés, desconfiado.

— Pois venho lhe dar um, que me parece o melhor: venda o sítio, comadre...

— Então agora o comadre é desse parecer? Aconselha-me a entregar os pontos ao Coronel? O comadre de quem eu esperava uma boa palavra, com quem contava pro que desse e viesse...

— E'... A gente também não pode levar tôda a vida com uma opinião só, fincado nela, que nem moirão de porteira... As cousas mudam, meu comadre... E' o mundo. O Coronel está no bom propósito. Quer saber? essas terrinhas que tanto trabalho lhe deram, por bom direito são dele... Você sabe, quem planta em terra alheia perde a colheita...

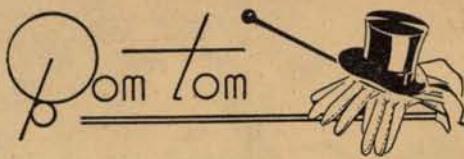
— Dêle! gritou Fortunato com um pulo e um bufo. Dêle! E você tem coragem de vir dizer uma cousa destas, na minha cara, comadre!

Síá Mônica arregalou os olhos, numa tremedeira de malícia.

— Ele mostrou-me os documentos. Uns papéis velhos, amarelados. Mas o Coronel não quer fazer violência. Quer tudo por bons modos, como amigos. Tem dó de prejudicar o comadre. Então eu resolvi chegar aqui, para um acordo. Abra seu preço, comadre. O Coronel não regateia... Quanto quer pelo sítio?

Fortunato inchava, de cólera. Quem ele via à sua frente era o Inácio, não o comadre e amigo dos bons tempos. Síá Mônica vigiava-o com o olhar, temendo uma explosão.

— Olhe, minha palavra é uma só! Uma só.



A noiva não deve fazer nenhum presente ao seu prometido se este nada lhe ofereceu anteriormente. Quanto às datas determinadas, é desnecessário esperar por elas, pois o presente deve ser algo espontâneo e não convencional, podendo, pois, ser feito em qualquer momento.

*

Os presentes trocados durante o noivado devem ser devolvidos no caso de um rompimento. Seria descortesia ficar com eles. Tal ação revelaria propósito de lucro incompatível com uma jovem ou um cavaleiro que se prezem. Ao romperem-se as relações não se devem guardar recordações materiais.

*

Felicitar os amigos e parentes nos dias de seus aniversários, casamentos e outras datas festivas, é uma atenção sempre bem recebida e, por isso mesmo, de grande importância.

Para não incorrer em omissões deve-se ter numa cadernetinha a relação das datas referidas e consultá-la sempre. Quando se tratar de pessoa com a qual se tenha grande intimidade será permitido felicitá-la pelo telefone. Nos demais casos, deve-se recorrer ao telegrama.

*

Quando em visita a seus amigos, jamais se esqueça de que a dona da casa, por mais que o considere e aprecie, detestará que jogue cinza no soalho ou no tapete.

*

Nunca se deve esquecer que as salas de cinema, teatro, ou concertos, não são lugares próprios para manter palestra ou mesmo comentar o espetáculo. Do mesmo modo, quando se conhece o filme ou a peça, não se deve ir anunciando o que vai acontecer, pois tal procedimento revela absoluta falta de civilidade.

*

Ir à residência de um amigo e inquirir o preço dos móveis, adornos, etc., é demonstrar pouco tato social. Essa regra pode aplicar-se aos vestidos, jóias, acessórios. As pessoas que têm esse defeito se tornam intoleráveis. Essas indagações só se justificam quando uma grande intimidade as autoriza.

HERU apresenta o primeiro LOCÃO FIXADORA que não empasta os cabelos e não suja os chapéus.

LOCÃO FIXADORA HERU

— Uma feliz combinação de ÓLEOS VEGETAIS e RESINAS TONIFICANTES. Mantenha os seus cabelos belos, sedosos e bem penteados usando algumas gotas de Loção Fixadora Heru. Ao aplicar, humedeca ligeiramente com água os seus cabelos e fique penteados e dia inteiro.

Perfumaria HERU — C. P. 3486 — RIO

Em 93% dos municípios
brasileiros há segurados
da Sul America.

Em 50 anos de trabalho honesto e construtivo, a Sul America estendeu a 1548 dentre os 1668 municípios brasileiros o seu serviço de proteção à Família Brasileira.

Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida



ouviu? Não mudo de opinião como quem muda camisa. Volte para donde veio. Diga àquele "mata pão" que só sairei daqui morto. Enquanto tiver uma carga de chumbo, ninguém me arranca daqui! E' isso...

Florêncio soprou nova fumaça, demorou para sumirem-se as espirais, pigarreou, a olhar o para o compadre, ora para a mulher, calmo, como não se apercebendo da forte tensão que dominava o casal interdito, a espera da réplica.

— Pois, sinto muito de minha parte, falou ele. Vim de paz, no bom propósito de ajudar compadre. Mas você é teimoso; empacou lá sua idéia... Deixe-lhe dizer uma coisa, obrigação de amigo: o compadre vive fora do mundo, não conhece as trincas da vida. Tirante desta lourinha não sabe mais nada, não frequenta ninguém e não serão estas árvores que lhe valerão no apuro...

Fêz uma pausa, soprou nova fumaça e expeliu, afinal, a pedrinha que o engasgava:

— Pois vou lhe contar: o Coronel vai lhe de mandar e, como o outro que diz, vale mais um mau acordo que uma boa demanda. Palavras do Coronel: "Converse com ele. Veja se o demovem por bem, se o resolve a vender o sítio. Se não puxo pelos meus direitos". Palavras dele, meu compadre. Agora resolva. Eu vim por bem, para apaziguar, como amigo.

Fortunato fez o gesto de quem expulsa:

— Pois volte, compadre! Volte pra donde mandaram. Minha resposta é esta: enquanto eu tiver uma carga de chumbo, ninguém me tirará daqui! Só morto!

Os olhares não se encontraram mais. Cada qual olhava para um lado, vencidos os três pelo constrangimento.

— Pois é... murmurou Florêncio erguendo-se, estendendo a mão para a despedida. Sinto muito da minha parte... O compadre é teimoso; mas sabe que sou o amigo de todas as horas. Quando precisar de mim...

Não houve insistência para retardamento da visita, nem convite para pernoitar, como das outras vezes... Florêncio ficara envolvido no mesmo rancor que sentiam pelo Inácio. Entre eles e os compadres, descera uma cortina de gelo, a separá-los para sempre.

Ao Fortunato doía quase tanto perder aquela amizade como as terras. Decepção, desilusão. Tranco da vida!

A varanda envolvia-se na melancolia acalentadora da hora vespertina.

Marido e mulher ficaram encostados ao gradil do alpendre, acompanhando a silhueta do cavaileiro que subia o morro. E quando esta se perdeu à distância, pirogravura recortada no horizonte batido pelos reflexos do sol a esconder-se, Fortunato aprumou o vulto, com a fisionomia dura, fez um gesto energico com os punhos fechados, e falou à mulher vencida, dominada por triste apreensão:

— Vai, sacristão do diabo! O compadre Florêncio, siá Mônica! O compadre Florêncio! Quem havera de dizer! Por mais um pouco ele aparecia aqui com uma espuma só, que nem meirinho, para o despejo...

Ainda teve ânimo para dar uma risadinha. Mais triste que um soluço... Pendeu a cabeça sobre os braços encostados ao gradil e ficou-se.

Mônica deu-lhe uma pancadinha amiga no ombro:

— Coragem meu velho! Lave seu coração... Vamos entregar tudo a Deus. Porque se amofinar antes do tempo; o que for, soará...

é foi para os seus que-fazeres, carregando metade da máguia, da decepção, das apreensões do marido.

Os rapazes entraram. Vinham da roça, enxadas ao ombro. Encontraram ainda o pai naquela posição, cabeça sobre os braços apoiosos ao gradil. Respeitaram-lhe a atitude, o silêncio ou o sono. Estavam já habituados àquela inércia mordorrente do velho.

A noite foi calmo macia, enterneida, convite para descanso, ninando tudo aos poucos, sem pressa, com mãos de sêda. Não havia som metálico de sino a anunciar a hora da Ave-Maria. Mas o arrastar-se do rio, mais audível na quietude reinante; o riscar de asas de "bilros" retardatários; o mugir nostálgico de bois; o ladrado de cães vigilantes; o rangido da porteira que se abria e fechava com pancada surda; o concerto de júritis e urús nas matas próximas, faziam velório ao dia extinto.

Fortunato ergueu-se de chofre, como se o houvessem expulso de um mundo de cismas. Reconstituiria tóda a sua vida anterior até aquele momento. Dias de lutas, de esforço, de trabalhos rara a alcançada conquista do "ouro verde", mas dias felizes também, abençoados com o amor de Mônica, com a afeição dos dois filhos, com a calma de um viver sossegado, sem grandes ambições, e o consolo de deixar abrigada a família, no gôzo pacífico e descuidado do que lhe custara, a ele, anos e anos de contínuo e árduo labor.

Ergueu-se. Tudo repousava. O céu arqueava-se translúcido, pontilhado de estrélas. Entrou, como sonâmbulo. A mulher e os filhos conversavam na sala de jantar. Ele ainda disse, com uma risadinha de escárneo:

— Ora, o compadre... O compadre...

CAPITULO IV



COMEÇOU então a viver, mais intensamente, a sua vida interior, a sua tragédia iam-se-lhe branqueando os cabelos. Passos tardos. Resmungão, sempre a falar sozinho, gesticulando. Sem iniciativas, baldo de coragem para relembar o antigo dinamismo, continuar na lavoura o ritmo vitorioso. Vivia num assombramento; sentia, esperava que uma "cousa", ele mesmo não sabia o que, negaceava-o para abatê-lo. Nuvem pesada ou pedra que o arrazaria em momento inesperado. Não tinha parada. Delfino ambulatório. Andava pelos cômodos da casa, depois pelos pastos, roças e cafés. Com isto, ia-se-lhe o apetite. E o sono também...

Sia Mônica vivia sobre brasas, em desespere, também sem dormir, agarrada aos santos e santas de sua devoção, a fazer promessas.

— Ninguém me tira da cabeca que isto é "cousa feita"! lamuriava ela aos filhos. E chorava.

A "cousa" veio, afinal e caiu de imprevisto sob a forma de um cavaleiro que apeou à porta da fazenda e entregou a Fortunato um papel. Intimação para comparecer em jufzo.

— Agora vancê faça o favorzinho de siná aqui...

— Assinar o que?

— A contra-fé... Abasta o seu nome aqui em baixo. Vancê sabe, eu cumpro ordens... E' da lei...

A lei, para o comum do povo, é monstro terrível e temível, pelo mistério em que se envolve. É invisível e intangível, mas fere; é imponderável mas acachapa. Como a dor que se não vê, que se não palpa, mas faz sofrer. Cobra de duas cabeças: a uns afaga, protege. A outros enrodilha, morde, tritura, devora. O pobre meirinho era a iei, em carne e osso, ali à mão. Era a lei, e o Inacião e o compadre Florencio... Fortunato avançou para ele num assomo de cólera, prestes a agredí-lo. Salvou-o sia Mônica, que viera curiosa e assustada, ao ouvir a altercação e convenceu o marido a assinar. O homem da lei partiu, quase a galope.

O fazendeiro, ainda numa alucinação de rancor, caminhou rápido para o quarto, apanhou o trabuco e saiu mesmo sem chapéu para o terreiro, aos berros:

— Aquèle Inacião dos quintos! Prego-lhe uma carga de chumbo, e já...

Passara a porteira, quando a mulher veio-lhe ao encolço entre lágrimas, fazendo-o voltar a custo cheio de pragas e ameaças.

— Não desespere assim, pelo amor de Deus! Não se bote a perder e a nós também! Pra tudo há remédio. Vá à cidade. Consulte um advogado. Quem sabe se ele poderá dar outro rumo, arranjar um jeito, uma arrumação...

O homem respirou. Tinha razão a Mônica. Ele não havia pensado nesse recurso. Serenou o espírito.

O advogado, rábula famoso, ouviu pacientemente e atento, como em confissão, tóda a longa e pormenorizada história do Fortunato, fazendo sinais de aprovação, e uma ou outra pergunta. Por fim, deu uma palmada no ombro do consultante, abriu-se num sorriso de satisfação e decretou:

— Seu direito é líquido, meu amigo! Causa ganha, ou será a primeira que eu perca! Mas vai gastar um pouquinho agora...

— Darei até a última camisa do corpo. Não quero é perder as terras...

— Qual perder cousa nenhuma. No fim, o Coronel ainda pagará as custas. Olhe não vá assinando a torto e a direito qualquer papel que lhe apresentarem. Não vá cair nalguma esparrela. Que esta gente do Fôro, tudo uma corja! Pai Tomé tem olho (e puxou com o indicador a pálpebra do olho direito).

Fortunato deixou a procuração e dinheiro para as primeiras despesas, além de metade do prece avencido para o patrocínio da causa.

Ao despedir-se, o róbula espetou-lhe o peito com o fura-bolo:

— Vá confiante e durma sossegado! E, como quem largava pesoado segredo: o senhor, meu amigo, tem a seu favor o uso-capão!

Explicou ao constituinte que "bicho" era esse, em Direito, e esfregou as mãos, talvez como Pilatos, sorridente.

Fortunato voltou "novo" para casa, alegre,

de ânimo levantado, com as boas falas do insinuante patrono. Aquêle uso-capião parecia-lhe um tacape achatando o "côco" de Inacião. Couraça, escudo amparando todos os golpes do adversário. Manto protetor. Ele era jurado; eleitor; lia jornais de vez em quando, por alto, apenas para colher alguma notícia do que se passava pelo mundo. Fora disso, vivia todo entregue à lavoura e à família. Vivia fora do mundo como dissera o compadre. Um "inocente", quase.

— Siá Mônica, gritou êle prazenteiro, ao pular do animal. Está tudo arranjado! Temos uso-capião!

— Minha Nossa Senhora me valha! exclamou a mulher assustada, pensando que o marido ensandecera de todo. Temos o quê?

— Uso-capião! Pois não estamos aqui há mais de trinta anos? Daqui não sairemos nem à mão de Deus Padre!

Renascimento temporário de tranquilidade. Um pouco de alegria e esperança amortecendo lembranças de inquietações e incertezas. O uso-capião parecia guarda-sol aberto sobre o sítio.

Mas um dia Fortunato começou a cismar. Foi-lhe voltando a casmurrice, o alheamento. Mêdo aos meirinhos. O advogado recomendara-lhe cuidado. Passou a viver a maior parte fora de casa como toragido. Safa cedo; voltava depois de entrada a noite, cauteloso para não ser pilhado para alguma intimidação. Encontrava às vezes em casa uma carta do advogado ora pedindo mais dinheiro para custas, preparo de autos, etc.; ora chamando-o para conferências.

Para estas despesas era vendido sempre o que estava mais à mão: gado, partidas de café, porcos, tudo pelo primeiro preço encontrado.

Siá Mônica e os filhos discutiam, assombrados. Não podiam contrariar o pai. Este, agora calmo, sorridente, senhor de si, confiante, dizia a cada venda efetuada:

— Vão-se os anéis, fiquem os dedos. Tenho uso-capião.

Assim ia-se limpando a fazenda do quê mais valia, para alimentar a demanda. A lavoura, paralizada ou quase.

Fortunato varrera da lembrança o compadre com o mal feito dêste. Tinha agora o uso-capião. Dava-lhe corpo; tornara-o tangível; falava com êle; ouvia-o. Espécie de amuleto; ou, antes, de capanga que o protegia. Com isso teve dias mais calmos, noites saudáveis de sono que o refazia e dava tréguas à família.

Esta, porém, não sabia o que se passava quando ele saía em passeios demorados pelos arredores. Sentava-se numa pedra, alizava-lhe o dorso com carinho e segredava-lhe:

— Esteja sossegada! Temos uso-capião!

Abracava uma árvore ou acariciava o lombo de um animal, e dizia-lhes em confidência:

— Não nos separaremos... O uso-capião... A demanda arrastava-se, ora para diante, ora para trás ou para os lados, com demoradas interrupções, férias, suspeições, chicana, recursos, apelações...

O tempo corria neste vai-vem desolante. Dias, meses, anos de impaciência para sia Mônica e para os filhos, e de inconsciência para o pai que se embrulhara no uso-capião e esperava tranquilo.

A fazenda desmantelava-se, contagiada pelo desalento, tristeza, inércia dos proprietários.

O Direito é corda sinuosa, que se espicha e se torna tensa quando puxada pelas extremidades. E arrebenta, também.

Inacião a puxar dum lado, Fortunato a puxar do outro, tanto fizeram que arrebentaram a corda. E quem caiu de costas foi o mais fraco — o Fortunato. Não aguentou o arranço.

Ao receber a decisão final ficou de olhos arregalados, a tremer como juncos, sem entender, nem perguntar as palavras e explicações do advogado lastimoso:

— É a primeira destas que perco... Uso-capião! causa ganha! E veja o senhor, tudo vendido, escrivães, testemunhas, juízes, tudo! Corja!

Ele nada ouvia. Não se despediu. Cavalgou automaticamente para casa.

— Uso-capião! gritou mal pisou em terra, com entonação de general vitorioso. E logo soltou uma risada alta, soturna, cuja modulação fêz arripiar de pavor a mulher e os filhos que o esperavam ansiosos, na varanda.

Sentou-se ali mesmo, no seu canto costumeiro. Procurava desesperadamente com o olhar inquieto, alguma cousa; qualquer cousa visível para êle só. E ficou assim longo tempo, nessa busca inútil e misteriosa, repetindo ora baixinho, ora em tom mais alto, a mesma palavra — uso-capião... uso-capião...

A mulher devou-o para dentro, carinhosamente; êle deixou-se ir com docilidade de criança.

— Venha descansar seu Fortunato, venha! Você precisa dormir...

Deitou-o. Deu-lhe um chá de erva cidreira. Ele dormiu um sono reparador.

Dai por diante ficou num indiferentismo de pedra, fisionomia serena com eterno sorriso desconcertante, máscara de menino barbado e travesso.

Sentava-se, erguia-se, andava por toda parte, murmurando sempre como em oração, a palavra fatídica e única que se lhe enquistara no cérebro já perturbado.



Fortifica, nutre e
revigora. A maneira
mais fácil e segura de
tomar-se o legítimo
óleo de fígado de
bacalhau

Emissão de posse.

Inacião era piedoso e condescendente. Não queria vexar com violências tão bom vizinho. Antes de qualquer procedimento judicial mandara emissário recumante de tolerância e bem querer. O Coronel lastimava ter sido obrigado ao extremo de uma demanda. Fortunato era teimoso, não houve outro jeito. Mas não queria deixá-lo e mais a família ao desamparo. Poderia continuar ali mesmo, como administrador. Daria trabalho também aos filhos. Quanto à casa de residência, desejava instalar-se nela. A família poderia residir numa das dependências da fazenda.

O emissário deixou, com estes pingos de piedade, prazo marcado para a entrega de tudo.

Síá Mônica e os filhos formaram conselho. O pai, ao lado sorria, inocente.

— Não! decidiu a mulher, com aprovação dos filhos. Nada mais daqui! Fique-se ele com tudo, tudo! O juízo do pai, que ele tirou, nunca mais poderá dar de novo. Que importa o resto? Deus proverá...

Deliberaram partir para a cidade, onde se instalariam à espera de novo rumo. Síá Mônica chamou João Congo, preto velho encarregado do curral e dos porcos:

— Pai João, vamos de mudança para a cidade. Você poderá ficar aqui tomado conta disto. O novo dono com certeza lhe dará serviço.

O africano ficou algum tempo mudo, com a cabeça a tremer, os olhos baixos. Limpou umas lágrimas e faiou em surdina.

— Sínhá manda, nego véio tá i... Ei, mundo, mundo...

Saiu cabisbaixo, arrastando as alpercatas.

Partiram pela manhã, deixando João Congo na porta de casa a fitar com olhos compridos e molhados o caminho. Afastaram-se a pé, morosos, como se fôrça estranha os prenhesse àquele chão, ou os chamasse de volta, com enternecido apêlo.

Síá Mônica ia ao lado de Fortunato, sempre risso. Atrás vinham os filhos com as trouxas, cada um com a sua espingarda, acompanhados por duas trélas de cachorros paqueiros.

Ao chegarem no alto do morro, Fortunato teve inesperada revolta. Quis voltar. Estacou, de frente para a fazenda banhada de sol. Esteve longo tempo assim, como em difícil trabalho de memorização. Como se o fulgor de um relâmpago alumiasse as trevas daquele cérebro perdido, sacudiu o punho fechado para a fazenda e gritou:

— Maldito! Maldito até a última geração!

Derradeiro e inesperado lampejo de razão. Seguiu depois, saltitante como criança a brincar, cantarolando: uso-capião... uso-capião...

Síá Mônica abriu-se num pranto dolorido. E o bando seguiu.

Inacião tomou conta de tudo. Aumentou a casa, onde se instalou com a família: um puxado aqui, outro ali. Derribou matas; encheu os morros de cafeeiras. Desenvolveu e incrementou a lavoura, que causava inveja.

Mas, inexplicavelmente, deu-lhe o "tangolomango". Começou a ir para trás; prejuízos uns sobre os outros; doenças em casa. Perdeu o prestígio político. Os sucessores tiveram sorte idêntica; mal fiam se aprumando, caíram em desgraça. Mesmo estranhos que ocupavam transitóriamente a fazenda, sofreram nela e a abandonaram. Por fim ficou largada, inabitável, com a marca de maldita.

(Continua no próximo número)



McC
A tonalidade "Amor" do baton Van Ess é preferida por milhares de mulheres — por que é uma cor que realmente sugere o seu próprio nome.

A qualidade, o tamanho e o preço de Van Ess fazem-no preferido em toda parte.



a cor moderna adequada ao seu tipo.

Para uma perfeita combinação — pó facial e "rouge" atomizado



CUIDADOS ESPECIAIS COM A SUA BÔCA!

O mau hálito afasta qualquer admirador de uma mulher, por mais bonita que ela seja! Por isso mesmo, toda mulher deve usar diariamente um preparado realmente eficiente no combate às gengivites, estomatites e todos os males da mucosa bucal que produzem o mau hálito: — o grande inimigo da felicidade feminina! Combatendo as aftas, gengivites e estomatites em geral, BUCOSAN dá uma sensação de bem estar e assegura um hálito agradável e perfumado.



VIDRO Cr\$ 10,00 pelo Reembolso.

Bucosan
MANTEM A BÔCA SÃ
LAB. INHAMEOL • RUA JANUÁRIA, 258 • BELO HORIZONTE
MEL ALTEROSA

AS RAZÕES METAFÍSICAS...

CONTINUAÇÃO

A SOMBRA QUE NOS
PERSEGUE: VELHICE



USE

EUTRICHOL

E NÃO FIQUE DE LADO NA VIDA

Àproveite os prazeres que o mundo lhe oferece, cuidando de sua aparência e evitando o espantalho da calvície, caspa e cabelos brancos, usando EUTRICHOL que evita a queda do cabelo, caspa, e oixa sem empastá-lo ou endurecê-lo. EUTRICHOL à base de plantas medicinais - inofensivo à saúde - revigora o couro cabeludo e concorre para o seu sucesso. Comece a usá-lo hoje mesmo. Para fazer voltar o côn natural aos seus cabelos brancos exija EUTRICHOL, tipo especial.

REMESSA PELO REEMBOLSO POSTAL
MULTIFARMA - Indústria e Comércio Ltda.
Praça Patriarca, 26 — 2.º and. — São Paulo

Um Encanto

Lindo e útil presente. Maquinha de Calcular de Bolso. Manejo fácil. Construção metálica e inquebrável.

Despachamos pelo Reembolso Postal para qualquer localidade. Preço Cr\$ 60,00. Com estojo de couro Cr\$ 70,00.

BAZAR PAULISTA

Caixa Postal 71

TEOFILO OTONI — MINAS

tras mesas também vinham outros risos, ou olhares curiosos e espantados. Nessas ocasiões, quem está não deve sorrir para os lados, e dirigir a palavra ao mais próximo, com um gracéjo amável qualquer — antes que o mais próximo dirija primeiro o gracéjo. O fato é que eu já sentia também o efeito do "cognac". O ar parecia ter esquentado, sobretudo o ar que se situava em volta do meu nariz. O Antero diria: "Os átomos de ar que cercam os átomos do teu nariz..." Percebi que o Moura repunha o amigo na cadeira e lhe sussurrava:

— Que é isto, rapaz!

Antero afastou-o com a mão e voltou-se para o meu lado:

— Deixe eu lhe explicar. Tôdas as coisas... percebe?... são montes de átomos. Leibnitz é quem tem razão... Átomos constituidos de fragmentos infinitesimalis de eletricidade... O cosmos todo é uma contínua vibração de eletricidade, percebe o senhor?

Acenei que sim. O Moura estava um tanto assustado, mas a sua admiração não se extinguira, não se extinguiria nunca...

— Pois minha mulher não percebe. Nem você mesmo percebe, Moura... Que me importa? Eu tenho para a vida a resignação que se deve ter depois de encarrá-la como uma série de acontecimentos ocorridos aos átomos... Imagine o senhor: um amor que brota, por exemplo. É uma simples atração atômica, regida por uma lei semelhante à de Newton. Por que então fazer versos, e chorar, e esperar oportunidades, e... e respeitar conveniências...

... Enfim, são átomos... Se uma primavera nos inunda os pulmões de átomos perfumados, se o montículo de átomos que nos atrai está longe ou perto de nós, se esborracha num sorriso as células que lhe formam a boca, o homem se debate e se angustia... e no entanto, isto é um fato que diz respeito a átomos... Deve-se olhar o céu, e lá em cima, nalguma estrelinha azulada, haverá outros átomos amando e sofrendo. O homem superior deve desprezar estas coisas... Já reparou como este "garçon" custa a nos dar de beber? Rapaz! Veja esta mesa aqui! Isto é um Saara!

— Traga-me alguns átomos de "cognac", disse o Moura, num jeito que poderia ter sido uma pilharia.

— Minha mulher não me co-

nhecia pensando assim, não. Amélia pensava que eu havia de ser sempre um adolescente um tanto aflito. O senhor sabe o que é ter dezoito anos e ir passear na Praça da República, de mãos dadas, um riso nos lábios, nos olhos, um riso que a gente dedica a vida toda? Oh, há reflexos verdes... verdes, no fundo do lago. De cima da ponteinha é possível reconhecer o nosso próprio rosto na água, e um outro rosto delirantemente alegre... E Amélia... por que estou lá com Amélia, percebe?... Amélia deixa cair na superfície da água uma folha de árvore que tinha na mão. A água tóda tremiu, num arrepião, as imagens se deformaram... Deformaram, está ouvindo? Deformaram... Foi a minha deformação também, até hoje... Não é verdade, Moura? Quanto mais a gente se aprofunda nos mistérios da vida mais despreza as deformações que o próprio mistério traz... Cheguei ao átomo, seu Silva, ao átomo!

Sacudi a cabeça, para entender o raciocínio do Antero, tão particularmente claro naquele dia. Verifiquei apenas que a minha cabeça continha sons ondulantes e pesava. Como devia ter sofrido a senhora Antero até que o marido chegasse ao átomo! Presentemente, já chegado e já bastante atomizado de "cognac" o homemzinho debatia-se numa tonteria, como se o tivessem despejado no vácuo. Eu também via esferas de vidro, girando, quando fechava os olhos. Vinha caíndo em câmara lenta, caíndo, e de repente o bar se acendia de novo diante de mim, com os olinhos do Antero na minha frente, aparentados e vermelhos, piscando. Nos cantos da sua boca brotavam gotinhas de saliva que ele se esquecia de enxugar. O que o preocupava era o átomo, a causa final da sua filosofia, onde ele via a aprender o desdém de tudo, o repúdio da vontade, do ardor da luta, da satisfação de possuir, ainda assim, assaltavam-no impetos brasileiros de oratória; subitamente erguia um braço, abanava-o no ar e gritava:

— Sou um homem livre!
Acompanhei-o:

— Viva o átomo, senhor Antero!

O átomo (o átomo e o "cognac") libertaria o sr. Antero.

(Conclui na pg 46)



Fálio

OS que se ufam de nossa terra, desde Rocha Pita até Afonso Celso, difundiram na história do Brasil o boato de que a nossa primavera é eterna. Como as mentiras agradaveis ao patriotismo, esta também se transformou em crença, sendo por isso impatriotico negá-la, mesmo com provas. Mas em verdade vos digo, não é eterna a primavera entre nós. Quem já viveu no interior e passou dias em contacto com a Natureza, sabe bem como as árvores, os animais, os pássaros, até as águas vivem, em todas as suas modalidades, a vida clássica das quatro estações do ano. E a mesma coisa se nota também nas cidades, quando de observar com certa minúcia ou paciência.

Em agosto, pode-se observar, no mirante de qualquer fazenda, a desolação que vai pelo campo e pela mata. É tudo seco. As aves não vôam. Às vezes, um gavião solitário permanece horas e horas em cima de um galho de uma árvore sem folha, mostrando na meditação a tristeza geral das coisas. As folhas caíram todas, cobrindo o chão. Batidas de sol, quietas, as águas dormem ou então rolam sem barulho. A mata é uma multidão imensa de braços nus erguidos para o céu. Cór de terra, os campos se desenrolam a perder de vista. Só o pio intercedente da perdiz se ouve no descampado. Há melancolia no coração dos bichos, das plantas e das aves. Mas, de repente, na escurdão das noites, a gente vê, ao longe, no cimo das serras, um clarão enorme. E' o inicio das queimadas. Logo elas se irradiam e, durante noites e noites, se vêem os cintos dos fogos nas serranias, como se brotassem vulcões por todos os lados. E' um espetáculo bonito. Em pou-

co, é tudo cinza, parecendo que a morte espalhou o sudário na Natureza. Ah mas assim que entra o mês de setembro, a gente começa a sentir que a primavera, com sinais alegres, muitas vezes mesmo quase imperceptíveis, começa a se anunciar de mansinho. E ela vai aparecendo em toda parte, nada a abafa. No romance da *Ressurreição*, Tolstoi mostra isto bem. Até nas grandes cidades ela se infiltra por todos os lados. Entre os interstícios das pedras das calçadas, vê-se uma ou outra flor brotando em planta rasteira e minúscula. Nas janelas, florinhas azuis surgem em vasos. A face das mulheres fica mais fresca, imitando a pele das rosas. Uma canção de garoto indica que a alegria também es-

primavera, a maioria deles, persevera no egoísmo, na inveja, na luta, na ambição, na ansia de amontoar uns papéis chamados cruzeiros. Compra coisas e vende coisas. Compra a máquina automovel, entra nela e atira-se contra outros, matando e morrendo, com notícias amaveis nos jornais. Se perde cruzeiros em transações, sofre ou se suicida, sem saber siqueir que ai fôra existe a primavera, e as plantas e os animais estão a mandar alegre e festivamente. Bicho idiota, o homem. Que burrice! Tudo o que é belo, vivo ou feliz, a sua razão ou sua estupidez — é a mesma coisa ou vale a mesma coisa — obriga-o a gozá-lo em sobressalto ou

em segredo. Apaga a luz para beijar a mulher que ama! Para lhe declarar amor, recorre à charada dos versos. Para fazê-la feliz, pensa que é preciso ajuntar dinheiro, quando basta somente a primavera. Mas quando ajunta dinheiro, já está velho e velha também a mulher que ama.

Não sabe que a primavera não espera, a primavera não acredita em cruzeiros. O resultado é conhecido: valetudinário, decrepito, rico, entende de comprar o amor, não sabendo, o imbecil, que é a única coisa neste mundo que ainda não se vende. Ao lado, percebe que não viveu e até que, por via disto, não sabe morrer, arrependido de não ter vivido. Bicho idiota!

EIS A PRIMAVERA...

Alberto Olavo

tá nascendo nos corações. E daí a pouco, a primavera explode, ri e canta na natureza e nas almas.

O mundo se transforma em flor. E como é bela então a vida no campo! Quer de dia quer de noite, nós a sentimos no ruído e no perfume, na estrela e no coração. Vamos em viagem, atravessamos a mata. Que perfume nos envolve! Do seio das árvores, todas com folhas novas e com flores, vem-nos o aviso romântico do pássaro querido. Vamos andando e ouvindo cada instante:

— João-corta-pau... João-corta-pau...

Na charneca, em meio das águas estagnadas, mas cheias de ebulição, a saracura *três-potes* grita de vez em quando. Si subimos a cavalo o alto de uma serra, ouve-se lá longe, num capão distante, o anuncio do *peixe-frito*. Não há dúvida, todos amam, é a primavera.

Agora, o que admira é que só o homem, único individuo dito racional, é que, indiferente à

Môcos que ainda não vos entorpecestes nos maus sentimentos que movem os homens, eu vos digo: aproveitai a primavera. Vivei. Amai. Mandai ao diabo a política, os negócios, as ambições. Amai, que ai está a primavera, estação de amores...

DE MÊS A



O DR. FENNER Brockway acaba de informar que num hospital de Hamburgo o cabelo humano foi convertido em alimento.

Cobre a terra noite espessa
Loucuras que nunca vi:
— Que belo prato a cabeça
Da loura que vai ali!

Eu quero com todo zélo
Preparar êste "menu":
Três cachos do teu cabelo,
Tomate, limão, caqui...



FOI descoberto nos Estados Unidos, um processo para evitar o "ronco" de quem dorme. Trata-se de um aparelho que é atado às costas do paciente. O indivíduo não só deixará de roncar, como também não falará durante o sono.

O invento é devérás lindo
Para acalmar os mortais:
Aquêle que está dormindo,
Agora, não fala mais.

A esposa de atento ouvido
Perde o tempo, se quiser
Ouvir, dormindo, o marido
Falar de uma outra mulher...

MÊS ★ Versos de GUILHERME TELL Bonecos de FÁBIO ~

SEGUNDO dados colhidos nos manicômios da América do Norte, trinta por cento dos que ali vivem enlouqueceram pôr motivos passionais. O remédio para essa espécie de loucura, dizem os cien-tistas, é o casamento.

*
Os jovens, neste momento,
Que cuidem do coração:
Os doidos, trinta por cento
São doidos só por paixão.

Depois do caso estudado,
A medicina assegura
Que é o amor contrariado
Tôda a razão da loucura.

O casamento é a mais bela
Receita, diz o doutor:
Vai-se a loucura e, com ela,
Lá se vai, também, o amor...



NOTICIAM os telegramas que acaba de morrer em Sydney, na Austrália, John Beneli que trazia tatuados, no peito e nas costas, os nomes das três mil mulheres que amou. No peito trazia escrito os nomes de trinta Marias e, nas costas, vinte Petrinhas.

Bem contente e satisfeito
Vivia o homem, pois não:
Trinta Marias no peito,
Nenhuma no coração.

Idéias raras e finas
Tinha, de fato, o madraço:
Nas costas vinte Petrinhas
Carregava sem cansaço.





IDEAS PLUMAS



AMENINA rica, filha de abastado fazendeiro do interior, veio para aqui com o fio de encontrar um bom partido. Deixou, ao tomar essa resolução, um primo apaixonado, que lá ficou na aldeia a contar os dias da sua ausência.

A garota, a princípio, julgou fácil a tarefa. Rapazes bonitos

e boêmios cercaram de atenções a garota inexperiente. Bailes, passeios de automóvel, festas, vida fácil e agradável. No fim de dois anos, verificou a ingênuo menina que nenhum dos seus admiradores se declarava honestamente. Lembrou-se, então, de uma lagoa de sua fazenda, famada pelos seus peixes ladrões, peixinhos pratados que comiam a isca e não caiam no anzol. O Bolívar e o Fernando eram os tais peixinhos. Com que dificuldade ela defendera a isca

nos passeios de automóvel ao luar com aqueles espertalhões! Como a razão visita algumas vezes as cabeças mais desmioladas, em certa noite pensou no primo inconsolável do arraial e tomou a resolução de voltar. Voltou e casou-se logo. As amigas que vinham para aqui sonhando bons partidos ela, já agora experiente, aconselhava, pensando nos peixinhos da fazenda: — Muito cuidado com a isca...

*

AS vêzes a lei só vem atrapalhar, dizia madame Hortência Semistral, numa reunião elegante, no seu lindo palacete. Referia-se a ilustre senhora à prisão do viajante de importante casa comercial, casado com oito jovens, metodicamente distribuídas pelos Estados, principais pontos das suas atividades. E acrescentava:

— O moço infatigável construiu oito lares em várias Capitais. Mantinha, em todos eles, as esposas com certo conforto e bem estar. Saia do Rio em demanda ao norte parando, em cada lar, um mês para matar saudades e vender os artigos do seu comércio. Semeava um ano. No ano seguinte colhia nos braços paternais o fruto do seu trabalho, crianças lindas que haviam nascido na sua ausência, mas que já balbuciavam o seu nome. O viajante ardoroso

dava-lhes a bênção e prosseguia na sua rota prolífica. Nada faltava às esposas que se satisfaziam com ternuras anuais e aos filhos que já se haviam acostumado com aquélle pai sempre ausente. Uma mineirinha inquieta, esposa do fogoso "cometa", descobriu que o marido era um sultão. Em vez de se

conformar com a sorte, procurou o delegado e contou tudo. E o que aconteceu? Foi preso o pai de dezenas filhos, os jornais publicaram a notícia e oitocentos foram destruídos. A lei só veio atrapalhar. Se tudo ficasse como estava, algumas esposas morreriam, os filhos se tornariam, quando crescessem auxiliares do pai, e, provavelmente, o tempo acertaria tudo.

— Então a senhora é a favor da poligamia? — perguntou alguém.

— Absolutamente. Sou apenas contrária à lei, quando ela vem prejudicar uma situação irregular mas estável. O "cometa" só fez mal em se casar. Poderia ser polígamo dentro da lei, como são todos os homens. Arrematou madame Semistral, com seus quarenta anos de experiência da vida e do mundo.



*Nova caricia
para a sua cútis*

O NOVO PÓ DE ARROZ
A SUMA



Um toque de exotismo
e de sonho.

Coty



-cada aplicação, mais horas de beleza para seus lábios!

PARA O LINDO rostinho louro, ou para a meiga face morena... para as personalidades inquietas e provocantes ou para as almas sonhadoras e discretas... êste novo batom oferece — *uma cor especial!* Escolha, na variada gama de tons Pond's, o batom que condiz com seu tipo. Lips Pond's não racha, não resseca, proporcionando perfeita aderência e duradoura beleza. Adote desde hoje Lips Pond's.

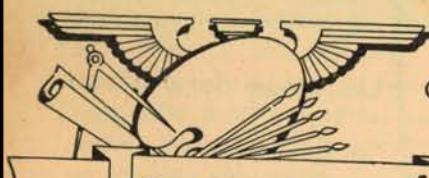
LIPS POND'S

mais lindas tonalidades:

HEART-THROB • HONEY • RASCAL RED • BEAU BAIT • DARK SECRET



NATURAL



DESENHOS
COMERCIAIS
TECNICOS E
ARTISTICOS

ROCHA

CARTAZES
GRAFICOS
ROTULOS
ILUSTRACOES
CARICATURAS

RUA ESP SANTO, 621-ESQ. AVENIDA-ED.CRISTAL
15 AND. SALA 4 - FONE 2.6707-BELO HORIZONTE



Salosin

use na:

**BRONQUITE
G R I P E
C A T A R R O
T O S S E**

LÁ FORA, a cálida manhã do Missouri enchia de regozijo os corações dos expositores da Feira Mundial e uma alegre e ataviada multidão serpeava ao som das vivas melodias de 1904. Dentro, porém, do frio e severo edifício de tijolos vermelhos a algumas quadras além, onde se reunia a Convenção da Associação Internacional dos Chefes de Polícia, a atmosfera era tensa.

— “Tenho em minhas mãos um conjunto de fichas com sinais de dedos”, declarava o orador, um bigodudo oficial do oeste, dirigindo-se ao volumoso homem que ocupava a presidência. “Vós alegrais que borrões como estes estabelecerão, positivamente, a identidade de qualquer pessoa”. E, levantando sua voz em desafio, acrescentou: “Dizei-me, Sargento Ferrier, o nome e os antecedentes criminais do possuidor destas impressões digitais!”

O Sargento Ferrier, da Scotland Yard, que tinha vindo à Feira Mundial de St. Louis vigiar as jóias da coroa em exibição no Pavilhão Britânico, olhou para os papéis lançados em suas mãos.

— “Sem dúvida”, disse ele. “Se me permitirdes uma comparação a ser feita nos escritórios em Londres, ficarei muito grato”.

Algum tempo mais tarde, o sargento reapareceu diante da Assembléia dos Chefes de Policia.

— “Tais impressões”, disse, “são de Percy Ogilvie, batedor de carteiras e vigarista que foi preso várias vezes na Inglaterra e que ultimamente não tem sido visto. Pensa-se que ele tenha vindo para a América. E aqui está uma descrição do homem, acompanhada de sua fotografia”.

Os chefes entreolharam-se com espanto. Era incrível! Baseados apenas em alguns borrões de dedos êsses britânicos tinham positivamente identificado um criminoso!

Dentro desse ano mesmo, St. Louis havia modificado tanto sua atitude desconfiada que ali foi criado o primeiro **bureau** de identificação dos Estados Unidos. Funcionários identificadores, todos pela lógica daquele simples test, de todas as partes do mundo donde tinham vindo, começaram a planejar para os seus próprios países sistema semelhante. Em 1905, o Exército dos Estados Unidos inaugurou um serviço de impressões digitais para todo o seu pessoal. Assim, em pouco tempo, a humanidade iniciou um sistema de identificação que tem provado ser poderosa salvaguarda da liberdade e do indivíduo.



O SELO INVOLÁVEL DAS IMPRESSÕES DIGITAIS

AS IMPRESSÕES DEIXADAS POR VOSSOS DEDOS SÃO
A VOSSA MAIS SEGURA CARTEIRA DE IDENTIDADE

William Stephenson
"De Coronet"

Até esse tempo o mundo havia procurado em vão pelo segredo da completa identificação. Gente havia se tatuado, pintado e medido; intrincados padrões e selos tinham sido criados; medidas haviam sido tomadas de cabeças, braços e pernas, corpos; famílias inteiras haviam percorrido fantásticas distâncias afim de estabelecer ou provar a identidade de seus componentes. E não obstante, a todo momento, a marca distinta, tão imutável como o inviolável granito, estava exatamente nas pontas de seus dedos.

Hoje o mundo reconhece o valor vital das impressões digitais. Os entendidos não sabem porque a natureza colocou-as em tão proeminente lugar, mas pensam que seja por causa de as alternadas salinências e depressões tornarem mais forte a pele, do mesmo modo porque uma peça de ferro corrugado é mais forte que uma placa lisa. Também os sinalis digitais protegem os pôros da sudação, dão às mãos um melhor jeito de segurar as coisas e aguçam o sentido do tacto.

Uma vez que se formaram os sinalis digitais, êles serão vossos

por toda a vida. Salvo se cortardes vossas mãos e pés, não poderíeis destrui-los por tempo nenhum. Vossa nariz pode arquear-se, vossa letra pode alterar-se, vossa cabelo pode cair, óculos escuros poderão modificar vossa aparência mas desde o dia em que os vossos dedinhos de criança mancharam a parede do quarto onde engatinháveis, aquelas impressões digitais nunca se modificarão, nem levemente.

John Dillinger, o Inimigo Públlico n.º 1, não acreditava nisso. A custa de muitas dores e despesas fêz queimar o centro das pontas de seus dedos com ácido pensando que a trapaça enganaria a polícia. Tivesse ele convidado os policiais para um encontro e não teria prestado melhor serviço.

"Que razões teria esse homem para mutilar o centro da ponta de seus dedos?", perguntavam os defensores da lei através de todo o país quando corriam em perseguição do homem que havia deixado semelhantes impressões digitais. O resultado foi que puseram todos os agentes disponíveis na pista dele, pois que o possuidor de ta's impressões devia ter

o que esconder da polícia. Com o tempo, as impressões digitais de Dillinger tornaram-se tão conhecidas que mesmo o mais crú dos delegados podia reconhecê-las de um só golpe.

Todas as impressões digitais incidem em dez classificações, diferentes uma das outras pelas presilhas, verticílios, arcos, ganchos e etc. Fora da centena de impressões comuns tereis cerca de sessenta presilhas, cinco arcos e trinta e cinco verticílios e compostos, sendo estes últimos combinações de dois ou mais elementos outros. Ocionalmente, um acidente, uma impressão que não cabe em nenhuma das dez classificações, altera tudo, mas, via de regra é facilmente catalogada pois que é uma raridade. As presilhas desde que delas existem várias, podem ser sub-divididas em classificações menores; isto é feito indicando-se a direção em que se curvam, ora para o polegar ora para o dedo mínimo.

Uma das mais notáveis observações acerca das impressões digitais — e podeis examinar vos-

(Continua na página 124)



ÀQUELAS MÃOS

Seria mais profundo o mar, e o firmamento;
Vibrariam nos céus, acordes; haveria
Na dor, na própria dor, lampejos de alegria;
Seria até prazer o maior sofrimento;

Saltaria, em meu peito, o coração, violento;
Gritaria em meu ser tal clamor; ah! seria
Tão intensa a emoção, e o alvorôço, à porfia,
Que, de o pensar — que horror! — já quase o
[experimento;

Perderia por certo as ambições daninhas;
Haveria mais luz; na luz, mais claridade;
Voltaria o clarão da esperança ilusória;

Sentiria — Deus meu! — tonto de tanta glória,
Num minuto de amor, toda uma eternidade:
Se eu pudesse prender as suas mãos nas minhas!

Sebastião Noronha

OLEGÁRIO
MARIANO

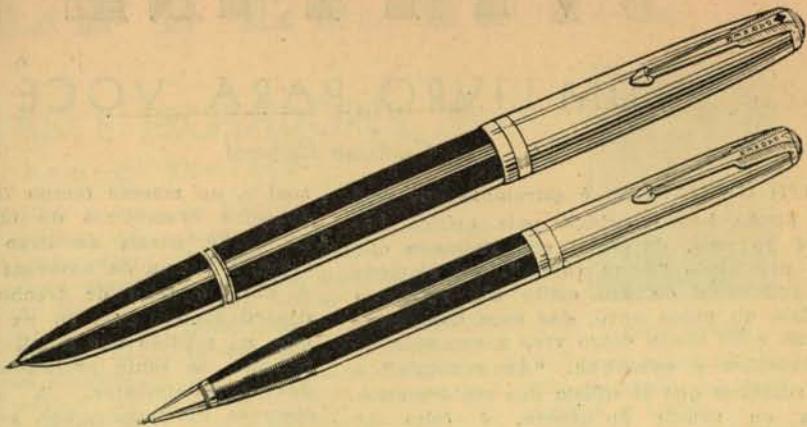
AQUELA VOZ... •

A voz que escutas, flébil e macia,
Tôdas as tardes, quando morre o dia,
Essa voz que de leve ao teu ouvido
Passa como uma abelha sem ruído,
Voz que é conforto, voz que é lenitivo,
Voz que é canção de pássaro cativeiro,
Voz de ióiba que espera a voz do vento.
É a mensagem de um alto pensamento
Que alguém te manda, quando morre o dia,
Para que tu, na tua dor sombria,
Transformes a esperança que te engana
Em novas fôrças para a luta humana.

Presta bem atenção na voz que escutas:
Ansias desesperadas, dramas, lutos,
Blasfêmias tantas vezes sufocadas,
Viúva — resto de vidas mutiladas,
Tédio aumentando inquietações secretas,
A nostalgia das paisagens quietas,
As noites sem dormir, de olhos enxutos,
Contando as horas mortas e os minutos,
Pensamentos recônditos, torturas,
Ódio e inveja de pérfidas criaturas,
Renúncias, preconceitos, duras penas,
Tudo esqueci para dizer-te apenas
Na voz que escutas quando morre o dia.
Este deslumbramento, esta magia,
Este sonho — miragem surpreendente
Que me conduz os passos para a frente,
Olhos vendados, coração sangrando...

Esta é a triste mensagem que te mando,
Repassada de amor e de poesia
Tôdas as tardes, quando morre o dia...





Mundialmente famosa, a Parker "51" resolve qualquer dos seus problemas de escrita!

Este jôgo admirável — lapiseira e caneta — valorizado por lustrosos corpos de lucite, foi desenhado, de ponta a ponta, para satisfazer às preferências mais requintadas do futuro.

A caneta é a "mais desejada" em todo o mundo... a famosa Parker "51", que escreve seco com tinta líquida. Dispensa mataborrão. Um alimentador especial permite que a sua ponta de ouro de 14 quilas-

tes entre instantâneamente em ação. Ela desliza tão suavemente, tão facilmente sobre o papel, porque possui, na extremidade, uma polida esfera de osmirídio.

Completa o jôgo uma perfeita lapiseira que escreve e opera à mais leve pressão. Qualquer revendedor pode mostrar-lhe estes produtos Parker, modelos de precisão em desenho, em construção e acabamento, verdadeiras obras-primas.

Representantes exclusivos para todo o Brasil e Posto Central de Consertos:

COSTA, PORTELA & CIA.

RUA 1.^o DE MARÇO, 9 - 1.^o ANDAR - RIO DE JANEIRO

Em Minas Gerais: Rua dos Carijós, 279 - Belo Horizonte

VITRINE

★ UM LIVRO PARA VOCÊ ★

Cristiano Linhares

RUTH GUIMARÃES é estreante que está sendo bem recebida pela crítica honesta do país, devido a seu romance que tem por título "Água funda". Os elementos principais de seu estilo são retirados da fala do nosso povo, das suas expressões típicas e do modo como vive a sua vida de atribulações e canseiras. "Água funda" é um romance que se afasta dos moldes clássicos ou usuais do gênero, é feito de uma série de cenas e de fatos que caracterizam o homem do interior. A autora conhece bem o mundo que descreve e analisa, estabelece vendo que nele viveu e sofreu. Não tem nada de superfluo no que conta, adota a maneira direta e vivaz de dizer as coisas. Mas a sua força maior está na originalidade da linguagem, no estilo pes-

soal e, ao mesmo tempo fiel na cópia dos aspectos dramáticos do mundo. Também há muita poesia no livro dessa escritora moça, a poesia da natureza e a das almas. A obra é feita de trechos na aparente desarticulados, mas só na aparente, porque, na medida que a leitura vai se desenrolando, se sente perfeitamente a unidade dos conhecimentos. A romancista não descreve os personagens, como é de regra, já é um método que está cansando os leitores. Neste romance, os personagens vivem pelos atos, pela conduta, pelo comportamento uns com os outros. O romance possui movimento e nela as figuras se desenham e se diferenciam. Por essas razões, a leitura se torna interessante e sempre agradável, é verdade que esse encanto ad-

(Conclui na pag. 130)

★ NOVAS EDIÇÕES ★

POESIAS ESCOLHIDAS — Adelmar Tavares
— Livraria Editória Zélio Valverde.

Adelmar Tavares, o consagrado poeta brasileiro, reuniu, num elegante volume, algumas das suas belas poesias, extraíndo-as de vários de seus livros já esgotados. E foi uma idéia feliz, pois muitos de seus admiradores já sentiam saudades dos lindos versos do admirável cantor das noites cheias de estrelas... *Poemas Escolhidos* é uma luminosa reafirmação do alto valor do estro do lírico pernambucano, cuja sensibilidade requintada está viva em todas as estrofes. Registramos, com a máxima alegria, o aparecimento do esplêndido livro de Adelmar Tavares, nosso querido colaborador e amigo.

O DIVÓRCIO —
Pe. Leonel
Franca S. J.
— Livraria
Agir Editória.

Este volume faz parte das Obras Completas do autor e focaliza um dos mais palpítantes aspectos da sociedade hodierna. É uma obra

oportuna que se recomenda a todos quantos se interessam pelos nossos problemas sociais.

O ANFITEATRO — Lúcio Cardoso —
Livraria Agir Editória.

Lúcio Cardoso que, segundo a opinião de Tristão de Almeida, é um dos escritores mais poderosos do nosso movimento literário, oferece-nos mais essa novela, reafirmando suas altas qualidades intelectuais.

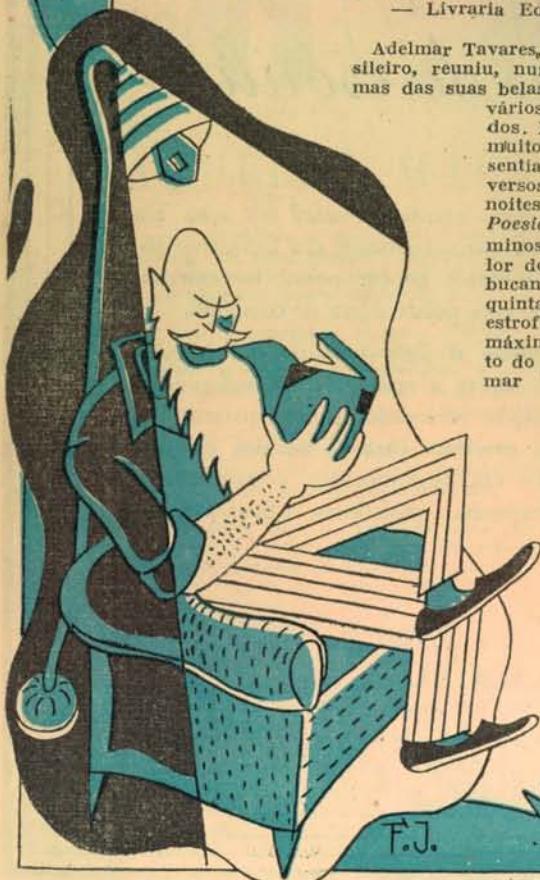
ALÉM DA FRONTEIRA DA VIDA —
— Luiz Flávio de Faria — Livraria Agir Editória.

Essa obra constitui uma autêntica revelação de romancista, pois o seu jovem autor, que estreia nas letras, possui as qualidades essenciais para ser uma das maiores figuras do romance moderno.

MONA LISA — Emi Bulhões Carvalho
da Fonseca — Livraria Agir Editória.

Esse livro realiza um interessante estudo psicológico através de uma história verdadeiramente interessante. A autora, já premiada duas vezes pela Academia Brasileira de Letras, confirma com essa obra suas belas qualidades de romancista.

(Conclui na pag. 130)



LITERÁRIA

★ POETAS E PROSADORES ★

PAULO REHFELD

PAULO REHFELD é um trabalhador modesto das letras mineiras, cujo valor, firmado já em três obras, não se pode negar. Estréiou com "Os Rebelados", livro de contos. Publicou depois um romance histórico, "O amigo de Duclerc". Finalmente, deu à publicidade de "De guante e espada", histórias do Rio de Janeiro antigo.

Há a propensão da parte do escritor para o gênero difícil, do conto histórico, que oferece dupla dificuldade, a que provém do próprio gênero literário e a que emana da interpretação da história. E' de justiça frisar que Paulo Rehfeld supera com dexteridade os dois empecilhos. Ele conta com certa graça e nunca deturpa ou desvirtua a verdade histórica. Isso quer dizer que, ao mesmo tempo, deleita e instrui, os dois fins principais a que visa o seu gênero.

Na literatura brasileira, temos bons exemplos de escritores do feitio de Pau-

lo Rehfeld, bastando nomear, entre outros, Paulo Setubal e Viriato Correia. Mas Paulo Rehfeld se distingue desses dois prosadores pela austeridade da interpretação do passado, e por um estilo viril, bem ajustado ao conto que revive o passado.

Entre as suas qualidades de prosaista, como sejam a clareza, a espontaneidade e o cuidado da língua, avulta a da seriedade como profissional, homem que sempre se tem mostrado avesso ao arruado, à propaganda e aos grupos literários. E' um trabalhador solitário, que vive no seu canto, movido pela fé em escrever as suas obras honestas e exatas.

Essas virtudes o levaram a nossa Academia de Letras, em cuja comunhão é uma das figuras mais expressivas.

Paulo Rehfeld, de vez em quando, documenta e acresce o seu valor com uma obra nova, e isto vale todos os reclames e mostra que



Paulo Rehfeld

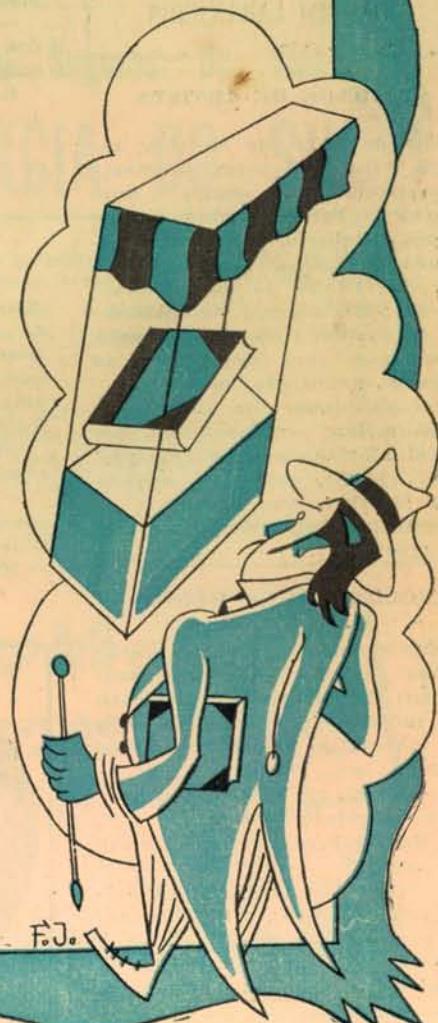
as letras mineiras têm nela um elemento dos mais eficientes e cultos.

Entre os nossos prosadores, é um dos perfis mais marcantes e é por isso que aqui lhe deixamos, nesta homenagem, o nosso testemunho de justiça.

★ SUCESSOS DO MÊS ★

PARA orientação de nossos leitores, oferecemos, aqui, a estatística dos livros mais vendidos no último mês em nossa Capital, através do serviço de informações que mantemos com as nossas principais livrarias: Agir, Belo Horizonte, Cor, Cultura Brasileira, Francisco Alves, Inconfidência, Minas Gerais, Oliveira Costa, Pax e Rex:

- 1.º — OS RODRIGUEZ — Sra. Leandro Dupré — Romance — Editôra Brasiliense.
- 2.º — UMA ESTRADA DE DAMASCO — Katherine Burton — Romance — Livraria José Olimpio Editôra.
- 3.º — PROMESSA — Pearl Buck — Romance — Livraria José Olimpio Editôra.
- 4.º — VOZ DE MINAS — Alceu de Amoroso Lima — Divulgação — Livraria Agir Editôra.
- 5.º — AVENTURAS NOS TRÓPICOS — Vicki Baum — Romance — Livraria José Olimpio Editôra.





JOAQUIM LARANJEIRA

VAIDADE DE ARTISTA

Grande amigo de Meyerber, assistia Rossini, verdadeiramente entusiasmado, ao ensaio, num teatro de Paris, da obra do primeiro, "Roberto, o Diabo". Chegando ao famoso terceto, que é um dos títulos do maior sucesso da obra, o autor do "Barbeiro de Sevilha", não se contendo, abraçou-se com Meyerber e, no auge da admiração, exclamou:

— Se algum dia compuseres coisa melhor do que isto, por Deus! ajoelhar-me-ei a teus pés!

— Ajoelha, então; — respondeu Meyerber, com orgulho. — Terminei, ontem o quarto ato dos "Huguenotes".

MOLIÈRE E OS MÉDICOS

Encontrando-se Molière gravemente enfermo, e sabendo seus amigos da aversão que dedicava aos médicos, insistiam para que ele consentisse em deixar-se examinar.

— Afinal, um médico é sempre uma autoridade — diziam.

Mas Molière, sem se deixar convencer:

— Ora! Um médico! Um médico, meus amigos, é simplesmente uma pessoa que se planta à cabeceira do doente até que a medicina o mate, ou que a natureza o cure...

Já cego, casara-se o grande Milton, em segundas núpcias, com uma mulher lindíssima, mas de pessimo gênio. Visitado, certa vez por lord Buckingham, este, entre outros cumprimentos ao famoso autor do "Paraíso Perdido", saiu-lhe com este:

— Sim, senhor Milton; apesar de cego, sois um homem feliz, pois, além do mais, tendes uma esposa tão linda quanto a rosa.

— Infelizmente, monsenhor, — respondeu o poeta — como cego, não posso julgar essa rosa pelas suas cores, mas apenas pelos seus espinhos.

INOCENTES E CULPADOS

Instava certo magistrado, com o imperador Julian, para assinar a sentença condenatória dum sujeito que se defendia vigorosamente dizendo jamais haver cometido o crime de que o acusavam.

O soberano estava propenso a atendê-lo, perdoando-o, mas o magistrado argumentava:

— Se fôssemos acreditar em todos os acusados, nunca haveria culpados.

Resposta de Julian, encerrando a questão:

— E se fôssemos ouvir todos os acusadores, não haveria inocentes.

O REI E O CRÍTICO

— Vamos, senhor Boileau, — disse um dia Luis XIV ao grande escritor contemporâneo, mostrando-lhe uns horríveis versos que fizera — dê-me a sua opinião sincera sobre o valor deste trabalho.

Obedecendo, disse Boileau, restituindo o manuscrito:

— Sire, vejo que nada é impossível para V. Majestade. Quis fazer alguns versos maus... e fê-los.

*



Luiz XVIII desejou, certa vez estudar química, ciência pela qual, desde menino, manifestara singular interesse; fez chamar a palácio um sábio professor da matéria e disse-lhe sua intenção. O cientista preparou tudo para a primeira aula e as primeiras demonstrações práticas. Quando chegou o régio aluno, instalando-se ante o mestre, este, inclinando-se com exagerada mostra de respeito, disse:

— Sire, prepare-se para assistir a estes dois corpos simples terem a honra de combinarem-se perante V. Majestade.

PRÓ E CONTRA

A um cliente, que o fôra consultar sobre a proposição dum demanda bastante delicada, o sábio jurisconsulto doutor Vélez Sarsfield, aceitando a causa, respondeu, assinalando uma das alas de sua biblioteca:

— O senhor tem amparo. Todos estes livros dão-lhe razão.

Entretanto, o pleito foi perdido pelo cliente de Vélez. Este, sabedor da má notícia pelo próprio patrono, não sendo sujeito a tolo, interpelou-o com alguma amargura:

— Mas o senhor não me dissera, mestre, que todos estes livros me davam razão?!

— Realmente — anuiu o caídico. — Entretanto, todos aqueles — e apontou a estante fronteira — negavam-lha.

AULA DE CORTESIA

O poeta inglês Swift costumava um amigo enviar periodicamente presentes por intermédio dum de seus criados. Este, embora sempre se desempenhasse da incumbência com a maior solicitude, nunca merecera a menor atenção do escritor, acabando por aborrecê-lo, tanto mais como Swift, bastante sovina, jamais lhe dera um níquel de gorjeta.

Cansado de tanta sovinice, uma vez, o criado deixou-lhe bruscamente o presente sobre a mesa, dizendo apenas:

— Meu amo manda-lhe isto.

Já ia a sair, mas Swift, fazendo-o voltar, explodiu:

— Que modos são estes, rapaz? Não conhece o seu ofício? Sente-se aqui, que lhe vou ministrar uma lição de cortesia.

O criado obedeceu, e o poeta continuou:

— Faça de conta que você é o dono da casa e eu o criado portador de um presente. Adian-

to-me respeitosamente, faço-lhe uma larga curvatura e digo, estendendo o objeto: "Meu amo encarregou-me de suplicar a Vossa Senhoria a graça de receber esta pequena lembrança". Qual seria sua resposta?

E o criado, muito compenetra-
do do seu papel:

— Assim: "Diga a seu amo,
meu rapaz, que agradeço muito
a sua lembrança, e quanto a vo-
cê, pegue lá esta moeda para be-
ber à minha saúde".

Swift sorriu... e aprendeu.

PODERIAM AVISÁ-LO

Durante uma "soirée" de aniversário, em casa duma grande dama parisiense, Tristan Bernard bocejava disfarçadamente a um canto, porque, após ouvir o número clássico do "poeta desconhecido", ia agora escutar a voz doutra figura obrigatória, o "futuroso barítono".

Mal, porém, começou este o seu número, Tristan não se conteve, e disse para o vizinho mais próximo:

— Virgem! Como canta desafinado este infeliz!

— A culpa não é dele — ob-
servou o outro. — O pobrezinho
é surdo.

— Surdo??

— Sim. E, naturalmente, não
houve o que canta.

— Neste caso, seria um favor
avisá-lo de que já terminou a
linda canção...

DEFESA

Um ator de quarta classe ou-
sou representar, num teatrinho
de província, a famosa peça "Her-
nani".

O público, já se vê, pateou-o
redondamente.

E, enquanto descia o pano, es-
clamava ele, indignado:

— Sucia de brutos! Pateando
o grande Victor Hugo!

JUIZO

Tendo o célebre escritor inglês Swift anulado sem quaisquer ob-
servações ao desejo dum seu sobrinho, ainda bastante novo, de
casar-se em breve, alguns amigos
discordaram, perguntando-lhe se
não seria melhor consentir no ca-
samento do rapaz quando ele ti-
vesse mais juizo.

— Nada! — respondeu Swift.
— Se ele chega a ter juizo antes
do casamento, não se casará nun-
ca, aposte!

Quando o senhor deixar de existir,
**QUEM RESPONDERÁ
POR ESTES COMPROMISSOS?**

*Educação dos filhos Cr\$...
Manutenção da família ... " "
Aluguel da casa ... " "
Assistência médica ... " "
Hipoteca ... " "
Impostos de transmissão ... " "
Despesas eventuais ... "*



QUEIRA

consultar, sem compromisso de sua parte, a "Previdência do Sul", que há mais de 39 anos não faz senão resolver problemas idênticos, para homens sensatos como o senhor!

Companhia de Seguros de Vida "PREVIDÊNCIA DO SUL"

PORTO ALEGRE B. HORIZONTE R. DE JANEIRO
Andrade, 1046 (Sede) R. Rio de Janeiro 418, 1º. Caixa Postal 9, 9.
SÃO PAULO SALVADOR CURITIBA RECIFE
J. Bonifácio 93, 6.º Chile 25/27, 4.º 15 de Nov. 300, 2º 10 de Nov. 50, 3.º

A "Previdência do Sul", já pagou a segurados e beneficiários mais de 80 milhões de cruzeiros e a sua Carteira de Seguros de Vida em vigor sobe a mais de 700 milhões

Alívio Rápido PARA OS **RESFRIADOS DA CABEÇA**



Para alívio rápido, quasi instantâneo, dos resfriados da cabeça,
pingue algumas gotas de Vick Va-tro-nol em cada narina. De-
sentopem o nariz, contraem as mucosas inchadas e acalmam a
irritação. Usado a tempo, evita muitos resfriados.

VICK VA-TRO-NOL

LIBERTE-SE
da obstrução nasal!



Nada é melhor do que Mistol, quando alguém deseja livrar-se das moléstias causadas pelo congestionamento das vias respiratórias e da garganta. Apenas algumas gótas de Mistol, em cada narina, bastarão para eliminar, prontamente, o congestionamento... assegurando uma respiração normal, e trazendo alívio às mucosas irritadas e inflamadas.

A venda em todas as farmácias.



USE

Mistol



I - SM 6-4

MISTOL ATALHA OS RESFRIADOS ONDE ELES COMEÇAM

RÁDIOS



DISTRIBUIDORES PARA O ESTADO DE MINAS GERAIS :

SEIMI

SOCIEDADE ELETRO-IMPORTADORA MINEIRA LTDA.

RUA CURITIBA, 631
CAIXA POSTAL, 580

BELO HORIZONTE
MINAS GERAIS - BRASIL

TELEFONE, 2-7560
END. TELEG. "SEIMI"

AS RAZÕES... (CONCLUSÃO)

Moura continha-o, com brandura, mas não o impedía de vociferar:

— "Garçon" pusilântime! Dê de beber à gente! Como quer você que alguém pense no caos? Senhores! A humanidade devia morar... em provetas de "cognac"! Átomos em conserva! Ouça o que lhe digo, senhor Silva: só a razão atômica me dá a paz!

E eu:

— Pois viva a razão atômica!

— A paz do Senhor! Requiescat... Meus irmãos!

E o Moura:

— Mas fique quieto, homem de Deus... Por favor... Que escândalo!

— A moral... a moral não existe, meu caro, isto é que é pre cisado proclamar!

— Oh, Silva: você não acha melhor levá-lo para casa? — pliou timidamente o pobre do Moura.

Antero babava, o olho iluminado. Quando ouviu falar em ir embora, tremeu, deu um salto na cadeira:

— Ir para casa? Para casa? Para encontrar de novo minha mulher? Isto é que não, meu caro! Isto é que não! Nós somos átomos em conserva... "Garçon", um átomo! Quando se chega a conclusão de que tudo são átomos, veja bem... os átomos árabes reunem-se para assaltar os átomos judeus..... os átomos se atraem, se repelem... Ódio de átomos, amor de átomos! Miséria, seu Silva, migalhas no espaço... Que amor coisa nenhuma! Requiescat! Que me importa a mim que os átomos de minha mulher sintam atração pelos átomos de... de um outro? Uma lei física, seu Silva, nada mais... Devo ficar indignado? Devo gritar: átomos infiéis!... Não... apenas desprezo...

— Meu caro Antero... — procurou acalmar o Moura, pondo-lhe a mão no ombro.

— Não seja bobo, Moura! — gritou o transtornado Antero. — Requiescat! Senhor Silva, então o senhor pensa... o senhor é meu amigo, não é? O único amigo que tive na vida... (abraçou-me, comovido.) Então o senhor pensa que eu não sei... que ele, ele (e apontou o Moura), ele e Amélia... você, Moura, você e minha mulher... Você, sim! Átomos, senhor Silva, nada mais que átomos... Desprezo, desprezo os átomos!...

O homemzinho rolou por cima da mesa. O cálice entornou, um

riozinho escoou por cima da toalha e ficou pingando no chão. Olhei o Moura. Tinha um ar vexado, e estendeu o braço para erguer o amigo. Ajudei-o do outro lado, enquanto as coisas em redor ondulavam, zumbindo.

— Não repare, Silva. Ele é meio fraco para beber, mastigou o Moura.

Quando levantamos o pobre do Antero, das grossas lágrimas deslissaram-lhe pela face, e vieram misturar-se, nos cantos dos lábios, com as pequenas gotas de saliva, que espumavam.

*

CINEMA SEM SÉ-LO...

EM todas as grandes capitais da Europa, as agências do correio são lugares de enorme aglomeração. Isso se explica, quando nos lembramos de que tanto Paris, como Berlim ou Londres, são cidades de quatro, seis e oito milhões de habitantes. As vezes, para se comprar um sêlo, espera-se, na fila, vinte a trinta minutos. O público torna-se impaciente. Chovem as reclamações.

Recentemente, o governo inglês fixou, nos "guichets" de suas agências, esse imperativo categórico: "Seja breve!". Está claro que tal medida não resolveu, absolutamente, a situação.

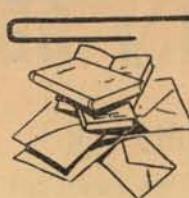
Agora, ocorreu nova idéia ao correio de Londres: mudou aquêle primeiro cartaz por êste outro: "Espere com prazer". E, nos saguões das agências, foram colocadas instalações para projeções cinematográficas. De dez em dez minutos, ininterruptamente, são exibidos pequenos filmes de paisagens, instrutivos e até co-médias.

O resultado foi surpreendente. O público, antes, tão impaciente, hoje, fica até zangado quando atendido com muita presteza, pois é obrigado a se retirar antes do término dêsse ou daquele filme, que tanto o estava interessando...

*

A CAPACIDADE DAS CATEDRAIS

A CATEDRAL de Piza tem capacidade para treze mil pessoas; a de Veneza, para sete mil; a de Notre-Dame, de Paris, para vinte e uma mil; a de Milão, para trinta e sete mil; a de Colônia, para trinta e oito mil; a de São Pedro em Roma, para cinqüenta e quatro mil; e, finalmente, a que está sendo construída em Liverpool, para cento e vinte mil.



Miscelânea

EM 1922, escrevi no "Correio da Manhã" palavras de elogio a certa menina de Lafaiete que me parecia verdadeiramente talentosa. Cheguei mesmo a profetizar na garota de então uma futura escritora. Acertei. A criança de 1922, Elvira Rodrigues, acaba de publicar o seu primeiro livro, "Terra Mater", recebido pela crítica com muitos louvores e algumas restrições.

Trata-se de um romance tumultuoso, cheio de episódios, alguns inacreditáveis, mas todos interessantes. Em "Terra Mater" há de tudo: política, sonho, devaneio, patriotada realismo e palavrões. Até o meu caro Alberto Deodato foi metido nas suas páginas como Pilatos no credo. Desconfio que eu mesmo estou ali na pessoa de um poeta mediocre, dono de uma prenda agradável às mulheres. Seja lá como fôr, li o romance de um fôlego. Gostei daquela barafunda cheias de cenas de um realismo crú e de páginas vivas e luminosas.

Não se trata, é evidente, de uma obra para ser lida por menores. Mesmo os maiores de cinquenta anos sentem arrepios em muitas passagens. Mas o livro confirma o talento de Elvira Gomes, a menina de olhos verdes que eu conheci em Lafaiete, no ano da graça de 1922...

*

O GOVERNO está preparando o programa de comemorações do cincocentenário da Capital. Tudo que já se disse sobre Belo Horizonte será enfeixado num livro de larga divulgação. Frases de Ruy, Bilac, João do Rio, enfim de toda gente ilustre que por aqui passou.

Não sei se os organizadores da polianitéia se lembrarão das palavras de Vitor da Silveira sobre a cidade. O agressivo jornalista, observando a nossa luta diária para ganhar a vida, disse, certa vez: — Quem vence em Belo Horizonte, poderá viver sem esforço, no deserto do Saara...

*

O VERSO é a linguagem dos deuses diziam os antigos. O povo guarda facilmente, de memória, a frase rimada ou, pelo menos, metrificada. Bem medido é o aviso dos carros da Central:

"Em caso de perigo, quebre o vidro
e puxe a manivela para baixo."

Os velhos mineiros, mostrando as coisas boas da nossa terra, compuseram a quadra ingênua:

De Curral del Rei as frutas,
De Congonhas os Daniéis;
De Sabará os Paula Rocha
De Santa Luzia as mulheres.

Tudo continua certo, com exceção apenas do primeiro verso. E' verso, mas não é verdade. As frutas desapareceram...

★ Djalma Andrade ★



Tenha o mundo a seus pés...

Uma cabeça bem cuidada com cabelos saôns e juvenis completa a elegância. E o mundo a notará como pessoa de bom gosto e de apuro. Brylcreem dá brilho, torna os cabelos sedosos e brilhantes. De perfume suave, fixa naturalmente o penteado, sem emplastar. Evita a caspa e tonifica a raíz do cabelo. Experimente após o permanente! Nos cabelereiros de 1.ª ou nas suas 5 embalagens diferentes, Brylcreem está ao alcance de todos.

Mais de 27 milhões de unidades vendidas anualmente no mundo inteiro!

BRYLCREEM

O MAIS PERFEITO TÔNICO FIXADOR DO CABOLO

FOTOGRAVURA MINAS GERAIS LTDA.

Rua Tupinambás, 905
Belo Horizonte - Minas
TELEFONE, 2-6525

MÁXIMA PERFEIÇÃO
E PRESTEZA NA
EXECUÇÃO DE CLICHÉS

TRICROMIAS E DOUBLÉS — CLICHÉS EM ZINCO E COBRE — APARELHAMENTO MODERNO E COMPLETO



Figura de anjinho, em madeira pintada.
Autor anônimo.

SOMENTE no lugar onde as obras nascem que se pode apreciar plenamente, acariciadas pela mesma luz, mergulhadas no mesmo ambiente em que o artista as criou. No pequeno museu da Acrópole em Atenas, a comunhão direta com a arte antiga, dentro do seu berço helênico torna-a mais acessível à compreensão do turista-peregrino. Na aldeia Les Eyzies, na França central, bem perto das cavernas onde os nossos antepassados longinquos, os homens pré-históricos, criaram, há muitos milénios, um santuário da arte primitiva, outro museu de dimensões modestas e de grande valor guarda zelosamente as amostras daquele estilo arcáico. Em Florença, no antigo mosteiro de São Marco, hoje transformado em museu, as frescas singelamente requintadas de Fra Angélico falam, com maior eloquência do que em qualquer outra parte do globo, ao visitante vindo de outras terras. Nos museus de Paris os quadros dos pintores impressionistas respiram a mesma atmosfera suavemente acinzentada que conhecem ao serem criados...

O Museu da Cidade-Museu

Olga Obry

Fotografias da autora

E' no Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, que a arte mineira acolhe o espectador ávido de impressões no seu ambiente próprio. Este Museu da Cidade-Museu é o que há de mais adiantado em instalação e apresentação de obras de arte, embora sua sede não seja outra coisa senão a antiga penitenciária de Vila Rica, de temível memória. Fica bem em frente ao antigo Palácio dos Governadores — de memória não menos temível — hoje Escola de Minas. Os dois edifícios seculares, servindo hoje este à arte, aquêle à ciência, estão separados pela imensa vastidão da Praça Tiradentes que domina, no centro, muito pequena em cima de uma coluna muito alta, a estátua de Joaquim José Xavier, o Tiradentes, com aquela sua barba famosa que talvez lhe cresceria num dos cárceres sombrios dessa mesma prisão. Aos seus pés, o humilde povo das mulas vai e vem, enchendo o silêncio, ensolarado ou chuvoso, com o sonoro tiquetaque dos seus minúsculos cascos sobre a calçada de pedras desiguais. Fornecem a melodia perpétua de Ouro Preto — sem a qual faltaria alguma coisa à paisagem — e sua principal comunicação com o interior: já o faziam outrora, e sua vez chegou novamente durante a guerra, com a falta de gasolina.

Enquanto os caminhões estavam sedentos, as mulas, levando cargas dez vezes maiores do que elas próprias, sabiamente arrumadas pelos tropeiros nos flancos e nas costas de pelo cinzento,



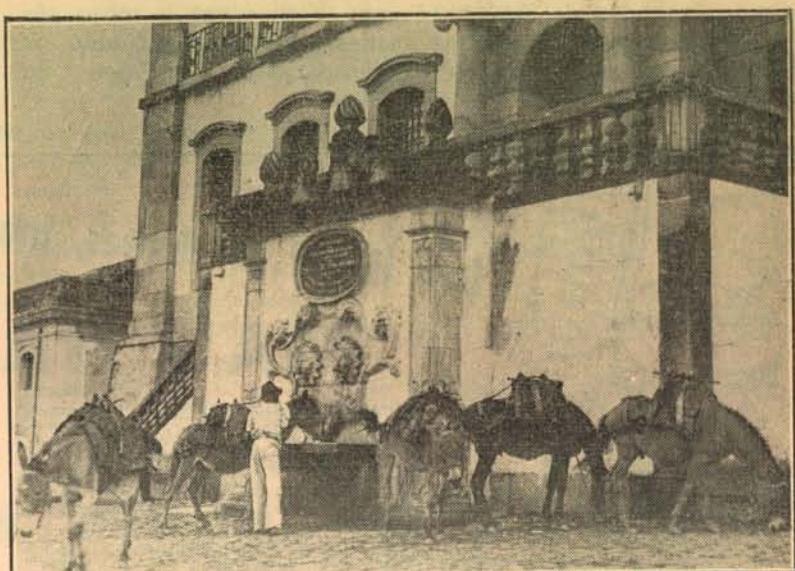
São Jorge, em madeira pintada. Obra de Aleijadinho

matavam a sede nos inúmeros chafarizes de Ouro Preto que já desalteravam, em outros séculos, seus avós e bisavós.

Aí, diante da escadaria do Museu, está o chafariz que as mulas preferem a todos

os outros, para o qual se encaminham com segurança, sem guia: duas máscaras grotescas, esculpidas em pedra sabão, estão jorrando ano após ano, a água pura das nascentes que descem das alturas circundantes, para chegar, encanada, até lá, espalhando-se num tanque largo e confortável, bem à altura dos focinhos pacientes. "Inaugurado a 2 de dezembro de 1846, 21.º aniversário do S.M.I. o Sr. D. Pedro II, por ordem da Província, Quintiliano José da Silva". Assim fala, colocada acima da cena rústica, uma pomposa inscrição de letras douradas, gravada também em pedra sabão. Esta pedra é uma das riquezas da região — tudo aqui se faz em pedra sabão, desde a singela panela de cozinha até às mais exímias obras de arte.

O chafariz é centenário, exatamente, neste ano de



Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, instalado na antiga Penitenciária. Vê-se a escadaria com o seu pitoresco chafariz.

1946. O Museu da Inconfidência conta apenas dois anos de existência, dentro de um prédio de dois séculos. E' aqui um ponto onde o histórico passado de Vila Rica e seu presente auspicioso se encontram e abraçam. O núcleo das coleções foi constituído pelas generosas doações do arcebispo de Mariana. O Serviço do Patrimônio Histórico completou o conjunto, graças a uma verdadeira "caçada" às antiguidades mineiras, empreendida em toda parte, para salvar da depredação e do desperdício os tesouros que se achavam em mãos de pessoas pouco conscientes do seu alto nível artístico. Muitos objetos foram comprados a particulares por preços elevados, assim por exemplo vários móveis coloniais que formam uma importante seção. Outros foram "descobertos" em casas desabitadas, num triste estado de desleixo e esquecimento. Mais outros vieram de igrejas e capelas abandonadas.

Numa sala do andar térreo são reunidos os túmulos dos Inconfidentes, num decôro sóbrio e solene. Outra sala abriga moldagens das principais obras de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Estas moldagens são de uma rara perfeição, exe-

cutadas pelo escultor patrício Eduardo Tecles, com certeza um dos melhores peritos no assunto, não somente no Brasil, mas no mundo. E' talvez o homem que melhor de todos conhece a obra do mestre da arte colonial mineira, já que lhe seguiu todos os gestos da mão criadora, aplicando sobre as suas plásticas a camada de cera que fielmente recebe, traço por traço, a forma em que moldar-se-á o gesso. Mas há também no Museu da Inconfidência vários originais do Aleijadinho, além de projetos arquitetônicos e decorativos, e de documentos assassinados de seu próprio punho. Há ainda obras dos seus colegas anônimos — cujos nomes talvez sejam um dia descobertos e revelados, tal como o seu. Muitos o merecem pelo seu temperamento e gosto bem pessoal, embora todos obedecam àquele estilo chamado "colonial" que tão profusamente brotou do fértil solo mineiro.

Ouro Preto não é uma cidade morta. E', isto sim, uma cidade-museu, mas bem viva, tão viva que até o passado remoto aí não quer morrer nem mesmo envelhecer. Fica vivaz e moço séculos afora, desafiando os "irreparáveis ultrajes do tempo".

PÁSSAROS INCENDIÁRIOS

PELA quinta vez, a justiça norte americana moveu processo a incendiários. O último inquérito ali realizado, cogitava de fogo-posto, que devorou vinte leguas quadradas de mata de incalculável valor. Por causa desse incêndio, quatrocentas pessoas foram detidas para averiguações policiais. Mas um macrório que morava junto à floresta incendiada, conseguiu desvendar o mistério, pois observou que um passarinho levava fogo até ao ninho em formação um cigarro que apanhara no chão.

Não tardou a aparecer no ninho a fumaça e, em seguida, re-pontaram labaredas que se comunicaram aos galhos ressecados das árvores vizinhas, facilitando a propagação do fogo um vento que soprava forte na ocasião.

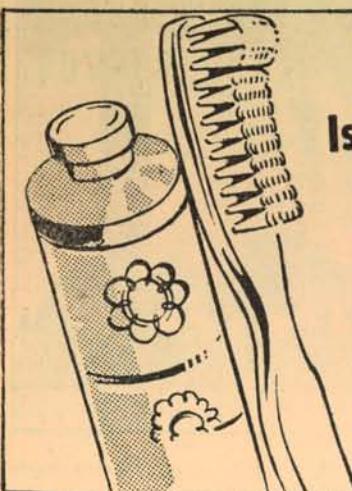
*

O PREÇO DE UM STRADIVARIUS

CALCULA-SE que Antônio Stradivarius fez 1116 instrumentos de corda. Dêstes, sabe-se de vinte violoncelos, dez violas e uns tantos contrabaixos. Os demais eram violinos, alguns dêles pequenos.

Os primeiros violinos, identificados com o seu nome, ele os vendeu a um preço equivalente hoje a seiscentos cruzeiros, mais ou menos. Atualmente, porém, são tão raros os violinos Stradivarius que, dada a sua alta qualidade, se tem chegado a cobrar até dois milhões de cruzeiros pelos melhores.

Na biblioteca do Congresso de Washington conserva-se uma valiosíssima coleção de instrumentos Stradivarius, composta de três violinos, uma viola e um violoncelo.



Isto limpa os dentes, mas não elimina o

MAU HÁLITO

● Para assepsia completa da boca, use Odorans — o dentífrico medicinal, que penetra em todos os interstícios dos dentes não atingidos pela escova, impedindo a fermentação de partículas alimentares — principal causa do mau hálito. O poder germicida de Odorans evita a piorréia, gengivites, etc. Faça bochechos e gargarejos com uma solução de Odorans pela manhã, à noite e após as refeições.

ODORANS

O DENTÍFRICO MEDICINAL



É sempre fascinante a
pele com aquela adorável

Beleza de Adolescentes

Para conquistá-la, não disfarce...

Não é uma exclusividade das adolescentes a pele macia... acetinada e jovem. Há mulheres que a conservam, por longos anos, num perene amanhecer de juventude. E é certo que também você quer manter ou conquistar essa preciosa dádiva de beleza!... Então, desde agora, não pense no demais e forte "maquillage" para disfarçar as imperfeições da pele. O mais certo e mais saudável é corrigir manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções com Leite de Colonia — um produto de toucador, mas de base medicinal. Leite de Colonia é também esplêndido fixador do pó de arrós. Ao mesmo tempo, protege a pele. Use-o diariamente. E a beleza da sua epiderme ganhará maior fascínio e juventude.

CONQUISTE PARA SUA PELE A BELEZA DE ADOLESCENTE.

Ao levantar-se, limpe sua cutis com Leite de Colonia. Durante o dia, use-o como fixador do pó e como protetor da pele. Ao deitar-se para remover o "maquillage" e limpar novamente a cutis.



Corrija

as imperfeições
do seu rosto com

Leite de Colonia,

Limpa... Alveja... Amacia a Pele...



Chalmers APRESENTA
Vila Rica
COLONIA CLÁSSICA

RELÍCARIO DE UM PASSADO
DESLUMBRANTE!

CHALMERS PERFUMES DO BRASIL S. A. — RUA TAVARES FERREIRA, 12 - RIO DE JANEIRO

Não se esqueça que é de sua própria conveniência utilizar os produtos garantidos por uma marca prestigiosa e fabricados por empresas de responsabilidade. Por isso, quando procurar adquirir os produtos de sua marca preferida, desconfie dos que procuram impor-lhes similares desconhecidos, desprestigiando a marca de sua preferência.

Ação Triplice

- 1 NEUTRALIZA o excesso de acidez no estômago.
- 2 LIMPA suavemente os intestinos.
- 3 REGULARIZA o aparelho digestivo.

LÍQUIDO E EM
COMPRIMIDOS

BOM PARA TODA
A FAMÍLIA



LEITE DE MAGNÉSIA DE
PHILLIPS

N UMA seleta francesa de meus tempos ginásiano, toda a primeira parte se compunha de casos históricos e de anedotas, nos quais era sempre dado um exemplo ilustrativo dos grandes sentimentos das nobres paixões humanas, para edificação do aluno e como meio de desperta-lhe o interesse pela história em francês.

Um dos capítulos era dedicado a exaltar a beleza e fidelidade conjugal, com exemplos tirados da história antiga e moderna. Nesta rápidas narrativas passavam figuras comovedoras e espóspas que souberam dedicar-se, com risco da própria vida, à salvação de seus maridos, em transes difíceis e suas existências complicadas.

Vinha em primeiro lugar Eponina, a mulher de Júlio Sabino, chefe dos Eduos Desejoso de libertar a Gália sua pátria, das mãos do imperador Vespasiano, Sabino se revolta, mas é derrotado e perseguido. Consegue fugir e ocultar-se. Sua esposa julga-o morto, a princípio já estava disposta a acompanhar o esposo ao outro mundo quando recebe notícia dele. Procurando-o às ocultas, encontraram-se e combinaram viver, dora em diante, de modo a não despertar as suspeitas dos inimigos do marido. Continuará fingindo estar viúva, mas não deixará de encontrar-se com Sabino. E assim vivem durante dez anos, diz a história, tendo filhos e educando-os no esconderijo, sempre oculto à aráugia dos funcionários romanos.

Mas lá um dia, suspeitou-se de tanta viagem de Eponina e seguindo-a deram com o esconderijo de Sabino. Apesar de toda a dedicação dessa heroína do amor conjugal, Vespasiano não quis

HEROINA QUE NÃO É ROMANA

Oscar Mendes

comover-se e dar um "happy end" ao caso. Mandou matar os dois, despachando-os ao mesmo tempo para um mundo melhor do que o dos imperadores romanos.

Outro caso é o da princesa Sibila, esposa de Roberto, duque de Normandia, filho do famoso Guilherme, o Conquistador. Fôra ferido o duque por uma seta envenenada. Para salvá-lo do veneno, o remédio era sugar-lhe a ferida. Mas quem o fizesse correria o risco de ser também envenenado. A princesa Sibila não hesitou. Aproveitando-se do sono em que se achava o ferido, sugou-lhe a ferida (mas porque engoliu ela o veneno?) e veio a falecer em consequência.

Há também aquêle caso das mulheres da cidade de Weinsberg, assediada pelo imperador Conrado III. Disposto a liquidar com os temidos defensores da cidade, o imperador teve, no entanto, o gesto cavalheresco de consentir que as mulheres deixassem a cidade sitiada, transportando o que pudessem carregar. Que fizeram as mulheres? Fôrça e muita deveriam ter, como boas arianas, pois saíram da cidade com pesados sacos às costas e dentro dêles os respectivos maridos. O imperador ficou

embasbacado com tamanho amor conjugal e não regateou elogios às senhoras de Weinsberg, que assim passaram à história com a sua querida carga às costas.

Finalmente, há o exemplo de Mme. Lefort (o nome já era sintomático) que, durante a Revolução Francesa, teve o marido preso como conspirador. Dispôsta a salvar o espôso, obtém permissão para vê-lo. Veste-se com duplo vestido e, na prisão, convence-o a fugir disfarçado com trajes femininos. O marido reluta, mas acaba cedendo, como todo bom marido. Escapa, vestido de mulher. No dia seguinte descobre-se a marosca e Mme. Lefort é levada à presença do representante do povo, que a interpela, em altos brados:

— "Desgraçada, que fizeste?"

E ela, no papel de heroína do amor conjugal, ao mesmo tempo que dá uma lição ao seu interpellante, responde:

— "Cumpri o meu dever; cumpre agora o teu".

Ora, nós também temos aqui em casa um exemplo bem comovedor de amor conjugal, com diferença de não ter tido a sorte a nossa heroína nacional de arranjar um Plutarco que lhe contas-

se a história, como o fez com o caso de Eponina, o Plutarco das "Vidas dos Homens Ilustres". O naturalista alemão Martius é quem narra sua história, mas como pouca gente lê esse antigo viajante e sábio germânico, não será fora de propósito trazer a público de novo a história singela da india Venâncio, que se revelou duma fidelidade à prova d'água, como veremos, para com seu muito amado espôso.

Mendonça Furtado anda à cata de "voluntários", para uma expedição ao Rio Negro, e seus beleguins iam pegando quanto sujeito válido encontrasse à mão, para servirem de marujos. Aconteceu que dias antes havia chegado a Macapá um índio da tribo dos Armabu-

(Conclui na página 67)



* Teria o suspeito de horrivel crime, após ter escapado ao castigo, feito sua confissão a Deus?

POR ALLAN HYND * DE "CORONET"

FRANK L. Loomis, originário de uma família da classe média de Brooklyn, Michigan, nascido em 1889, era uma pessoa que parecia estar sempre obtendo o que desejava. Aos 21 anos, quando decidiu seguir a carreira médica, não teve dificuldade em obter um empréstimo para pagar sua matrícula na Universidade do Michigan.

Quatro anos mais tarde, quando servia como interno no Hospital Metropolitano, em Nova Iorque, decidiu que queria a Grace Burns, linda enfermeira do hospital, para sua esposa. Fêz-lhe uma assinada corte e, afinal, casaram-se na "Igrejinha da Esquina".

Em 1827 — ano fatal para ele e sua esposa — o dr. Loomis possuía uma lucrativa clínica na Grand River Avenue, em Detroit. Os cirurgiões, com quem estava associado, tinham-no em alto conceito, pessoal e profissional. O médico, então nos seus 38 anos de idade, era alto, de aspecto limpo e agradável e de espírito vivo. Com a esposa e dois filhinhos, vivia em uma residência de alto preço na Marlowe Avenue, dentro do campo de vista do posto policial da Schoolcraft Avenue. Trabalhava muito, era muito reservado e sua principal distração consistia em solitárias caminhadas noturnas nos arredores de sua casa.

As mulheres achavam o dr. Loomis bonito e atraente; jamais pareciam ter notado que, enquanto o lado direito de sua face refletia benevolência e bom humor, o lado esquerdo mostrava calculismo e astúcia.

Exatamente às 9 horas e 5 minutos da noite de 22 de fevereiro de 1927, o fone do antiquado aparelho da casa do dr. Loomis fôra retirado do seu gancho. A telefonista que atendeu ao sinal não podia, entretanto, obter nenhuma resposta. Pensando que o fone tivesse sido removido por uma criança ou em virtude de acidente, enviou um memorando ao departamento de desarranjos da companhia telefônica. Quarenta e cinco minutos mais tarde — às 9,50 horas — o dr. Loomis penetrava no posto policial da Schoolcraft Avenue para informar que sua esposa tinha sido assassinada. A frente de seu sobretudo abotoado estava toda lambuzada de sangue.

O médico acompanhou os detetives até a residência. A noite estava excepcionalmente agradável para o mês de fevereiro. Parecia até noite de primavera. Os detetives logo notaram que a lareira ainda estava quente e que parecia ter estado acesa por algum tempo. Um termômetro marcava temperatura mais elevada e todas as janelas estavam fechadas.

Embora houvesse evidências haverem revolvido o aposento, polícia rejeitou a teoria do roubo. A senhora Loomis trazia traços caríssimos, facilmente removíveis. Os investigadores perceberam que nenhum criminoso com imaginação suficiente para arrombar janela ou porta, iria roubar ou matar tão cedo da noite em uma casa tão próxima a um posto policial.

— Está terrivelmente quente aqui dentro, doutor! — disse um detetive abrindo uma janela. — Por que o sr. não tira o sobretudo?

O ESTRANHO CASO



A senhora Loomis, vestida, jazia morta sob o pórtico de entrada, do qual se avistavam, claramente distintas, as luzes do posto policial, menos de dois quartéis além.

— Notei sangue em seu sobretudo, doutor! — disse um dos detetives. O sr. tocou no corpo de sua esposa?

— Sim, disse o dr. Loomis. Quando há pouco voltava de um passeio, assim encontrei Grace e a examinei para ver se ainda viavia.

— E o sr. não tem idéia de quem possa ter feito isto?

— Nenhuma! — disse o médico calmamente, quase friamente.

— Foi sem dúvida para roubar, — acrescentou.

O dr. Loomis obedeceu hesitante.

— Parece que há manchas de sangue no seu terno, doutor! — observou um detetive.

— Com certeza eu as apanhei quando segurava o corpo de Grace para examiná-la.

— Mas o sr. estava de sobretudo, e abotoado, quando foi ao posto. O sr. vestiu depois que examinou o corpo de sua mulher?

— Sim.

— O sr. o usava quando saiu a passeio?

— Sim.

— Então, quando o sr. chegou em casa e encontrou o corpo de sua esposa o sr. tirou o sobretudo antes de examiná-la?

— Sim. Força de hábito. Usual-

mente tiro o sobretudo ou capote antes de examinar um cliente.

— Então, como podia ter apinhado essas manchas pelo lado de fora do sobretudo?

— Eu me inclinei novamente afim de examiná-la, depois de já ter vestido o sobretudo, querendo certificar-me de que estava, mesmo, morta.

Os detetives pediram ao dr. Loomis para tirar o paletó. O punho direito da roupa estava manchado de vermelho até o fôrro embora o punho da camisa de finas listras azuis não tivesse mancha nenhuma.

— Quando o sr. pôs essa cami-

explicou ele, fôra feito ao barbeir-se, e o corte no dedo, ao manejar um esterilizador em seu consultório.

O dr. Loomis assim explicou seus últimos movimentos: chegou em casa, vindo do consultório, pouco depois de 8 horas. Tendo sua esposa recusado acompanhá-lo no passeio, saiu sozinho justamente quando batiam 9 horas. (Um dos detetives, entretanto, soube, nesse meio tempo, que o fone do aparêlho de Loomis, o qual se achava no chão quando a polícia chegou, tinha sido tirado do gancho às 9 horas e 5 minutos). O médico não encontrou ninguém conhecido du-

o posto policial, em queimar uma camisa manchada de sangue ou destruir qualquer instrumento que tivesse usado para o crime.

Os detetives atribuíam o fato do dr. Loomis não ter trocado de terno a uma astúcia da parte dele: teria sido muito natural para um médico examinar sua própria esposa. Além disso, teria sido muito mais difícil destruir um terno, mesmo numa lareira fumegante, sem deixar vestígios.

Os detetives acreditavam que o dr. Loomis havia assassinado a esposa enquanto despidos de seu paletó e que as condições de sua camisa teriam tornado o "alibi" insustentável. Acreditavam, também, que o médico havia besuntado de sangue o seu sobretudo para desviar a atenção sobre seu terno, até poder destruí-lo. O sanguinolento método do assassinato, quando dispunha ele de meios mais sutis à sua disposição, éles o consideraram como um outro simples exemplo da astúcia do médico. A ausência de impressões digitais de estranhos em qualquer parte do prédio foi considerada como mais uma prova da culpabilidade do dr. Loomis.

No dia seguinte, o exame das cinzas da lareira revelou a presença de dois botões iguais aos da camisa do médico. Este declarou que os botões, aparentemente, ali tinham ido parar como lixo de uma varredura do tapete.

Uma análise das manchas do paletó, calças e outras roupas do dr. Loomis convenceu o químico da polícia que uma substância estranha havia sido adicionada nos lugares manchados, indicando esforço para remover os vestígios.

A análise das manchas no sobretudo deu base à idéia de que foram elas o resultado de uma proposital aplicação.

Afinal, cuidadosa investigação dos hábitos da esposa assassinada revelou que, em virtude de ter muito medo de assaltos, ela mantinha sempre à noite, as portas fechadas a chave. Assim, quando os detetives chegaram e encontraram a porta do jardim para a dispensa e outra da dispensa para o primeiro pavimento apenas encostadas, era uma situação ilógica para o médico, que havia deixado a casa às 9 horas.

Rudemente os detetives disseram ao médico suspeitar ter sido ele o assassino da esposa.

No curso de longas horas de interrogatório, nos quais os arguidos usaram de todos os meios legais para obter uma confissão, o dr. Loomis permaneceu calmo e tranquilo.

DO DR. LOOMIS



sa doutor? — perguntaram a Loomis.

— Esta manhã.

— Parece muito passadinho para ter sido usada o dia todo.

Nesse ponto uma vizinha veio saber o que se passava. Quando soube do assassinato, sua primeira pergunta foi:

— Onde estão os meninos?

Os meninos estavam no pavimento de cima, dormindo, mas o médico lá não tinha ido assim que descobriu o corpo de sua esposa — uma conduta muito pouco natural para um pai naquelas circunstâncias, pensaram os detetives.

O médico tinha um arranhão no rosto e um corte no indicador da mão direita. O arranhão no rosto,

rante o passeio. Cérca de 9,40 horas voltou para casa, encontrou sua mulher assassinada, examinou-lhe o corpo e correu ao posto policial.

Os vizinhos tinham ouvido um grito de mulher, partido da casa de Loomis pouco depois de 9 horas, mas nada fizeram a respeito. Tal informação está de acordo com o fato de que o fone tinha sido retirado do gancho, aparentemente durante uma luta de morte, às 9 horas e 5 minutos, hora presumível do crime.

A lareira no andar térreo havia sido acesa recentemente. Os detetives suspeitaram que o dr. Loomis havia estado ocupado, das 8,5 às 9,50 horas, até seguir para



Tão doce como o primeiro beijo!

Delicado como uma carícia, suave como o veludo é o encanto do batom Michel. Em 11 belíssimas e esquisitas tonalidades, criadas com o único fim de dar maiores encantos a êsses lábios adoráveis.

Feito para ser mais durável e para conservar os lábios sempre frescos, o batom Michel nunca se empasta e nem resseca os lábios porque é o batom mais fino e mais puro, que tanto beneficia como embeleza.

464

Michel

NEW YORK - PARIS - LONDON

BATON • PÓ • ROUGE • MÁSCARA • SOMBRA • MAQUILAGEM CAKE

Vida Nôva, Vigor Vitalidade e para ambos os sexos

Brown Sequard, já em 1891, agitou o mundo médico entusiasmado com o seu exemplo pessoal, afirmando sentir nova mocidade, resultante da ingestão de substâncias hormônicas masculinas. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma fórmula de grande alcance médico social, cujo nome é PANSEXOL.

Um tônico estimulante, indicado em todos os casos onde se faz sentir a diminuição parcial ou geral das reser-

vas do organismo, com especial referência aos órgãos da sexualidade, aos quais reanima, dando-lhes nova vida e vigor.

PANSEXOL existe uma fórmula para cada sexo Masculino e Feminino. Encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. AUSTREGÉSILo Remetemos pelo reembolso postal. CR\$ 30,00 o vidro

Produtos Panvital — Rua da Estrela n.º 6 — RIO DE JANEIRO

— Digam-me uma coisa, cava lheiros — perguntou ele — Pois que razão havia eu de matar minha mulher?

Nisto é que o médico embara cava seus acusadores. As investigações tinham sido inúteis no sentido de evidenciar um dos três principais motivos de assassinatos: vingança, remoção de um obstáculo ou ganância pessoal. Tanto quanto a polícia pode apurar, ele tinha sido feliz no casamento, não tinha outra mulher em sua vida e a morte da esposa não beneficiaria financeiramente.

O dr. Loomis era pessoa de muitas amizades influentes e parecia ter as costas quentes. Os promotores relutaram em fazer uma acusação formal devido à ausência de motivos. Assim, permitiram a ida do dr. Loomis a Nova Jersey, onde o corpo da esposa foi inumado.

Após seu regresso a Detroit, o médico tomou aposentos num hotel e pôs sua casa à venda. Seus dois filhos foram morar com parentes. O dr. Loomis reassumiu sua clínica e os investigadores, a pesquisa dos móveis do crime.

Após, em março, foi descoberto que o médico tinha encontros com uma atraente dama em um bar clandestino. O fichário do consultório, retido pela polícia desde o dia do crime, revelou que ela havia sido, há tempos, cliente do dr. Loomis e sofria de fraqueza pulmonar.

Vigilando os passos da mulher, os investigadores concluíram que, muito antes do assassinato, já ela tinha encontros com o médico nos bares clandestinos de Detroit. Souberam, também, que, poucas semanas antes da morte da esposa, o médico havia obtido licença para exercer a medicina no Colorado, clima benéfico às moléstias pulmonares. A polícia, então, ponderou que já tinha obtido os móveis do crime e o dr. Loomis foi acusado de sua autoria.

Mas, no julgamento, a Justiça foi incapaz de estabelecer a evidência de um caso amoroso entre o clínico e sua cliente. As evidências eram, além disso, tôdas circunstanciais: os botões da camisa encontrados na lareira e as manchas na roupa, sobretudo e paletó.

O dr. Loomis, insinuante, cínico e tranquilo, fez uma soberba defesa de si próprio. Era o "alibi". Havia saído para o seu costumeiro passeio noturno e, ao regressar, encontrou a esposa morta. Conduziu-se como uma personagem altamente respeitável em exibição de virtudes.

Outro abalo nos esforços da Justiça foi o testemunho do último cliente que Loomis havia atendido na noite do crime: lançou a dúvida no argumento de que o médico havia queimado a camisa, e que a testemunha garantiu que doutor usava uma camisa de fitas listras azuis, tal como estava saindo após a morte da esposa. A Justiça não pôde provar que o dr. Loomis tinha duas camisas iguais. Então, o argumento passou a ser o fato de ter havido tentativa de remoção das manchas de ter sido o sangue passado propositalmente sobre o capote. O abalo final nos esforços da Justiça veio entretanto, com o testemunho de surpresa de uma pessoa que havia visto o médico às 9 horas e 15 minutos — sobre isso jurando — num local que ficava realmente a 15 minutos em passo normal do cenário do crime.

Com isso, em menos de meia hora, o juri decidiu que o dr. Loomis não era culpado.

Não obstante, a polícia de Detroit assinalou o caso como "Resolvido", embora, em tese, continuasse a procura do criminoso.

Após sua absolvição, o dr. Loomis começou a receber uma série de telefonemas anônimos. O décimo-terceiro jurado — o substituto — havia morrido no curso de julgamento. Alguns desses interpeladores anônimos acusavam falsamente o médico de indireta responsabilidade na morte daquele homem. Outros faziam a pergunta: "Por que o sr. não se suicida?"

Quinze meses depois da morte de Grace Loomis, o dr. Frank Loomis suicidou-se inhalando gás em seu consultório. Deixou um bilhete negando sua culpa e atribuindo a razão de seu gesto a "uma terrível solidão". Os detetives, familiarizados com a personalidade do homem, emprestaram grande significação ao fato de que, na noite antecedente ao suicídio, o dr. Loomis havia passado o tempo a ler a Bíblia e havia assinalado o Salmo 32:

"Abençoado é aquêle cuja transgressão é perdoada, cujo pecado é abafado... Eu confesso meu pecado a Ti e minha iniquidade, não a escondi. Eu disse: confessarei minha transgressão ao Senhor. E Tu perdoarás a iniquidade de meu pecado..."

*

A Grande Escola

A vida de cada dia ensina melhor que o mais sábio livro.

GOETHE

AMORES HISTÓRICOS

Napoleão e Waleska

DOR que esse homem extraordinário, que subjugou o mundo e impôs sua vontade aos homens, não foi feliz nos seus amores? Predestinação?

Quando, mocinho ainda, saiu da Escola Militar de Brienne, suas amiguinhas Cecilia e Laura Permón riam-se dele, chamando-o *gato com botas* numa jocosa alusão ao seu físico desengonçado. Mais tarde, Julia e Clary, filhas de um rico fabricante de sabão, rejeitaram suas ardentes propostas de casamento. Não foram, na verdade, clarividentes.



Casando-se, Napoleão não melhorou: Josefina de Beauharnais iludi-o às claras. E Maria Luiza de Áustria, a mãe do rei de Roma, a imperatriz que deu ao trono adventício de Napoleão o préstimo de sua linhagem, foi fraca ante o olhar do conde de Neipperg, enquanto o marido preparava a desfida na ilha de Elba e quando sucumbia de tédio e dor na inhóspita Santa Helena.

E não seria, na sua vida perigosa, amado verdadeiramente, se não encontrasse Waleska, poema louro de ternura e compreensão.

Foi em 1806, em pleno apogeu de sua vida imperial. Coberto de glória na batalha de Jena, Napoleão Bonaparte preparava-se para consolidar a ocupação da Polônia em Eylau. Varsóvia abriu-lhe as portas, como a um libertador, e sucederam-se grandes festividades em sua honra. Num baile que lhe foi oferecido pela nobreza polaca, chamou-lhe a atenção uma criatura adorável, jovem, irradiando no olhar contagiente melancolia... Loura, pele claríssima, de estatura baixa mas perfeitamente modelada, sua fisionomia possuía indefinível expressão de bondade e docura.

A atração foi irresistível e Napoleão, na rudeza característica dos homens de sua témpera, acostumado a ser obedecido sempre, iniciou o "flirt". Waleska resistiu por virtude de inata, mas ante a insistência do corso, cedeu, deslumbrada, para, mais tarde, proporcionar ao poderoso amante a felicidade simbolizada num filho. Amou-o apaixonadamente e, humilde, resignada, sofreu tôdas as vicissitudes sem uma palavra de revolta. Assistiu ao abandono de Josefina pelo amante, que se casava, depois com Maria Luiza. E continuou a amá-lo, silenciosa e resignadamente.

Chegou, afinal, o ocaso da águia indomável. Certo dia, a ilha de Elba recebia a visita de Waleska e seu filho.

— São a imperatriz e o rei de Roma! — pensaram todos, inclusive o prisioneiro. Mas não eram êles. Napoleão, desapontado, teve, porém, uma satisfação vivissima. Mas não prolongou o idílio. Os Cem Dias aproximavam-se e era preciso varrer quantos estorvos se opusessem ao vôo da águia, sequiosa de estender novamente as asas. E, escravo do seu destino, ao qual somente restavam poucas fulgurações, afastou, para sempre, o filho e a única mulher que o soube amar devoradas...

GRATIS!

O catálogo pelo qual
V. S. poderá escolher
os óculos que mais
lhe agradem.



Peca-nos pelo correio o novo
**CATÁLOGO de
ÓCULOS MODERNOS**

Tendo a certeza de ser atendido
por **LUTZ FERRANDO** com a
mesma garantia e eficiência como
se o fosse pessoalmente pelos
nossos técnicos.

LUTZ FERRANDO, a única ótica
de confiança, que lhe oferece a
garantia de 60 anos de experiência
na confecção de óculos, exata-
mente calibrados de acordo
com a receita do oculista.
Adquira seus óculos pelo sistema
de reembolso.

PEÇA CATÁLOGO GRATIS À



LUTZ FERRANDO
RUA OUVIDOR, 88 - RIO DE JANEIRO

PRESENTES ?

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS PARA ESCRITORIO ?

Oliveira Costa & Cia.

**ARTIGOS NACIONAIS E
ESTRANGEIROS ?**

Oliveira Costa & Cia.

ARTIGOS DE PAPELARIA ?

Oliveira Costa & Cia.

**SEMPRE NA VANGUARDA
EM SORTIMENTO E PREÇOS**

*

AV. AFONSO PENA, 1050

FONES 2-1607 e 2-3016

BELO HORIZONTE



BRIGA DE NOIVOS

EXISTEM noivos que nunca brigaram, numea provaram o sal das tormentas sentimentais, nem o mel da reconciliação e do amor renovado aumentado pelo risco corrido. Mas, embora essas pequenas rusgas tenham sempre o seu sabor e a sua graça, não é absolutamente recomendável que os noivos briguem entre si, porquanto não se pode jamais prever até onde chegarão as consequências e os extremos de que são capazes os namorados.

Em certas ocasiões, desgostos sérios, que os demais consideram motivos para rompimento, passam completamente despercebidos, e ai será o caso de se acreditar que um verdadeiro amor une os namorados; mas, em outras oportunidades, um simples desacordo de opinião ou uma resposta mais rude destrói toda a harmonia reinante durante longo tempo, deixando toda gente surpresa, por ver que um motivo tão fútil teve resultado tão desproporcional.

Nesse último caso, pensar-se-á logo que o verdadeiro motivo não é o aparente, mas sim — a falta de amor. E cheiram os comentários:

— Ora, se se amassem deveras, não teriam rompido por "dá cá aquela painha"!...

O coração, porém, dá voltas e mais voltas, e êsses noivos, zangados por motivos frívolos, interiormente não desejam outra coisa senão reconciliar-se, mas... à custa da iniciativa do outro e, nessa birra de "cede tu primeiro" não chegam nunca a um acôrdo, e quanto mais for passando o tempo, tanto mais se distanciarão. No fim de alguns dias, a separação vai fazendo sentir os seus efeitos. Mas se um dos noivos não pode resistir à voz do coração, que o impele à reconciliação, o outro deve facilitar a aproximação, afim de que não fique paciente que um cede e outro aceita, porquanto o amor-próprio tocado ao vivo poderá reprimir os bons impulsos e provocar novo incidente, logo às pri-

meiras palavras.

Deixando de lado os motivos dados ou não de um rompimento, assim como o modo de prosseguir relações, consideremos a atitude dos noivos ao se tornarem a ver. Suponhamos que tenha decorrido muito tempo sem se avistarem: é claro que ao se defrontarem, hão de sentir-se um tanto embrasa-los. Nos primeiros momentos, não pensam no que vai dizer um ao outro, pois absorve-los desejo de se olharem, de se verem mas, passados cinco minutos, já estão rão com os olhos cheios da imagem querida e, então, é preciso dizer a guma coisa. Como principiar a conversa? De que assunto devem tratar?

Quase todos os noivos — principalmente as noivas — acham ser imprudente dar e pedir explicações sób o ocorrido, justificando a sua conduta e atribuindo ao outro toda a culpa. Mas, quem se conforma com isso Palavra puxa palavra, e num minuto a questão está de pé, novamente.

Muito diferente seria se, ao realas as relações, os namorados adotassem aquela política tão usada pela diplomacia, e que consiste em não mencionar incidentes passados, quando sua simples lembrança pode prejudicar a boa harmonia futura. A mulher é que cabe essa delicada atitude. E por que corresponde a ela, e não a ele? Porque, em amor, os propósitos delicados e espirituais se adaptam perfeitamente à mulher. E' certo que o homem deve dar o primeiro passo para a reconciliação, mas, uma vez dado, à mulher compete remover todas as dificuldades, afim de não ferir sua suscetibilidade e, para isso, nada melhor que não comentar o assunto, dâ-lo por esquecido e esquecerlo de verdade, como se todo aquele tempo de briga e de ausência não houvesse existido, como se na véspera se tivessem visto e nem por um só minuto houvesse sido interrompida a continuação harmoniosa de seus amo- res.



Vida

A VIDA não é tão má quanto nós o supomos, vendendo-a e sentindo-a, geralmente, através das nossas queixas incessantes. Nós próprios é que a tornamos má com os nossos erros e a nossa cegueira, que não nos permite ver as belezas que a vida nos prodigaliza e junta às quais passamos indiferentes e desencantados... Procuremos, pois, "ver" quanto de belo nos oferece a vida. Se, por exemplo, nos dá saúde, não nos lamentemos dos obstáculos com que nos surpreende.

A saúde é uma dádiva do céu. Tesouro que a vida nos oferece. "Cuida da tua saúde — aconselha-nos um pensador — como se ela fosse a última moeda que possuisses." Cultua-a. Sem saúde a vida nada vale. E o segredo da vida está na saúde, física e espiritual, que é o caminho florido da felicidade.

Procuremos ver, portanto, o que a vida nos mostra através dos prazeres espirituais, realizando a harmonia que a criatura humana convencionou chamar de felicidade.

Sintamos a vida em toda a sua plenitude e rendamos graças a Deus pela suprema alegria de viver!

*

A MULHER

A docura das mulheres é semelhante ao leite: azeda-se facilmente. — SEGUIER.

A mulher começa a mentir quando jura que diz a verdade. — F. CAZZAMINI.

Ao casar-se, a mulher busca o seu bem estar; o homem põe em perigo o seu. — OSCAR WILDE.

EVITE O PENTEADO

FORÇADO!



SEUS CABELOS
MERECEM
GLOSTORA!

A sua boa aparência pessoal pode ser gravemente prejudicada pelo aspecto artificial de um penteado forçado. Evite que a beleza natural dos seus cabelos seja sacrificada por um produto pastoso ou gorduroso. Seus cabelos são preciosos! Dê-lhes uma oportunidade de brilhar, impecavelmente penteados, na plenitude da sua beleza natural e espontânea, com a ação protetora e embelezadora de GLOSTORA! Com algumas gotas apenas, GLOSTORA revela a verdadeira expressão dos cabelos. Cuidado com o penteado forçado. Seus cabelos merecem GLOSTORA!

Glostora

EMBELEZA, PROTEGE E REVIGORA



A RESPONSÁVEL

por petiscos saborosos
e saudáveis!

- Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos se preparados com Maizena Duryea — alimento ideal para todas as idades.



MAIZENA DURYEA

À MAIZENA DURYEA 51 45
Caixa Postal, 6-B - São Paulo
Peço enviar-me, GRATIS, o livro
"Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____

RUA _____

CIDADE _____ ESTADO _____

SÉLOS DE UM REINO QUE NUNCA EXISTIU!



Para as donas de casa

Os objetos de porcelana fina não se quebrão tão facilmente se, antes do uso, forem postos numa panela de água, que se retira do fogo logo comece a ferver, deixando que os objetos permaneçam dentro da água até que esta se esfrie completamente. Deste modo, a porcelana ficará temperada, resistindo melhor a qualquer pancada que venha a receber.

*

Os casacos de pele devem ser guardados em envoltórios de papel celofane e, de quando em quando, expostos ao ar, principalmente após uma época de chuvas constantes e umidade.

*

As luvas de camurça tomam aspecto de novas passando-se-lhes uma flanela molhada em água fria e sabão, e esfregando-se em seguida com outra flanela bem seca. Em vez de sabão, pôde-se empregar também uma mistura de leite e carbonato de soda.

*

Uma colherinha de amoníaco em meio litro de água fria tira toda a gordura e sujidade de pentes e escovas. Depois de limpos, enxagua-se e deixa-se secar.

*

Para que os ovos fiquem bem cozidos, é aconselhável pô-los em água quente e deixá-los ferver durante doze minutos. Para descascá-los com mais facilidade, convém passá-los primeiro em água fria.

*

Para que a panela onde se cozinha o macarrão, estando tampada, não venha a transbordar no ato da fervura, é bastante untá-la com banha nas extremidades inferiores. Como por passe mágico, a gordura detém a ebulição da água.

*

Para soldar os objetos de celuloide, basta unir as partes fraturadas com ácido acético concentrado, exercendo forte pressão de uma sobre outra.

*

A fim de evitar que o constante movimento das cadeiras sobre o assoalho arranhe desastradamente o encerado, basta colar nos pés das mesmas um pedacinho de feltro no tamanho exato da base dos referidos pés.

*

As nozes têm um valor terapêutico positivo. Aumentam a pressão sanguínea e a temperatura, sendo aconselháveis nos casos de anemia e debilidade. São, porém, prejudiciais à saúde sempre que haja excesso de sangue.

UMA das coleções mais notáveis do mundo de sé (estampilhas) falsificados foi adquirida recentemente pelo Museu Postal da Suécia, em Estocolmo. Esta coleção, reunida pelo sueco Gustaf Olsson, agora falecido, compreende três grandes buns, que no total contém 5.000 falsificações.

Destaca-se especialmente na coleção de Olsson uma série de selos postais do Reino de Sedang, reino que nunca existiu. A história destes selos interessante. Um francês, Marie David de Mayre que estava investigando umas jazidas de minério Ásia Oriental, perto da fronteira do Anam, conheceu e se casou com a filha de um governante dígena, proclamando-se depois solenemente Rei Marie I de Sedang. Em seguida, "Sua Majestade" a Paris, onde, entre outras coisas, encomendou uma série de selos postais com a inscrição "Deh Sedang" em uma moeda que só existia em sua imaginação: um dólar dividido em dez "mouk" e um "mouk" em dez "math". Lançou estes selos com uma retumbante declaração dirigida aos Governos e às autoridades postais. Claro está que nunca foram empregados para fins postais, mas alguns tinham escritórios sem escrúpulos, que calcularam o futuro filatélico dos mesmos, os adquiriram em grandes quantidades.

Figura também nesta coleção sueca uma série completa de "reimpresões", feitas pelo conhecido "copiador" de selos Fournier de Genebra. Apesar de haver tentado prendê-lo em repetidas ocasiões, a polícia nunca o conseguiu, pois que ele declarava que suas reimpresões eram apenas fac-similes.

Depois do falecimento de Fournier, suas máquinas de impressão e demais acessórios foram adquiridos pela Sociedade Filatélica de Genebra, sendo destruídos, com exceção de alguns exemplares de amostra. São de grande interesse os chamados selos Germania, ou sejam, selos alemães falsificados, impressos pelas autoridades postais britânicas durante a primeira guerra mundial e destinados às mensagens dos agentes do "Secret Service" na Alemanha, que as escreviam no seu verso.

Despertou grande satisfação nos círculos filatélicos suecos o fato de que o Museu Postal tenha podido adquirir esta notável coleção, que fornece a colecionadores suecos um excelente material para estudos e comparações.

*

MERCADO ORIGINAL

O POVO caldeu instituiu, há tempos, um originalíssimo mercado, com o fim prático de que todas as mulheres, mesmo as menos agraciadas pelas formosuras, tivessem um marido.

Estabelecida esta lei, uma vez por ano, as damas aptas para o casamento eram sujeitas ao exame de uma junta constituída em tribunal que procedia, entre as candidatas, a uma seleção rigorosa de ordem física. Após o exame, eram colocadas em grupos, na praça do mercado: as mais bonitas numa ala, e as mais feias em outra. A esta altura, o pseudo-herói começava a apregoar os dotes daquela que havia conquistado o primeiro lugar no concurso.

O cavalheiro que mais apreciável oferta fazia, obtinha imediatamente uma esposa. Por este processo, umas após outras, as jovens facilmente conseguiam o marido e seguiam, sorridentes, a caminho do lar.

QUANTAS VEZES
A SENHORA TERA
PENSADO NO
FUTURO DE
SEUS FILHOS ?



ECERTO que uma das mais constantes preocupações das mães reside no futuro de seus filhos. E os recursos para a sua perfeita alimentação, a constante assistência médica, seu vestuário, e, principalmente, as diferentes fases de sua educação, constituem a interrogação mais aflitiva que assalta o espírito das senhoras ao pensar no futuro das suas crianças queridas. Mas todas essas aflições podem desaparecer,

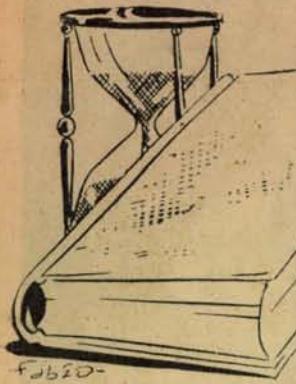
desde que se recorra ao método de ensinar à criança o hábito de economizar. Praticando a economia, seus filhos estarão provendo o seu próprio futuro, acatelando-se, desde crianças, contra as surpresas do destino. Abra, hoje mesmo, uma caderneta da Caixa Econômica Estadual para os seus filhos, e vá acostumando-os a fazer seus pequenos depósitos regularmente.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

DEPÓSITOS GARANTIDOS PELO GOVÉRNO DO ESTADO

Av. Afonso Pena, 1.170 — Telefone 2-0151 — Belo Horizonte
Agências em todas as cidades do Estado de Minas Gerais





Fabio -

ROMANCES Esquecidos

por Catalina Radzwue

DUVIMOS, ordinariamente, comentários entusiásticos sobre os romances de artistas cinematográficos. No entanto, três dos romances mais interessantes da história dos amores célebres, continuam sendo ignorados pela maioria do público.

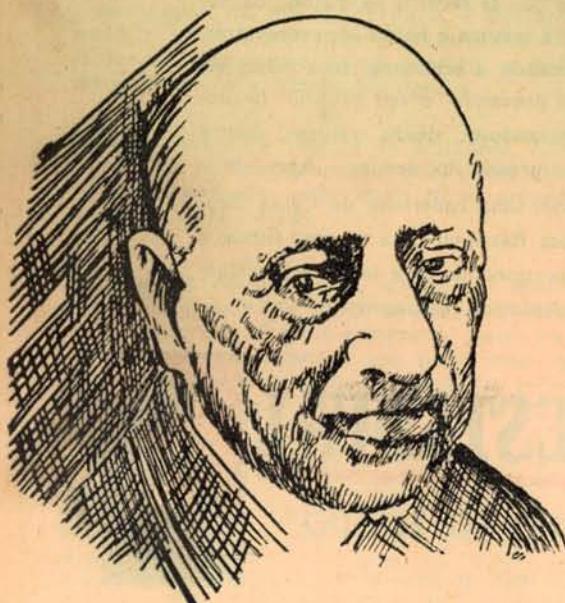
Refiro-me às três atrizes mais extraordinárias que o mundo conheceu: mademoiselle George, Sarah Bernhardt e Eleonora Duse.

As três tiveram tragédias que continuam desconhecidas, a despeito das afirmações em contrário daquelas que supõem conhecer os mínimos detalhes da vida dos grandes personagens.

Ainda hoje mademoiselle George é mencionada com devoção por todos os franceses que a consideraram a atriz trágica mais notável da França em todos os tempos.

George representou pela primeira vez no começo do século XIX, precisamente antes da proclamação do Império. De pronto causou sensação, não só pelo seu notável talento, mas também por sua extraordinária beleza. E conquistou o próprio Napoleão. Discretamente, este exigiu a presença da artista nas Tulherias e manifestou-lhe seus sentimentos.

— Sou uma humilde atriz, majestade — disse-lhe — e vós sois o maior homem do mundo. Não podereis descer ao meu nível! Eu, porém, tentarei elevar-me ao vosso...



Gabriel D'Annunzio

O imperador surpreendeu-se:

— Mas, poderiais amar-me?

— Sim. — respondeu mademoiselle George mas nesse caso vê-lo confessaria...

Depois desta declaração, George foi convidada repetidas vezes a visitar as Tulherias, po's Napoleão, desejando a mulher, admirava também a artista através de sua inteligência e seu espírito deliciosamente irônico... Várias vezes exteriorizou-lhe o amor que o atrasava, suplicando o correspondesse ela na mesma vibração que os tornaria felizes. Mademoiselle George, porém, negava-lhe, cordialmente, a ambicionada correspondência...

— Dize's que me amais! — desesperava-se Napoleão. — Porém, como posso sabê-lo se não me dais nenhuma demonstração?

— Prova-lo-ei um dia! Prometo-vos que no momento decisivo da vossa vida estarei ao vosso lado.

E Napoleão teve que aceitar o que considerava uma vã promessa ou uma simples excusa.

Um ano mais tarde, o conquistador achava-se certa noite, na sua tenda de campanha em Moreavia, aguardando os acontecimentos do próximo dia.

Era nas vésperas de Austerlitz e, embora tivesse fé na sua sorte, Napoleão não deixava de ver claramente que o seu futuro dependia do resultado da batalha que ia travar.

Ao saber que um jovem oficial havia entrado na sua tenda sem autorização, encolerizou-se, e ia dirigir-se às sentinelas para aplicar-lhes o castigo pela negligência, quando dois suaves braços femininos o estreitaram enquanto doce voz o envolvia numa carícia:

— Não vos dizia que estaria ao vosso lado no momento decisivo de vossa vida? Aqui me tendes...

Após a batalha de Austerlitz, mademoiselle George retornou a Paris. Seus amores com Napoleão se prolongaram por alguns anos, mas sempre discretamente, embora nos círculos sociais se comentasse a amizade de ambos. Para evitar os comentários malévolos, que o imperador temia chegassem aos ouvidos da imperatriz Maria Luiza, sugeriu à famosa artista que aceitasse um contrato que o teatro francês de São Petersburgo lhe oferecia. Também ali mademoiselle George obteve estrondoso sucesso, mas anulou seu contrato e regressou à França quando claramente os dias do Império estavam contados. Viu, ainda uma vez, o seu apaixonado em Malmaison, depois de Waterloo, antes de abandonar a França. Napoleão ofereceu-lhe um anel, que a apaixonada atriz usou até a morte, sem jamais tirá-lo do dedo. E pouco antes de morrer, Napoleão evocou-a: "Sem ela eu não teria vencido em Austerlitz. Chegou precisamente quando mais angustia-

do eu me achava. Parecia-me impossível que com o escasso número de meus homens houvesse podido derrotar o poderoso exército inimigo. A ela devo, portanto, o maior triunfo de minha vida".

De regresso à França, Bertrand, o ajudante de campo de Napoleão, procurou **mademoiselle** George e lhe transmitiu as palavras do homem que ela tanto amara. Ela o olhou em silêncio e, chorando, pediu-lhe:

— Deveis esquecer estas palavras. Ninguém, senão eu, tem o direito de recordá-las...

A célebre artista viveu até os oitenta anos e guardou o seu grande segredo. Nunca permitiu que quem quer que fosse fizesse, pelo menos em sua presença, a menor alusão ao único amor da sua vida.

Certa ocasião, Napoleão III e a imperatriz Eugênia visitaram-na em seu pequeno apartamento da rua Bac, sobre a margem esquerda do Sena. George recebeu-os com verdadeira satisfação; porém, quando o imperador mencionou o nome de seu tio, ela o interrompeu:

— Napoleão permanece na História, senhor! Faí-me antes do príncipe imperial, quê é o futuro.

O AMANTE DESCONHECIDO DE SARAH BERNHARDT

O romance de Sarah Bernhardt é muito diferente do que supõe ou suspeita a imaginação popular.

Era Bernhardt já célebre como atriz quando, um dia, nespressoadamente, desapareceu dos palcos. Durante um ano, ninguém soube notícias suas, ninguém suspeitou sequer do que lhe teria acontecido. E certo dia, tão subitamente como havia desaparecido, regressou, como que rejuvenescida, o olhar brilhante mas fatigado, e no rosto uma serena expressão de felicidade.

Mostrou às suas amigas uma criança de seis semanas e apenas lhes disse, num doce murmúrio, que era seu filho e que fôra registrado com o nome de Maurício Bernhardt... Nada mais informou às amigas ávidas de novidades a bela Sarah.

A criança tornou-se o ídolo da grande atriz. Ninguém sabia quem era o responsável pelo aparecimento do pequeno Maurício no mundo e Bernhardt jamais o confessaria.

Corria o rumor de que o progenitor era personagem de alta posição social, que não podia revelar seus amores com a extraordinária atriz. Segundo outras versões, o nascimento teria sido um acidente resultante de um dos numerosos episódios amorosos que haviam animado a vida de Sarah Bernhardt. A verdade, porém, é que a criança foi a grande paixão de sua vida. E, apesar de sómente pensar no menino, trabalhando com afinco para proporcionar-lhe todo conforto, somente recebeu ingratidões a troco de sua inesgotável ternura. Por causa de Maurício, Bernhardt viveu até o fim de sua vida cheia de dívidas pelas quais não era responsável, mas sim o filho estroína. Entretanto, não obstante a indiferença de Maurício por ela, a maravilhosa artista jamais quis se convencer de que ele procedesse mal. E quando o jovem contratou casamento com a princesa Terka Jablonovska, descendente de uma antiga família de nobreza polaca, sua alegria foi ilimitada e ofereceu valiosos presentes aos recém-casados.

O casamento durou pouquíssimo, pois o boêmio Maurício não podia ser constante em nada, e a divina Sarah viu-se novamente sustentando o filho.

Nos últimos momentos de sua vida gloriosa — após longa e penosa enfermidade e enquanto os



Eleonora Duse

credores esperavam à porta para arrematar pouco depois seu mobiliário — um de seus mais íntimos amigos aproximou-se-lhe para perguntar quem era o pai de Maurício.

Sarah Bernhardt teve um sorriso doloroso e pela sua fisionomia lívida perpassou o rápido clarão de uma recordação feliz. Evocara, naquele instante emocional, toda a aventura de amor que a tornara mãe. E fitando o amigo ansioso, murmurou sorrindo:

— Foi o único homem que amei!

Não mais falou, levando para o túmulo o nome adorado, num segredo que se eternizou na imortalidade do seu sagrado amor.

OS AMORES DE ELEONORA DUZE E GABRIEL D'ANNUNZIO

A GRANDE rival de Sarah foi Eleonora Duse. Duse amou D'Annunzio com a força e a paixão de que sómente seria capaz uma ardente mulher da Itália. Apaixonou-se por ele ainda muito jovem, sacrificando a sua fama e reputação e perdendo a tranquilidade e a estima de seus contemporâneos. D'Annunzio foi seu Deus e seu herói. Não suspeitava, porém, que o herói sómente existia na sua imaginação. O seu despertar foi doloroso: as páginas mais escuras da vida agitada de D'Annunzio. Uma delas foi o seu "affaire" amoroso com a belíssima esposa do conde de Anguissola, um nobre napolitano de antiga linhagem e grande fortuna, pai de dois meninos.

D'Annunzio penetrou na vida da condessa como a insidiosa serpente que tentou Eva, e a persuadiu que o acompanhasse à sua vila aprazível, sobre o lago Di Como, onde gozaram dois anos de felicidade e encanto. Cruzou, porém, a vida de D'Annunzio outra figura de mulher. O poeta já se sentia fatigado dos carinhos da condessa de Anguissola, que se agarava a ele com todas as forças. D'Annunzio não era, no entanto, homem capaz de suportar semelhantes situações, e um belo dia assombrou toda a Itália: mandou prender sua amante, acusando-a de ter vio-

(Conclui na pag. 66)

PÁGINA DAS MÃES

Conselhos a mães jovens

A MOÇA que se casa por amor e é ainda muito nova naturalmente que sonha com o primeiro filho. E' o ideal que afaga com poesia. Não há dúvida de que o primeiro filho é a felicidade, o estímulo e o alicerce do lar. Marido e esposa estreitam mais o afeto recíproco em torno de uma pequena vida que lhes enche a existência de encanto e de enlèvo. Entretanto, o próprio instinto maternal em um temperamento nervoso ou imaginativo, se não for bem orientado ou controlado, se transforma numa fonte de cuidados, inquietações, temores capazes de turbar a paz ou a tranquilidade no lar. E' por isso que os pais carecem de ser instruídos e guiados por um pediatra competente, cujos conselhos dão dois resultados imediatos: — provêm a saúde da criancinha e estabelecem o sossego dos pais.

Desde os primeiros dias de nascido que entre o bêbê e a mãe se trava uma espécie de luta. O petiz mama preguiçosamente, suga o peito, pára, torna a sugerir, dorme, acorda, prolongando estes exercícios longo tempo.

Encontra volúpia neste jogo, também agradável ao amor maternal. Pois isto é condenável. A mãe deve acostumá-lo a alimentar-se em tempo certo, retendo-o do sono. Não faz mal que proteste. Em breve prazo, ele compreenderá que foi subjugado e aprenderá a mamar com força e resolução.

A mãe não se deve também entregar a afagos exagerados com o filho. Na convém embalar o bêbê com o canto, passeando-o pelo quarto. O seu lugar no leito, sozinho. Convém refreiar o receio, tão comum, de moléstias. As crianças, nos casos normais, são naturalmente sadias. Outro problema de solução um pouco difícil é da escolha da nurse, principalmente no nosso meio atraçado. O melhor mesmo é a mãe cumprir o seu dever sagrado, podendo ter a nurse como auxiliar, mas sempre sob a sua vigilância inteligente e maternal. Sem afeto, ninguém desempenha bem qualquer função, quanto mais esta de se amar de crianças. As melhores nurses são as que possuem vocação materna, devido ao que se disse. E isto é difícil de se encontrar.

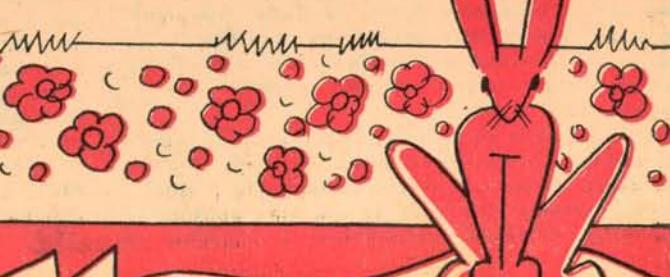
Cabe também ao marido um papel indireto muito importante na tratamento que a mãe dispensa ao filhinho. Muitas vezes (mais vezes do que se pensa) o excesso de cuidados das esposas com os filhinhos provém do desgosto com a conduta dos maridos. E' um derivativo, uma defesa, uma compensação. Disse um pediatra que as esposas desgostosas com o casamento seguem, regra geral, um de dois caminhos: ou se entregam às atrações sociais ou se voltam para o amor excessivo com os filhos. A culpa é do erro dos maridos e, de uma ou de outra forma, pagam os justos, que são os filhos, pelos pecadores, que são os pais. E' necessário a harmonia no casal para alegrias dos casados e a felicidade de seus filhos. Infelizmente, quanta gente descuidada nem pensa na força de tais verdades. Tornam-se infelizes e infelicitam os filhos.

Convém Saber

CONVÉM averiguar-se sempre o motivo do choro de uma criança. E' erro lamentável e, às vezes, de consequências funestas, acreditar que o nenê sempre chora por "manha", principalmente tratando-se de criança de poucos meses. A origem do choro pode residir muitas vezes na roupa demasiado apertada, numa postura incômoda ou na falta de alimentação. Se, porém, após mi-

nucioso exame, verificar-se não haver causa para a "manha" e o bêbê estiver gozando saúde, deve-se então deixá-lo no berço, até que secale por si...

O S recém-nascidos podem prescindir de travesseiros. Se os adotamos para os piquichos, devem ser batizados nunca demasiadamente cheios.

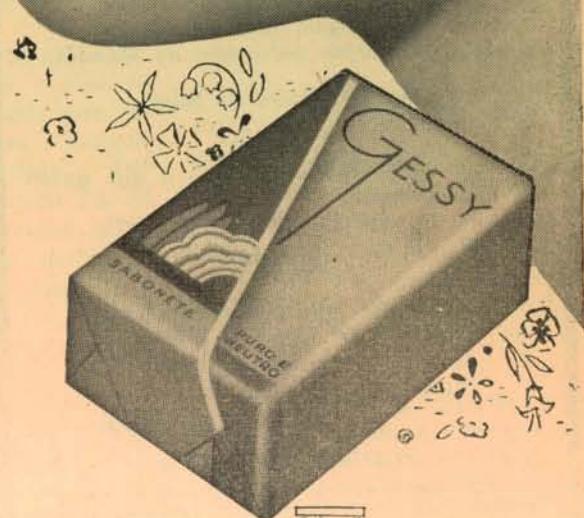


Se sua cútis aparenta **MEIA-IDADE**

faça esta experiência
REJUVENESCEDORA!

★ Para o viço, a juventude, a suavidade de sua cútis, tão importante quanto o creme de beleza é a escolha do seu sabonete. Porque a limpeza cutânea, a higiene completa da epiderme, constitui o primeiro passo para torná-la bela e aveludada. Assegure, pois, a rigorosa limpeza de sua pele, usando Gessy. Feito de finíssimos óleos da flora brasileira — puro, neutro, perfumado — Gessy, por sua espuma ativa e ultrapenetrante, limpa rigorosamente os poros, remove detritos e impurezas, deixa a epiderme macia, juvenil. Comece hoje esta experiência — combata a aparência de *meia idade*, com Gessy!

SABONETE GESSY



PERFUMA A PELE!



EMBELEZA
A CÚTIS!



DURA MUITO
MAIS!

Ministuras

O Canal de Suez

No dia 25 de abril de 1859, iniciavam-se os trabalhos para a abertura do canal de Suez, a mais importante via de comunicações do velho mundo.

Dez anos depois, o canal foi aberto à navegação, graças à atividade dinâmica e heróica de trinta mil operários.

Ismael Paxá, o sucessor de Mohamed Said no governo do Egito, inauguruou a notável obra arquitetônica, com pompas extraordinárias, no dia 16 de novembro de 1869, com a presença da maioria dos soberanos e rainhas do mundo. As despesas, para esse fim, atingiram a elevada soma de um milhão de libras-ouro. Da cidade de Porto-Said até Suez, o canal mede 160 quilômetros. Sua profundidade varia entre 45 e 100 metros. Quanto à superfície, é calculada, entre as duas margens do canal, de 95 a 160 metros.

A nota mais interessante das festas da inauguração foi o casamento do engenheiro Ferdinand Lesseps, de 64 anos, com a sra. Helena Bragara, de 24 primaveras. O famoso escritor Emile Zola, representante do "Figaro", telegrafou para seu jornal: "O sr. Lesseps, após ter casado o Mar Branco com o Vermelho, casou-se também."

MINHA MÃE

Certo não quis o espírito divino,
Dar-me a ventura de uma companheira.
Nascido só, viúvi desde menino
Sem alma irmã, uma existência inteira.

Mas não blasfemo; tive a verdadeira
Afeição neste mundo pequenino:
O amor de minha Mãe — essa clareira
Mesmo na escuridão do meu Destino.

Só por ele abenço meu nascimento.
Ensino-me que há puro sentimento,
Virtude, abnegação; amor profundo.

Só por ele valera ter vivido
Mesmo só, desolado, incompreendido,
Entre as nefandas perversões do mundo!

A. J. Pereira da Silva

AUDIÇÃO

— Você viu? Faço tudo o que quero
com esta flauta...

— Já experimentou quebrá-la?...

SAUDADE

Achei-te tal diferença
Quando de novo te vi,
Que, estando em tua presença,
Tive saudades de ti.

Antonio Sales

ALEGRIA DE VIVER

A rara alegria de viver não guarda relação com a idade, nem com a classe social, nem com o credo religioso, nem com a valia moral, nem com o talento. É um dom fortuito e accidental, impossível de adquirir e, graças a Deus, de perder. Carecer totalmente desse precioso sentimento, equivale a possuir o pior dos defeitos. — JAN STRUTHER.

lentado seu escritório e furtado duas mil liras... condessa protestou sua inocência, mas o poeta, inexorável, não retirou a acusação, e a desdita criatura foi condenada a cumprir ano e meio de prisão

D'Annunzio estava, portanto, livre, livre para oferecer o seu coração a Eleonora Duse, a mulher por quem se havia apaixonado. Duse, absorvida pelo poeta e pela sua arte, havia realizado longa viagem por diferentes países. Nada sabia, pois, o abominável acontecimento.

No dia em que, cumprida a sentença, a condessa Anguissola deixou a prisão, seu esposo a esperava. "É meu dever proteger-te — disse ele — e farei".

Havia mobilado e preparado convenientemente um castelo que possuía na Calábria. E, conquanto jamais tornasse a vê-la, permitia sempre à infeliz mulher visitar, de longe em longe, seus dois filhos. E ali, no solitário palácio da Calábria, permanece praticamente prisioneira até sua morte, pouco tempo depois da tragédia que havia destruído a sua vida. Antes, porém, de morrer, soube dos amores de D'Annunzio com Eleonora Duse e escreveu-lhe esta, contando a sua história com o poeta. "Faz isto — escrevia a condessa — com a esperança de que possa servir para desatar os laços que a ligam ao homem mais inescrupuloso da Itália".

Quando a carta chegou às mãos da grande artista, esta pediu explicações ao escritor e, como não obtivesse resposta satisfatória, atirou-lhe a carta ao rosto, rompendo relações.

D'Annunzio tratou por todos os meios de obter o perdão de Eleonora, mas como tivesse sempre uma recusa formal e humilhante, vingou-se, arrastando, através da sua célebre novela "O Fogo", a genial artista ao pelourinho, da mesma maneira que havia feito com a infeliz condessa de Anguissola. Depois disso, Eleonora Duse jamais proferiu o nome do extraordinário poeta. Sofreu seu drama em silêncio, talvez amando como mademoiselle George e a divina Sarah Bernhardt. Quem poderá jamais auscultar o misterioso coração da mulher?

*

O comunismo na opinião de George Sand

AMANTINE-LUCILE-AURORE DUPIN, a baroneza Dudevant, ou simplesmente George Sand, como se tornou conhecida como uma das mais interessantes figuras femininas da História, foi, incontestavelmente, uma mulher de grande talento. Contemporânea de Napoleão, ela assistiu a todas as convulsões sociais e políticas que marcaram a agitada existência da França e da Europa, durante a primeira metade do século passado e sobre as quais, mais de uma vez, George Sand emitiu opiniões em seus livros.

Na "História de Minha Vida", obra em que a conhecida escritora narra as suas memórias, encontramos uma longa apreciação sobre a doutrina comunista, já então francamente propagada no continente europeu. Entre outras interessantes afirmativas, George Sand assim expõe o seu pensamento:

"...Ao examinar, pois, a idéia comunista, que encerra tanta verdade e por isso mesmo tanta grandeza, seria necessário começar por distinguir aquilo que é essencial à própria existência do indivíduo, daquilo que é essencialmente coletivo, em sua liberdade, em seu trabalho. Eis porque o comunismo absoluto, que é a noção elementar, e por conseguinte rude e abusiva, da verdadeira igualdade, será sempre uma quimera, ou uma injustiça".

*Uma idéia que revolucionou
o mundo feminino...*

Sim, a idéia original das unhas coloridas, que possibilitou graciosas combinações com a toalete. Sua criadora, *Peggy Sage*, considerada a maior autoridade em beleza das mãos, continua oferecendo à elite feminina verdadeiras jóias líquidas de exquisita e fidalga personalidade...

Peggy Sage

Tons moderníssimos:
TANNYPORT • CEREJA • CEREJA NEGRA
VINTAGE • PRAIA • INCARNAT • SCARLET



J.W.T.

HEROINA QUE NÃO É ROMANA

CONCLUÇÃO

tós, acompanhado de sua mulher e dum filhinho de colo. Vinham batizar-se todos três. Mas os caçadores de "voluntários" deram com o índio e o agarraram. O sacerdote protesta contra a captura, mas em vão. Venâncio, a esposa do índio, cai aos pés do comandante do navio, suplicando-lhe que não lhe leve o pai de seu filho, ou consinta que ela o acompanhe. O comandante permanece impassível e o índio é levado, com os outros pobres diabos capturados, para a ilha de Marajó.

Três dias e três noites passa a índia Venâncio à margem do golfo, à espera dum oportunidade de seguir no encalço de seu marido. Ninguém a atende. Esconde-se a bordo dum navio que ia fazer a travessia. Mas é descoberta, por causa do chôro do filhinho que le-

vava ao colo. O comandante do navio em que se ocultará, não é homem para comover-se com exemplos de amor conjugal, e manda jogar n'água a índia com seu filho.

Venâncio regressa, nadando, à margem. Não se deixa, porém, vencer por tamanhos obstáculos. Encontra um remo perdido. Depois, uma viga a boiar lhe dá esperanças de poder atravessar a perigosa distância que medeia entre Macapá e Marajó. Não hesita. Monta na viga e, enquanto com

um braço segura o filhinho ao colo, com o outro vai remando, impelindo o madeiro na direção desejada. E' uma luta tremenda contra a força das ondas. Horas a fio leva ela nisso, sem esmorecer, numa tenacidade e num esforço de que poucos homens seriam capazes. Por fim alcança a ilha de Marajó e lá os soldados, enternecidos com tamanha fidelidade e com tamanho amor, em prêmio da constância e do heroísmo da índia, restituem-lhe o marido.

Nestes nossos tempos, em que muitas mulheres estão caçando meio de arranjar o maior número de maridos sucessivos, hão de convir as leitoras divorciadas que essa história da índia Venâncio é uma autêntica "barbaridade".

DÓR de DENTE?
CERA Dr. Lustosa
INOFENSIVO - INFALIVEL!

SOARES DE SOUSA



SOARES DE SOUSA é um dos melhores radiodramaturgos santistas. Escritor jovem e talentoso, suas realizações radiofônicas sempre se caracterizaram pelo bom gosto no tema das histórias e equilíbrio dos diálogos.

Para a Rádio Atlântica de Santos, a conhecida PRG 5, Soares de Sousa organizou durante alguns anos o famoso "Programa da Cidade" e "Páginas Sonoras". Apresentou, durante vários anos, uma história semanal de sua autoria, provocando os mais encomiásticos comentários da imprensa bandeirante.

Atualmente, descansando das ilides radiofônicas, Soares de Sousa dedica-se ao jornalismo, já tendo recebido duas vantajosas propostas que lhe fizeram duas grandes emissoras do Rio: para o jovem "broadcaster" santista integrar o corpo de seus redatores exclusivos.

Santos possui em Soares de Sousa um dos seus mais expressivos valores artísticos, que se recomenda à admiração pública não só pelo valor intrínseco de seus trabalhos como pelo entusiasmo com que se bate pelo aprimoramento do rádio santista.

*

FIGURAS & FATOS

Marcelino Santos, discotecário da Rádio Atlântica de Santos, é o homem dos sete instrumentos da G5. Além de ótimo discotecário, trabalha no rádio-teatro e acumula as funções de locutor...

*

Rosinha Mastrângelo é uma escritora que aderiu francamente ao rádio. "A Vingança do Judeu", o célebre romance de fundo espiritualista, foi uma feliz adaptação de sua autoria para o programa seriado da G 5: "Um romance para você". "A indesejável" é a sua última realização também coroada de sucesso.

*

No "Teatro de Novela" da Rádio Clube de Santos, a pioneira, Iracema Gomes vem se destacando pelas suas corretas interpretações, vivendo com muita propriedade os mais variados papéis que lhe são confiados.

*

Um programa que vem agradando plenamente é "Páginas Sonoras", o programa elegante da cidade" que a Rádio Atlântica de Santos apresenta diariamente pela manhã.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

Gentil leitora: você já pensou que significaria para o futuro de sua Pátria uma campanha espontânea em que cada brasileira ensinasse a ler e a escrever? Por que não inicia desde hoje a parte que lhe compete nessa grandiosa tarefa de brasiliade?

**MORENO BORLIDO & CIA.
CASA MORENO**

(Fundada em 1830)

Filial: Avenida Afonso Pena, 464 — BELO HORIZONTE

MONTAGEM DE GABINETES DE FÍSICA — QUÍMICA —
HISTÓRIA NATURAL

E TODO MATERIAL DE ENSINO EXIGIDO PELO DEPARTAMENTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, PARA OS GINÁSIOS
E COLÉGIOS

Peça catálogos e preços

* João Serrano *

CORTINA DE VELUDO é o belo programa litero-musical que a Rádio Tamoio vem apresentando, às 23 horas de todas as quartas-feiras, na voz de Heraldo Tavares.

*

SINFONIA, é o esplêndido fox que Afílio Lessa acaba de gravar com grande sucesso.

*

COMEMORANDO o seu segundo aniversário, o Conjunto Rádio-Teatral dirigido por P. Luiz, levará ao microfone da PRC-7, na primeira segunda-feira do corrente, a peça policial "O Casanova da Cineilandia".

*

NELSON DE MEDEIROS está se revelando bom radiador. O Romance Musical, irradiado às 21 horas de todas as sextas-feiras, pela PRC-7, vem apresentando boas radiofonizações do conhecido homem de rádio.

*

TIC... TIC... TAC, é a magnífica valsa de Sivan que Ronaldo Lupo gravou recentemente no Rio e está obtendo sucesso.

*

RUTH MARTINS constitui excelente aquisição da Rádio-Guaraní, que possui nesta sambista interessante, um dos pontos altos em seus programas de música popular.

*

A RÁDIO INCONFIDÊNCIA está oferecendo ao seu público ouvinte um programa que vale a pena ser ouvido: "Páginas Famosas da Música Universal", a cargo da Orquestra de Salão, dirigida pelo maestro Mário Pastore, e da cantora Rosita de Sousa.

*

TERNURA é o programa litero-musical que Celso Brant organiza e a Rádio Guarani apresenta às 22 horas de todas as terças-feiras.

*

BIBLIOTECA DO AR, o programa literário da PRA-3, escrito por Genolino Amado e apresentado por Cesar Ladeira diariamente às 22,30, pode ser considerado, no gênero, o melhor do broadcasting nacional.

NUNCA será demais lembrar a influência da rádiofonia como fator moral na educação do povo. A finalidade do rádio não é sómente distrair, provocando a gargalhada fácil, como supõem certos broadcasters que organizam programas às vezes interessantes mas quase sempre impróprios para menores...

O ouvinte mais exigente sob o ponto de vista da moral, sempre aceitou, com um sorriso condescendente e até mesmo com prazer, a deliciosa malícia que condimentava os saudosos programas do broadcasting nacional... Porque a malícia fina — hoje ausente do rádio — constitui uma arte sutil e requere espírito de autênticos humoristas, para que a dosagem não seja excessiva e contraprodutiva, mas exata. Não preconizamos absolutamente, o humorismo velado ou eruditíssimo, que não se coadunaria, por certo, com o objetivo do rádio e ficaria sendo exclusividade das élites... Referimo-nos, isto sim, à graça limpa, hábilmente temperada com a malícia que até valoriza as anedotas e lhes emprega leveza e bom gosto ao alcance de todas as categorias de rádio-ouvintes.

Desejamos focalizar com estas despretenciosas considerações certos pseudos caipiras que não têm a mínima consideração para com os ouvintes. O gênero que adotaram é um dos mais apreciados pelo público e lhes oferece enormes possibilidades de garimpagem nos nossos filões regionais, quer sob o aspecto musical, quer sob o anedótico, que é inesgotável.

Que fazem, no entanto, os nossos caipiras? Contam, ao microfone, estimulados pela amável condescendência dos dirigentes das emissoras, anedotas obscenas, e assassinam, impunemente, cantigas interessantíssimas.

Não resta dúvida que possuímos, no gênero regional, artistas aproveitáveis, que seriam fiéis intérpretes do humorismo caipira se resolvessem a estudar o nosso folclore e aprimorar os seus conhecimentos do linguajar e do anedótario matuto. Desejam ser, no entanto, caipiras da cidade, sómente, contando anedotas insossas, às vezes revoltantes pela flagrante obscenidade, e tentando imitar o matuto nas suas toadas...

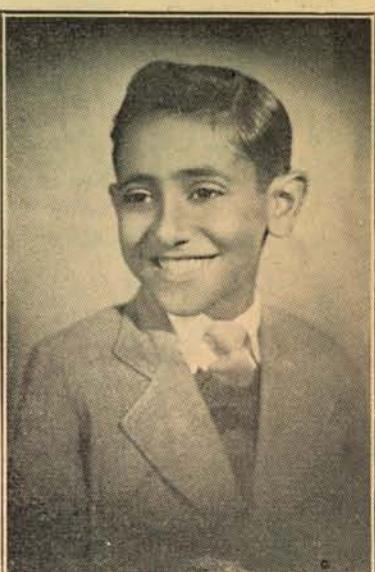
Os melhores do nosso broadcasting precisam compreender que, nesta hora tormentosa da vida, o povo necessita de diversão que lhe proporcione bem-estar através de elevado prazer espiritual, e não mal-estar, à força de lamentáveis piadas de *bas fond*...

★ O NOSSO CONCURSO ★

O CONCURSO radiofônico que instituímos em combinação com as emissoras Associadas, chegou ao seu término, com a apuração realizada no último sábado de agosto próximo passado. Constituiu, sem dúvida, a sua realização, um sucesso sem precedentes na radiofonia mineira, e a sua fase final se caracterizou pelo entusiasmo dos fans dos artistas infantis e por expressiva e consagradora votação.

O programa especial para a coroação do Príncipe e da Princesa e entrega dos prêmios aos vencedores, será realizado no segundo domingo do corrente mês, às dez horas da manhã, no auditório da Rádio Guarani. A festa artística terá a participação dos dez candidatos melhores colocados e ainda de vários artistas que pertenceram ao "Gurilândia" e ao "Programa do Garoto".

ALTEROSA focalizará na sua edição de outubro, numa ampla reportagem fotográfica, a grandiosa festa de consagração à arte dos nossos pequenos grandes artistas.



Alcivando Luz

ZEZE' FONSECA



O DÉCIMO ANIVERSÁRIO DA P. R. H.

Significativo acontecimento para o "broadcasting" nacional • Um decênio de lutas e vitórias

A RÁDIO GUARANI, a querida emissária da Capital, comemorou, em agosto último, com uma notável festa artística, a passagem do seu décimo aniversário. E o sucesso desse programa festivo ultrapassou a todas as mais otimistas previsões, revelando o elevado conceito público de que goza a prestigiosa "estação das grandes realizações" e o bom gosto com que os números constitutivos da grandiosa festa foram concebidos, organizados e realizados.

Apresentou a P. R. H. 6 grandes atrações da nossa música, num desfile contínuo de elementos representativos da nossa arte interpretativa, como Edison Castilho, George Marinuzzi, Guió de Moraes, Juan Moreno, Vilma Leal Arnaud, Linda Batista, Gilberto Alves, Ruth Martins, Otavinho da Mata Machado, Neide e Nanci, Nelson Lopes, Maclerevski, Aminatas Guilherme, Geni Moraes, Gilberito Santana, Valdomiro Lobo, Irmãos Pinto, "Quarteto de Ouro", "Típica Buenos Aires e outros.

O programa diurno transcorreu sob os mais quentes aplausos do público que superlotou o belo auditório da "indígena". A noite, perante seleta assistência, a festa atingiu sua fase culminante com os estupendos quadros "Canções Internacionais" com Edison de Castilho, "Vilma Leal já é um nome", e os números com Gilberto Alves e Linda Batista, dois grandes "cartazes" que vieram abrillantar as comemorações da PRH-6.

A Rádio Guarani venceu, com as festividades do seu décimo aniversário, mais uma gloriosa etapa de



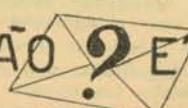
Rômulo Pais, figura de relevo na P R H 6

sua útil existência a serviço da arte e da cultura mineira.

Alterosa registra, com prazer, grata efeméride, apresentando congratulações aos drs. Gregoriano Canedo, diretor-presidente da PRH-6, Enios Marcos de Oliveira Santos, seu dinâmico diretor-comercial, e essa plêiade de redatores e organizadores do programa comemorativo, em que se destacam Rômulo Pais, Celso Brant e F. Andrade.

ENVELOPE CAMPEÃO ? E DINHEIRO NA MÃO!

LOTERIA FEDERAL		
EXTRAÇÕES EM SETEMBROO DE 1946		
Dia	Prêmio maior	Preço inteiro
4	1.000.000,00	120,00
9	1.000.000,00	120,00
11	1.000.000,00	120,00
14	2.000.000,00	350,00
18	1.000.000,00	120,00
21	1.000.000,00	120,00
25	1.000.000,00	120,00
28	1.350.630,00	120,00



DE ONDE QUER
QUE VOCÊ RE-
SIDA, PODERA'
PDIR O SEU
BILHETE AO

LOTERIA DE MINAS		
EXTRAÇÕES EM SETEMBROO DE 1946		
Dia	Prêmio maior	Preço inteiro
6	1.000.000,00	200,00
13	300.000,00	40,00
20	500.000,00	70,00
27	300.000,00	40,00

CAMPEÃO DA AVENIDA

Av. Afonso Pena, 612 e 781 — C. Postal 225 - End. Tel. CAMPEÃO - B. HORIZONTE



O "TEATRINHO DE BRINQUEDO"
DA P. R. G. 5 DE SANTOS

Há programas radiofônicos que apenas divertem, tornando menos monótonas as nossas horas pesadas. Acha-mos interessantes, muito bem organizados, palpitantes de humor, mas logo os esquecemos.

Outros há, no entanto, que, divertindo, instruem, educam, elevam o espírito e modelam caracteres. São programas que possuem finalidades reais.

Durante a m'nha rápida visita, no ano retrazado, à fascinante cidade de Santos, conheci um desses programas de verdade.

Não o ouvi apenas através das ondas hertzianas, mas o senti em toda a sua contagiente vibração no elegante auditório da admirável Rádio Atlântica.

Foi num domingo calmo e quente que subi as escadas do belo edifício em que está instalada a PRG-5 de Santos.

O auditório estava super-lota-do, regorgitante, colorido. Era o "Teatrinho de Brinquedo" que atraiu aquela multidão de adultos e crianças!

Receberam-me pessoas amáveis, expressando bem a fidalguia santista. Ví-me depois no palco onde uma criaturinha adorável interpretava maravilhosamente uma página expressiva de música fina. Era a patativa de Santos: Lady Martinez! A voz, cristalina, ressoava no salão como doce carícia envolvendo as criaturas.

Outros grandes pequenos artistas se fizeram ouvir, num desfile musical inesquecível.

E jamais esquecerei essa visita ao "Teatrinho de Brinquedo" de Dindinha Sinhá, cujo nobre ideal, através de esforços inauditos que são muitas vezes incomprendidos, a maioria dos santistas reconhece como uma das forças vivas da radiofonia da sua terra.

Ainda vejo aquela porção de artistas miudos e futuros astros a interpretar músicas tristes e alegres. Ainda sinto a distinção santista tão bem representada por Dindinha Sinhá e alguns cavalheiros da G. 5 para com o obscuro rabiscador. E em meio a essa doce recordação daqueles instantes de sonho e espiritual prazer, a carícia terna, envolvente e inesquecível de Lady Martinez, a grande artista que Santos possui...

"Teatrinho de Brinquedo", Dindinha Sinhá?

Programa de verdade, isto sim!

J. S.

ASTROS e ESTRELAS



Linda Batista, a notável sambista da PRG-3, do Rio, que veio a brilhar na noite do programa do décimo aniversário da Rádio Guarani, constituindo suas apresentações um autêntico sucesso.

RÁDIO

Graziela Ramalho, ótimo centro cômico do elenco radiatral da Rádio Globo, interpretando também papéis característicos.



Alvaro Aguiar, um dos mais jovens radiadores do "broadcasting" carioca, que se vem destacando categóricamente do rádio-teatro da Rádio Globo, do Rio.

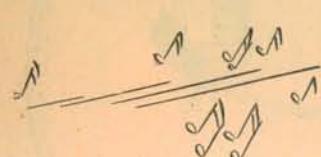


Delorges Caminha, nome que dispensa adjetivos, é outra figura de classe no magnífico rádio-teatro da grande emissora carioca.

Lúcia Delor, admirável radiatriz, responsável pelos papéis centrais do rádio-teatro da Rádio Globo.



Lourdes Nazareth, outra expressiva figura do rádio-teatro da Rádio Globo.



Tina Vitta, a simpática radiatriz, que interpreta ao microfone da Globo papéis de todos os gêneros.





Sabonete DORLY

PREÇO POR PREÇO É O MELHOR!

A VENDA EM TODO O BRASIL

D.Ferraz

Oleo PALMOLIVE

apresenta

o penteado do mês



Criação do famoso
cabeleireiro

Acossato



Acossato criou este elegante penteado para Palmolive. Muitos cabeleireiros famosos recomendam o Óleo Palmolive para manter a permanente. O fino Óleo Palmolive, tão bom para dar vida e beleza à permanente, é também maravilhoso para conservar a ondulação natural mais perfeita e atraente. Óleo Palmolive garante estes resultados porque é feito de óleos minerais super-refinados, importados dos Estados Unidos. Comece, hoje, a usar o Óleo Palmolive!

Oleo
PALMOLIVE
AMACIA E PERFUMA OS CABELOS



O SONO DOS GRANDES HOMENS

A CHRONIQUE MEDICALE publicou, há tempo, curioso estudo sobre o sono dos grandes homens do passado.

Richelieu deitava-se às 23 horas e, depois de dormido três horas, levantava-se para trabalhar, escrevendo ou ditando quatro horas. Depois retornava à cama, geralmente das seis às oito.

Leibnitz, que trabalhava, às vezes, durante três dias e três noites sem descansar um minuto sequer, constituiu um tipo excepcional e provavelmente encontrará pouquíssimos imitadores.

Boerhave conta que, após contínua aplicação ao trabalho durante certo tempo e profunda meditação desde a manhã até a noite sobre importante problema, sofreu uma insônia que durou nada menos de seis semanas.

Bossuet trabalhou sempre, durante dezessete anos consecutivos, até alta noite. Quando não foi mais obrigado a dormir na Corte, por ser bispo de Meaux, levantava-se à noite e mandava colocar à sua cabeceira uma vela acesa, mesmo quando em viagem. Se sentia frio, vestia dois roupões e embrulhava-se numa pele de urso. Orava longamente. Depois, sentava-se à mesinha onde já estava tudo preparado: penas, papéis e livros. Trabalhava duas ou três horas. Deitava-se de novo e dormia facilmente.

Madame du Châtelet passava todas as noites a trabalhar. Levantava-se às nove ou dez da manhã. Mas, quando se recolhia às 4 horas, ao que ela chamava deitar-se com o canto do galo, dormia sonante duas horas, pois se erguia, sempre disposta, às seis...

Byron não conseguia dormir à noite, especialmente quando havia passado bem à tarde.

O pintor Girodet não pintava senão à noite e, quando dormia, conta-se, se a sua mão repousava, a sua imaginação, excitada, trabalhava ainda.

O naturalista Lacépède não dormia senão quatro horas, das nove às onze; depois, das três às cinco da manhã.

Litré deitava-se às três para levantar-se às oito.

PARTICULARIDADES DO CALENDÁRIO

QUANDO o ano não é bissexto, termina no mesmo dia da semana em que começou. Nestes mesmos anos, as datas de janeiro e outubro caem no mesmo dia da semana; o mesmo sucede com fevereiro, março e novembro, abril e julho, setembro e dezembro.

Laboram em grande erro os que supõem que os séculos começam em primeiro de janeiro dos anos terminados em 00, como 1500, 1900 e 2000, etc. O primeiro ano secular começa sempre a primeiro de janeiro dos anos terminados em 01. Assim, o século XIX começou a primeiro de janeiro de 1801 e terminou a 31 de dezembro de 1900. O século XX começou a primeiro de janeiro de 1901 e terminará a 31 de dezembro do ano 2.000. O século XX terá mais um dia que o XIX. Devido aos anos bissextos, pode dar-se a hipótese de dois indivíduos, que morreram com a mesma idade, apresentarem esta diferença curiosa: ter um eles vivido mais um dia que o outro...

Nenhum século gregoriano pode começar em quarta, sexta-feira ou domingo. Todos os séculos bissextos gregorianos começam em terça-feira e terminam em domingo.

O século XX começou numa terça-feira e terminará num domingo.

UMA BOA DONA DE CASA

Há dois tipos de donas de casa que falham, lamentavelmente, na delicada missão que lhes é confiada: a que ignora ou se desculpa do cumprimento de suas obrigações, e a que é excessivamente meticulosa, transformando sua casa num quartel, onde impera uma disciplina férrea. Ambas conseguem, usando de meios diferentes, um resultado desolador: o esposo sente-se mal em casa, e procura, então, lugares mais próprios para suas expansões.

Não há dúvida de que desses dois tipos de dona de casa, o segundo ainda é o preferível. Peca ele por excesso de zélo, obedecendo a um conceito demasiado restrito de suas obrigações. Tal mérito se desvaloriza, pois a virtude assim praticada transforma-se em mania e produz efeitos contraditórios.

Certa senhora, por exemplo, deseja que a sua casa "brilhe como um espelho", que nela esteja tudo em ordem, e que se observe estritamente o provérbio que sentencia: "cada coisa em seu lugar, e um lugar para cada coisa". Deseja também que tudo se faça nas horas marcadas, isto é, horário rígido, como nos quartéis; que o café, o almoço, o "lunch" e o jantar sejam servidos à primeira pancada do relógio, quando chegar a hora marcada.

Tudo isso é louvabilíssimo e estaria muito bem se esse empenho em manter a casa em ordem não se transformasse, como acontece frequentemente, em mania irritante. O marido, por exemplo, por motivo de serviço, demora-se um pouco mais no escritório, e chega à casa, suado, com vontade de tomar um banho antes do almoço. A esposa, no entanto, só pensa que está na hora do almoço, que o relógio já bateu meia-dia, e que a refeição tem que ser servida de qualquer maneira. Outro tanto ocorre quando o esposo se deita fatigado na véspera e, por isso, demora-se um pouco mais ao se levantar, pela manhã. O relógio só a hora do café. Madame não deseja esperar um minuto sequer:



manda logo servir a refeição e principia a molestar o marido, a fim de que ele não se demore no banho, que se barbeie depressa, que o café está esfriando... etc. etc.

E' muito bonito, não há dúvida, ter a casa como um espelho: nem um grão de pó sobre os móveis, nem um resíduo no chão. Mas acontece que o marido acende um cigarro e, daqui a pouco — zás! — cai um pouquinho de cinza no soalho. Pronto! Por causa disso arde Tróia. Madame acha logo que é falta de cuidado, desconsideração, e que, afinal de contas, a casa dela não é nem um café público... De outra vez será porque o esposo deixou o roupão de banho no quarto de dormir, quando sabe que o lugar próprio é no banheiro... Mais tarde, porque entra em casa com os sapatos enlameados e não os limpa com o devido cuidado no capacho...

Desse modo, para conservar a ordem e a limpeza que madame exige em sua casa, todos os que com ela vivem deveriam, para não contrariá-la, transformar-se em autômatos ou, então, mudar-se para um hotel... Nada mais útil, numa casa, que a ordem e a limpeza, porém, nada tão mortificante também quanto a censura permanente de uma dona de casa maníaca, controlando e criticando todos os atos de quantos a rodeiam. O esposo, apesar de viver numa casa irrepreensivelmente asseada, nunca será feliz. Sentir-se-á, dentro dela, como um intruso, vacilará antes de se servir das coisas ou de se utilizar dos móveis e objetos que ali estão para o seu próprio conforto e prazer. Que deseja ele então? Deseja, simplesmente, possuir uma casa limpa e asseada, mas dentro da qual ele se sinta à vontade, despreocupado e feliz. Madame, no entanto, exagerada, até o ridículo, nos seus cuidados a fim de conservar a casa em perfeita ordem, malogra o seu propósito, tornando o lar um lugar incômodo e hostil.

A ordem e a limpeza, como todas as virtudes domésticas, devem ser praticadas, sem exagero, pois, do contrário, só poderão proporcionar resultados contraproducentes.

BEBIDA *Diplomatico...*



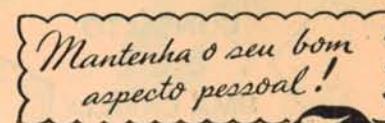
Onde quer que se encontre o CAFÉ promove logo um ambiente de cordialidade. E' o diplomata por exceléncia nas reuniões de gabinete ou no seio das mais humildes famílias. Mas CAFÉ diplomata só é o "CAFÉ FINO" sem mistura, preparado tecnicamente no



RUA RIO DE JANEIRO, 390
ESQ. TUPINAMBAS



DESENHOS E CLICHÉS
PELO REEMBOLSO POSTAL



Brilhantina
OVOGEM
de HERÚ



À BASE DE CHOLESTERINA DE OVO
ÚNICA NO GÊNERO
Perfumeria Herú - C. P. 3486 - Rio de Janeiro



Venus MODERNA

SE os grandes escultores de outrora ressuscitassem, esculpiriam a Venus Moderna vestida com Lingerie Valisère. Há mais poesia, mais encanto, num corpo, de mulher vestido com Valisère! Lingerie Valisère — Corte individual rigoroso, em tecido indesmaiável.

CONTACTO
QUE É
UMA CARÍCIA



LINGERIE
Valisère

Caixa de Segredos

por Consuelo San Martin

CAIXA DE SEGREDOS é uma seção permanente que esta revista oferece aos seus leitores desejosos de solucionar os seus problemas sentimentais, proporcionando-lhes conselhos sinceros e baseados na experiência e observação da existência humana, através de suas múltiplas manifestações psicológicas.

Toda correspondência para esta seção deve ser dirigida a Consuelo San Martin, "Caixa de Segredos" — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte.

CORRESPONDÊNCIA

APAIXONADO — Conceição do Ipanema — Minas — Se não houve um motivo sério da sua parte para a sua namorada se esquivar de você, procure esquecê-la. O modo por que vem agindo, segundo me escreveu, é demais leviano para que você possa confiar nela.

LÚCIA HELENA — Acho que vai tudo muito bem para o seu lado. Essas pequenas desinteligências de que você me fala não chegam a constituir um caso. Felicito-a e desejo para o mais breve possível a feliz realização dos seus sonhos.

ELENIR DE SOUSA — Florestal — Minas — Leio a sua carta e verifico que você não está preparando a sua felicidade. Na realidade, o seu namorado, pelo tempo de conhecimento que vocês têm, já podia ter-se definido.

O fato, também, de ser tão mal humorado o seu eleito, é de se temer. Resta-lhe, contudo, a certeza de que é amada, mau grado as incompreensões de que tem sido vítima.

MARIA — Sete Lagoas — Minas — A sua cartinha mostra realmente a sua pouca idade e o seu modo de pensar, quase infantil ainda. Os seus receios, minha jovem amiga, são infundados. O fato de estar residindo aqui em Belo Horizonte o seu namorado, não é motivo para você se alarmar. O número de moças da capital mineira é muito inferior, como você não deve ignorar, ao dos rapazes, daf estar você levando vantagem.

ANOR — Ipanema — Minas — O seu caso merece especial atenção. Não se pode negar que

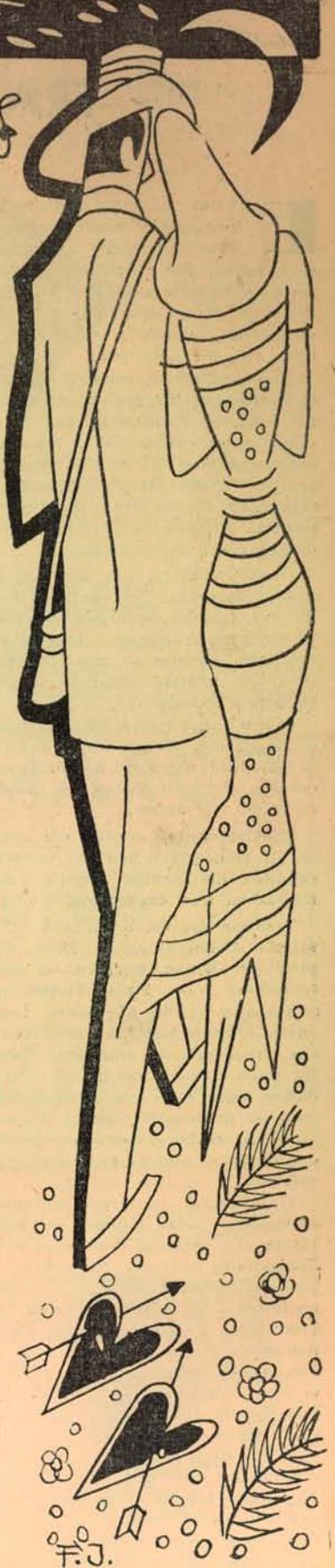
a sua namorada tenha alguma razão. Atendendo ao fato de não ter você ainda se orientado na vida no sentido econômico, é justo que a moça o trate com alguma reserva. Procure cuidar seriamente do seu futuro, e creia que tudo se modificará no seu sentido.

PITTY — Capital — Uma incompreensão é sempre ponto de partida para aborrecimentos. De certo modo, foi você a única culpada do ocorrido. Se, no entanto, é verdade o que lhe disse o seu amigo, deve você felicitar-se. Um rapaz que já assumiu um compromisso sério com uma moça e, por um motivo tão fútil, deixa de procurá-la, não deve ser lembrado mais. Ou é um espírito caprichoso e consequentemente, deve ser tratado com reservas, ou estava procurando um pretexto para um rompimento.

O seu retrato poderá ser readquirido por intermédio de seu amigo, não acha?

WALSON — Santo André — São Paulo — E' deveras confortante, para mim, receber uma cartinha, como a sua. Alegra-me, sobremodo, sabê-la a moça forte que eu vislumbrei desde a sua primeira carta. Agradeço penhorada as expressões de carinho e a gentileza do seu convite. Praza a Deus possamos ainda nos encontrar pessoalmente para, de perto, melhor felicitá-la.

LADIR — Sete Lagoas — Minas — E' sempre de bom aviso ouvir o conselho dos pais. Não raro, mais experimentados da vida, eles enxergam pelos filhos, aquilo que ainda não lhes é dado perceber. Quem sabe a sua mãe não está com a razão?



F.J.

Recordar é viver...

FRANCISCO SOUCASAUX

Abilio Barreto

NTERE os mais antigos e destacados benfeiteiros de Belo Horizonte encontra-se o nome de Francisco Soucasaux, a cuja memória a Municipalidade já rendeu merecida homenagem, ligando o seu nome a uma rua da Lagoinha.

Esse admirável artífice e artista madrugou nesta localidade, para aqui se transportando com sua família ainda no tempo do extinto arraial de Belo Horizonte, antigo Curral del Rei, quando a Comissão Construtora da Nova Capital iniciava os seus trabalhos complexos e monumentais.

Desde criança, em sua terra natal, Barcelos, Portugal, no seio de sua família, que era composta de um grupo de admiráveis artífices, revelou-se um sonhador, um grande idealista e trabalhador infatigável.

O seu ideal encaminhou-o para o Brasil aos 15 anos de idade e o Rio de Janeiro foi a cidade escolhida para o primeiro campo de suas atividades.

Efetivamente, dentro em pouco, afi começou a afirmar os seus créditos de técnico seguro nos trabalhos que executava.

Tempos depois, quando a Comissão Construtora da Nova Capital de Minas iniciava os seus trabalhos em Belo Horizonte, Soucasaux vendo afi campo mais vasto e promissor aos seus labores, transferiu-se com sua família para o novo centro de atividades onde logo se relacionou com as principais figuras do novo meio social, fazendo-se muito estimado e admirado pelos seus méritos.

Habilíssimo fotógrafo amador, encantado pelas belezas de Belo Horizonte, montou logo aqui bem aparelhado gabinete fotográfico e passou a colher os mais lindos, curiosos e pitorescos aspectos da vida e da paisagem locais, cujos negativos copiava, arquivando as chapas, e, assim, foi constituindo a nossa primeira e a mais bela coleção de fotografias, com que, mais tarde, organizaria os admiráveis quadros que haviam de conquistar honrosos prêmios na Exposição de S. Luiz, nos Estados Unidos da América do Norte.

Quando foram atacados decisivamente os trabalhos de construção da cidade, a Comissão



FRANCISCO SOUCASAUX

Construtora montou uma grande oficina de carpintaria e marcenaria em enormes barracões com paredes de tábua e cobertos de zinco, instalados no quarteirão compreendido entre a Avenida Afonso Pena e as ruas da Bahia e Goiás, aparelhagem destinada à preparação de todo o madeiramento para a nova Capital e entregou a Soucasaux a direção dessas oficinas movidas a vapor e desse centro de atividades ciclópicas saíram as esquadrias, engadamentos de telhados e assobalhos de todas as primeiras casas da Capital.

Anteriormente, Soucasaux, de sociedade com os srs. Alfredo Camarote e Eduardo Edwardus construiria a beixíssima estação triangular de General Carneiro e também a residência do respectivo Agente, a primeira casa erguida em terras da nova cidade.

Figurando em o número dos primeiros edificadores da nova Capital, Soucasaux construiu a bela casa de sua residência à rua da Bahia, em frente às oficinas referidas, onde passou a residir com sua família. Essa casa, anos mais tarde, após a morte de Soucasaux, foi vendida, demolida e, em seu lugar, construiu-se o grande sobrado em que se instalou o "Park Royal", entre as ruas Goitacazes e Avenida Afonso Pena.

Aí, em adequadas dependênc-

cias construídas ao fundo de sua casa, Soucasaux instalou o seu aprimorado gabinete fotográfico, que era um centro de reunião das principais figuras locais contemporâneas, nas letras, nas artes e no jornalismo.

Ele, baixote, gordo, bigodudo, falando mansa e pausadamente, com as mãos sempre metidas nos bolsos do palitô, andando a passos cadenciados, não parava, não descansava, tomando parte ativa em todas as iniciativas progressistas da cidade, que idolatrava, muitas imaginadas e executadas por ele.

Assim foi que a nova Capital não tinha uma casa para a Câmara dos Deputados, que se deveria reunir aqui em 1898, pela primeira vez, e Soucasaux resolveu logo o problema. Comprou da firma Abel & Comp., do Rio, o terreno e os materiais do sobrado que estava sendo construído à rua da Bahia, esquina da Avenida Afonso Pena e que havia desabado em uma noite de tempestade, pouco antes, e ergueu, em poucos meses o sobrado em que se acha presentemente o Palácio Hotel, arrendando-o ao Governo do Estado para o nosso primeiro Congresso, onde funcionou durante longos anos.

Mas a cidade de Minas era um meio monótono, sem diversões e os nossos congressistas precisavam divertir-se durante as sessões do Legislativo. Com havia de ser? O teatrinho provisório "Variéades", que Paulino da Fonseca Saraiva improvisara na Avenida do Comércio (depois Santos Dumont) não satisfazia às exigências do melo, e Soucasaux, logo deu solução a esse outro problema. Devidamente autorizado pela Prefeitura, aproveitou o barracão principal das antigas oficinas da carpintaria e marcenaria da extinta Comissão Construtora, à rua da Bahia, onde se acha presentemente o Edifício Artur Haas e, em fins de 1899 e princípios de 1900, havia-o transformado em um belo teatro de tábua e coberto de zinco, com esteiras por cima e que foi inaugurado ruidosamente naqueles dias pela grande Companhia dramática e de comédias — "Soares de Medeiros-Ismênia dos Santos", que ali realizou memorável temporada.

O povo logo o batisou por "Teatro Soucasaux". Era ladeado por um jardim com coréto, em torno do qual as moças contemporâneas passeavam, ouvindo música, e lançando o footing na Capital. Existiu até 1905 e aí tivemos temporadas teatrais notáveis, além de cinematógrafo e até funções de circo de cavalinhos, pois o gênio de Soucasaux tinha feito o assoalho da platéia adaptável a esse último gênero de diversões e aí trabalhou com grande sucesso o "Circo Zoológico", em que brilhou o palhaço Eduardo das Neves com as suas canções e fandangos ao violão.

Logo depois sentiu-se a falta de um palácio para Forum. O Tribunal da Relação estava mal instalado em sua casa particular da rua Aimorés e a justiça em geral não tinha onde funcionar comodamente.

Não houve dificuldade para resolver o caso. Francisco Soucasaux, de sociedade com o sr. Aurélio Lobo executou logo o belo projeto do fino arquiteto Sr. Edgard Nascentes Coelho e, dentro em pouco, estava a justiça magnificamente instalada no formoso palácio da Praça Benjamin Constant, mais tarde utilizado para Escola Normal e, afinal, injustificavelmente, demolido em 1930 para se colocar em seu lugar o edifício que ali está presentemente e que poderia tão bem ter sido feito em outro lugar, conservando-se o primitivo.

Mas Soucasaux não descansa. As suas horas disponibilizadas de cada dia é ele as dedicava ao seu atelier fotográfico, colhendo e fixando em chapa os mais interessantes aspectos da cidade nascente, como já fizera em relação ao arraial extinto. Essas fotografias ele as imprimiu em postais e com elas, depois, organizou belíssimos quadros com que concorreu à Exposição de S. Luiz, nos Estados Unidos da América do Norte, conquistando honrosos prêmios, como dissemos.

Incansável, como sempre foi, projetou e ia construir o Teatro Municipal, cujo contrato assinou com a Prefeitura a 11 de novembro de 1901; mas a sua saúde já bastante combalida, exigiu que ele mudasse de meio, afim de se tratar convenientemente.

Deliberou, assim, rever o seu torrão natal, Barcelos, no velho Portugal e partiu a 5, aí chegando a 28 de maio de 1904. Por ocasião da sua partida de Belo Horizonte recebeu na estação de Minas as mais carinhosas despedidas de seus amigos que eram

CONCLUI NA PÁGINA 136)

DISTRIBUIDOR PARA O ESTADO DE MINAS:
ARTUR DOS SANTOS COELHO
Av. dos Andradas, 294 - Fone 2.3636 - Belo Horizonte

LUIZ DE MARCO

JOALHEIRO

Av. Afonso Pena, 545 — Tel. 2-5617
Belo Horizonte

O MAIS BELO E VARIADO SORTIMENTO DE RETALHOS LISOS E ESTAMPADOS — TECIDOS EM CORES FIRME

Bazar dos
PINHEIRO &
GOULART
LIMITADA

Oferece a possibilidade da Senhora andar no rigor da Moda, gastando 50 % menos



DIRETAMENTE DA
FÁBRICA!

Rua Tupinambás, 465 — Fone 2-3679

A Elegância NA Primavera



A PRIMAVERA que se aproxima vale por uma feliz oportunidade para a senhora realçar os seus encantos pessoais. Renove o seu guarda-roupa de acôrdo com a nova linha criada para a mais bela estação do ano. Venha admirar as nossas exposições, onde se encontra, em um variadíssimo sortimento ao alcance de todos, o que há de mais moderno em vestidos de esporte, passeio e baile, importados diretamente

A SIBERIA
peles • Modas • Novidades

AV. AFONSO PENA, 855
EDIFÍCIO - ACAIA CA



DUSTY ANDERSON, a linda estréia da Columbia, oferece às noivas modernas esta maravilhosa sugestão que se diria ter sido criada sob a inspiração da primavera...

Modelo do Mês

FRANCIS RAFERTY, a encantadora estrela da Metro, apresenta esta originalíssima sugestão: um "maillot" simples mas cômodo e bonito, com movimentada figura de um cow-boy do Texas...



Primavera

ÉS um delicioso mo-
dêlo de "maillot"
que a sensacional
DUSTY ANDERSON,
da Columbia, oferece
ao bom gôsto de nos-
sas leitoras...



EIS a Primavera... Já se sente na atmosfera translúcida a mensagem luminosa do sol diferente, vivificando as árvores, suavizando a temperatura e tornando as criaturas mais felizes... E' a Primavera!

A cidade mesmo já possui outra fisionomia mais soridente e acolhedora... Nas piscinas, o desfile estonteante dos maillots que desnudam as se- reias, atrai a fila dos tritões... As praias regorgitam, na poli- cromia dos modelos moderníssimos...

E' a Primavera! E' o milagre primaveril embelezando a cida- de dourada pelo seu fulvo sol de ouro e enchendo as piscinas e as praias de sorrisos luminosos, numa festa de beleza e bom-gôsto...

A Primavera che-
gou!

Saúdemos, pois, a querida visitante com o nosso melhor sorriso sob o seu sol vi-
ficador!...

PEGGY KNUDSEN, a maravilhosa descoberta da Warner Bros, num "maillot" admirá-
vel...



ANGELA GREENE, outra esplêndida descoberta da War-
ner, apresenta este "maillot" verdadeiramente su-
gestivo...



MODELOS JUVENIS

1) Muito indicado para as adolescentes é este encantador modelo em shantung de duas cores. * 2) O peitilho e o cinto deste sugestivo vestido de linho ou shantung são de tecido liso. * 3) Este delicioso vestido de linho, compõe-se de blusa riscada e uma saia lisa. * 4) Fresco e alegre é este vestido de linho, adornado com rendas e uma fileira dupla de botões. * 5) Este belo conjunto juvenil em linho azul adornado com linho branco, é muito prático, pois pode ser usado na praia, como na cidade, com o complemento do chapéu. * 6) No campo, nos parques ou na cidade, este lindo vestido de linho estampado será sempre atraente.



Minuto Mágico

PARA TRANSFORMAR SUA
CÚTIS EM 3 TEMPOS!



Cútis sem Víco...

Já experimentou essa desalentadora sensação de olhar-se ao espelho e achar sua cútis áspera, envelhecida, sem víco? São partículas de pele morta, secreções gordurosas, póros obstruídos por detritos, que dão esta aparência apagada à sua cútis.



O Minuto Mágico...

Mas sua cútis poderá ser suave, limpa, aveludada, em 60 segundos — num Minuto Mágico! Aplique o alvo e macio Creme Evanescente Pond's em suas faces, em sua garganta e em sua testa. Depois de um minuto, remova essa máscara cremosa.



Nova Cútis suave, aveludada!

Sua cútis se transformará... num Minuto Mágico. Em 60 segundos, a ação keratolítica do Creme Evanescente Pond's dissolve e remove as impurezas que se depositam sobre a epiderme. E seu rosto surgirá mais limpo, mais claro, com mais frescor...



Duplamente útil à sua beleza!

MINUTO MÁGICO

Mantenha o víco e a suavidade de sua cútis, usando o Creme Evanescente Pond's, como recomendado acima. Ficará encantada com os resultados.

BASE PARA PÓ DE ARROZ

Use sempre, como base para pó de arroz, uma leve camada de Creme Evanescente Pond's. Manterá sua pele fresca e seu make-up lindo!

VESTIDOS DE Baile



1) Confeccionado em organza estampada, com uma cascata de babados na parte traseira da saia e com o cinto de veludo, esta toalete de baile é original e ao mesmo tempo decorativa. * 2) A beleza da blusa deste belo vestido de crepe de seda está realçada por um bordado de lantejoulas. A saia longa tem uma abertura que comece à altura dos joelhos. * 3) As *jeune-filles* ficarão mais encantadoras que nunca com esta toalete de baile de seda, decotada. * 4) Este vestido de baile é distintíssimo e exibe lindos bordados de pérolas. * 5) Em tafetá ou organza, este juvenil vestido de baile, adornado com flores, é verdadeiramente encantador.

ELEGÂNCIA & PERSONALIDADE

QUE INDIVIDUALIZAM
A MULHER MODERNA



NOS tempos que correm, com a mulher afastada do seu antigo ambiente de ocio nos lares e integrada no dinamismo das atividades que singularizam o século atômico, nem sempre há tempo para o estudo dos modelos que devem compor o seu guarda-roupa. Ora os estudos, ora o trabalho ou ainda as obrigações sociais, impedem à mulher moderna dispor do tempo necessário à criação das toaltes que condizem com o seu temperamento e com seu físico.

Por isso mesmo, o Departamento Feminino de A-COMPENSADORA foi aparelhado de modo a satisfazer permanentemente, em qualidade, variedade e gosto, a todas as exigências da moda em vestidos, costumes, casacos, manteaux, blusas, echarpes, bolsas, carteiras, cintos, luvas e demais acessórios para a elegância feminina.

Para cada idade, para cada tipo e para cada silhueta, há no Departamento Feminino de A COMPENSADORA o modelo que agrada, emprestando elegância e personalidade à mulher moderna.



a Compensadora Modas

Rua Tamoios, 438

CRÉDITOS

intimidate





Na página anterior, lindos modelos de camisas de dormir, e Rita Hayworth, da Columbia, num moderno quimono. Nesta, Audrey Totter, da Metro, num sugestivo pegnoir, ladeada por uma bela combinação e uma aristocrática camisa de dormir.

* 1 — Muito indicada para ser vestida com um costume clássico é esta blusa de seda enfeitada de pespontos. * 2 — Um maravilhoso trabalho de "jours" e pequenas dobras distinguem esta blusa de crepe. * 3 — Um grande monograma bordado e cravejado ornamenta esta elegante saia de lã. * 4 —



remates em bico fazem sobressair esta blusa em crepe de seda. * 7 — Linda

Saia de flanela marron ornada de recortes artísticos e pespontos. * 5 — Esta blusa de crepe "lingerie" está ornada de belos recortes pespontados. * 6 — Nervuras e

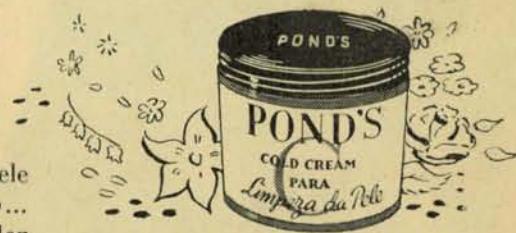
saia em "toile" beije; cinturas e bolsos aplicados. * 8 — Pequenos botões dourados ornam esta sugestiva saia em crepe.



LIMPEZA INTRA-CUTÂNEA

UM MÉTODO
EFICIENTE E SEGURO
PARA TORNAR
SUA CÚTIS

mais clara
mais bela *mais alva*
rapidamente!



★ O sujo, os detritos, os resquícios de pele morta, as camadas envelhecidas de *make-up*... são o maior inimigo da beleza, da limpidez e da suavidade de sua cútis. Removê-los rigorosamente, assegurando completa limpeza da epiderme, é o caminho mais seguro para ostentar uma cútis sem mácula! Não basta, porém, proceder à limpeza *externa* da pele. Porque, mais importante ainda, é a limpeza *intra-cutânea* — a limpeza dos poros, através dos quais a epiderme respira, renova-se, vive!

Para assegurar à sua pele esta dupla higiene, use o Cold Cream Pond's. Pela ação dissolvente e ultra-penetrante de seus componentes, o Cold Cream Pond's dissolve e remove os elementos nocivos que se depositam, não só no exterior da pele, mas também *nos póros!* Por isto o Cold Cream Pond's transforma rapidamente sua cútis, tornando-a mais alva, mais clara, mais bela.

Use-o religiosamente, tôdas as manhãs. E, para dar beleza e suavidade extra à sua cútis, aplique-o, também, à noite.

POND'S

OS VELHOS Queridos...



EIS o pensativo BARRY FITZGERALD, aquélho bom padre d' "O Bom Pastor", que tantas boas evocações causou a muita gente... E' da Paramount.

* *

FRANK MORGAN é outro velho estimado. Jovial e simpático. Vêmo-lo gozando as suas últimas férias no seu rancho em Mirage, perto de Palm Springs, na Califórnia. Morgan pertence à Metro.

* *

LIONEL BARRIMORE, esse notável velho que admiramos, recebe de Una Merkel o Jo-Jo, o famoso pinguim dos estúdios da Metro. Lembram-se desse pinguim em "Do Mundo Nada se Leva", como ajudante de Rochester e daqueles fogueteiros malucos?



CCINEMA possui dois elementos humanos que constituem duas atrações irresistíveis: as crianças e os velhos. Na voz, nos gestos e nos sorrisos desses pequenos intérpretes — gênios precoces da arte — a multidão, exausta do prassimo hodierno, procura, sedenta, a poesia em flor da inocência que lhe purifica o espírito, pelo menos durante duas horas... E a fuga para o passado através da evocação. As criaturas procuram reconhecer-se, no espelho da tela, naqueles entes minúsculos que sonham e sofrem, vivendo a vida sinta e feliz do alvorecer da vida...

Já os velhos conduzem, paradoxalmente, a multidão, para o futuro que a espera, comunicando-lhe, através da força de seus diversos temperamentos artísticos, as emoções, as alegrias e os sofrimentos que a envolverão no ocaso da vida... E a multidão goza e sofre o prazer e o sofrimento desses velhos queridos em cujas figuras revê, muitas vezes, criaturas amadas que vivem agora somente em sua memória...

Quem não teve, na sua infância, o contacto benfazejo de um pároco — bom e paciente, mas enérgico e corajoso? Quem possui uma dessas criaturas como mestre e amigo, reviu-a, por certo, na figura de Barry Fitzgerald, aquél que padre de "O Bom Pastor".

Os velhos simpáticos e afáveis da "Família Hardy" são outro motivo de prazer para os olhos e os sentidos. Criaram ambos o lar com que todos sonham na velhice e, assistindo-os, tódas as criaturas jovens se revêem, gozando aquela doce felicidade que o querido casal desfruta no... cinema.

Quantas criaturas desejariam ser, na velhice, como Marjorie Mann, forte e corajosa?

Bons velhos, esses notáveis artistas! Ensoram às multidões de todos os recantos do mundo a sábia filosofia do estoicismo silencioso ante a realidade melancólica da velhice. E, morrendo aos poucos, vão ajudando os outros a viver: com a alegria e a tristeza que talvez não sintam e com a experiência que talvez não tenham...



Ao alto, sorridente e feliz, Marjorie Mann, a legítima substituta da inesquecível Marie Dressler. É a companheira constante do

Wallace Berry, nos filmes da Metro. No centro, o famoso "Juiz Hardy", no instante da foto Coronel Lewis Stone, comandante do 1º Regimento de Evacuação da Califórnia. Que tal? Em baixo, a querida "Mamãe Hardy" que é, na vida real, Mrs. Fay Holden, também uma mãe afetuosa como nos filmes ao lado de Lewis Stone e Mickey Rooney...

**3 entre 4 mulheres afirmam
que o novo Modess
oferece a mais segura proteção!**



— Recentes estudos feitos em Belo Horizonte entre 1.000 senhoras e senhoritas, confirmam que o Novo Modess é

- ★ Mais Absorvente
- ★ Mais Macio
- ★ Mais Higiênico

Veja porque MODESS é melhor!



MAIS ABSORVENTE

A polpa especial, de que é feito, é pulverizada até ficar uma massa impalpável — mais absorvente que o algodão!



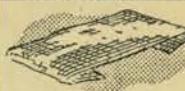
MAIS SEGURO

Três camadas de papel impermeável protegem por fóra o enchimento e evitam o perigo de nódoas na roupa!



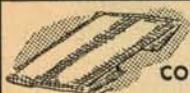
MAIS MACIO

Seu enchimento é envolto em duas camadas de papel absorvente e uma tela, macios, que evitam que o fluido se espalhe!



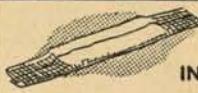
MAIS HIGIÉNICO

Dotado de envoltório de gaze cirúrgica, que facilita a absorção e mantém macio o absorvente!



MAIS CONFORTÁVEL

Acolchoado, nos lados, por chumaços de algodão, que asseguram maior conforto e evitam irritações!

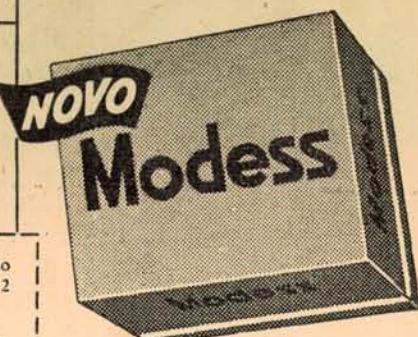


INVISÍVEL

Por seu desenho científico, ajusta-se perfeitamente ao corpo, ficando invisível mesmo sob os vestidos mais justos!

UM AMPLIO inquérito realizado recentemente em Belo Horizonte, entre 1.000 senhoras e senhoritas, revelou que 75% delas acham o novo Modess melhor do que qualquer outro protetor para os dias críticos, porque o consideram mais absorvente, mais macio, mais higiênico! Se ainda não usa o novo Modess, não deixe de experimentar este novo conforto e proteção — este mês.

Peça, simplesmente, Modess — nas farmácias e lojas de artigos para senhoras.



UM PRODUTO DA
JOHNSON & JOHNSON

Amostra Grátis: Envie-nos Cr\$ 1,00 para receber uma caixa contendo 2 amostras e o livrinho "O que a Mulher Moderna Deve Saber" — Caixa Postal, 152 — Belo Horizonte.

6-BB - 246

NOME RUA

CIDADE ESTADO

N. B. — Este cupom e a importância de Cr\$ 1,00 devem ser remetidos pelo correio, registrados.

Para
a
seu

ÁLBUM

DEANNA DURBIN, a fascinante es-
tréla da Universal, num sorriso
exclusivo para os seus milhares de
fans do Brasil...

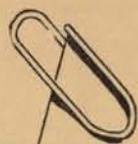
VESTIDOS DE Baile



1) Confeccionado em organza estampada, com uma cascata de babados na parte traseira da saia e com o cinto de veludo, esta toalete de baile é original e ao mesmo tempo decorativa. * 2) A beleza da blusa deste belo vestido de crepe de seda está realçada por um bordado de lantejoulas. A saia longa tem uma abertura que começa à altura dos joelhos. * 3) As *jeune-filles* ficarão mais encantadoras que nunca com esta toalete de baile de seda, decotada. * 4) Este vestido de baile é distintíssimo e exibe lindos bordados de pérolas. * 5) Em tafetá ou organza, este juvenil vestido de baile, adornado com flores, é verdadeiramente encantador.

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

QUE INDIVIDUALIZAM
A MULHER MODERNA



NOS tempos que correm, com a mulher afastada do seu antigo ambiente de ocio nos lares e integrada no dinamismo das atividades que singularizam o século atómico, nem sempre há tempo para o estudo dos modelos que devem compôr o seu guarda-roupa. Ora os estudos, ora o trabalho ou ainda as obrigações sociais, impedem à mulher moderna dispor do tempo necessário à criação das toaletes que condizem com o seu temperamento e com seu físico.

Por isso mesmo, o Departamento Feminino de A COMPENSADORA foi aparelhado de modo a satisfazer permanentemente, em qualidade, variedade e gosto, a todas as exigências da moda em vestidos, costumes, casacos, manteaux, blusas, echarpes, bolsas, carteiras, cintos, luvas e demais acessórios para a elegância feminina.

Para cada idade, para cada tipo e para cada silhueta, há no Departamento Feminino de A COMPENSADORA o modelo que agrada, emprestando elegância e personalidade à mulher moderna.

a Compensadora Modas

Rua Tamoios, 438

CRÉDITOS

Alegria + E BOM HUMOR



JANET BLAIR,
a deliciosa
estréla da Co-
lumbia, cultiva
o sorriso como
fonte de pere-
ne alegria.



O EQUILIBRIO fisico está, na generalidade, condicionado à harmonia espiritual. Não foi, pois, sem razão, que os poetas afirmaram serem os olhos o espelho da alma...

Na beleza feminina, mais se justifica a asserção. A fisionomia da mulher é sempre, a revelação permanente do seu estado latente. E quantas criaturas, jovens e belas, apresentam, frequentemente, as fisionomias fechadas, revelando um mau-humor muitas vezes injustificável, que as torna algo antipáticas, quando, na realidade, não o são?

(Conclui na pag. 120)

A MULHER moderna deve aliar ao esporte, rejuvenescedor dos músculos, o hábito benéfico do bom-humor, revitalizador do espírito...

JANET BLAIR, da Columbia, é bem a expressão da mulher moderna.

LESLIE BROOKS, a loura adorável da Columbia, possui, também, para todos os momentos, bons ou maus, um sorriso amável...

Leslie convenceu-se de que tristezas não pagam dívidas e que a alegria realiza o milagre da simpatia que forma as amizades...

Srta. Dorothy de Petrópolis Cavalcanti, da sociedade (Foto Olivéa)

Senhoritas



Srta. Leonice Falabella, da sociedade da Capital.

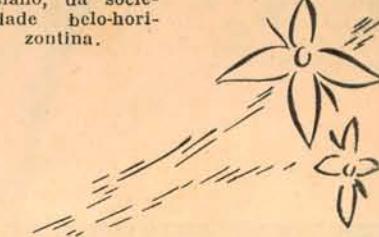
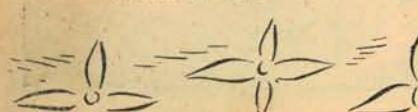


Srta. Carmen Lúcia Niffinegger, da sociedade da Capital.



Srta. Santa Cassiano, da sociedade belo-horizontina.

Srta. Inis Ventura, de nossa sociedade.





O QUE FAZER... para ter belos dentes.

Sim... Limpe os dentes pelo menos de manhã e à noite e, se possível, também após as refeições.

Sim... Escove os dentes em ambas as faces, interna e externa, e esfregue também a escova para cima e para baixo.

Sim... Faça massagem nas gengivas diariamente, com o auxílio da escova, a fim de fortalecê-las, ativando a circulação.

Sim... Escolha o creme dental completo, que proteja seus dentes: Gessy. De fórmula rigorosamente científica, contendo leite de magnésia, Gessy combate as cáries e a fermentação, limpa e alveja os dentes.



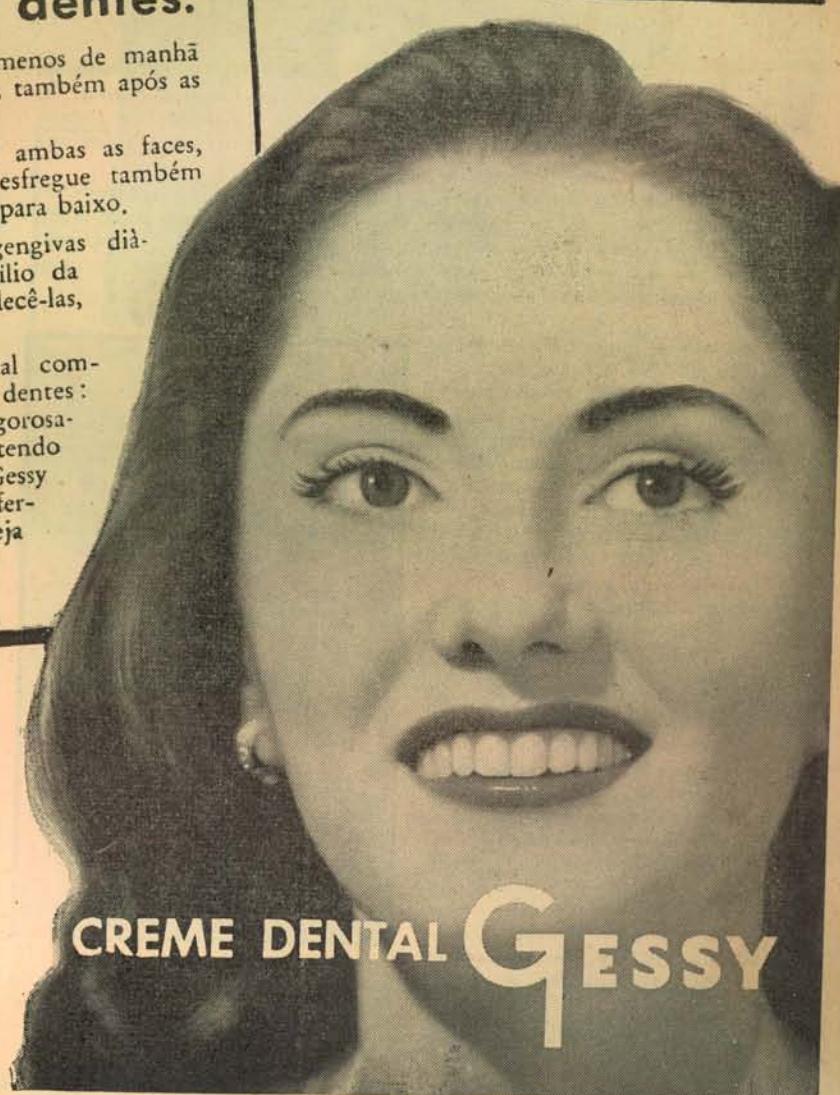
O QUE *não* FAZER...

Não... Não suponha que é bastante escovar os dentes uma vez por dia. Os resíduos alimentares e matérias gordurosas em fermentação originam grande número de cáries.

Não... Passar simplesmente a escova sóbre os dentes, de um lado para o outro, não remove todos os detritos e resíduos alimentares.

Não... Não suponha que a escovação das gengivas é coisa de somenos importância, necessária apenas para os outros...

Não... Não escolha seu creme dental apenas pelo gosto, ou pela espuma, ou pelo preço...



CREME DENTAL **GESSY**



MUSEU DO OURO ≈

BELO HORIZONTE ficava na planície, envolta na bruma matinal, e o automóvel, veloz, vencia a íngreme estrada poeirenta. Deixávamos o presente, palpitando no dinamismo arquitetônico dos arranha-céus da cidade adolescente, e fomos para o emocionante encontro com o passado, na legendária Sabará.

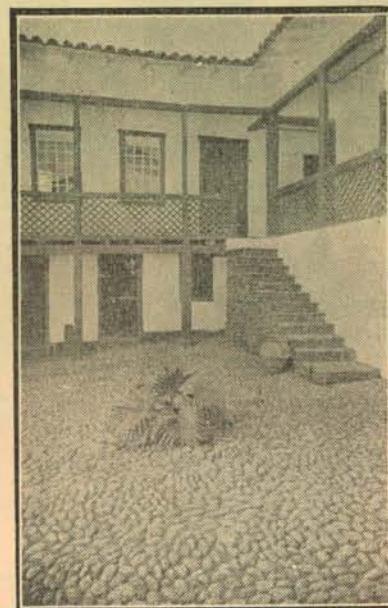
Avistávamos, meia hora depois, o famoso Rio das Velhas, rolando, languoroso, no leito secular, suas águas murmurantes, sombra da caudal que arrastara outrora embarcações de grande calado — história incrível, que parece lenda, marcada por um naufrágio sem consequências ocorrido com um navio repleto de passageiros... Envolvendo-nos, a murraria verde formava contraste com os oueiros cinzentos, construídos com seixos rolados, trazidos de longínquas paragens pe'a multidão sofredora dos escravos...

Margeando sempre o Rio das Velhas, alcançamos Sabará, que se espreguiçava, ainda sonolenta, ao sol da manhã. O casario, colonial e irregular, sulcado de ruas torcicolantes, estende-se no vale e grimpá os morros circundantes. As ladeiras bruscas param em praças minúsculas ou se entortam noutros aclives, descedendo, de súbito, calmamente, por vielas acidentadas e desertas...

O automóvel equilibrou-se só-

bre a ponte estreita, enfurnou-se, corajosamente, numa ruela e, acordando o silêncio da cidade cansada, parou defronte a um casarão colonial.

Era a velha Casa da Intendência, restaurada para a instalação do Museu do Ouro. O casarão domina a paisagem com o seu porte senhorial.



O pitoresco pátio interno do Museu do Ouro, todo reconstituído em seixos rolados.

O clássico portão coberto de telha-canal se escancarou, acolhedor. E nos achamos no pátio.

O ar que respirávamos já não parecia o mesmo: estava históricamente impregnado do cheiro acre do rapé dos fidalgos, intendentes e escravocratas, de mistura com o suor dos negros, arqueados ao peso das barras de ouro...

Tínhamos a impressão de sentir o mistério da presença dessas figuras redívisas: atravessando o pátio com as vestes andrajosas e sobrando barras amarelas; subindo as escadas de cariúra e criando, assim, a estranha algaravia que parecia vir do fundo do passado longínquo para a nossa sensibilidade assustada...

GESTO INESQUECIVEL

O Museu do Ouro se acha instalado na velha Casa da Intendência de Sabará que foi, no agitado período da exploração aurífera, Casa de Fundição do Ouro e residência do Intendente português no Brasil.

Extintas as casas de Intendência no país, logo após a proclamação da República, o famoso solar se transformou em residência particular, depois em educandário de certo renome e, mais tarde, já apresentando lamentável aspecto, com as paredes esborcinadas, o soalho carcomido e

ENCONTRO COM O PASSADO — GESTO INESQUECÍVEL — "O AMOR NOS UNIU" — SINAL DOS TEMPOS — A VOZ DA HISTÓRIA...

os portais despregando-se, foi vendido em leilão.

Era inevitável a demolição. Mas o seu bom destino fez com que fosse adquirido, mais tarde, por um homem de espírito, o dr. Louis Ensch, diretor da Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, o qual não se tornou mouco ao patriótico apelo do dr. Rodrigo Melo Franco de Andrade, diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: doou, generosamente, ao governo federal, o prédio e o terreno, num gesto inesquecível que ainda mais o elevou no conceito público.

A reconstituição do legendário solar impôs sérios e exaustivos trabalhos de pesquisas e consincos estudos de readaptação e reconstituição — mas foi realizada hábilmente, sabiamente até. Recolheram todas as relíquias da faustosa época do ouro que os pesquisadores tenazes conseguiam descobrir nos mais distantes recantos de Minas Gera's. Procederam à pintura geral, obedecendo, rigorosamente, ao estilo e gosto do tempo e em harmonia com o mobiliário encontrado. E, classificando o valioso acervo e dividindo-o em seções, realizaram a mais feliz reconstituição de um período histórico.

"O AMOR NOS UNIU"

Conduzidos, amavelmente, pelo dr. Antônio Joaquim de Almeida, o lustre diretor do Museu do Ouro, e seu secretário, fomos assistindo, maravilhados, sob a sugestão dos mobiliários, utensílios, imagens e através da ilustração dos comentários que os focalizavam, todo o agitado ciclo do ouro das Gerais.

Na ampla sala principal do andar superior, vêem-se, no teto, pintadas a óleo, mas já um pouco delidas pela ação do tempo, várias figuras humanas e de animais simbolizando os quatro continentes. O mobiliário dessa sala, característico da época, apresenta-se ainda bem conservado, notando-se oito curiosas e elegantes cadeiras estilo D. João V, que serviam à Câmara de Sabará. Possuem, no espaldar de couro, várias inscrições e, sobrepostas às de Portugal, gravadas primeiramente, as armas da monarquia brasileira.



O Museu do Ouro é um relicário da arte religiosa, do faustoso período do ouro. Ao alto, São Jorge ergue o braço e ostenta o escudo cujos ornatos são madeira de lei. A lança que o santo guerreiro empunhava desapareceu... Seria de ouro? Vêem-se também um Cristo mutilado e um São Francisco de Assis cuja expressão fisionómica surpreende pelo seu realismo... Está sobre uma cota de 1670, a balança para a quintagem, os pesos, dois almofarizes e duas engaxadas de extração aurifera.

Num aposento contíguo, foi reconstituído um quarto de uma donzela do século XVIII. A ca-

ma, estreita e forrada de couro crú, sobre o qual se estende uma antíquissima colcha de renda, já

se desfendo... Ao lado, a velha e bojuda arca, ornada de chapas e arabescos de ferro, onde naturalmente se guardavam as saias-balão engomadas para as missas, procissões e festejos religiosos, e os rudimentares petrechos de beleza de antanho. Defronte à cama, o oratório entulhado de santos e enfeitado de fitas. Num ângulo do aposento rústico, a roda de fiar...

Quanta sugestão nesse conjunto arcaico de móveis primitivos, reconstituindo, para os olhos do visitante absorto em evocações estranhas, o ambiente que parece cheio da angústia e dos sonhos irrealizados das criaturas que nêle viveram... ou vegetaram.

Noutra seção, um aposento de casal, destacando-se, entre o mobiliário em estilo D. Maria I, procedente de Diamantina, a cama estreitíssima com a carinhosa inscrição: "O amor nos uniu". Defronte, o clássico e imprescindível oratório, cujo padroeiro, acotovelado pelos outros santos, estendia a mão — mas de olhos fechados — abençoando o fel'z casal...

A biblioteca, ainda em organização, contém numerosos volumes de antiquíssimas leis da colônia, desde 1750, assim como tö-

das as obras, antigas e modernas, focalizando o estudo da história do ouro no Brasil.

O PODER CRIADOR DA FE'

O período faustoso da mineração se caracterizou por uma fanática euforia de religiosidade popular. Repontavam de todos os recantos as mais estranhas manifestações artísticas, expressando, na rusticidade dos trabalhos executados, os irreprimíveis impulsos devocionais daquela gente simples. Provam esse surto de vocações criadoras os sumptuosos templos católicos de Sabará, Ouro Preto e Mariana, mostruários sagrados da arte religiosa na sua plenitude, revelando à posteridade o gênio imortal de Antônio Francisco de Lisboa, o então popularíssimo Aleijadinho, e de outros artífices heróicos cujos nomes permaneceram no anonimato. São esses templos o mais vivo atestado do espírito religioso predominante naquela época extraordinária. Mas, como essas igrejas, há outras provas não muito menos significativas para expressar o culto de seus autores rústicos aos santos de sua devação. São exóticas imagens esculpidas com instrumentos rudi-

mentares em madeiras duríssimas. Causam admiração os detalhes anatômicos dessas imagens, pacientemente trabalhados por esses artistas anônimos para dar maior fidelidade às suas obras.

Há na seção de arte religiosa do museu uma estátua de São Jorge verdadeiramente impressionante. Possui quase dois metros de altura e foi esculpida em madeira de lei, sendo de ouro os ornatos da armadura e do escudo. Braço erguido, o santo guerreiro empunhava uma lança que não mais existe, e com a qual, graças aos seus membros articuláveis, montava num cavalo durante as procissões com que o povo o rememorava. Atribuem-no ao gênio criador de Aleijadinho, talvez numa confusão com o São Jorge do Museu dos Inconfidentes. Seu autor chamava-se Antônio Gonçalves dos Santos.

Nesta mesma seção, vê-se, sobre belíssima cômoda de jacarandá, que serviu numa das mais antigas igrejas de Sabará, a de Santa Rita, hoje demolida, — um São Francisco de Assis, cuja força de expressão fisionómica prova o poder milagroso da fé criadora do seu autor anônimo...

Or'undo das regiões de Santa

A FELICIDADE...

AFELICIDADE hoje não mais se nos apresenta como aquela miragem inatingível de que nos falavam os poetas românticos do passado... Hoje, no século do dinamismo e do progresso, a felicidade é saúde, é otimismo, é confiança própria, é força. Para chegar até nós ela exige naturalmente alguma causa. Da mulher, por exemplo, ela exige antes de tudo e mais do que tudo: saúde. Jovens abatidas e desanimadas, senhoras carsadas e envelhecidas precocemente — quantas existem por ai lamentando-se de sua grande infelicidade! E tudo por que? Porque perderam a saúde. Porque não souberam combater racionalmente os males próprios de seu sexo. Na luta pela vida, no lar, na sociedade só vence a mulher que tem saúde. Para ter saúde e para conservá-la, a mulher precisa combater racional e inteligentemente os males que periodicamente a torturam, recorrendo a um remédio científico-fabricado de acordo com a natureza de suas enfermidades. O Regulador Xavier — fabricado em duas fórmulas diferentes porque de duas naturezas diferentes são os males femininos — é esse remédio providencial. O Regulador Xavier n.º 1 se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências: dores vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc... O Regulador Xavier n.º 2 se aplica nos casos de faltas de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas, e suas consequências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc... O Regulador Xavier assegura para a mulher um tratamento racional e inteligente de seus males, afastando-os rápida e definitivamente. O Regulador Xavier dá à mulher a chave da felicidade: — a saúde.

Bárbara, existe um calvário todo de marfim; e, procedente de Paracatu, um crucifixo, também de marfim, originalíssima obra de arte.

Sobre cômodas e dentro de armários primitivos, vêem-se, ainda, inúmeros objetos de prata macia, de grande beleza e valor histórico: uma espevitadeira, espumas, rebenque, um gomil, uma naveta e maravilhoso aparélio de chá, estilo D. Maria I.

SINAL DOS TEMPOS

Descemos ao pátio interno. O piso, todo em seixos rolados, constitui louvável esforço de restauração, formando um ângulo pitoresco do solar, em cujo interior o visitante se surpreende espiritualmente transportado à época que o ambiente sugere. Dali, penetrarmos no pavimento térreo, em cujas salas se exibem à curiosidade pública os mais extravagantes utensílios de mineração e de qu'intagem. Chamou-nos logo a atenção uma enorme prensa sinetada com a data de 1670 — peça rara que se destinava à cunhagem das milhares de barras de ouro após a pesagem, para a cobrança do imposto reinol. De frente, numa estante da época, vêem-se enxadas dos mais variados tipos para a remoção do cascalho aurífero, uma grilheira, que imprimia ao ouro fundido a forma de barra e inúmeros almofarizes, entre os quais um de trinta e cinco quilos ostentando as armas dominadoras de Castela...

Num recanto, um gigantesco cofre de ferro, todo tauriado, onde estão guardadas as maravilhosas jóias de ouro maciço e quatro barras desse metal, uma das quais pesando um quilo e quatrocentas gramas, única no Brasil.

Na sala das bateias, cujo fundo é um painel focalizando dois garimpeiros bateando o ouro enfileiram-se os rústicos instrumentos da extração aurífera e peneiras para batear o metal precioso.

Numa sala ao fundo do pátio, vêem-se maquetes representando, através de detalhes executados com maestria, os processos de mineração em todas as suas fases evolutivas. São trabalhos manuais que se recomendam pela modelagem e fidelidade histórica. Nesta mesma seção, há mostruários modernos apresentando, devidamente catalogadas, várias espécies de minerais.

Ao turbilhão de evocações que nos provocam aqueles utensílios, contando-nos o drama diuturno da mineração, procuramos, instinti-

Prolongue por muitas horas...

esta deliciosa sensação
do banho

Talco Palmolive é boro-cetinado, um processo científico que produz um talco 3 vezes mais fino, tão fino que a sua aplicação é uma carícia envolvente para o seu corpo. Feito segundo uma fórmula norte-americana, protege a pele contra assaduras, brotoejas e irritações. Comece hoje mesmo a usar o Talco Palmolive e verifique como a cutis fica macia, aveludada e suavemente perfumada. Experimente esta deliciosa e saudável sensação de bem-estar e frescor!

PROTEGE A
PELE DAS CRIANÇAS...
E DE GENTE GRANDE
TAMBÉM!



HOTEL MARQUES

DE Édgar Marques Santos



FACHADA DO HOTEL MARQUES

Rua Oliveira Maia, 223

Caixa Postal, 12

Telefone 13

CAXAMBÚ
SUL DE MINAS

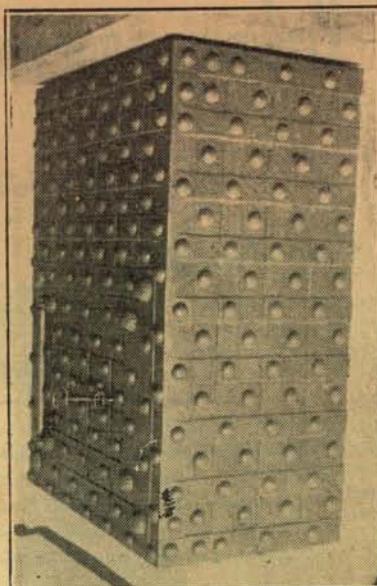
PROXIMO AO PARQUE DAS ÁGUAS MINERAIS

vamente, com os olhos, o negro cofre de ferro ainda aberto: através do vidro grosso do mostruário, as jóias fiascavam, formando um diadema de luz em torno da barra de ouro, dominadora como um sinal dos tempos...

A VOZ DA HISTÓRIA

Criado a 23 de abril de 1945, "com a finalidade de recolher, classificar, conservar e expor objetos de valor histórico e artístico relacionados com a indústria de mineração no país", o Museu do Ouro constitui, na originação dos objetos que expõe e preserva, mantendo viva uma época significativa para a evolução econômica e social do país — um alto patrimônio artístico e cultural da nossa história.

Constitui, também, mais uma grandiosa realização patriótica do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cujo programa, caracterizado por saudoso espírito de orasidade, é preservar a riqueza histórica do país no que ele tem de mais significativo para a nossa cultura. Tal



O cofre secular, todo de ferro, que guarda as preciosas jóias do Museu do Ouro.

programa merece, pois, a atenção de todos os brasileiros — atenção traduzida num apôlio moral e,

quando possível material, expressando a alta compreensão do nosso povo para com as instituições que enobrecem o Brasil.

O Museu do Ouro guarda, na quietude monástica de suas salas, a eterna presença do passado fugido. Conserva, na acústica do seu pátio solarengo, os ecos das cantigas nostálgicas dos escravos garimpeiros sob o azorrague dos capatazes truculentos. Revive, na sua placidez, o tumulto dos lusos nos entrechoques da ambição humana, marcando a história de episódios memoráveis. Encerra, assim, no âmbito do seu arcoabuço decrépito, revitalizado pela técnica moderna, todo o período do ouro, para uma perene lição de beleza, de fé e idealismo aos homens do futuro. E, por isso mesmo, uma escola de cívismo, em que todos os visitantes, dos ignorantes aos mais cultos, se sentem meros alunos ante a grandiosa lição do Passado, que fala a eterna linguagem de Deus pela voz da História...

Museu do Ouro — Jóia Histórica do Brasil!

ORIGINALIDADES DE HOMENS CÉLEBRES

O CÉLEBRE músico Brahms — conta o Menestrel — era pouco sociável e detestava, além da gente chamada de boa sociedade, o casamento e todas as formas de desordem. Era-lhe insuportável a boêmia artística...

No seu pequeno apartamento reinava uma ordem meticolosa. Quando em 1887 a sua governanta, senhora Vogl, que o servira desde os vinte anos como uma escrava, faleceu, — foi para ele um embargo pavoroso... A candidatas à sucessão fizeram fila e o pobre Brahms não sabia qual escolher. Finalmente, decidiu-se por uma viúva, após curiosa prova: espalhou no aposento moedas e pedacinhos de charuto. A nova governanta, asseada, ordeira e honesta, apanhou todos os pedacinhos e restituuiu o dinheiro. E Brahms sentiu que poderia confiar nela. Mas, certo dia, durante a ausência do patrão, pensou ela fazer-lhe magnífica surpresa, mudando o cortinado de sua cama. O músico, ao chegar, foi presa de aguda crise de furor e exigiou a volta do velho cortinado.

Brahms odiava alfaiates e amava as suas velhas roupas com en-

ternecedora fidelidade. A governanta, certo dia, virou uma delas pelo avesso. Brahms explodiu e, somente à força de lamentosas explicações da veia criada, pôde convencer-se de que se tratava de roupa velha...

Só a idéia de calçar luvas irritava o músico. Quando precisava agradecer ao Imperador d'Austria alguma comenda, resignava-se em calçar somente a luva esquerda...



A maior paixão de Stendhal foi a música. Aos dezesseis anos, quando chegou de Grenoble a Paris, pensava em consagrarse a essa arte, e nos últimos anos de sua vida, arrependia-se de não o ter feito. Censurava-se, também, por não ter partido de Paris para ser camareiro de Paisinello em Nápoles. Todavia, a sua educação musical havia sido insuficiente, e recebeu poucas e más lições de violino, clarineta e canto. Quem em parte a completou — recorda o Marzocco — foi a cantora Angelina Bereyter, com quem manteve Stendhal estreita amizade de 1811 a 1813. Serviram-lhe, também, as

suas relações com os "dilettanti" milaneses e os espetáculos do Scala, o teatro que, na sua própria declaração, teve no seu caráter uma influência de primeira ordem.

Stendhal, na realidade, não sabia escrever uma nota sequer, mas afirmava conhecer todas as coisas sob formas musicais e descobria sempre lindas analogias entre os sons e as cores, entre certos quadros e certos trechos musicais. Os seus músicos preferidos eram Cimarosa, Mozart, Rossini, Paisiello e Pergolesi. Quem, no entanto, mais o seduzia era Cimarosa. Ele o adorava perdidamente, e o encontro que teve com ele, em Ivrea, foi o "momento mais augusto da sua vida".

Viver na Itália e ouvir a música de Cimarosa foi o seu mais ardente desejo, como afirmava, a base de toda a sua razão de ser. A ópera bufa exercia sobre Stendhal uma grande influência, enternecendo-o até as lágrimas. Já a tragédia e a ópera grave inspiravam-lhe indizível aversão.



Apezar da enorme procura, a produção



das Meias LOBO não pode atualmente ser aumentada. Isto

porque os seus fabricantes continuam dedicando todos os

seus esforços à tarefa de produzir as melhores



meias que é possível obter no momento.



Portanto, quando adquirir Meias LOBO, limite-se a comprar



sómente o necessário, para que maior número de

consumidores possa ser servido.



Meias

Lobo

UM PRODUTO DA
FÁBRICA LUPO

Standard Propaganda

Arte Culinária

• Maria Tereza •

★ Cardápio ★

VITELA COM PONTAS DE ESPARGOS

TOMAR um pedaço de vitela, rabadilha, e frigir na manteiga.

Acrecentar cebolas novas, um ramo de cheiros, sal, pimenta e caldo. Quando a carne estiver meio cozida, molhar com meio copo de vinho branco. Cinco minutos antes de servir, deitar na caçarola pontas de espargos já cozidas e arrefecidas. Deixar a caçarola ao lume durante alguns instantes mais e servir.

CONSUMÉ DE GALINHA À SEVIGNÉ

TIRAR a carne do peito de uma ou duas galinhas, passando na máquina juntamente com as moelas e um pouco de carne de vitela. Temperar bem e amassar com ovo. Com essa massa formar umas almondegas que são cozidas no caldo da sopa. Este caldo é feito com o resto das galinhas, cenouras, um pedacinho de aipo e um alho "poireau". Côar antes de cozinhar as almondegas.

BATATAS RECHEADAS

COZINHAR algumas batatas grandes cortadas ao meio e cavar cada lado, de um modo que caiba o rechelo, que é feito da seguinte maneira: esmagar a parte que é retirada das batatas com um pouco de manteiga fresca e miúdos de frango já cozidos.

Encher as cavidades das batatas com essa mistura. Cobrir as batatas com ovo batido e farinha de rosca, pondo-as rapidamente ao forno para tostar.

RIM À INGLESA

ESTE prato muito apreciado, tem o nome de um *gourmet* conhecido. Retirar a pele e as partes nervosas de sete ou oito rins de carneiro, dividindo cada um em duas par-

tes. Colocar esses pedaços dentro dum frigideira com manteiga derretida, um pouco de cebola picada e deixar tomar cor rapidamente de todos os lados. Temperar, depois, com sal, uma pitada de pimenta, e tirar da frigideira com uma escumadeira, conservando-os num prato. Despejar, em seguida, dentro da frigideira, meio copo de vinho Madeira e, assim que ficar reduzido à metade, juntar igual quantidade de molho ou de caldo de carne. Deixar ferver o líquido; ligar com um pouco de farinha de trigo amassada com manteiga. Juntar, em seguida, os pedaços de rim, juntamente com uns de presunto. Fritar fatias de miolo de pão em manteiga. Arrumá-las em volta dumha travessa e despejar no centro o ensopado de rim.

★ Sobremesas ★

CREME DE AMÊndoas

Dois copos de leite, duzentas e cinquenta gramas de amêndoas passadas na máquina, quinhentas gramas de açúcar, doze gemas, duas colheres de farinha de trigo e baunilha.

Bater o açúcar com as gemas, juntando as amêndoas, o leite e, por último, a farinha de trigo. Vai ao banho-maria, em forma forrada com calda queimada.

PANQUECAS À ALEMÃ

POR numa vasilha seis colheres de farinha de trigo. Desmanchar essa farinha com seis ovos inteiros e um copo de leite, acrescentando uma pitada de sal, uma de noz-moscada ralada. A seguir, passar a mistura numa peneira.

Ficando a massa quase líquida fazer com ela umas omeletes largas, fritas na manteiga. A proporção que forem ficando bem fritas, despejá-las numa travessa larga.

Ao lado, preparar o seguinte: picar em pedaços pequenos uma boa porção de carne assada ou cozida, e juntar: duzentas gramas de presunto e miúdos de galinha já cozidos, um ovo inteiro e uma gema. Passar numa peneira e encher as omeletes com essa mistura. Arrumar as panquecas numa travessa que possa ir ao forno e cobri-la com uma camada de queijo forte ralado. Servir quente.

PUDIM DE MARMELADA E OVOS

BATER bem oito gemas com cento e vinte gramas de açúcar. Bater, até ficar em creme, cento e vinte gramas de manteiga. Juntar a manteiga à massa das gemas. Estando ambas bem misturadas, juntar duas colheres de marmelada. Por último, juntar quatro claras bem batidas.

Untar a forma com manteiga e forrar o fundo e os lados com palitos franceses, embebidos em vinho de Malaga. Pôr a cozinhar em banho-maria.

Servir com molho de vinho.





BÓLO MÁRMORE

6 colhs. (sopa) manteiga (ou outra gordura)	1 ½ chics. farinha
1 ¼ chics. açúcar	½ chic. araruta
1 colh. (chá) essência	1 colh. (sopa) Royal
3 ovos	1 colh. (chá) sal
	½ chic. leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Incorpore aos poucos o açúcar. Junte a essência, depois os ovos inteiros, um a um, batendo bem. Peneire juntos 3 vezes a farinha, araruta, Royal e sal. Junte-os, aos poucos, à massa, alternados com leite, batendo sempre. Coloque 2/3 da massa na fôrma untada. Misture ao restante uma pasta feita com 2 colhs. (sopa) cacau com água. Ponha a mistura às colheradas sóbre a massa na fôrma, mexendo só um pouco para obter um efeito de veios de mármore. Use forno regular cerca de 50 minutos.

J.W.T.

Faca Bolos!!!

...e seus filhos pularão de alegria!

Gratis!



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o Cartão, escreva agora para: Caixa Postal 3215 - Rio de Janeiro.

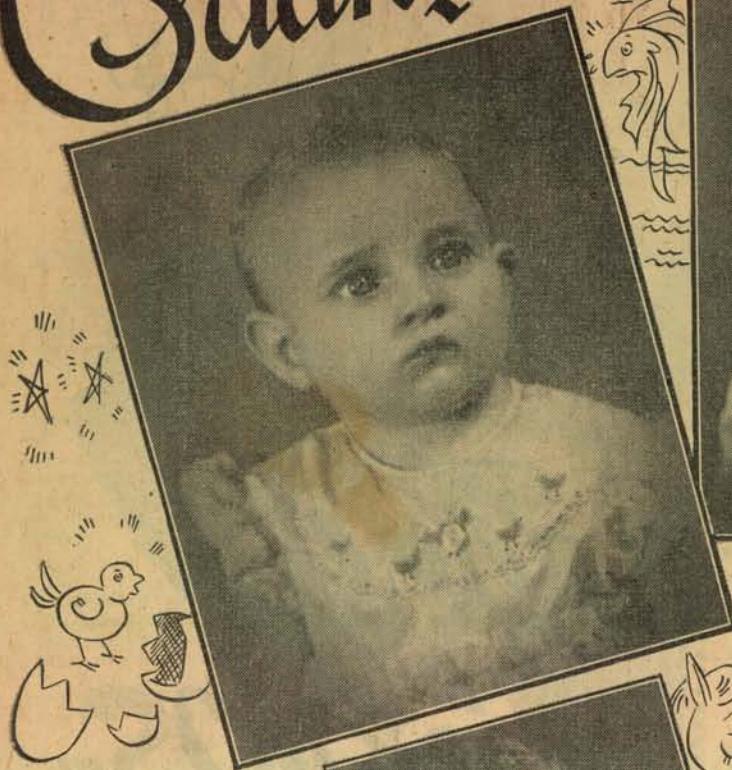
As crianças adoram bolos... E desse modo, dando-lhes alegria, a senhora ainda enriquece a alimentação de seus filhos! É claro! Vale a pena fazer bolos! E a senhora ficaria esperando esta ou aquela data se desde já soubesse que, com bolos, seus filhinhos viveriam numa alegria permanente? Para garantia do êxito, utilize sempre o Livro de Receitas Royal, usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

— a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO

Crianças



Angela Maria, filhinha do casal sra. Maria Elisa Fontes Villas - Dr. Alberto Villas Boucadas, desta Capital.



Nilva e Sueli, diletas filhinhos do casal sra. Mirtes Antunes Massote - dr. Osvaldo Neves Massote, residente nesta Capital.

Derlane, filhinho do casal sra. Dzolina Tonidandel - sr. Abrahão de Castro, residente nesta Capital.

Afonso Henriques e Maria, filhinhos do sr. Manoel Madeira, residente em Varginha, neste Estado.



José Américo e Margarida, filhinhos do casal sra. Darcy Mourão-Otacílio Mourão, residente em Jequeri, neste Estado.





SALSICHAS SWIFT



*para
todas as ocasiões!*

As salsichas Swift são sempre bem vindas em todas as ocasiões! Prestam-se admiravelmente para acompanhar os seus coquetéis e, às refeições, enriquecem o seu menu com pratos variados, deliciosos e suculentos. Tenha sempre em casa as saborosas Salsichas Swift — poderá preparar rapidamente pratos que encantam à vista e ao paladar.

EXPERIMENTE TAMBÉM AS PASTAS, PRESUNTADA, PRESUNTO, EXTRATO DE CARNE, CARNE EM CONSERVA, E OUTROS EXCELENTES PRODUTOS SWIFT.

PRODUTOS DA
Swift do Brasil

HÁ MAIS DE UM QUARTO DE SÉCULO

DISTRIBUIDORES MUNDIAIS DE PRODUTOS BRASILEIROS



GRÁTIS!

Para receber
o Livro de Receitas Swift,
preencha este cupom, junte 3 rótulos
diferentes de produtos Swift, e envie
tudo a: Cia. Swift do Brasil, Rua Dr.
Falcão Filho, 56 — São Paulo.

1-KKKK - 246

NOME:

RUA: N.o

CIDADE: ESTADO:





O sr. dr. João Beraldo, Interventor Federal, no momento em que rompia a fita simbólica da instalação do Hospital Anti-Tuberculoso em Divinópolis

Vencidas duas novas e importantes etapas no largo plano de remodelação da Rêde Mineira de Viação

Solenemente inaugurado o Hospital Anti-Tuberculoso e iniciadas as obras de alargamento da bitola entre Divinópolis e Lavras — A grande significação social e econômica dêsses empreendimentos — Regozijo popular em Divinópolis

PROSSEGUINDO sem desfalecimentos nas grandes realizações traçadas para a Rêde Mineira de Viação, o Governo Mineiro acaba de inaugurar mais dois importantes marcos que ficarão assinalados na história social e econômica de Minas como dois grandes serviços à coletividade montanheira: a inauguração do Hospital Anti-Tuberculoso do Serviço de Assistência Social da R.M.V. e o início dos trabalhos de alargamento da bitola de 0,76 entre Lavras e Divinópolis.

A significação dêsses grandes empreendimentos, rapidamente executados pela administração do engº Bretas Bhering, a cuja

esclarecida dedicação deve a nossa grande ferrovia a vigorosa presteza com que vêm sendo realizados os melhoramentos traçados pelo governo mineiro, assume especial oportunidade, pelo muito que diz respeito ao interesse do Estado. O Hospital Anti-Tuberculoso, parte de um vasto plano social que vem sendo realizado em atenção aos antigos anseios da laboriosa comunidade ferroviária do Estado, constitue um melhoramento dos mais auspiciosos, tanto pela tarefa de assistência que lhe está reservada no seio de uma das mais numerosas classes dos servidores públicos de Minas, como pelo que represen-

ta dentro do plano de amparo social do nosso Governo, extensivo a toda a comunidade mineira. Suas instalações, dotadas de todos os requisitos indispensáveis à grande tarefa que lhe foi atribuída, são verdadeiramente modelares. Seu corpo de médicos especialistas e seu serviço clínico, organizado em moldes os mais modernos, garantem ao estabelecimento o completo êxito que dele se espera. Ao enséjo da inauguração dêsses benemérito Hospital, o sr. Interventor Federal teve oportunidade de sentir a imensa gratidão que lavra nos corações dos nossos ferroviários, os quais acorreram em massa às

homenagens que lhe foram tributadas naquela cidade, em regozijo ao grato acontecimento.

O alargamento da bitola de 0,76, entre Lavras e Divinópolis, é outro importantíssimo melhoramento cujas obras foram iniciadas com a presença do Interventor João Beraldo, naquele mesmo dia. O que significa esse empreendimento, que viá colocar o sul de Minas mais perto de nossa Capital várias horas, é fato já conhecido de todos os mineiros, que por ele ansiam havia dezenas de anos. Esse trabalho, que vinha sendo exigido de há muito como um dos imperativos máximos de nossa expansão econômica, será realizado em poucos meses, graças ao moderno aparelhamento de que dispõe a firma com a qual foi contratado. Uma vez concluído, dará a todo o sul de Minas e ao Oeste, novas perspectivas para um maior e mais brilhante surto de progresso, decorrente de um maior e mais rápido escoamento de sua produção. O melhoramento é de

tal ordem que, falando ao enséio inicio de seus trabalhos, o Chefe do Governo Mineiro não pôde deixar de afirmar, expressando a mais viva satisfação cívica que o possuia: "Este é um grande dia para Minas Gerais".

Aproveitando a sua estada em Divinópolis, o Interventor João Beraldo visitou ainda as grandes oficinas da Rêde Mineira de Viação que ali funcionam e são consideradas uma das mais completas de todo o país.

Durante esta visita, S. Excel. teve oportunidade de apreciar os trabalhos de reparação de locomotivas e vagões, fundição de peças, montagens e outros serviços técnicos de grande importância para a conservação do material rodante daquela nossa grande ferrovia. O Chefe do Governo Mineiro teve ainda oportunidade de visitar o Clube de Divinópolis, onde lhe foi oferecido um lanche pela alta sociedade local.

Acompanhou o Interventor João Beraldo em sua viagem uma ilustre comitiva integrada pelos srs. Julio Ferreira de Carvalho, presidente do Conselho Administrativo do Estado; engº Lucas Lopes, Secretário da Viação; p-of. Olimpio Orsini de Castro, Secretário da Educação; engº José Bretas Bhe. ing. diretor da Rêde Mineira de Viação; prof. Manoel Pires de Carvalho e Albuquerque, Reitor da Universidade; dr. Alvino de Paula, diretor do Departamento Estadual de Saúde; além de outros altos auxiliares do Governo Mineiro, chefes de serviço da R. M. V., jornalistas e convidados.

A caravana, que saiu de Belo Horizonte às 8 horas da manhã, em trem especial, almoçou em Divinópolis e aqui chegou precisamente às 24 horas, em sua viagem de regresso.



O sr. Interventor João Beraldo visita a sala de cirurgia do Hospital Anti-Tuberculoso, em companhia dos seus auxiliares de Governo e altos funcionários da Rêde Mineira de Viação

A FESTA DA ESCOLA DE ARQUITETURA

ANTES de entrarmos na apreciação das comemorações que compre focalizar, em rápido esboço, um pouco da história da nossa Escola de Arquitetura, até a sua recente incorporação à Universidade de Minas Gerais, afim de evidenciar os grandes esforços desenvolvidos até então, e que justificaram as solenidades agora realizadas.

A escola foi fundada em 5 de agosto de 1930, sendo seus fundadores os professores Martim Francisco R. de Andrade, João Kubitschek de Figueiredo, Aníbal Matos, Saul Mamedo, Leon Clerot, Dario Renault, Luiz Signorelli, Paulo K. Mourão, Alberto P. Amarante, Pedro Laborne Tavares e Simão Woods Lacerda. Sua aula inaugural teve lugar em 2 de maio de 1931. Pelo dec. 11.228, de 16 de fevereiro de 1934, foi reconhecida de utilidade pública pelo Governo do Estado. A partir de 1935, vem sendo subvenzionada pelo Ministério da Educação, tendo obtido reconhecimento federal em 19 de dezembro de 1944, pelo dec. n. 17.399.

Pela resolução n.º 4, do Egrégio C. R. E. e A., da 4.ª Região, foram concedidas carteiras profissionais aos diplomados pela Escola. Finalmente, por resolução unânime do Conselho Universitário, em agosto último, foi a Escola incorporada à U. M. G., passando a denominar-se ESCOLA DE ARQUITETURA DA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS, em substituição ao seu antigo nome de Escola de Arquitetura de Belo Horizonte.

AS SOLENIDADES

Comemorando o grato acontecimento e a gloriosa efeméride, a diretoria, professores e alunos da Escola de Arquitetura fizeram realizar uma missa de ação de graças na Catedral da Boa Viagem. Nesse mesmo dia, às 20 horas, teve lugar na Sociedade Mineira de Engenheiros, com a presença dos diretores e alunos da Escola, a brilhante conferência pronunciada pelo prof. A. Melo Alvarenga, sob o título "Arquitetura Hospitalar".

No dia seguinte, pela manhã, realizou-se a visita dos ex-alunos à sede da Escola, depois que teve lugar uma sessão solene durante a qual usaram da palavra diversos oradores que fixaram a importância das comemorações, ressaltando o apoio recebido do Governo Municipal, nas gestões Juscelino Kubitschek, João Gusman e Pedro Labor-

ne Tavares, e do Governo do Estado, nas gestões dos Interventores Nísio Batista de Oliveira e João Beraldo, que favoreceram a constituição do patrimônio financeiro necessário à incorporação da Escola à U. M. G.. Foi ainda posta em evidência a colaboração do Reitor da Universidade quanto à incorporação, sendo ainda tecidas referências expressivas à atuação do atual diretor, dr. João Kubitschek, cujo trabalho fecundo, incessante e inteligente culminou na definitiva estabilidade do importante estabelecimento de ensino superior, ao corpo docente da Escola e à dedicação do secretário da Escola, dr. Hildebrando de Oliveira, que há 13 anos vem emprestando ao estabelecimento o melhor de seus esforços.

Agradecendo a presença dos que ali compareceram, entre os quais se encontrava o prof. Manuel Pires de Carvalho Albuquerque, reitor da Universidade de Minas Gerais e ao qual foi confiada a presidência da mesa, o diretor da Escola, prof. Kubitschek encerrou a sessão, expressando ainda seu reconhecimento às referências elogiosas feitas ao seu nome pelos oradores.

As 13 horas, teve lugar o almôço de congraçamento, realizado no restaurante do Minas Tenis Clube, durante o qual discursaram vários oradores, sendo, em seguida, obsequiados com flâmulas da Escola de Arquitetura da Universidade de Minas Gerais, o Reitor da Universidade, o diretor da Escola, Prof. Martim Francisco R. de Andrade e o secretário Hildebrando de Oliveira. As festividades comemorativas foram encerradas com um grande baile oferecido pelos alunos da Escola à Sociedade da Capital nos salões do Automóvel Clube de Minas Gerais.

CURSO DE ARQUITETURA HOSPITALAR

Com a palestra realizada pelo prof. A. Melo Alvarenga, à qual já nos referimos, teve inicio um curso especial de Arquitetura Hospitalar, da Escola de Arquitetura da U. M. G., o qual se acha a cargo daquele e dos professores Edmundo Fontenelle e Rafael Berti. Este curso especial, segundo informou o dr. João Kubitschek ao apresentar o conferencista, é o primeiro do gênero a ser realizado no Brasil e foi instituído por sugestão do atual Ministro da Educação, ao enséjo de sua recente e honrosa visita à Escola.



Aspecto do almôço de congraçamento realizado no Minas Tenis Clube

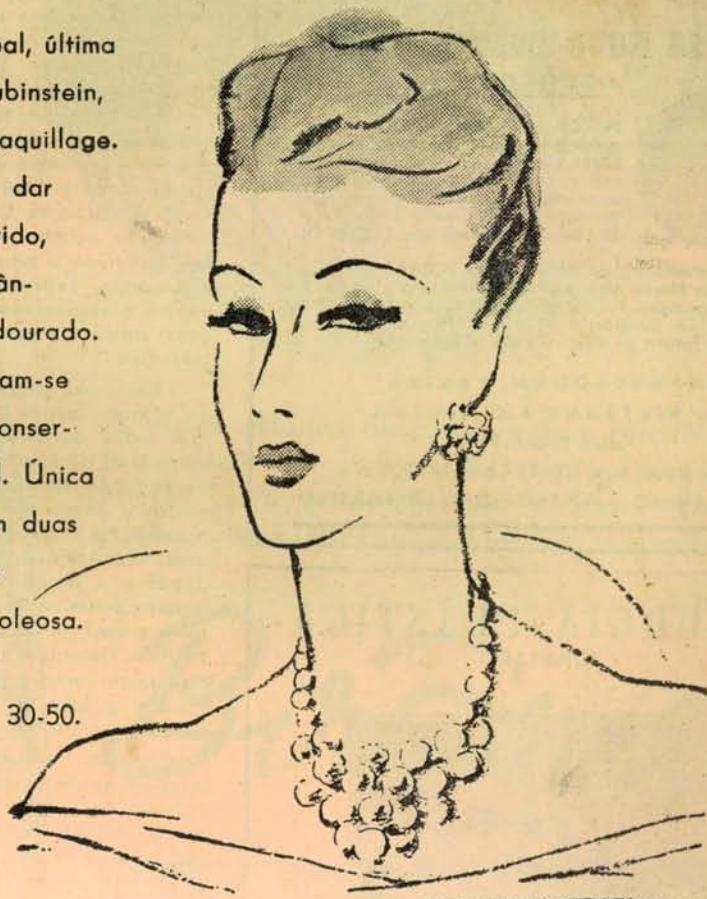
Filmpact

última criação
de helena rubinstein

FILMPACT, base ideal, última
criação de Helena Rubinstein,
renova a técnica do maquillage.

FILMPACT permite dar
à tez o matiz preferido,
desde o marfim romântico
até o bronze dourado.

Linhos e sardas tornam-se
invisíveis e a pele conserva-se
sadia e juvenil. Única
base apresentada em duas
fórmulas: para a pele
seca e para a pele oleosa.
Cores: Champagne,
Mauresque, Sun-tan. 30-50.





REMESSA PELO REEMBOLSO POSTAL

Reloios de todos os sistemas a partir de Cr\$ 120,00 Joias religiosas e correntes de ouro e prata de lei. Aneis, alianças, zodáicos e catenetas-tinteiro, artigos de couro, carteiras, niqueleiras, cigarreiras, chaveiros, cintos e suspensórios de todas as qualidades e por todos os preços, óculos protetores a preço de propaganda e isqueiros. Peçam, sem compromisso nenhum, nossos catálogos!

UMA NOVIDADE NUNCA VISTA!

RELOGIO CALENDARIO

O relógio que indica, além das horas, segundos e minutos, o dia do mês!



N.º 708 — Marca "Cauny", com ótima máquina, âncora com 15 rubis, antímagnético, mostrador côr de prata com números e ponteiros dourados, finíssima caixa de aço com fundo inoxidável, bôa pulseira suíça de couro de porco
Preço de propaganda ... Cr\$ 485,00

N.º 113 — Marca "Focarosc", com máquina sistema Roskopf com quatro rubis, caixa cromada com fundo de metal inoxidável, com pulseira de vidro transparente.
Preço especial Cr\$ 250,00

NOSSO NOVO DESPERTADOR "EBOSA"



N.º 12 — de ótimo funcionamento, garantido, bela caixa laqueada em cores vivas, alças e pés niquelados, mostradores claros com números e ponteiros LUMINOSOS, um bom produto da relojoaria suíça.
Diâmetro 75 milímetros Cr\$ 128,00

Entrega imediata pelo REEMBOLSO POSTAL, para os Estados do Norte por via aérea. Porte à parte, embalagem gratuita. Para pedidos por CARTA NOTURNA TELEGRÁFICA dirigida a RELASTRA RIO, descontamos da nossa fatura as despesas do telegrama.

IMPORTADORA "ASTRA"

T. BERTRAND & CIA. LTDA.

Caixa Postal, 2446

Av. Beira Mar, 216-12.º and. s/ 1202 A
RIO DE JANEIRO — END. TELEG. — "RELASTRA"

CIRURGIA PLÁSTICA (ORELHA)



PELO DR. DONATO VALLE

VARGINHA — SUL DE MINAS

OS ANTIGOS E A TERRA



UMA das mais ingênuas concepções sobre a Terra era a do povo egípcio. Para ele, o mundo — naturalmente antes das empresas militares e de viagens — limitava-se à sua terra, atravessada pelo rio sagrado. O céu era colossal docel, sustentado por quatro pilastres; as estrélas eram lâmpadas suspensas, e o sol,

comodamente sentado numa barca, percorria o dia todo o campo celeste... para abismar-se, à noite, sob a Terra e reaparecer no dia seguinte. Um hieróglifo representa essa ingênuas concepção geográfica.

Para os Babilônios, persas, judeus e os próprios gregos, a Terra não era mais que um disco circundado pelo mar. Também Homero representa-a assim.

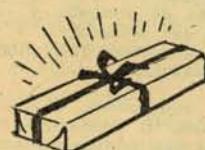
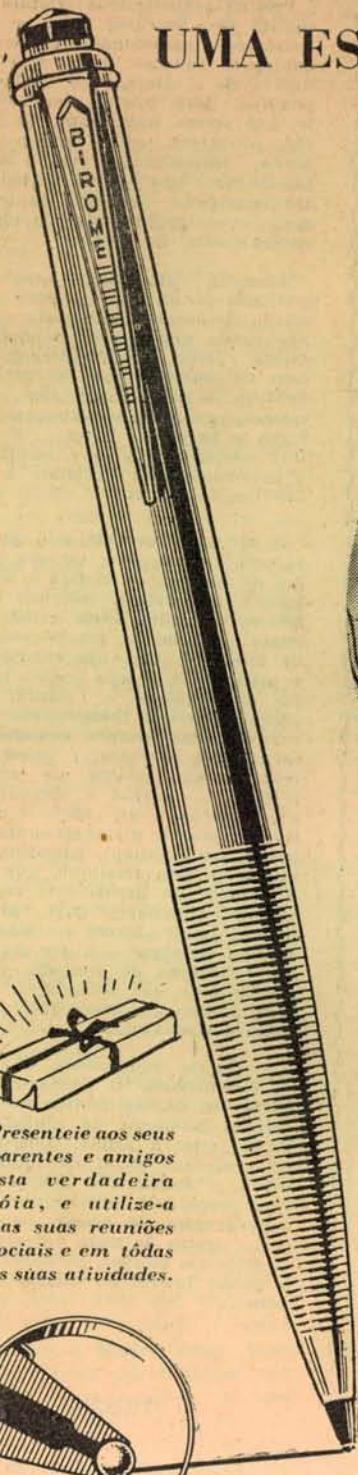
Os babilônios imaginaram depois que a terra fosse dividida em sete zonas separadas pelos mares, zonas concêntricas como o círculo do inferno de Dante. Os persas chamavam a essas zonas "Chesvar" e os índios "Dvipar", supondo-as ilhas dispostas ao redor de uma ilha principal chamada "jambudvipa" ou a parte do mundo do mel rosado.

A concepção sobre a Terra, no entanto, foi modificando: os gregos conceberam-na através de zonas demarcadas por simples linhas. O mais antigo desenho geográfico que se conhece remonta à época de Ransés II, rei do Egito, e representa, em relevo, as minas de ouro de M. Bechen, as cabanas dos mineiros, o templo de Amon. Outra figura, menos antiga, representa o mundo dos babilônios. A região é representada por um círculo, em torno do qual corre o oceano; está indicado também o rio Eufrates.

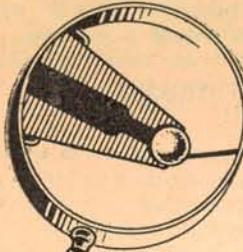
Entre os gregos, os mais antigos desenhistas de mapas foram Anaximandro, Hecateo, Aristágoras, todos de Mileto. Eles representavam a Terra como uma ilha sobre um plano. Mas um gramático do segundo século A. C., Crates de Malos, representou a Terra como uma esfera circundada por dois oceanos, o equatorial e o meridional. Com Ptolomeu, alcançamos grande progresso: ele indica a latitude e a longitude dos lugares, mas extende, sucessivamente, a Terra em longitude, diminuindo demais o mar. O seu erro foi um dos motivos que impulsionaram Colombo na sua afortunada viagem: aventrou-se no mar certo de que o espaço entre a Europa e a Ásia oriental fosse estreito como o havia desenhado Ptolomeu.

Agrípila, ministro de César Augusto, ordenou a construção de um mapa do Império Romano, que foi exposto no pátio do Palácio, no Campo de Marte. Desses mapas tiraram-se muitas cópias que foram colocadas nas principais cidades do império para uso das administrações civis e militares. Nessas cópias, somente estavam indicadas as estradas, as montanhas principais e os rios mais importantes.

Desses tempos remotos até hoje, quanta mudança na cartografia! Mas, se os conhecimentos geográficos fizeram, graças às guerras de conquista, espantoso progresso, a nossa Terra, vagando no espaço, continua ainda, apesar da civilização, tal como a julgava Dante do alto do céu das estrélas fixas: "l'ainola che ei fa tanto feroci!"



Presenteie aos seus parentes e amigos esta verdadeira jóia, e utilize-a nas suas reuniões sociais e em todas as suas atividades.



UMA ESFERA QUE *Gira*

NOS ALTOS CÍRCULOS



A ponta esférica da Esferográfica BIROME já se impôs nos altos círculos sociais, porque oferece, com o seu desenho sóbrio e elegante, um moderno toque de distinção.

Birome
ESFEROGRÁFICA
RETRÁTIL

LAUREADA PELOS ALTOS CÍRCULOS DE TODO O MUNDO

Modélos desde Cr\$ 275,00 até Cr\$ 2.800,00

À venda em todas as boas casas do ramo

Distribuidores gerais: - BIROME INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A. - Rua Pedro Lessa, 35 - 8.º - Rio de Janeiro

24.001



Sugestão de Beleza!

SEDAS e LINHOS

em um incomparável sortimento de padronagens que darão nova linha à sua elegância

MIAMI

AV. AFONSO PENA, 956
EDIFÍCIO GUIMARÃES

ANTISARDINA
o creme distinção

Encare o futuro confiante e sem receio de que sua cútis perca o frescor, a maciez e a atração dos verdes anos, usando **ANTISARDINA** o creme distinção. **ANTISARDINA** não rejuvenesce, prolonga a mocidade da cútis.

GRAVADOR
RUA GONÇALVES LÉDO 45
FONE 43-0631
BIO DE JANEIRO
OS CLICHÉS DESTA REVISTA SÃO
FEITOS NESTA CLICHERIE.

ARAUJO
PHOTOGRAVURAS,
ZINCOPRINTAS,
TRICROMIAS,
DUBLÉS, CLICHÉS
EM COBRE, E
DESENHOS.

RIO DE JANEIRO

Preliminarmente tóda criatura inteligente deve procurar saber se o seu constante mau-humor provém de quaisquer funções mal regularizadas... Se o diagnóstico médico for positivo, deve iniciar, imediatamente, um severo tratamento. Se não o for, procurará, então, educar o espírito, iluminando-o com o sol do bom-humor, que é, sem dúvida, pelos benefícios que traz ao organismo, um esplêndido fator de saúde e, naturalmente, de beleza...

Ademais, dispensável será dizer que entregar-se uma criatura a um estado de ânimo contrariado, quando não existe uma razão fundamental, revela certa desconsideração para com as pessoas que a cercam e, também, a si mesma. Sim, a si mesma, porquanto o mau-humor perturba a harmonia física... E a mulher moderna não deve admitir que o mau-humor lhe ensobre a beleza interior e exterior.

A força de vontade é o principal elemento da mulher no seu programa de combate à tristeza e ao mau-humor, os terríveis inimigos de sua beleza, os indesejáveis criadores de rugas... Certo que há, na vida, dias de tormenta. Mas um espírito forte e predisposto à luta contra tóda série de tropeços e contrariedades, possui reservas inegociáveis de recursos e está sempre amparado por uma sábia filosofia... Saber acrescentar a um instante de amargura efémera — porque a efemeridade é a característica da vida! — um motivo de prazer, a fim de arrejar o espírito perturbado, constitui, aliás, uma arte bem feminina, que realiza o milagre do permanente rejuvenescimento espiritual, cuja beleza se reflete, pura, através do olhar — o espelho da alma — e dos gestos, numa irradiação de simpatia e comunicabilidade que transforma a criatura, mesmo um pouco fria, num ser vivaz e agradável.

A alegria rejuvenesce e embeleza as fisionomias. O bom-humor revitaliza os órgãos, facilitando-lhes as funções geradoras do equilíbrio biológico, vital à saúde. Sendo assim, no programa social da mulher moderna, a alegria e o bom-humor devem preceder a todos os cosméticos e preparados de beleza, pois o emprêgo destes de nada adiantará se o espírito não receber, permanentemente, o banho lustral da alegria purificadora...



MOSAIKO

CALCULA-SE que a luz emitida pela lua cheia é trezentas mil vezes mais fraca do que a do sol, quando está no meridiano.



O MUSEU científico mais antigo do mundo está em Nara, no Japão. Tem a idade de mil e duzentos anos e somente é aberto ao público três vezes ao ano.

Mozart

Vera Bonetti

NA música de Mozart encontramos as grandes linhas da forma e do espírito clássico. Longe estava ainda o Romantismo que viria após Beethoven.

Wolfgang Amadeu Mozart nasceu em 1756, na cidade de Salzburgo. Seu pai era músico. Foi assim num ambiente de arte e de sonho que se revelou o seu gênio.

Mozart tinha cinco anos. A família estava reunida na sala modesta daquela casa tipicamente austriaca. Tarde fria! A mãe fazia tapeçarias junto ao fogo, o pai recopiaava um oratório e o menino estudava ao clavicórdio. Sua pequena mão sobre o teclado ensaiava um acorde... e outro... e eis o minueto famoso, a primeira manifestação do gênio de Mozart. Gênio que iria brilhar por todos os séculos!

Aos seis anos toca as suas primeiras composições ante o imperador Francisco I d'Austria.

Mozart era altivo, dessa altivez moral que muitas vezes se confunde com orgulho e que alguns tomam por validade de artista. Desde criança, Mozart manifesta essa altivez. Certa vez, no palácio de Schoenbrunn resvalou no lustroso assalto e caiu. Maria Antonieta, nesse tempo uma menininha o ajuda levantar-se. Mozart abraça-a e agradece altivamente:

— Obrigado. Quando fôr grande, casar-me-ei contigo.

Aos onze anos viaja pela Itália, tocando em concertos organizados por seu pai.

Em Bolonha, Mozart conhece o célebre maestro Martini, que se assombra com os lampojos geniais do menino. Desejando associá-lo à Academia Filarmônica de Bolonha dá-lhe um problema musical a resolver em meia hora. Pois em vinte minutos Mozart desenvolve o tema — uma Fuga a quatro vozes. Immediatamente recebe um diploma "ad honorem". Jamais alguém na sua idade, merecera antes dele, tal distinção. Daí parte para a corte de Toscana, onde o grão-duque o enche de honras e presentes. Naquele ambiente de arte, entre os marmores, os quadros e o luxo, Mozart excede-se a si mesmo em inspiração. A bela galeria do antigo palácio dos Medicis vibra com as melodias divinas do maior gênio musical de todos os tempos.

Ainda menino, vamos encontrá-lo em Roma. Era a semana santa e o papa Clemente XIV oficiava na ca-

pela Sixtina rodeado por seus cardeais e o numeroso clero.

Ouvia-se o Miserere d'Allegri, inspiração maravilhosa de um gênio religioso. Canto comovente e sagrado, de efeito inegualável em que o remorso e a dor parecem gemer.

Uma criança de doze anos, graciosa e de olhos azuis claros, parecia entregue a uma comoção profunda. Imóvel, os olhos estáticos, a boca entreaberta num sorriso, parecia uma estátua viva. Era Mozart, com a sua casaca verde de botões de prata, e de abas forradas de setim à moda da época. Ao soar a última nota do Miserere, o lindo rosto pensativo e sereno da criança fez um gesto de assentimento. E aquele canto sacro que fôra composto há muitos séculos por Allegri e que nunca ressoara senão debaixo das abobadas da capela Sixtina, impressionou tanto a alma sensível da prodigiosa criança que nela se gravou do primeiro ao último compasso.

Havia um grande concerto na vila Borghese; o palácio e os jardins estavam iluminados.

Mozart, ante a surpresa é a admiração de todos, toca e canta o suave Miserere, d'Allegri. Ele o guardara de côntra e quando o papa lhe perguntou:

— Como pôde gravar-se em sua me-

*

O SEGREDO DA BELEZA FEMININA

Receba gratuitamente este folheto que ensina como tratar a sua cutis, conservando e aprimorando a sua beleza. Um verdadeiro guia para as mulheres que se cuidam.

BASTA MANDAR O SEU NOME E ENDEREÇO

à R. da Alfandega, 181-Rio
(Espanha Paramés & Irmão)

OFERTA DOS PRODUTOS DE MME. GRAÇA

Voga Publicidade



mória assim à primeira audição, escer-
canto sagrado, meu filho?

Mozart respondeu ingenuamente:

— Sem dúvida, porque Deus as-
sim o quis.

— Sim. É Deus quem faz o gê-
nio. Se Deus permitiu que se apro-
priasse tão miraculosamente desse
canto é porque o destinou a criar
para a Igreja outros tão belos e tão
religiosos no futuro.

Dizendo essas palavras, o papa
deu-lhe a sua bênção e permissão de
entregar uma cópia do Miserere ao
embaixador da França.

De triunfo em triunfo, de glória
em glória, assim foi a vida de Mozart.

Ainda na infância Mozart escre-
veu "Apolo e Jacinto", verdadeira e
completa ópera com uma sinfonia,
coros, árias dramáticas e duetos lí-
ricos. Antigamente era cantada em
latim e tinha as horas dos teatros suntuosos. Mais tarde, traduzida em
alemão, era cantada num teatrinho de
bonecos de cera que desempenhava-
vam o seu papel e se harmonizavam
com a música, num cenário de fan-
tasia e graça, como num conto de
fadas. Quando Jacinto se transfor-
mava em flor e Apolo e Melia can-
tavam o dueto de amor parecia que
os bonecos eram verdadeiros artis-
tas. As crianças batiam palmas, en-
fusiasmadas, numa homenagem ao
grande gênio que se revelara na in-
fância.

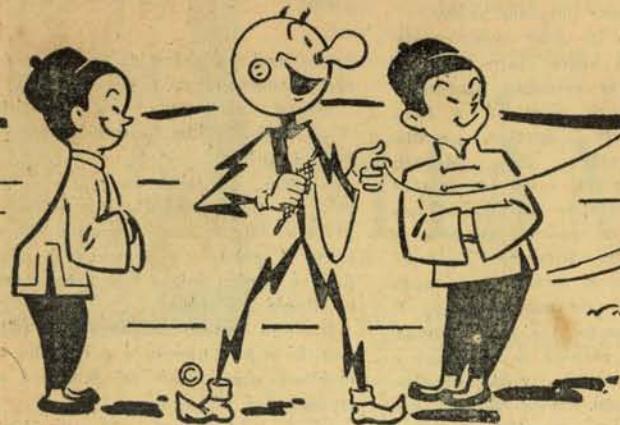
Mozart deixou rico repertório de
música sacra: missas, oratórios e o
famoso "Stabat Mater", uma das
mais belas obras escritas para a
igreja.

Denre as óperas líricas destaca-
se "Don Giovanni". Foi numa casinha
de campo, entre árvores, que
Mozart compôs o seu vasto poema
sinfônico "A flauta mágica".

Na sua vida afetiva, Mozart não
foi muito feliz. Adorou a esposa,
Constancia Weber, que mal o com-
preendeu embora o amando.

Morreu ainda moço. Foi a famo-
sa missa de Requiem a chave de
ouro com que encerrou a sua vida
gloriosa. Mas, os grandes gênios re-
vivem em suas obras. Mozart vi-
ve no coração de todos os que amam
e sentem a verdadeira música.

OS "PAPAGAIOS" OU "ARRAIAS" ATRAVÉS DOS SÉCULOS



— Os "papagaios" ou "arraias", foram inventados, ao que se sabe, pelos chineses, mais ou menos 400 anos A.C. O nono dia do nono mês ainda é chamado, na China o "dia dos papagaios", quando homens e crianças soltam "arraias" de cores vivas e de formatos variados, representando passaros, dragões, peixes, etc.

Os "papagaios" são, também, usados para observações meteorológicas e militares. E' um brinquedo muito popular entre as crianças de todo o mundo que, entretanto, poderá causar sérios danos se não forem observadas certas regras. Assim, meus amiguinhos:

- 1.º — Soltem os "papagaios" em campo aberto, longe da rede de linhas de eletricidade.
- 2.º — Não usem nunca fios metálicos nos "papagaios".
- 3.º — Verifiquem se o barbante está perfeitamente seco.
- 4.º — Se o "papagaio" se prender n'um fio elétrico, solte-o logo e não puxe nunca! — recomenda "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

Companhia Força e Luz de Minas Gerais
TELEFONE 2-1200

TENDÊNCIAS DA MODA



A MODA, nesta temporada que se inicia, nos oferece uma encantadora coleção de modelos de corte originalíssimo, cujos detalhes, enriquecendo a toalete, adelgacam a silhueta feminina e envolvem a mulher num halo de contagiente juventude.

Todas as criaturas que desejam apresentar-se elegantes, ainda as mais exigentes, poderão satisfazer seu gosto nesta maravilhosa temporada.

Os crepes de cores claras tussores e shantung lisos e estampados com motivos originalíssimos, vão ocupar, sem dúvida, nesta quadra primaveril, o primeiro plano. O interessante, porém, é que não se empregaram os vestidos práticos sómente pela ma-

nhã: às tardes e às noites, também, em recepções de relativa importância.

As toaletes de baile, às quais a mulher moderna dedica todo o seu carinho e nas quais consegue alcançar a plenitude de sua beleza, serão elegantes como nunca e sem dúvida algo extravagantes através da diversidade de suas linhas. Tafetá, cetim, tulle, todos estes tecidos se combinariam com verdadeiro engenho e aos quais os vidrilhos e lantejoulas emprestarão uma nota sóbria de suntuosidade.

A grande novidade da temporada são os vestidos curtos, próprios para coquetéis, drinques ou reuniões menos importantes, pois, sendo toaletes práticas, não deixam de ser elegantes pelos adornos e por seu talhe.

Todos os modelos estão favorecidos pela grande profusão de drapeados, franzidos e recortes que acentuam a linha e a distinguem. Seguem a tendência para as pequenas mangas japonesas e as de negados exageradamente grandes. As saias são, geralmente, um pouco mais largas que as das temporadas passadas e já se vêem algumas franzidas ou drapeadas com leve e gracioso efeito de pouf trapezoidal.

*

ÚLTIMAS PALAVRAS DE ALGUNS HOMENS CELEBRES

— Se representei bem a comédia, aplaudi! O Imperador Augusto.

— Cento e quarenta e quatro! Lagny (grande matemático francês, respondendo a um colega que lhe perguntava em sua agonia, o quadrado de doze).

— Meu filho!... O exército!... Lesaix!... Napoleão I

— Mais tranquilo!... Mais tranquilo... — Schiller.

Sara
UMA CUTIS AVELUDADA
UM PÓ DE ARROZ
DE QUALIDADE
FLORAMYE
L.T. PIVER
Paris-Rio

JV

Grafologia

Direção de FÉBO

O SÉLO INVOLÁVEL...

[CONTINUAÇÃO]

sas próprias mãos para confirmar — é o fato de que variam de dedo para dedo.

Vosso dedo indicador pode ter um verticílio, enquanto o próximo pode ter um gancho. Gente há que tem os dez tipos de impressões em seus dez dedos.

A hereditária idade nada tem a ver com as impressões digitais, nem tem nada, senão uma acidental similaridade, com o que tem sido observado entre gêmeos. As famosas quintuplas Dionne, embora extraordinariamente semelhantes em outros características, não possuem um traço comum em seus sinais digitais. Mesmo os macacos e outros primatas possuem impressões digitais iguais à nossa, predominando, porém, os verticílios.

Embora reconhecendo que a polícia procura uma honesta aplicação das impressões digitais os técnicos lamentam que na mente do público, estejam elas associadas à idéia de crime. Pois, como tem sido provado desde o início da dactiloscopia — a ciência das impressões digitais — vossas próprias impressões são vossa melhor salvaguarda em casos de erro de identidade, amnésia, prisão injusta, muitas outras emergências que sóem acontecer.

Em 1943, o FBI recebeu as impressões digitais da mão de um homem, a qual fora encontrada na barriga de um tubarão apanhado ao largo de Miami. Comparadas no fichário da Marinha, revelaram tratar-se de um artilheiro de um navio-tanque torpedeado, um jovem do Texas que se havia alistado na Reserva Naval um ano antes. O navio havia sido afundado por submarino.

O ano passado, as impressões digitais de uma vítima de amnésia foram enviadas à FBI, de Fresno, California. Tentando ajudar a vítima — uma mulher — a polícia de Fresno fez-lhe escrever em sua ficha dactiloscópica quaisquer nomes de que ela pudesse se lembrar. Ela escreveu sete nomes, mas isto falhou no sentido de produzir uma pista. Ela escreveu também alguns endereços do Noroeste e do Sul. Quando a FBI recebeu as impressões estabeleceu tratar-se de uma mulher que estivera à procura de serviços de guerra em Portland, Oregon. Sua solicitação, conduziu, assim, ao nome e endereços corretos, deste modo estabelecendo sua identidade.

(Conclui na pag. 16)

SOB a competente e criteriosa direção de Febo, um dos mais consagrados mestres que o Brasil possui no campo da Grafologia, esta seção constitui uma régua oferta de ALTEROSA aos seus leitores de todo o país. Os interessados deverão anexar às consultas o cupom que publicamos, devidamente preenchido, e um envelope sobreescrito e selado para a resposta, que será sempre anunciada nesta seção. As consultas deverão ser feitas em papel sem pauta, num mínimo de vinte linhas à tinta e sempre autografadas.

A correspondência para esta seção deverá ser assim encerrada: FEBO — Redação de ALTEROSA — Caixa Postal, 279 — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.

CORRESPONDÊNCIA

Elisa Hanelsen, Teófilo Otoni; Zilar Caldas, Santo Antônio do Monte; Neuzza Corrêa Neto Araujo, Santos Dumont; Janile Slab, Manhuassú; Milton Dionísio Malaco, Capital; Edilze Cambraia, Pains; Lourdes Martins, Mococa; Humberto Vieira Sampaio, Araguari; Jaine de Souza Ribeiro, Cataguases; Valmira Noronha, P. de Caldas; Alvaro Célio Lopes, Mendes; Waldemar Baer, Mococa; Vera Violeta Gerger de Calasans, Salvador; Celia Couto, Capital; Teresa Pimenta Pedroso, Capital; Clélia Capistrano, Conceição do Rio Verde; José Vitor de Moraes, Ituiutaba; Dária Amaral, Patrocínio; Leda Santos Azevedo Coutinho, Capital; Maria Profiro Borges, Araxá; Gilda Fialho, Manhuassú; Antonio Santa Rosa Gomes, Sabará; Cara Tabot, S. Paulo; Delmita Cardoso, Manhuassú; Renato de Figueiredo, Rio; Alda de Andrade Almeida, Diamantina; Noêmia Corrêa, Caxambú; Jonas de Menezes Melo, Nazaré; Maria Luiza de Abreu Corrêa, Pomba; Consuelo da Gama Medeiros, Est. de Silveira Carvalho; Eutália Lacerda Coelho, Rubim; Nitail Wernet Brandão, Amparo da Serra; Gilberio Guersoni, Pouso Alegre; Lilá Caldas, S. Antonio do Monte; Hortência Braga, Capital; Auxiliadora Gomes, Muriaé; Joveline Mendes Bastos, Manhuassú; Josefina Carreira, Engenheiro Paulo de Frontin; Ana Silva, Itajubá; Enoita Viana, Governador Valadares; Irene Brandão, Governador Valadares; Nopotira Pimenta Pedroso, Capital; Jandira Faria Ribeiro dos Santos, Rio; Maria Terezinha Oliveira, Espera Feliz; Regina Serra Delgado, Lima Duarte; Hermilo Alves Neto, Pirapora; Isabel Viotti, Pouso Alegre; Arlete Tobias, Goiânia; M. R. Cipriani, Marquês de Valença; Maria Silveira Amaral, Patrocínio; Dulce Gosende, Mendes; Cândido de Oliveira Martins, Itabirito; Walfrido Fernandes, Salvador; Maria de Lourdes Monthé Pinto, Capital; Muriel Bacha, Campanha; Lazarina Caldonazzo Gagliardi, Varginha; Aglaé Mourthé de Araujo, Capital; Milton Rocha, Curvelo; Ione Gonçalves Lopes, Alfenas; M. G. Silva, Itajubá; Cleonice Ramos dos Santos, Campo Grande; Maria Joâna Alves, Campo Grande; Francisca Leocádia Araujo Pinto, Capital; Renée Najar, Carangola; Elza Dutervil Colás, Pirapora; Rola Dutervil Andrade, Pirapora; Messias Nogueira, Capital; Laura Alvim Fortes, Bicas; Juraci Corrêa de Oliveira, S. Paulo; Marta Cardoso Silva, Itajubá; Joaquim Junqueira, Itajubá; Waldemundo Nonato Guimarães, Capital.

ENDEREÇOS PARA RESPOSTAS

Solicitamos aos consulentes abaixo a gentileza de nos remeterem seus endereços completos, indicando rua, número, cidade e, para evitar confusões entre cidades de nomes idênticos, o Estado, que aliás deve ser incluído para todos os consulentes nos seus endereços:

Wanda Werneck, Capital; Zélia Bouzzi Pinto Coelho, Capital; Clélia Magalhães de Oliveira, Capital; Bernadete Pereira Saraiva, Capital; Laira Amorim Pessôa, Capital; Clarice Porto Brandão, Juiz de Fora; Irmã V. Felicíssimo, Capital; Gelsa Mendes, Distrito Federal; José Albano de Figueiredo, Capital; Célia Pimenta de Andrade, São Paulo.

FÉBO - SEÇÃO GRAFOLÓGICA

Junto a esta mais de 20 linhas, à tinta e em papel sem pauta, para que V. S. faça o meu perfil grafológico pela revista ALTEROSA.

NOME _____
RESIDÊNCIA _____
CIDADE _____
ESTADO _____

O relógio que permaneceu 40 anos à chuva...

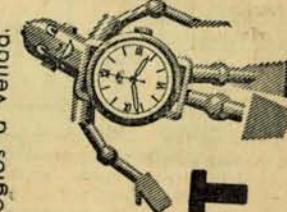
...porque é 100% impermeável!

MIDO MULTIFORT é o relógio suíço realmente prático, tendo permanecido 1.250 horas sob a chuva, o que equivale a um banho diário de 5 minutos, durante 40 anos, provou ser 100% impermeável. Resistindo às quedas e aos movimentos bruscos, MIDO MULTIFORT se corda a si mesmo, tirando dos movimentos naturais do braço, a energia para o seu funcionamento. MIDO MULTIFORT acompanha o homem nas mais diversas atividades. Verifique na prática as insuperáveis qualidades de MIDO MULTIFORT, o relógio mais avançado de nossa era! Limitada quantidade de relógios à venda.



**FUNCIONANDO A 123 MTS.
DE PROFUNDIDADE!**

MIDO MULTIFORT demonstrando sua absoluta impermeabilidade, suportou uma pressão equivalente à imersão a 123 mts. de profundidade! Esta prova irrebatível foi realizada pela Electrical Testing Laboratories Inc., de New York.

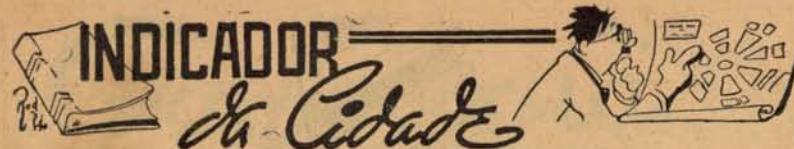


Mido **MULTIFORT**

RELÓGIO SUÍCO COM 17 RUBIS

- ① 100% IMPERMEÁVEL
- ② SUPER-AUTOMÁTICO
- ③ PARA-CHOQUES
- ④ PRECISO
- ⑤ LUMINOSO
- ⑥ INOXIDÁVEL
- ⑦ ANTI-MAGNÉTICO

O RELÓGIO MARAVILHOSO DAS 7 QUALIDADES EXTRARODINÁRIAS

**DR. CYRO CANAAN**

Cirurgião da Casa de Saúde e Maternidade São José

**OPERAÇÕES — VIAS URINÁRIAS
SIFILIS**

Cons.: Edif. Caetés — Rua Caetés 386 — 2.º and. — Ss. 205/207 — Fone 2-4388 — Res.: Rua Caetés 460, 2.º and. — Fone 2-0788 — Horário diariamente, 12.30 às 19 horas. Domingos: 8 às 11 horas — Belo Horizonte.

DR. NEREU DE ALMEIDA JUNIOR**DOENÇAS DO APARELHO DIGESTIVO**

Diagnóstico e tratamento das molestias do estômago, intestinos, fígado, pâncreas e vesícula biliar. Consultório: Edifício Thibau — R. S. Paulo, 401 — 2.º andar — Salas 208/210 — De 14 às 17 horas. Residência: Rua Guarani, 268 — Fone: 2-6067.

DR. COSTA CHIABI**CLÍNICA DE CRIANÇAS**

Docente da Faculdade de Medicina — Cons.: Edif. do Cine Brasil — Fone, 2-0180 — Residência: Bernardo Guimarães, 3071 — Fone 2-1910

Dra. Henriqueta Macedo Bicalho**CLÍNICA DE SENHORAS**

Das 13 às 18 horas — Ed. Theodoro Ap. 74 — 7.º Andar — Avenida Afonso Pena, 398

BELO HORIZONTE

**GABRIEL DE SOUSA LIMA
JORGE DE SOUSA LIMA
(CIRURGIÕES-DENTISTAS)**

Consultórios com aparelhagem moderna para Clínica e Prótese. Ráios X.

RUA TAMOIOS, 62
Sala 106 — Fone: 2-3866
Residência: 2-4418

Dr. José Lins**RAIOS X**

RUA SÃO PAULO, 629

Se o seu fornecedor procura desprestigar um produto conhecido, para impor-lhe similar de marca ignorada, recuse terminantemente as sugestões que ele fizer, pois elas não consultam o interesse do consumidor, mas tão somente o próprio espírito de lucro do comerciante.

As HEMORRÓIDAS causam sérios disturbios



As HEMORRÓIDAS sendo uma molestia geralmente de duração prolongada, acarretam uma espécie de depressão mental tornando o indivíduo sempre nervoso e irritable.

Na maior parte das vezes o hemorroidário sofre prisão de ventre, palpação tonteira, inapetência e sensação de peso no reto. As PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD, medicação de origem

vegetal, proporcionam uma solução ao eterno problema do hemorroidário, restabelecendo a normalidade dos intestinos, facilitando as evacuações, acalmando a mucosa retal irritada. Nas crises hemorroidárias, em que o doente sente dores atrozes, às vezes expulsão de mamilos e sangue, é aconselhável, para alívio imediato, a aplicação local da POMADA DE HERVA DE BICHO ADRENALINA E HAMAMELIS COMPOSTA simultaneamente com o uso das pródigiosas

PÍLULAS DE HERVA DE BICHO COMPOSTAS IMESCARD

Recentemente, uma mãe residente no estado de Washington pediu à FBI para ajudá-la a localizar seu filho há muito desaparecido. Juntou ao pedido um conjunto de impressões digitais feitas em 1926, quando o filho tinha apenas três anos de idade. As impressões eram as mesmas de um jovem que se havia alistado na marinha em 1941. Como os sinais digitais nunca mudam, o marinheiro foi prontamente localizado e o cordial reencontro veio pouco depois.

Outro estranho caso nos anais da FBI envolve um jovem que queria ser médico e um seu generoso amigo. Esse amigo pagava a metade das despesas do curso médico. Os anos passaram-se e o estudante tornou-se um médico bem sucedido. Enquanto isso o amigo se havia mudado e o médico em vão procurava localizá-lo afim de pagar seu velho débito.

Finalmente apelou-se para a FBI, e o bureau fez publicar um aviso de "pessoas desaparecidas". Cinco anos mais tarde o amigo foi localizado graças às fichas daetiloscópicas preenchidas quando ele procurava colocação em fábrica de guerra. Em carta de agradecimento à FBI, o médico declarou que ele e seu amigo estavam celebrando o reencontro em um jantar de Natal.

Noventa e nove pessoas em cem deixam uma impressão digital todas as vezes que tocam em uma superfície lisa. Às vezes, entretanto, aparece gente cujos pólos são tão poucos e tão espalhados que não deixam impressão nenhuma, a não ser que pressionem com força. Certos tipos de trabalhadores, também, como pedreiros, costureiras e lavadeiras, que usam constantemente as pontas dos dedos, poderão gastar os sinais de modo a não obterem um bom registro de impressões. Um curto período de inatividade restaurar-lhes-á, porém, os sinais.

Impressões digitais em superfícies como vidro, madeira e metal, poderão durar semanas, mas não duram muito no papel. A oxidação, acrescida da porosidade do papel, promove a absorção das impressões e, assim, é difícil restaurá-las mesmo por meio de agentes químicos. Num caso em que um ladrão arrombou uma loja e apoderou-se de larga soma de dinheiro, quebrando, após, a janela para fugir, os detetives

não puderam encontrar o menor vestígio. Uma semana depois, um deles pensou em olhar uma fossa puvial que estava sob a janela. Ai, com grande regosijo, encontrou um pedacinho de vidro contendo uma impressão digital ainda legível, apesar de ter sido molhada. Provando que a impressão fora feita pelo lado de dentro, onde o acusado não tinha o direito de estar, foi ele condenado como ladrão.

Há sabichões que alegam que vossas impressões digitais podem revelar se sois um tipo criminal, se sois jogador inveterado, ou que não sois capaz de fazer facilmente amigos. Isso é tolice. Por uma só simples impressão é quase impossível dizer de qual dedo provém, e raramente, pelo tamanho, apenas a impressão de um dedo masculino se diferencia de um dedo feminino.

As autoridades acreditam que a tomada de impressões digitais de todas as pessoas de um país — não só de criminosos, mas de cidadãos respeitadores da lei — poderia resolver vários problemas. E podem em foco o fato de que 50.000 pessoas são sepultadas anualmente em vala comum sem indicação de nome e de que mais de 40 milhões de norte-americanos não têm aquilo que se chama de "certidão de nascimento". As impressões digitais de todos, dizem os técnicos, poderiam proteger as pessoas contra a miséria, a incerteza e o medo. Concordando ou discordando dessas autoridades, olhai novamente para vossas mãos. Estudai as duplas linhas peculiares que cobrem-lhe a superfície. São vossas e somente vossas. As impressões digitais que possuis poderão não ser a vossa sorte; provavelmente jamais sereis convidado a deixá-las gravadas no cimento de um famoso teatro de Hollywood e jamais as vereis na argila dos escultores. Mas aprendei com os técnicos: o sôlo inviolável de vossas impressões digitais é a vossa maior garantia.

*

Oferta á "Alterosa"

Foi-nos gentilmente oferecido pelo representante da Perfumaria Lopes S. A., nesta Capital, o nosso distinto amigo sr. Aníbal M. S. Maia, uma caixa do finíssimo sabonete "Regina", um dos mais afamados produtos da Cia. Beija-flor, fabricado com a emoliente Janolina e com o perfume da Água de Colônia Regina.

Agradecemos a gentil oferta.

JÓIAS
RELÓGIOS
PEDRAS FINAS

Joalharia Ceixeira
FUNDADA EM 1910

AFONSO PENA. 505

A CASA ARTUR HASS COMEMOROU O SEU CINQUENTENÁRIO



O magnífico posto "Boa Viagem" recém-inaugurado

A CASA ARTUR HASS, um dos mais conceituados estabelecimentos comerciais da cidade, comemorou festivamente em julho último o cinquentenário de sua fundação. A efeméride foi sobremaneira grata ao povo belorizontino que sempre encontrou no grande estabelecimento cuja tradição honra a memória do saudoso major Arthur Hass as características básicas de uma organização modelar.

Ao ensejo do expressivo acontecimento a Casa Artur Hass inaugurou mais um magnífico posto de automóvel denominado Posto "Boa Viagem" e que se acha localizado à rua Alagoas, 181, em frente à igreja Boa Viagem. O novo posto dispõe de todas as instalações modernas e, sem dúvida alguma, prestará os mais inestimáveis serviços aos automobilistas em geral.

As cerimônias comemorativas trans-

correram em meio a um ambiente de real distinção, notando-se a presença das figuras mais representativas da administração local e de nossos meios culturais, industriais e comerciais assim como representantes de altas autoridades civis e militares.

Durante o programa comemorativo do cinquentenário foram exibidos ao público os novos carros "Chevrolet" famosa marca de que a Casa Hass é representante em Minas Gerais.

Discursaram durante as solenidades o sr. Luis Hass, ilustre continuador da obra de seu pai; o então prefeito Dr. Pedro Laborne Tavares e o dr. José Continentino, presidente da Associação Comercial de Minas, o primeiro traçando o histórico do grande estabelecimento, e os dois últimos enaltecedo as personalidades de seus fundadores e dos continuadores da obra que tanto significa o comércio belorizontino.



*Seu cabelo
é a moldura
de seu rosto!*

O Shampoo Dagelle, feito à base de óleo vegetal, de espuma abundante e perfumada, restaura o brilho do cabelo, renovando-lhe a vitalidade e tornando mais expressivo seu encanto pessoal.

Para a beleza do cabelo

Shampoo Dagelle

Em todas as perfumarias e farmácias

IA-S-8



Complete o tratamento de seu cabelo, usando Briliantina Dagelle.

ORIGENS DE HOMENS ILUSTRES

TERÉNCIO nasceu escravo, e escravo foi Esopo; David apascentava ovelhas, e Saul era boiaideiro; Gedeon era lavrador e Cincinato lavrava seus próprios campos; Demostenes era afiador de facas, e Virgílio, oleiro; Horácio Flaco, taberneiro; Lucano, filho de um camponês, e Colón, de um operário; Milton, um pobre escrevente; Shakespeare, açougueiro; Aspe, quitandeiro, e Cervantes, um simples soldado; o papa Urbano IV, um sapateiro, e Sixto V, pastor; Franklin, vendedor de jornais, e Metastásio, ourives, em Roma.

* SOCIAIS



Da esquerda para a direita: Odair e Valdir, diletos filhos do casal d. Elvira Alves Neto e sr. Simonides Neto, residente em Monte Carmelo, neste Estado. — A interessante menina, Carmen, filhinha do casal d. Hilda de Souza Correia - sr. Abrâc Correia, residente em Bagagem, neste Estado.

VOANDO PARA CUIABA'

VASCONCELOS COSTA

Já afirmava Otave Aubry que viajar é dilacerar-se, deixar em cada recanto visitado um pouco de nós mesmos. Pensava na afirmação do grande biógrafo ao ouvir o ronco do moderno *Fairchild* que cintilava ao sol da tarde, numa elegante manobra de aterrissagem. Poucos minutos depois, levantávamos vôo com destino a Rio Verde, cidade goiana. Fomos, porém, descer, por um capricho da bússola, em Caipónia, antiga Rio Bonito, naquele mesmo Estado. Ali pernoitamos, gozando o encanto noturno da pequena cidade do alto sertão goiano, antigo pouso dos índios Caiapós.

Pela madrugada, o *Fairchild*, conduzido pelo hábil piloto Haroldo Vaz, ascendia na atmosfera translúcida em direção ao território matogrossense. Atravessamos regiões de rara beleza: ora montanhas isoladas, ora zonas de matas compactas que se estendem até a região do majestoso Araguaia. Dentro em pouco, avistávamos Guiratinga, em cujo campo de pouso descemos recebidos festivamente pela população.

Prosseguindo vôo, atravessamos belíssima região de montes coroados e zonas de matas virgens. Avistamos, depois, Rondonópolis, onde existem pequeno campo de pouso do correio aéreo militar e um aldeamento de índios Bororós, os quais, quando nos viram, correram para a mata, gritando em seu linguajar incompreensível. Ficaram apenas alguns, os mais civilizados...

Cuiabá, a lendária cidade, tradicional e moderna ao mesmo tempo, surgiu aos nossos olhos deslumbrados à beleza panorâmica, que jamais esqueceremos.

A cidade é atraente pela variedade dos aspectos que oferece e, sobre tudo, pela cativante fidalguia de sua população. Povo bom e culto, abre os braços acolhedores ao visitante. Nas reuniões noturnas da sociedade, nota-se a distinção que a caracteriza e o refinado bom-gosto que o elemento feminino revela através de admiráveis toaletes a que verdadeiros tipos de beleza ainda tornam mais sedutoras...

Vivemos dias inesquecíveis em Cuiabá, cuja história fomos conhecendo através de suas gloriosas tradições. No Palácio do Governo, velho edifício de puro estilo colonial, o diretor do expediente, figura tradicional da cidade, nos ofereceu o saboroso guaraná cuiabano, bebida usual em toda a região. Assistimos, em Várzea Grande, à confecção das afamadas redes cuiabanas, que oscilam, em todas as residências, durante a clássica sesta nas horas de intensa calor, quando o set calcina o sertão. Gozamos-lhe a embaladora doçura quando em companhia do dr. Generoso Ponce Filho, prestigioso político matogrossense, visitamos a aprazível residência de verão do desembargador Blanco, em Coxipó da Ponte. Assistimos também em Cuiabá meninos a catar ouro pelas ruas, fazendo-nos evocar a realidade da existência de Manoá, como se estivéssemos no País do Eldorado. Com o precioso metal, fabricam-se as lindas jóias que aumentam ainda mais o irresistível encanto das cuiabanas.

Ao retorno sentiamos a tristeza de todas as partidas...

Após atravessarmos Ivapé, localidade às margens do Araguaia, onde fomos gentilmente acolhidos na aprazível fazenda da riquíssima d. Júlia Maria Salgueiro, alcançamos o Alto Araguaia, pitoresca cidade encravada naqueles remotos sertões de garimpos. Visitamos o colégio dos Salesianos, sentindo a abnegação dos seus dirigentes. Prosseguindo a jornada de retorno, atravessamos Mineiros, cidade goiana, nova e progressista; Jataí, próspera localidade do sudoeste do grande Estado central, e uma hora depois, alcançávamos o Paranaíba, nas lindes de Minas com Goiás. Entrávamos no Triângulo Mineiro, na região de Tuiutaba.

Cuiabá havia ficado longe, cintilando ao sol queimante ou à luz carinhosa do seu luar inesquecível — luminosidade que, através do milagre da saudade, enchia-nos o coração.



Um harmonioso acorde de fragrâncias raras

Nectar de Flôres é a Água de Toilette que tem a fragrância das douradas manhãs primaveris. Deixa o vestuário e a epiderme deliciosamente impregnados... horas e horas... com seu celestial aroma... aroma que é uma sinfonia de mil flôres raras.

Elizabeth Arden

RIO — NOVA YORK — PARIS — LONDRES — BUENOS AIRES

EA-27

Record Propaganda

ESCOLHA O LIVRO E PEÇA-O PELO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL A
LIVRARIA CULTURA BRASILEIRA LTDA.

QUE O LIVRO LHE SERÁ ENTREGUE SEM DEMORA E SEM INCÔMODO
AVENIDA AMAZONAS, 294 — CAIXA POSTAL 348 — BELO HORIZONTE — FONE 2-6197

UM LIVRO PARA VOCÊ

CONCLUSÃO

vém principalmente do jeito e do feitiço natural da escritora, que tem um estilo inconfundível.

Moça ainda, tem 26 anos de idade, Ruth Guimarães fez uma estreia auspiciosa. Em pouco tempo, com os dons que revela, não há dúvida que

será um dos grandes romancistas de sua geração. Ninguém abre o seu romance que não vá ao fim, conduzido pela sedução da linguagem e pela graça da exatidão das observações. É uma das melhores estréias do ano. Não é mais promessa, é uma bela realização.

*

NOVAS EDIÇÕES

O SEGUNDO DIA DA CRIAÇÃO —
Ilya Ehrenburg — Editória Prometeu.

Um trabalho magistral de descrição do período trágico, ardente e decisivo da revolução que foi o cadiño onde se fundiu essa nova Rússia que agora tanto pesa nos destinos humanos. Boa tradução de Alfredo Ferreira.

DO MATRIMÔNIO — *León Blum* —
Editória Prometeu.

Tradução da 144.ª edição francesa, aparece agora em português o famoso livro do "premier" francês, no qual se abordam, com clareza e sinceridade, todos os problemas decorrentes do amor, do matrimônio, do divórcio e da mulher nos diferentes estados. A tradução é de Lívio de Almeida.

CANTO DA NOITE — *Augusto Frederico Schmidt* — Livraria Agir Editória.

E' uma grande sinfonia este livro, música noturna que segundo Tristão de Ataíde, se desenrola, solene e grave, como um órgão... Grandeza, mistério e inquietação estão presentes neste belo livro do grande poeta brasileiro.

MUNDO FECHADO — *Cláudio Tavares Barbosa* — Livraria Agir Editória.

A segurança com que o autor apresenta o romance.

senta tão vibrantes novelas, recomenda o seu nome à admiração dos que realmente apreciam a literatura de ficção. É um belo livro.

A MULHER DO PADEIRO — *Jean Giono* — Editória Vecchi.

Romance forte, atrai pelas belas cenas de amor e o hábil recorte dos personagens que a boa tradução de Frederico dos Reys Coutinho mais salientou.

OS MAIS BELOS CONTOS HISPANO-AMERICANOS — *Florilégio* — Editória Vecchi.

E' uma série notável de contos eletrizantes, refletindo a alma tropical da América Latina. São histórias que o leitor jamais esquecerá.

OS JUDEUS E O MUNDO DE HOJE — *F. Oppler* — Livraria Agir Editória.

Livro atualíssimo, focaliza o drama secular dos judeus, estudando-o com isenção de ânimo e de maneira invulgar. Recomenda-se aos estudiosos do complexo problema do povo de Israel.

ESSA NEGRA FULÔ — *Lúcia Mulholland* — Livraria Agir Editória.

Eis uma estreia auspiciosa, revelando uma autêntica romancista, possuidora de estilo original e capacidade criadora invulgar. É sem dúvida um

ROBESPIERRE, O INCORRUPTIVEL
— *Ralph Korngold* — Editória Vecchi.

Magnífica biografia, em que o autor nos mostra Robespierre tal como foi, num relato fiel, a que o seu estilo agradável mais valoriza. Um belo livro.

UM BESOURO CONTRA A VIDRACA
— *J. G. de Araujo Jorge* — Editória Vecchi.

Essa obra do consagrado poeta, vem confirmar suas notáveis qualidades de romancista que tão interessante romance, agora em segunda edição, veio revelar. É uma história inesquecível.

MAXIMAS E PENSAMENTOS DE NAPOLEÃO — Seleção de *H. de Balzac* — Editória Vecchi.

O pensamento de Napoleão, tão agudo como uma espada, sondou tóidas as profundidades. Suas palavras, contidas nessas máximas e pensamentos compilados pelo imortal Balzac, são apresentadas em excelente tradução de José Dauster.

O DELEGADO LAVRA UM TENTO —
Erle Stanley Gardner — Editória Vecchi.

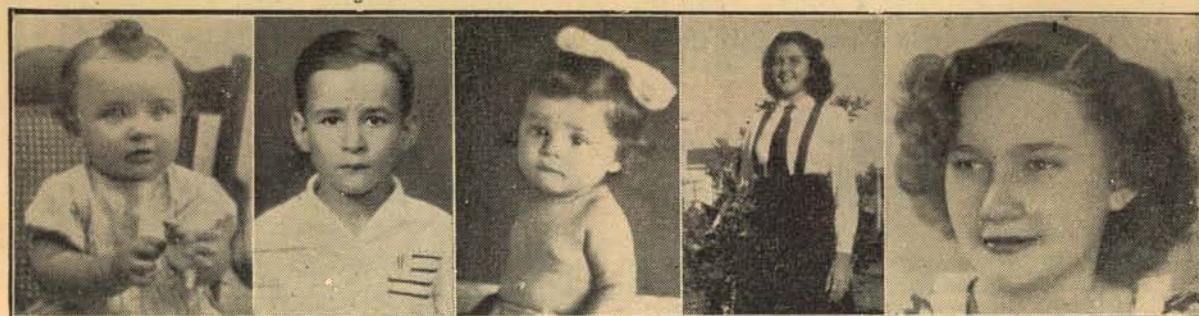
Mais um interessante romance lançado na série "Os mais célebres romances policiais", com um engenhoso enredo que prende a atenção e emociona até a página final.

CUIDE DE SEU FILHO — *Ewaldo Mário Russo* — Edições Melhoramentos.

Um excelente livro que interessa essencialmente às maes, aos pais e a todos quantos tenham aos seus cuidados crianças até seis anos de idade.

OS GRANDES EXPLORADORES —
— *J. Leslie Mitchell* — Edições Melhoramentos.

Um magnífico trabalho, este que as Edições Melhoramentos acabam de lançar, em volume de 350 páginas, fartamente ilustrado, com excelente tradução de Breno Silveira. Narra a vida e as realizações de todos os grandes exploradores que encheram as páginas da história do mundo.



Da esquerda para a direita, vêem-se: Lenilson, o interessante primogênito do casal d. Maria Alves Costa-sr. João Crescêncio Costa, fazendeiro no município das Vertentes, Pernambuco; Hipácio, filho do casal d. Elisa Marra-sr. Hipácio Gomes, da sociedade de Coromandel; Gerusa, a dileta filhinha do nosso correspondente e brilhante colaborador Lício Neves e de sua sra. Maria Anisia Celestino, da sociedade de Vertentes, Pernambuco; Sra. Maria Trindade Rangel Leite, aluna do 3.º ano normal da Escola "D. Videnciana" de São João Nepomuceno, neste Estado; Sra. Jeanette Simeões Mazzolani, filha da viúva d. Rosinha S. Mazzolani e fino ornamento da sociedade de Varginha, neste Estado.

Quanto vale sua



INTELIGÊNCIA?

Pode valer até uma **FORTUNA...**



... se você souber
aproveitá-la ao máximo!

-- E isto está ao seu alcance,
estudando por correspondência
uma profissão rendosa e lucrativa!

MATERIAIS
GRÁTIS
EM TODOS OS
CURSOS

Escolha
um destes cursos:

- RÁDIO
- * ELECTRÔNICA
- * ELETRICIDADE
- * CORTE E COSTURA
- * CONTABILIDADE
- * INGLÊS
- * TAQUIGRAFIA



Com apenas alguns minutos diá-
rios, no sossego de seu próprio lar,
poderá estudar a profissão que
corresponde à sua vocação na
vida. Nossa método de ensino -
resultado de 8 anos de experiê-
ncia - é prático, simples e eficiente, e não
requer que você já tenha algum estudo.

Decida-se, hoje mesmo, a adquirir os
conhecimentos indispensáveis para can-
didatar-se às melhores colocações ou
iniciar o seu próprio negócio, trabalhando
por conta própria, tornando-se inde-
pendente!

Envie-nos o cupon abaixo,
mencionando o curso que deseja
e receberá GRATUITAMENTE
este interessante folheto:

INSTITUTO BRASILEIRO
DE ENSINO TÉCNICO
R. Flor. de Abreu, 157 - C. Postal 3152 - S. Paulo

Peço enviar-me informações detalhadas
sobre o curso de:
NOME _____
RUA _____ N. _____
CIDADE _____ ESTADO _____



MÉTODO • EFICIÊNCIA • DEDICAÇÃO



NO MUNDO DOS ENIGMAS

● Direção de POLIDORO ●

TORNEIO DE SETEMBRO DE 1946

Lexicos: — Silva, Bastos; Simões da Fonseca, edição antiga; Fonseca e Roquette, os dois; Seguier; Japiassú; Brasileiro, 2.^a e 4.^a edições; Brevíario, todas as edições e Lamenza. Prazo: 60 dias. Prêmios: Uma obra literária de atualidade.

ENIGMA N. 1

(Ao Danadão, agradecendo a gentil visita)

1 — Quem está na quebradeira
Sem níquel pra comer,
Pega a gente de maneira
Que nos faz enlouquecer!

Se uma nota de 1 cruzeiro,
Que é de "infimo" valor,
Vai-lhe ao bolso "sem dinheiro",
Deixa em paz seu benfeitor.

Mas, se cai no mal antigo,
Volta à carga, esperançado,
A ralar o velho amigo
Com seu chôro prolongado.

JÁSBAR — B. B. Capital

CHARADAS N. 2 A 5

ARRUFO

2 — Seja tudo como queres, — 1.
Não embargo os passos teus;
E's mulher como as mulheres,
Bem se vê sob áureos véus. — 1.

Vês apenas os prazeres,
Pela terra dás os céus;
Certamente vês os seres
(Nós, os homens) como réus.

Se, conforme os teus dizeres,
Não mereço o teu carinho,
Nem, tão pouco, tu os meus...

Seja, pois, como tu queres:
Segue além o teu caminho,
Sê feliz com outro. ADEUS!

JÁSBAR — B. B. Capital

3 — Minha "mulher" sofre uma grande tontura,
depois de dar um espirro. — 2 - 3.
ZIGOMAR — B. B. — Capital

4 — O castigo é a melhor "surpresa" para qualquer audacioso espião. — 1 - 1.
MORENA — Capital

5 — Ninguem se engana em dizer
Que a "HEBE", irmã de Maria,
Com aquele seu proceder
E' a mãe da hipocrisia. — 2 - 2.
PANAÇA — Itabira.

ANGULAR N. 6 (Silábica)

6 — Quem é pobre e não trabalha
e mora em casa mal-feita;
quem dorme em cama de palha
e conselhos não aceita;

Quem de tudo anda afastado,
preferindo o abandono,
ou é doido, ou atacado
pela doença do sono!

ZIGOMAR — B. B. Capital

ENCADEADA N. 7

7 — O Gil prega com alfinetes
Suas meias, seus coletes,
Numa palmeira de leque!
Vendo-o tal cousa fazer,
O pai diz para a mulher:
— Doido está nosso moleque!

Em verdade, o Gil, coitado!
Inspira sério cuidado.

ZIGOMAR — B. B. — Capital

LOGOGRIFO N. 8

8 — Quem quiser ficar perplexo — 5 - 4 - 3 - 6.
Veja esse tranca no "jôgo" — 2-3-6-5/4-5-2-1.
Um mordica — num amplexo — 6 - 1 - 4 - 3.
De outro — a bolsa exgota logo,
E, em veloz transformação.
Faz de um rico um pobretão;
— Pois, assim, fez com o tcheco,
Que, ora, diz cousas sem nexo...
MOEMA — Boturobi

SINCOPADAS Ns. 9 E 10

9 — Moisés nos deu o decálogo em Cristo, — 4.
Nas trevas do passado, antes de Cristo. — 2.
Trocó o mundo a cabeça pelos pés,
Hoje, Miguel Angelo, num arranco,
De blocos pétreos de mármore branco,
Tira de lá e nos dá o próprio Moisés!...
MOEMA — Boturobi.

10 — Na cabeça uma "talha de barro". — 3.
O Jair, rapaz gordo e bem forte, — 2
Ia, lesto, fumando um cigarro
Buscar agua. Que sorte!
JUNIUS B. S. — Capital.

CASAL N. 11

11 — Uma concepção abstrusa, como a sua, é própria de pessoa incompreensível. — 3.
VALERIO VASCO — Pará de Minas.

MESOCLÍTICA N. 12

12 — Para o erudito não há espaço na época utilitária que corre. — 2 - 1.
JOSE' SÓLHA IGLESIAS — Brumadinho.

ECLÍTICA N. 13

13 — Por simples bagatelas ou miserável parte do lucro, não vejo razão para acesso passageiro de mau humor. — 2 - 2.
JOSE' SÓLHA IGLESIAS — Brumadinho.

ENIGMA N. 14

(Ao Valério Vasco, agradecendo a sua lembrança,
no número de agosto de 1945)

14 — Fico "prostrado", confesso,

Quando sinto no coração

A "força" de uma paixão.

Por isso, a meu Deus, eu peço,

Que me livre de suas garras,

Pois toda paixão é um mal,

Que não extinto, afinal,

Nos deixa coroado de parras.

RAUL PETROCELLI — T. B. — S. Paulo.

SINCOPADA N. 15

15 — A tua perfeição e o teu desembaraço cativam
qualquer pessoa — 3 - 2.

BREQUE — Santos — São Paulo

ANGULAR SILÁBICA N. 16

(Ao Sôlha, retribuindo)

16 — A ganhar o seu dinheiro

Vive sempre o alcoviteiro

Lidando com muita gente,

Que lhe dá frequentemente,

Bóa paga, bom negócio

Que o faz livrar do ócio.

VICO — L. A. P. Inimutaba

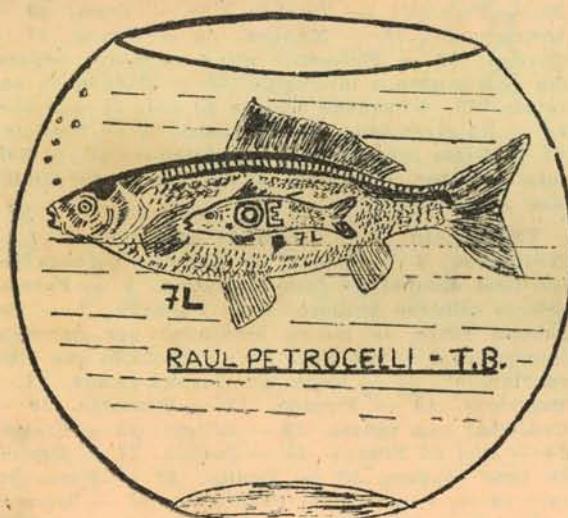
CHARADA N. 17

(A todos os confrades que me têm oferecido exce-
lentes trabalhos)

17 — Tal é a "chusma" de trabalhos, que não sei
por onde começar. Vai aqui o meu rápido
agradecimento. — 3 - 1.

POLIDORO

SIMBÓLICO N. 18



(Ao Kurban, Raul Silva e Zigomar, que dizem não
possuir aquário)

RAUL PETROCELLI — T. B. — S. Paulo

*

ANGULAR (Silábica) N. 19

A sombra de um "cajueiro"

Que se ergue, esguio, altaneiro,

A entrada da grande furna,

Uma "filha de Maomé"

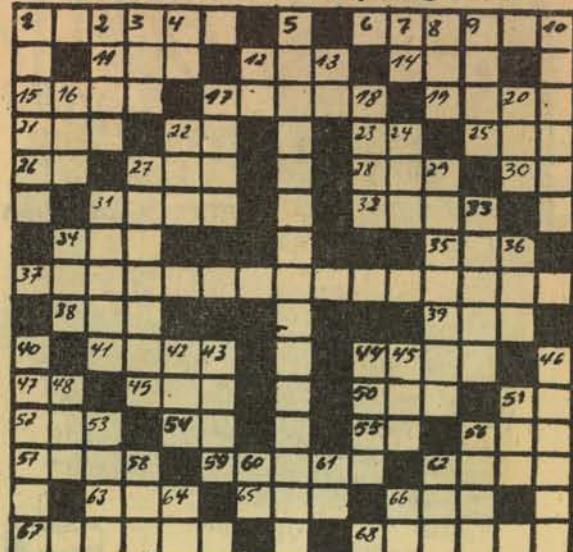
Passava horas, em pé,

Mirando uma "ave noturna"

ZIGOMAR (B. B.) — Capital

PALAVRAS CRUZADAS

Ao mestre R. Petrocelli



Antônio Giffoni Filho Campinas

ANTÔNIO GIFFONI FILHO — Campinas

PROBLEMA N. 1

CHAVES

HORIZONTAIS: 1 — Aparelho para limpar o grão de trigo; 6 — roda formada pelos quatro braços da foice; 11 — registro de sessão de corporações; 12 — espaço de doze meses; 14 — ruído; 15 — insensibilidade; 17 — filho de negro e índio; 19 — golpe dado em falso no jogo da pelota; 21 — dono da casa; 22 — ali; 23 — aragem; 25 — multidão; 26 — caminhava; 27 — trem de praça na Inglaterra; 28 — claridade; 30 — garbo; 31 — além; 32 — desejar; 34 — afluente do Reno; 35 — braço de rio; 37 — fundação; 38 — tensão; 39 — a ele; 41 — guarnecer de abas; 44 — pequeno peixe fluvial; 47 — rei do Egito; 49 — membros empennados das aves; 50 — novo; 51 — ilha das Carolinas; 52 — jurisconsulto francês; 54 — vinho espumante; 55 — Caminhar; 56 — renque; 57 — forma erudita de amieiro; 59 — burriscal; 62 — içar; 63 — irmã de pai ou mãe; 65 — fruto da ateira; 66 — bolo de farinha; 67 — pôr fora de uso; 68 — deitar no chão.

VERTICIAIS: 1 — Homônimo; 2 — crivo; 3 — aquilo que se fez; 4 — deusa; 5 — debilidade; 7 — cabo da Suécia; 8 — amplo; 9 — gostar muito; 10 — apoio; 12 — rio da França; 13 — de outro modo; 16 — governante de padre; 17 — nome genérico das vespas sociais; 18 — salva de metal; 20 — apologia; 22 — a pátria; 24 — aguardente; 27 — ironia; 29 — homem metediço; 31 — cada um dos vários dialetos franceses, como o picardo e o normando; 33 — briga de galos; 31 — filósofo alemão; 36 — ainda; 40 — mestiço de índio com branco; 42 — ligeireza; 43 — traço; 44 — sinal azul; 45 — nome próprio masculino; 46 — adular; 48 — gravador belga; 51 — asa de ave; 53 — banha de porco; 56 — nome próprio masculino; 58 — dialeto romântico, falado no norte da França; 60 — rio de Portugal; 61 — partes iguais de cada coisa; 62 — árvore leguminosa, das cesalpináceas; 64 — espécie de pimenta; 66 — antes de Cristo.



*Cútis
acetinada...*

COMO UMA
PÉTALA DE ROSA

O acetinado de uma pétala só pode ser obtido mantendo uma limpeza permanente e perfeita da cútis. Para consegui-lo, use diariamente o CREME PARA LIMPEZA DAGELLE. Complete o cuidado da cútis com o maravilhoso tônico adstringente Vivotone.

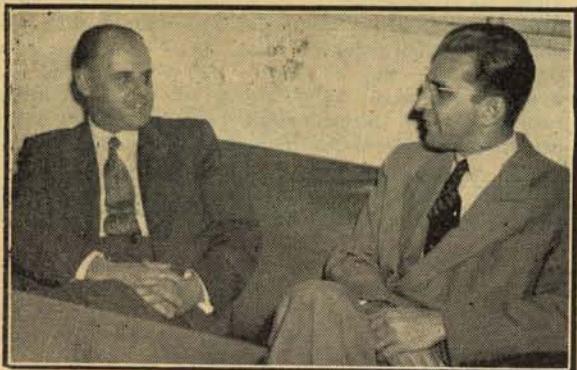


CV-4

Produtos de Coucador
DAGELLE

A venda em todas as perfumarias e farmácias

Visita à "ALTEROSA"



Proporcionou-nos em agosto último o prazer de sua visita o dr. J. M. de Andrade Sobrinho, ilustre chefe da Divisão de Ensino e Seleção da Estrada de Ferro Central do Brasil. O distinto engenheiro, que é, sem favor, uma figura de projeção na importante ferrovia e técnico do ensino profissional de reconhecido valor, viajou para Corinto e Sete Lagoas afim de efetuar a entrega de cinquenta e quatro diplomas a aprendizes ferroviários que concluiram o curso técnico-profissional nas escolas da Central do Brasil, cujo diretor, dr. Renato Feio, tem procurado desenvolver eficientemente tão relevante programa para a formação de técnicos competentes.

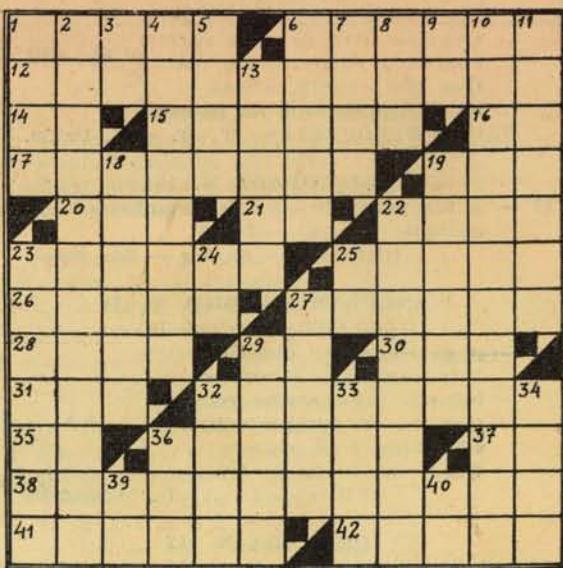
Na fotografia o ilustre visitante em palestra com o secretário de ALTEROSA.

NO MUNDO DOS ENIGMAS

(Conclusão)

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 2



Altamir da Costa Barros - JUL. 46 - Maceió - Alagoas

ALTAMIR DA COSTA BARROS — Maceió.
CHAVES

HORIZONTAIS: 1 — Lugarejo; 6 — Morrer; 12 — Que exala fumo cheiroso; 14 — Medida do Japão; 15 — Parapeito. 16 — Prefixo que indica "logo que". 17 — Que sabe tudo. 19 — Alúmen. 20 — Fula. 21 — Também. 22 — Trem. 23 — Instrumento. 25 — Mentira. 26 — Fraco. 27 — Caveira. 28 — Parapeitos sobre os muros, separados por pequenos intervalos. 29 — Ataque de paralisia. 30 — Pequena bigorna de aço. 31 — Lição. 32 — Na eternidade. 35 — Ainda. 36 — Vociferar. 37 — Desse tempo. 38 — Moderados. 41 — Exímio pregador português. 42 — Planta da família Aristoloquiáceas.

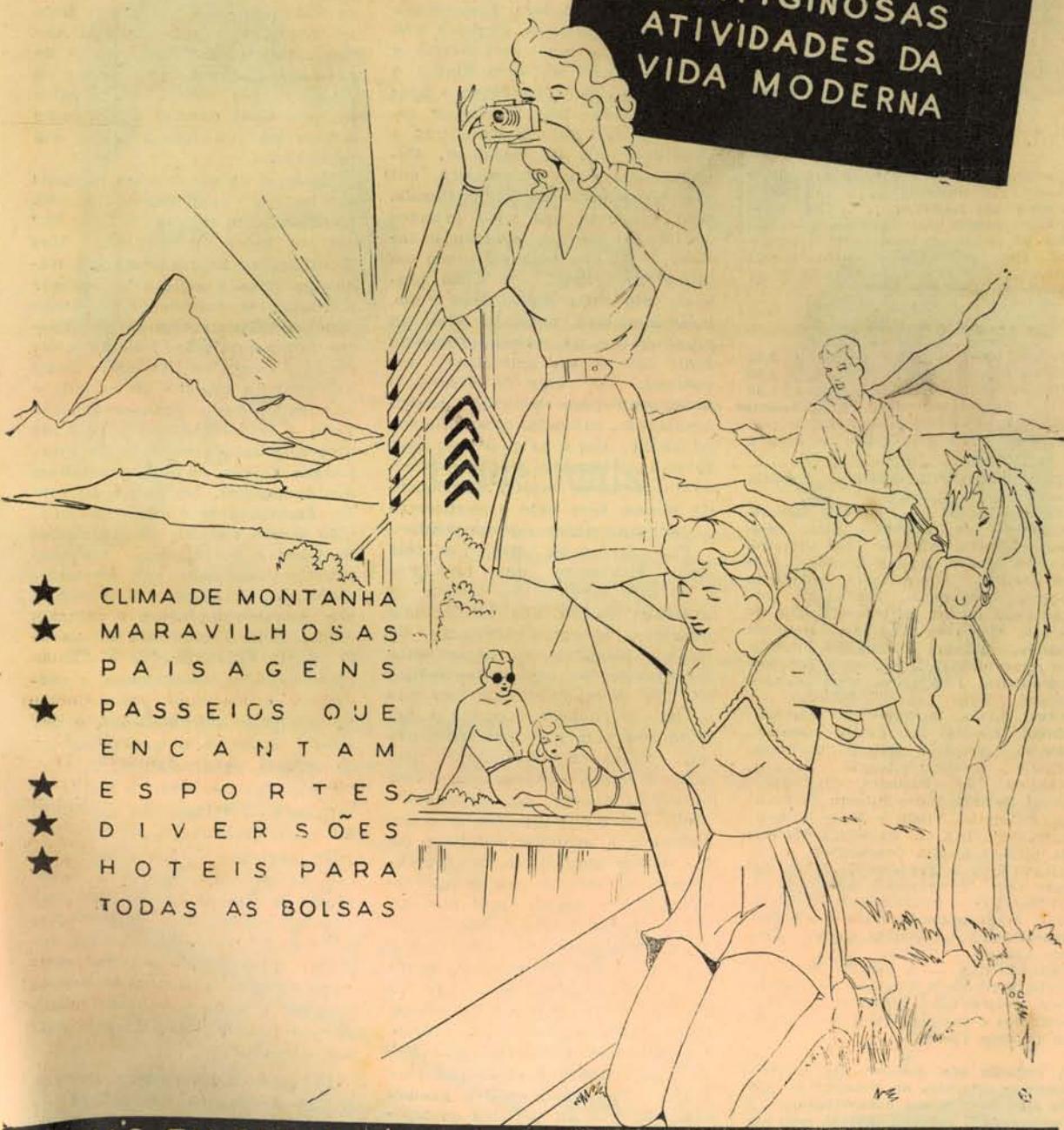
VERTICAIS: 1 — Bicho de paus podres. 2 — Realização. 3 — Chão. 4 — Que está rodeada por um anel distinto do resto do corpo. 5 — Formação de calcáreo argilos. 6 — Pugnava. 7 — Parapeito sobre as torres, separados por pequenos intervalos. 8 — Simples. 9 — Preposição que indica "tempo". 10 — Causa que inspira temor. 11 — Remeloso. 13 — Fingida. 18 — Sombras. 19 — Combinar com urânia. 22 — Afliges. 23 — Prezar. 24 — Ilha da França. 25 — Indício. 27 — Espécie de licor espesso. 29 — Oculto. 32 — Força vital. 33 — Vara. 34 — Prudência. 36 — Monstro adorado em Mênfis. 39 — Idioma africano. 40 — Golpe no tambor dado com a mão esquerda.

*
CORRESPONDÊNCIA

RAUL PETROCELLI — São Paulo — Recebidos os trabalhos, que agradeço. A sua observação tem a sua razão de ser, mas é que às vezes a falta de tempo é a maior culpada. Com muito prazer, ponho as páginas de ALTEROSA à disposição da Tertúlia Bandeirante para o torneio exclusivamente de trabalhos dos competentes da mesma. As condições poderão ser as que constam de sua carta. O meu endereço não sofreu alteração e não sei a que atribuir a devolução, pelo correio, de correspondência a mim dirigida.

CAXAMBÚ

LHE DEVOLVERÁ
A SAÚDE E O
BOM HUMOR
PERDIDOS NO
ENTRE-CHOQUE DAS
VERTIGINOSAS
ATIVIDADES DA
VIDA MODERNA



- ★ CLIMA DE MONTANHA
- ★ MARAVILHOSAS PAISAGENS
- ★ PASSEIOS QUE ENCANTAM
- ★ ESPORTES
- ★ DIVERSÕES
- ★ HOTEIS PARA TODAS AS BOLSAS

15 DIAS EM CAXAMBÚ VALEM POR 1 ANO DE BÔA SAÚDE

ALTEROSA

Para a família do Brasil

*
Publicação mensal de sociedade, arte, literatura, moda e beleza, da SOC. EDITORA ALTEROSA LTD.

*
Diretor-gerente:

MIRANDA E CASTRO

Diretor-redator-chefe:

MÁRIO MATOS

Secretário da redação:

JORGE AZEVEDO

*

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Tupinambás, 643, sobrelôja n.º 5
Caixa Postal, 279. — Endereço Tele-
gráfico "ALTEROSA" — Belo Horiz-
onte — Estado de Minas Gerais

*

SUCURSAL NO RIO:

Diretor: Ulisses de Castro Filho
Rua da Matriz, 108 - Apartamento 15
Fone 26-1881

*

ASSINATURAS

(Sob registro postal)

1 semestre (6 números) . Cr\$ 20,00
1 ano (12 números) . Cr\$ 40,00
2 anos (24 números) . Cr\$ 70,00

Estes preços são mantidos para todos os países do continente americano. Para a Europa e outros continentes, há um acréscimo de 80% na tarifa de assinaturas.

*

VENDA ÁVULSA

(Preço em todo o Brasil)

Número comum Cr\$ 3,00
Números especiais Cr\$ 5,00
Número atrasado, mais Cr\$ 1,00
(Os números especiais circulam em agosto e dezembro, comemorando respectivamente o aniversário da revista e o Natal).

*

SECRETARIO FUNDADOR — Teóculo Pereira.

COLABORAÇÃO — Alberto Renart, Alphonsus de Guimarães Filho, Adelmar Tavares, Alvarus de Oliveira, Austen Amaro, Aguiar Brandão, Anita Carvalho, Almir Neves, Antonietta Torres Assumpção, Bahia de Vasconcelos, Bastos Portela, Cláudio de Souza, Djalma Andrade, Dionísio Garcia, Edson Pinheiro, Francisco Armond, Ilza Montenegro, Joaquim Laranjeira, José Lara, sr., Leandro Dupré, Luiz Otávio, Lourdes G. Silva, Lúcia Machado de Almeida, Maria Emilia de Castro Goulart, Murilo Araújo, Moacir Andrade, Murilo Rubião, Neyde Joppert, Nóbrega de Siqueira, Olga Obry, Oscar Mendes, Pedro Ribeiro da França, Vanderlei Vilela e Yara Nathan.

FOTOGRAFIAS — Francisco Martins da Silva e Stúdio Constantino.

GRAVURAS — Fotogravura Minas Gerais Ltda, e Gravador Araújo.

DESENHOS — Fábio Borges, Faria Junior, Érico de Paula, Rodolfo e Rocha,

IMPRESSÃO — Gráfica Queiroz Breuer Ltda.

INSPETORES — A serviço desta revista percorre o interior do Estado, com poderes para contratar e receber anúncios e assinaturas, a srta. Zuleica Campos Couto.

*

A redação não devolve, em hipótese alguma, originais ou fotografias, ainda que não sejam aproveitados. E não mantém correspondência com autores de trabalhos que não tenham sido solicitados.

*

Os conceitos emitidos em artigos assinados, não são de responsabilidade da direção da revista.

Recordar é viver...

FRANCISCO SOUCASAUX

Conclusão

constituídos por toda a cidade.

Por essa ocasião o grande Augusto de Lima escrevia a Augusto Soucasaux, irmão de Francisco Soucasaux, a carinhosa carta de que extratamos estes tópicos:

"Meu caro Sr. Augusto Soucasaux

... segue em viagem para af o seu ilustre irmão e meu prezado amigo Francisco Soucasaux. Em poucas palavras, singelas mas justas, toscas mas verdadeiras e sinceras, darei ao meu amigo o meu juizo e conceito sobre o hóspede que de Belo Horizonte recebe em seu solo a simpática e venerável vila de Barcelos. Conheço Francisco Soucasaux, como toda a gente de Minas Gerais, pelo expoente das suas grandes qualidades morais, coração e caráter, e da sua bela estrutura estética de artista. O trato pessoal, que hoje tenho com ele, mais confirma, todos os dias, na admiração e na estima, que logo senti aos nossos primeiros encontros. O valor de Francisco Soucasaux pode ser pelo amigo aquilatado, sabendo, como lhe faço cliente, que a arte, o bom gosto e a civilização de Belo Horizonte, a nossa capital do Estado de Minas, teve nele e continuará a ter seu maior propagador.

Por ele e só por ele tem Belo Horizonte um teatro, e só este serviço lhe valeria a gratidão eterna dos intelectuais mineiros, independentemente de outros méritos e importantes melhoramentos aqui introduzidos por ele diretamente, ou por sugestões e conselhos seus. O desinteresse com que tem trabalhado, quase exclusivamente por amor à arte e ao progresso, o tem impedido de ser um milionário. Muito longe de fazer render o seu préstimo e grandes aptidões, ele faz dessas qualidades enorme sacrifício ao seu cômodo e interesse. Pode o amigo, portanto, dizer a Barcelos que o menino de 15 anos de quem foi berço e que enviou ao Rio de Janeiro, honra o nome português no Brasil. E si estas linhas forem julgadas de algum alcance ou valor, muito me honraria publicando-as. Para mim tenho que elas significam muito oportunamente a grande saudade, que eu e todos os amigos de Soucasaux tem em Belo Horizonte, sentimos pela sua ausência, embora pequena. E são meus desejos que o feliz lar dos Soucasaux, presidido pela vene-

randa matrona, que tão bons filhos gerou, se engadane das mais formosas flores da primavera, à entrada do bom, do incomparável Francisco.

Creia-me todo seu

Augusto de Lima".

Longe estavam de pensar Augusto de Lima e todos os amigos de Francisco Soucasaux, em Belo Horizonte, que não mais o veriam. Pois efetivamente, a 24 de setembro daquele ano, quando os nossos ipés florejavam pelos campos, aqui chegou a pungente notícia de seu falecimento em Barcelos.

Então a cidade rendeu as mais expressivas homenagens à sua memória, com missas de 7.º e 30.º dia em todos os templos. Mas de todas as homenagens tributadas ao grande amigo da cidade nenhuma se sobrelevou à sessão fúnebre solene realizada no "Teatro Soucasaux", às 7,30 da noite de 24 de outubro. O teatro ficou literalmente repleto de amigos e admiradores do grande artista. Todo o interior daquela casa de diversões estava forrado de luto. Largas faixas de crepe pendiam nos camarotes. No palco, ao fundo, destacava-se o busto do querido morto envolto nas bandeiras nacional e portuguesa, trabalho artístico realizado por Bertolino Machado. A sessão foi presidida por Augusto de Lima e falaram enaltecedo a memória do grande morto e exprimindo o significado daquela homenagem o acadêmico e professor João Cavello, o dr. Nelson de Sena, o dr. Prado Lopes e o presidente da solenidade, encerrando-a. Nos intervalos fazia-se ouvir a banda de música do 1.º Batalhão executando partituras fúnebres. Os jornais abriram colunas consagradas ao acontecimento e o Sabinense, da vizinha cidade, deu uma edição especial em homenagem ao inesquecível extinto, cuja família, cercada dos maiores carinhos de toda a sociedade belorizontina, a 3 de novembro partiu para o Rio de Janeiro, onde passou a residir.

Francisco Soucasaux, é portanto, um nome que não poderá ser nunca esquecido em Belo Horizonte e foi justamente com esse pensamento que a municipalidade o eternizou em uma de suas ruas no bairro da Lagoinha.

Todos estamos convencidos!
este creme dental antisséptico ...

limpa mais

A generosa espuma de Kolynos limpa completamente os dentes, e lhes restitue seu brilho natural, sem arranhar o esmalte. É que Kolynos é um creme dental antisséptico.



agrada mais

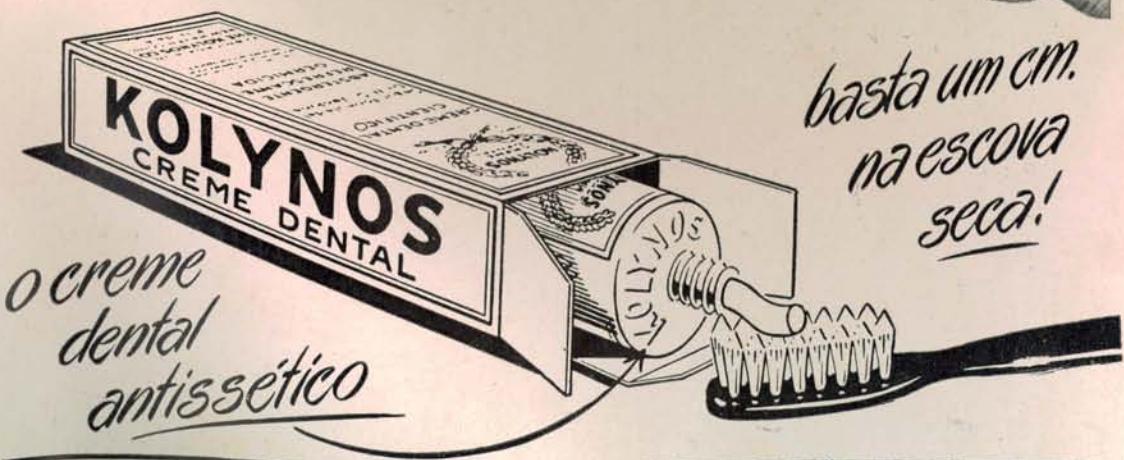
Não há a menor dúvida: o sabor de Kolynos agrada a todos; deleita, perfuma o hálito, deixa no paladar uma incomparável sensação de frescor.

rende mais

Kolynos é um creme dental concentrado: com uma quantidade menor de creme se obtém uma limpeza maior. Kolynos custa menos porque rende mais.



...todos estão de acordo:
para um belo sorriso não há como Kolynos.





Representantes AMERICAN STEEL EXPORT CO. INC. e distribuidores exclusivos para todo o Estado de Minas Gerais do afamado



Representantes dos acreditados refrigeradores, balcões frigoríficos e sorveteiras

"Copeland"

DISCOS DE TODAS AS MARCAS • AGULHAS "DUOTONE"
IMPORTAÇÃO DIRÉTA

CASA TASSARA S. A.

AV. AFONSO PENA, 1162 • TELEFONE 2-6058 • BELO HORIZONTE